



*Estudos Sobre Daniel  
e Apocalipse*

**Daniel  
e  
Apocalipse**

**F.T. Wright**

**Nota de Publicação:**

Esta série de estudos sobre os livros de Daniel e Apocalipse foi publicada na Revista *The Messenger and News Review* com início em Novembro de 1993 e terminou com o capítulo 33 em Julho de 1996.

A publicação dos 24 capítulos da presente compilação da tradução para a língua portuguesa desta série coloca ao dispor dos estudantes da verdade de Deus temas importantes destes dois livros apresentados por F. T. Wright.

# Índice

Capítulo 1 .....	7
A Promessa de Um Grande Reavivamento.....	7
Capítulo 2 .....	13
A Condição do Livro de <i>Daniel</i> Como Livro Selado .....	13
Capítulo 3 .....	21
Uma Porta Aberta no Céu .....	21
Capítulo 4 .....	28
O Cordeiro Quebra os Selos do Livro de Daniel .....	28
Capítulo 5 .....	35
Paralelos.....	35
Capítulo 6 .....	40
Apostasia Nacional — Ruína Nacional.....	40
Capítulo 7 .....	46
Apostasia — Ponto de Partida .....	46
Capítulo 8 .....	53
A Apostasia Pode Ser Evitada.....	53
Capítulo 9 .....	61
O Pecado Contra o Espírito Santo.....	61
Capítulo 10.....	69
Os Dois Israel.....	69
Capítulo 11.....	78
As Duas Babilónias .....	78
Capítulo 12.....	85
Verdade e Amor, o Poder Dominante .....	85
Capítulo 13.....	92
O Papel do Profeta Jeremias .....	92
Capítulo 14.....	100
Restauração de Todas as Coisas Perdidas.....	100
Capítulo 15.....	108
Nascimento e Queda de Nações.....	108

Capítulo 16.....	115
De Jerusalém a Babilônia .....	115
Capítulo 17.....	122
No Coração do Campo Inimigo .....	122
Capítulo 18.....	129
A Questão da Temperança.....	129
Capítulo 19.....	135
A Vitória É do Senhor .....	135
Capítulo 20.....	142
“Nunca Homem Algum Falou Assim Como Este Homem” .....	142
Capítulo 21.....	149
Daniel, o Profeta Estudante.....	149
Capítulo 22.....	155
Deus Faz Um Plano Principal .....	155
Capítulo 23.....	161
Homens em Alerta Máximo.....	161
Capítulo 24.....	167
Fé Gera Fé .....	167

# Capítulo 1

## A Promessa de Um Grande Reavivamento

**D**aniel e Apocalipse são dois livros de especial interesse na Bíblia, que contêm mensagens da importância mais crucial para o povo de Deus que está a viver à luz da rápida aproximação do advento de Cristo. Nestes livros está claramente revelada a natureza exacta das duas forças antagónicas que têm estado envolvidas num combate decisivo desde o início do grande conflito. Juntamente com isto está a hábil e penetrante caracterização dos reais argumentos que serão discutidos até aos seus limites finais. Ali encontramos também que o desafio contra a equidade e justiça de Deus montado há tanto tempo pelo arqu-apóstata, deve ser respondido e sê-lo-á. E nós veremos que será tão exaustiva e conclusivamente respondido que toda a objecção desaparecerá completa e eternamente para não voltar a aparecer.

É também tornado claro nestes livros que para saírem vitoriosos, aqueles sobre quem serão colocadas as terríveis pressões, devem fazer a mais diligente preparação para a luta.

O povo do Senhor não será um mero, interessado espectador no conflito final. Nessa batalha, Aquele que é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores guiará os exércitos do Céu contra a poderosa besta e sua imagem. Este grande inimigo é também conhecido como a abominação da desolação.

Não haverá então quem se coloque de lado, se mantenha à distância, e não haverá incertezas acerca do lado que cada um tomará. A natureza do conflito que deve ser para sempre decidido, exige que cada seguidor de Jesus O acompanhe até ao próprio coração do desafio final chamado “A Batalha do Armagedão”. Do ardor e fúria desta luta titânica cada alma sairá completa, eterna e irrevogavelmente comprometida com um ou outro dos lados do grande conflito.

Os que de nós têm estado envolvidos por décadas na obra de advertir o mundo, onde há muito pouca, se alguma, compreensão das mensagens dos três anjos, têm a tendência de pensar que não há necessidade para aviso. Recordamos que nos tornámos membros do corpo Adventista por ouvir e atender a advertência e sentir que o nosso conhecimento da tríplice mensagem é superior ao que é conhecido nas outras organizações, que nos devemos relacionar com elas como de professores para alunos. Elas são os recebedores da advertência; nós somos os que continuarão a soar o alarme.

Este raciocínio não é completamente errado, pois é o plano de Deus que aqueles que respondam à poderosa advertência devam com certeza levar a cabo a obra de alargar este

ministério, até que todas as almas na Terra tenham tido a grande oportunidade de ouvir a verdade por si mesmas.

Mas, uma vez mais, “Como foi nos dias de Noé, assim será, também, a vinda do Filho do homem”. *Mateus 24:37*.

Os ouvidos da vasta maioria nos dias de Noé, não atenderam à advertência. Pior do que isso, ela foi rejeitada com ridículo e violência. Tão ampla foi esta reação que apenas oito, dos talvez bilhões, escolheram entrar na arca do refúgio dado por Deus. Sem dúvida que havia muitos que pretendiam ir no lugar seguro, mas no final falharam em fazê-lo porque tinham passado demasiado tempo na posição de professores e pouco como alunos das profundas verdades na escola de Cristo. Por outras palavras, há um perigo muito real de gastar tanto tempo e energia a pregar aos outros, que os nossos próprios recursos espirituais se tornem tão fracos para nos tornar capazes de atender à advertência que nós próprios estamos a dar.

De facto, esta é a situação em que as virgens loucas trabalham. O perigo dessa situação se desenvolver, está bem presente, com o resultado final que aquele que dá a advertência perece com aqueles a quem a mensagem foi dada. Um exemplo claro disto é dado no homem que advertiu os habitantes de Jerusalém da destruição que se aproximava, contudo ele próprio pereceu quando aconteceu aquilo que avisou que ia acontecer. A história pode ser lida como se segue:

“Durante sete anos um homem esteve a subir e descer as ruas de Jerusalém, declarando as desgraças que deveriam sobrevir à cidade. De dia e de noite cantava ele funebremente: ‘Uma voz do Oriente, uma voz do Ocidente, uma voz dos quatro ventos! Uma voz contra Jerusalém e contra o templo! Uma voz contra os noivos e as noivas! Uma voz contra o povo!’... Este ser estranho foi preso e açoitado, mas nenhuma queixa lhe escapou dos lábios. Aos insultos e maus tratos respondia somente: ‘Ai! ai de Jerusalém!’ ‘Ai dos habitantes dela!’ Seu clamor de aviso não cessou senão quando foi morto no cerco que havia predito.

“Nenhum cristão pereceu na destruição de Jerusalém.” *O Grande Conflito*, 27. Portanto, ele não era um cristão, mesmo assim o espírito que manifestava quando perseguido fez com que assim parecesse. Fielmente avisou os habitantes dessa cidade condenada da imminente ruína, mas a sua forma de fazer esta obra não estava de acordo com os princípios do repouso do sábado.

Evidentemente, ele era um mensageiro enviado de moto-próprio que compreendia as profecias como meras declarações dos acontecimentos futuros. Todavia, falhou em experimentar o poder vivo que residia naquelas mensagens como a forma de escapar do iminente perigo que ameaçava a sua própria existência. Esse poder é o evangelho de Jesus Cristo, que é o poder para salvar do pecado, doença, e de todo o poder do maligno. Tal como mostraremos mais tarde numa grande profundidade e pormenor, ambos os livros, *Daniel e Apocalipse*, são tanto o evangelho de Jesus Cristo como qualquer outro livro das Escrituras.

Estes livros necessariamente contêm o evangelho, porque o Senhor não tem outros meios, além deste, para salvar qualquer pessoa. Por outras palavras, tão seguramente quanto o aviso contra os poderes das trevas são encontrados nestes livros, assim com certeza está o salvador poder vivo do evangelho de Jesus Cristo presente na sua proclamação.

É verdade que quanto maior e mais urgente for a necessidade do aviso, mais poderosa será a manifestação do evangelho para enfrentar essa necessidade. Por seu lado, isto significa que a experiência espiritual dos crentes em Jesus será semelhantemente mais gloriosa, e o transformador efeito do evangelho sobre aqueles que recebem o seu poder salvador, assim mais nítido. Conclui-se então que aqueles que fazem hoje um estudo destes dois livros verdadeiramente iluminados pelo Espírito, podem esperar receber uma doação especial da vida e poder divinos. Não fiquéis surpreendidos então por descobrir, que esses níveis

espiritualmente elevados do maior valor estejam de facto prometidos aos que caminham à luz dos raios de *Daniel* e *Apocalipse*. Aqui estão algumas destas promessas:

“Dêmos mais tempo ao estudo da Bíblia. Não compreendemos a Palavra como devemos. O livro de Apocalipse abre com uma ordem para compreendermos a instrução que ele contém. ‘Bem aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia’, declara Deus, ‘e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo’. *Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro para nós significa, ver-se-á entre nós grande reavivamento*. Não compreendemos plenamente as lições que ele ensina, não obstante a ordem que nos é dada é de examiná-lo e estudá-lo.” *Testemunhos para Ministros*, 113. (Itálico acrescentado.)

Este parágrafo parece ser limitado aos testemunhos acerca do livro de *Apocalipse*, mas devemos compreender que qualquer coisa que é verdade acerca de *Apocalipse*, é igualmente verdade acerca de *Daniel*. Estes dois livros são complementos um do outro e devem ser estudados juntamente.

“No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem. Ali está o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas a porção da profecia de Daniel relativa aos últimos dias. O anjo ordenou: ‘E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo.’ Daniel 12:4.” *Actos dos Apóstolos*, 584, 585.

Estas palavras de aviso, instrução, e promessa foram ditas, não ao mundo incrédulo, mas ao povo especial de Deus. Quando *ele* compreender o que este livro significa para *si*, será visto entre *ele* grande reavivamento. As implicações são que o povo do advento, no tempo em que estas palavras lhe foram dirigidas, não compreendeu o que este livro significava para ele, e portanto, não experimentou o grande reavivamento aqui prometido.

Quando compreendermos o que este livro significa para nós, veremos que o estimulante propósito do livro de *Daniel* é “extinguir a transgressão e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos.” *Daniel* 9:24.

Para chegar a este nível de santificação é preciso que as nossas falhas sejam corrigidas. Isto pode ser realizado pela nossa compreensão acerca do que estes dois livros de facto significam para nós, e, como resultado, será criado um grande reavivamento. Isto deve ser alcançado antes da Igreja de Deus estar preparada para sair como último e vitorioso corpo de Cristo. Maravilhosos serão os resultados, porque:

“Quando ela se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. ‘E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos.’ Malaquias 3:4. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será ‘igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante.’ Efésios 5:27. Então ela aparecerá ‘como a alva do dia, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras’. Cantares de Salomão 6:10.” *O Grande Conflito*, 424.

É evidente que este grande reavivamento predito, resultante da nossa compreensão do que *Daniel* e *Apocalipse* significam para nós, ainda não teve lugar totalmente, embora tivessem havido amplas oportunidades para que isso acontecesse. Sem dúvida, que o sagrado ministério do anjo de *Apocalipse* 18, cuja poderosa voz foi ouvida durante vários anos depois do seu início em Minneapolis, Minnesota, em 1888, foi uma dessas oportunidades. Hoje, no reavivamento dessa poderosa mensagem, é-nos dada outra que, certamente parece ser a última. Estou confiante que a luz contida nesta série de estudos destes grandes livros, nos tornarão capazes de, como um povo, compreender exactamente o seu significado para nós, e assim gerar o último grande reavivamento da primitiva devoção.

Isto será rapidamente seguido pelo último testemunho do verdadeiro carácter de perfeito amor e absoluta justiça de Deus, a destruição do homem do pecado, a vitória sobre o último inimigo, a morte, e a condução ao reino da glória.

Não apenas se promete aos santos que agora vivem, um grande reavivamento, mas a sua experiência será completamente diferente da possuída no tempo em que estas palavras foram escritas como um testemunho à igreja.

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o carácter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração.” *Testemunhos para Ministros*, 114.

Qual será a maravilhosa recompensa dos puros de coração? O próprio Jesus respondeu a esta pergunta durante a primeira parte da Sua apresentação do sermão do monte:

“Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus;” *Mateus* 5:8.

Embora não o tenhamos totalmente experimentado ainda, sabemos que entrar na Sua presença e ver Deus face a face, é a última satisfação e alegria que pode ser conhecida por qualquer ser criado. Houve uma altura antes da criação desta Terra em que esta comunhão estava limitada a Jesus Cristo, mas está a chegar o tempo em que todos os remidos terão este privilégio e conhecerá a partilhada alegria de tal comunhão:

“Cristo levou consigo para as cortes celestes a Sua glorificada humanidade. Aos que O recebem, dá Ele poder para se tornarem filhos de Deus, para que enfim Ele os possa receber como Seus, para com Ele habitar por toda a eternidade. Se durante esta vida forem leais a Deus, afinal ‘verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome’. Apocalipse 22:4. E qual é a felicidade do Céu, senão ver a Deus? Que maior alegria poderia sobrevir ao pecador salvo pela graça de Cristo do que contemplar o rosto de Deus, e conhecê-l’O como Pai?” *A Ciência do Bom Viver*, 421.

Regressaremos agora à consideração do testemunho que se lê assim:

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o carácter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração.” *Testemunhos para Ministros*, 114.

Estão referidas duas experiências espirituais neste testemunho — a que eles tinham, e a completamente diferente que deviam ter tido.

A primeira questão a ser considerada nesta ligação é, “qual seria exactamente a experiência que tinham, mas não deviam ter tido?”

Com certeza não podia ter sido a experiência que o povo do advento teve que o levou ao grande desapontamento, quando está escrito acerca dele:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda a parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte de salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para Eles com prazer, pois Sua imagem neles se reflectia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade. Mas estavam de novo destinados a serem tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os efeitos da maldição nunca pareceram ser mais visíveis do que então. Haviam posto as suas afeições no Céu, e com doce antegoço provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” *Primeiros Escritos*, 239.



Infelizmente, passaram-se rapidamente apenas alguns anos antes de entrarem numa experiência religiosa inteiramente diferente — o Laodiceanismo. Este foi um trágico afastamento da experiência cristã que deviam ter tido e que podiam ter vivido. Esta triste condição foi estabelecida por volta de 1858 quando foi escrito que:

“Foi-me mostrado que o testemunho aos laodicensês se aplica ao povo de Deus no tempo presente, e a razão pela qual ele não cumpriu uma obra maior é devida à dureza do seu coração.” *Testimonies for the Church* 1:186.

Década após década passou durante os anos 1800 em que testemunho após testemunho foi dado à igreja, advertindo para a triste condição dos seus membros ao passo que chamava a atenção para uma experiência religiosa inteiramente diferente entre eles. Mas um cuidadoso estudo daqueles testemunhos revelam que o povo do advento nunca saiu daquela condição, e, excepto para um remanescente que atendeu à advertência contida na mensagem aos laodicensês, o professo povo de Deus continuou destituído do ouro, dos vestidos brancos, e do colírio.

A experiência religiosa inteiramente diferente que ele podia ter tido, exige total libertação da mornidão laodicense. Isto por sua vez apenas pode ser alcançado pela obtenção daqueles tesouros de verdade salvadora que têm o poder de transformar a vida. Para os que obedecem ao chamamento para serem zelosos e se arrependam, é prometido um glorioso futuro.

“Satanás é diligente estudante da Bíblia. Ele sabe que seu tempo é curto, e procura em todos os pontos opor-se à obra do Senhor na Terra. É impossível dar uma ideia da experiência do povo de Deus que há-de viver na Terra quando se misturarem a glória celeste e a repetição das perseguições do passado estiverem combinadas. Eles andarão à luz que procede do trono de Deus. Por meio dos anjos haverá constante comunhão entre o Céu e a Terra. E Satanás, rodeado dos anjos maus, e declarando-se Deus, operará milagres de todas as espécies, para enganar, se possível, os próprios eleitos. O povo de Deus não encontrará a sua segurança na operação de milagres; pois Satanás imitará os milagres que forem operados. O provado e experimentado povo de Deus encontrará o seu poder no sinal de que fala Êxodo 31:12-18. Hão-de prostrar-se do lado da palavra viva: ‘Está escrito.’ Esta é a única base sobre que poderão estar seguros. Os que quebraram o seu concerto com Deus estarão naquele dia sem Deus e sem esperança.” *Testemunhos Selectos* 3:284.

“Os que comem a carne e bebem o sangue do Filho de Deus, trarão dos livros de Daniel e Apocalipse verdade inspirada pelo Espírito Santo. Porão em acção forças que não podem ser reprimidas. Os lábios das crianças se abrirão para proclamar os mistérios que têm sido ocultados à mente dos homens.” *Testemunhos para Ministros*, 116.

Descobrimo-nos a olhar continuamente para Deus como Aquele que esperamos inicie a libertação dos ventos da contenda e assim coloque em movimento os acontecimentos finais da história da humanidade. Há verdade e mérito nesta compreensão, porque isto é aquilo que Ele fará enviando instruções aos anjos para segurarem os ventos da contenda. Porém, ao mesmo tempo, esquecemos que no Céu todas as coisas já estão prontas. Nós, o povo de Deus, somos os que estão a atrasar o grande segundo advento. Deus não pode finalizar a obra sem a total consagração do Seu povo e Ele não virá com poder sobre o Seu povo enquanto não se puder confiar totalmente que ele cumpra as suas responsabilidades.

Considerai cuidadosamente os apelos e promessas contidos na seguinte citação:

“Irmãos o Senhor procura associação na sua obra. Ele deseja que nós registemos os nossos interesses na Sua causa, como fez Daniel. Receberíamos grandes benefícios de um estudo do livro de Daniel em ligação com Apocalipse. Daniel estudou as profecias. Diligentemente procurou saber o seu significado. Ele orou e jejuou por luz do Céu. E a glória de Deus foi-lhe revelada em medida superior aquilo que ele podia suportar. Nós estamos em igual necessidade de iluminação divina. Deus chamou-nos para dar a última mensagem de advertência ao mundo.

Ouvir-se-ão em todo o lado vozes para desviar a atenção do povo de Deus com novas teorias. Precisamos dar o somido certo à trombeta. Não compreendemos metade do que está perante nós. Se os livros de Daniel e Apocalipse fossem estudados com diligente oração, teríamos um melhor conhecimento dos perigos dos últimos dias, e estaríamos melhor preparados para a obra que está perante nós — devíamos estar preparados para nos unirmos com Cristo e trabalhar segundo estas linhas.” *The Review and Herald*, 9 de Fevereiro de 1897.

Profundo, solene, e de grande alcance são as responsabilidades que deverão ser suportadas pelo povo de Deus nestes últimos dias da história da humanidade. Enfrentar a crise vindoura com as advertências que o Senhor enviou pelos Seus anjos mensageiros exige em primeiro lugar que mantenhamos as mensagens presentes, claras, e sempre em desenvolvimento nas nossas mentes. Para alcançar isto, continuaremos o estudo de *Daniel e Apocalipse* sempre em profundidade cada vez maior. Manter-nos-emos vigilantes para que esse estudo não se torne uma mera forma. Estaremos determinados a experimentar o grande reavivamento prometido para nós como um povo na condição do nosso entendimento do que estes livros significam. Não repousaremos de dia nem de noite até que estejamos seguros que adquirimos essa experiência totalmente diferente que será o resultado da compreensão destes livros.

Então com a advertência para as nossas próprias almas sempre presente, nova e viva nos nossos corações, levaremos a vivas mensagens aos que não foram advertidos. Então a mensagem soará em alto clamor e advertência final a ser dada no solene poder do quarto anjo.

“Os perigos dos últimos dias estão sobre nós, e por nosso trabalho devemos advertir o povo do perigo em que está. Não deixeis que as cenas solenes que a profecia tem revelado sejam deixadas por tocar. Se nosso povo estivesse meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas, e muitos mais creriam a mensagem. Não temos tempo a perder; Deus apela para que vigiemos pelas almas como aqueles que devem dar contas. Promovei novos princípios e entremeai a evidente verdade. Será como uma espada de dois gumes. Mas não sejais prontos demais a assumir uma atitude de controvérsia. Há ocasiões em que devemos ficar quietos e ver a salvação de Deus. Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o aspecto do assunto apresentado, elevai a Jesus como o centro de toda a esperança, ‘a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã.’” *Testemunhos para Ministros*, 118.

## Capítulo 2

# A Condição do Livro de *Daniel* Como Livro Selado

**D**urante a instrução final que Daniel recebeu do anjo instrutor, foi-lhe duas vezes dito que o livro que tinha o seu nome estava selado até ao tempo do fim. A primeira instrução lê-se assim:

“E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo: muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.” *Daniel* 12:4.

E a segunda assim:

“E ele disse: ‘Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim.’” *Daniel* 9:12.

“O livro que foi selado não foi o de Apocalipse, mas aquela parte da profecia de Daniel que se referia aos últimos dias. Diz a Escritura: ‘Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadriarão, e o saber se multiplicará.’ *Daniel* 12:4. Quando o livro foi aberto, foi feita a proclamação: ‘Já não haverá demora.’ (Ver Apocalipse 10:6, trad. actualizada.) O livro de Daniel está agora aberto, e a revelação feita por Cristo a João deve vir a todos os habitantes da Terra. Pelo acréscimo do conhecimento deve ser preparado um povo para subsistir nos derradeiros dias.” *Mensagens Escolhidas* 2:105.

Mas porque foi uma porção de Daniel selada até ao tempo do fim? Foi por Deus ter arbitrariamente decretado que assim fosse? Não! Porque, de harmonia com o carácter de amor de Deus, tem que haver uma razão melhor do que essa, pois Deus não esconde a verdade dos seus amados, mas insiste com eles para cavarem fundo a fim de obterem os tesouros escondidos.

“As lições que Cristo apresentou nas Suas palavras de verdade são semelhantes a preciosas pérolas; porque nelas Ele concedeu aos homens uma inestimável riqueza. Muito daquilo que Ele ensinou é ainda vagamente compreendido, e o lixo do erro cobre muitas gloriosas gemas de verdade. Estas jóias deviam ser procuradas com grande diligência como os homens procuram tesouros escondidos. Aqueles que conhecem o amor de Cristo deviam considerá-lo como fez o homem que encontrou um tesouro escondido, e para sua alegria desde então foi e vendeu tudo o que tinha, para que pudesse comprar o campo, e cavar cada polegada dele a fim de descobrir os ricos veios de ouro e prata. O ensinamento de Cristo é mais precioso que qualquer mina na Terra pode ser, e exige mais zelo da nossa parte para procurar as gemas de verdade do que qualquer riqueza que possamos assegurar no mundo. Devíamos fazer o mais extenuante esforço para compreender todo o significado da verdade que Ele transmitiria à mente em

parábolas ou máximas. Que aqueles que compreendem as coisas espirituais, cavem fundo nas minas da verdade.” *The Signs of the Times*, 7 de Novembro de 1892.

As limitações que retardam as progressivas revelações da verdade são em primeiro lugar do lado humano. É devido aos muitos factores desnecessários que emanam da humanidade que as trevas envolvem a mente e entorpecem a compreensão. Nunca foram os efeitos destes problemas mais visíveis do que na Idade Média, mas Deus no Seu grande amor e misericórdia tornou possível a completa recuperação. O sucesso em nos apossarmos destes recursos mais do que adequados, exige a intensa aplicação à tarefa dos nossos poderes físico, mental e espiritual, sob a bênção do Espírito Santo.

Falhar em estudar tão profunda e diligentemente como devíamos, juntamente com o entorpecimento dos nossos sentidos em virtude da prejudicial, longa presença do pecado em nós, não são as únicas razões para retardar o nosso conhecimento da profecias. Há duas razões importantes para as quais os filhos de Deus deviam estar alertados. Elas são, em primeiro lugar o princípio que a verdade é progressivamente revelada à medida que é necessário, e em segundo lugar o facto que antes da crucifixão, Cristo, o cordeiro morto, ainda não tinha as qualificações necessárias para tirar o selo do livro de *Daniel*.

Examinaremos agora estas duas razões da demora na abertura de *Daniel*. Tomá-las-emos na ordem enumerada acima, isto é, primeiramente que a verdade é progressivamente revelada de acordo com a necessidade para ela; e em segundo, para que ela pudesse ser revelada no seu sentido mais verdadeiro, Cristo tinha que realizar uma obra especial, pelo Seu sacrifício, derrotando totalmente a morte e ressuscitando.

“Cristo foi o maior ensinador que o mundo já viu.” *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, 45. Como tal, Ele estabeleceu o importante princípio que a profecia não devia ser entendida até à aproximação do tempo do seu cumprimento, ou, como nalguns casos, tivesse realmente chegado. Então chegou o tempo em que, sendo mais necessária, tornou-se *verdade presente*. Assim diz Ele:

“Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que Eu sou.” *João* 13:19.

Ele repetiu esta verdade juntamente com as últimas instruções dadas aos Seus discípulos antes de entrar no Jardim do Getsêmane.

“Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.” *João* 14:29

Isto foi particularmente verdade na experiência dos discípulos de Cristo que olharam para o futuro, para o cumprimento das profecias do Messias que estavam destinadas a nunca acontecer da forma como eles esperavam. Interpretaram mal as palavras dos profetas até elas terem sido cumpridas, até que por fim alguns deles foram capazes de conjugar o cumprimento com a predição.

Um exemplo claro disto é encontrado na experiência dos dois discípulos com quem Cristo viajou no dia da Sua ressurreição de Jerusalém até Emaús. Quando Cristo cuidadosamente e com exactidão comparava os acontecimentos com as predições, aqueles dois homens dedicados não foram capazes de ver nos acontecimentos desse fim de semana mais notável de todos, que aquilo que tinha tido lugar na vida e morte de Cristo tinha sido tudo predito. Não tinha havido omissões nem adições ao programa. Deus tinha estado em absoluto comando, e todas as coisas tinham acontecido dentro dos limites da Sua vontade.

“Não tinham os discípulos ouvido estas próprias exposições destas escrituras dos lábios do seu Mestre enquanto estava com eles? Mas quão pouco tinham eles compreendido delas! Quão convincente é agora o seu significado! Quão surpreendente o seu cumprimento! As verdades que eles tinham discernido apenas debilmente estavam agora abertamente reveladas num clarão de luz. As próprias coisas que Ele lhes tinha dito tinham sido cumpridas. A fé começa a

reviver. Os seus corações batem com forte e renovada esperança à medida que ouvem ansiosamente as claras, simples palavras do desconhecido companheiro de viagem. Estavam surpreendidos por descobrirem que o peso do seu coração se tornara leve; e quando pensaram em Jesus, tudo aquilo que Ele tinha sido para eles, tudo o que Ele sofreu, as suas lágrimas correram abundantemente. A sua confiança não tinha sido em vão. Ele era tudo e mesmo mais do que aquilo que tinham crido." *The Signs of the Times*, 20 de Janeiro de 1888.

Eles podiam ter entendido muito melhor aquilo que Cristo tinha tentado tão diligentemente ensinar-lhes se as suas mentes não tivessem sido entorpecidas por ideias e teorias preconcebidas contra aquilo que Jesus tinha sido forçado a lutar constantemente durante os Seus esforços para abrir as profecias ao seu entendimento. Ao mesmo tempo, contudo, havia novas profundidades de compreensão quando chegou a altura dos acontecimentos preditos acontecerem. Isto estava em harmonia com a explicação de Jesus que informou os doze que lhes tinha dito os acontecimentos futuros para quando eles acontecessem pudessem crer.

O estudo da progressiva revelação da informação a respeito dos acontecimentos futuros é um estudo extremamente útil para nós. Ele tem o poder de fortalecer a fé enquanto revela a harmoniosa inter-relação entre as várias obras de Deus na Terra e no Céu. Além do mais, somos conformados e fortalecidos pelo conhecimento que nada apanha Deus de surpresa. Vemos que da eternidade do passado, e na eternidade do futuro, Deus sabe completamente o que acontecesse, e que Ele fez provisão para enfrentar todas as crises que pudessem aparecer.

É preciso fé e discernimento espiritual para perceber isto. Por exemplo, eu não vi a profecia ser progressivamente compreendida quando no primeiro caso me foi apresentado o livro de Uriah Smith, *Daniel e Apocalipse*. Fiquei admirado que um homem pudesse interpretar aqueles dois livros com tanta "exactidão e tão compreensivamente" como ele fez, ou pelo contrário, como pensei que ele fez. Não vi alguém a quem ele pudesse dirigir-se em busca de ajuda. Para mim, parecia como se tivesse sido um completo e repentino aparecimento de nova grande luz para o povo de Deus.

Chegou o tempo em que entendi duas coisas. Uma foi que a sua interpretação das mensagens destes dois livros não era tão exacta e compreensiva como eu crera. Aprendi que a sua posição acerca dos reis do norte e do sul, e a sua visão sobre a batalha do Armagedão, era baseada em incorrectos princípios de exposição das profecias, que por seu lado levava ao aparecimento de conclusões erradas.

A outra foi que essas correctas posições como a que Uriah Smith ocupava tinham sido progressivamente ocupadas por uma longa sucessão de escritores e professores que se estendia até Cristo ou pelo menos até Paulo. Excepto quando se examina as contribuições dadas por Cristo e escritores inspirados da Bíblia, deve ser feito o devido desconto para a aceitação de erros como verdades perdidas que foram recuperadas uma após a outra. Isto significa que o livro Uriah Smith não era a construção da inteira estrutura da interpretação de *Daniel e Apocalipse*, mas apenas uma contínua revelação de luz que tinha abençoado o povo de Deus durante séculos. Especialmente uma vez que a grande Reforma Protestante tinha tido lugar, todos os séculos desde então foram marcados por um crescente conhecimento destas grandes profecias precisamente até ao tempo presente.

Quando se recorda que a luz contida neste volume era, na altura da sua publicação, a mais recente conhecida pelo povo de Deus, é bastante honesto crer que aqui tínhamos a mais clara, brilhante, compreensiva e profunda luz jamais compreendida pelo povo de Deus até essa altura. É também aceitável crer que toda a luz radiante que pode brilhar destes dois livros, *Daniel e Apocalipse*, não tinha de modo algum sido revelada. De facto, à medida que avançamos em direcção às cenas finais, as mais gloriosas revelações da verdade brilharão destes dois livros enquanto iluminam o caminho dos santos para a cidade de Deus. Mas esta informação não será revelada pela Fonte da verdade senão quando for necessária.

A primeira situação em que Cristo se referiu à informação contida em *Daniel*, foi no início do Seu ministério público, cujo relato lê-se do seguinte modo:

“E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o Evangelho do reino de Deus, e dizendo: ‘O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no Evangelho.’” *Marcos 1:14, 15*.

A que cumprimento de que tempo se referia Jesus quando fez este anúncio aterrador para a alma — *o tempo* está cumprido? Foi esta uma declaração geral destinada a satisfazer a necessidade geral para tornar seguro um chamamento e eleição, ou foi uma referência específica a um profetizado ponto de tempo? Foi de facto o último caso, o ponto específico de tempo que se aproximava do final da profecia dos 490 anos que começaram em 457 a.C. Isto é confirmado pelo seguinte testemunho:

“A nota predominante da pregação de Cristo, era: ‘O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho’. Assim a mensagem evangélica, segundo era anunciada pelo próprio Salvador, baseava-se nas profecias. O ‘tempo’ que declarava estar cumprido, era o período de que o anjo Gabriel falara a Daniel. ‘Setenta semanas’, dissera o anjo, ‘estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos’. Daniel 9:24.” *O Desejado de Todas as Nações*, 210, 211.

Portanto, *Daniel* no tempo em que Cristo pregou deste livro, era conhecido e aceite como parte das inspiradas Escrituras. Por conseguinte, quando Cristo no poder do Espírito Santo apontou para o facto que tinham chegado ao ponto de tempo em que estava determinado o aparecimento do Messias, os Seus ouvintes ficaram profundamente impressionados, e os fundamentos estavam lançados para que aceitassem a mensagem da justiça. Mas, apesar de compreenderem a porção de tempo de *Daniel* nove, e sem dúvida, certas outras mensagens ali contidas, havia muito deste livro para o qual ainda permaneciam na ignorância. Gradualmente, à medida que havia necessidade de compreender mais e mais destes livros, o Senhor progressivamente revelou a luz. Em consequência, a luz que brilha de *Daniel* é nesta altura muito brilhante, mas, mesmo assim, não tanto que esgote o suprimento, porque a própria eternidade não o pode fazer.

Nesta apresentação, Cristo trata o assunto totalmente ou em parte três vezes. A primeira destas três encontra-se em *Mateus 24:4-14*.

Ali está predito o aparecimento de falsos cristos e profetas, guerras e rumores de guerras, fomes, pestilência, terramotos, perseguições, mais falsos profetas, e o esfriamento do amor de muitos, os que preservarem até ao fim serão salvos, o evangelho do reino será pregado em todo o mundo, e a vinda do fim.

Em segundo lugar, passo a passo progressivamente através do futuro, Jesus começa com a Sua predição da queda de Jerusalém, e solenemente advertiu os cristãos que no momento em que vissem certos sinais, não deviam hesitar mas fugir imediatamente. Esse sinal era o estabelecimento da abominação da desolação no lugar santo de que fala Daniel o profeta.

“Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda;

“Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes;

“E quem estiver sobre o telhado, não desça a tirar alguma coisa da sua casa;

“E quem estiver no campo, não volte atrás a buscar os seus vestidos.” *Mateus 24:15-18*.

Deste ponto, Jesus dirigiu os Seus discípulos para a grande tribulação, uma predição que se realizou durante as terríveis perseguições da Idade Média. Falsos profetas, cristos, e vindas de Cristo deviam seguir-se, em direcção ao segundo advento uma vez mais.

Os acontecimentos tratados pela terceira descrição devia começar “logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas”, *Mateus 24:19*, e devia chegar uma vez mais até ao segundo advento.

Nesta fase do nosso estudo, não pararemos a considerar esta sucessão de acontecimentos, mas concentraremos a nossa compreensão à referência feita por Cristo a Daniel, o profeta do Antigo Testamento.

Quando Cristo no Monte da Oliveiras descrevia aos Seus discípulos a destruição de Jerusalém que se aproximava, previu que os Seus verdadeiros seguidores precisariam de um sinal que lhes dissesse quando deviam fugir sem esperar um momento. Falhar em fazê-lo significaria que seriam encurralados e destruídos.

Para sua orientação segura, necessitariam de um sinal compreendido por todos os cristãos em toda a área de perigo, mas não entendido pelos seus inimigos. Quando o acontecimento teve lugar no aparecimento daquilo segundo o que deviam agir imediatamente, não haveria tempo para discutir se era ou não o acontecimento prometido. Cada um tinha que estar tão familiarizado com a profecia bíblica que o sinal fosse imediatamente identificado.

Nem haveria tempo para reunir quaisquer posses materiais. Tudo o que não estivesse nas suas mãos devia ser deixado para trás.

A necessidade era então Cristo indicar um sinal que fosse compreendido e reconhecido por todos os cristãos interessados. Ele portanto, designou o estabelecimento da abominação da desolação no lugar santo descrita por Daniel o profeta. Deve ser imediatamente visível que para os cristãos entenderem qual o verdadeiro sinal e rapidamente o identificarem quando aparecesse, tinham que ser bons estudantes do livro de *Daniel*. Semelhantemente, para que todos os membros da igreja cristã na cidade de Jerusalém e Judeia, fossem salvos atendendo às instruções de Cristo, deviam ser excelentes estudantes do livro de *Daniel*.

“Nenhum cristão pereceu na destruição de Jerusalém. Cristo fizera a Seus discípulos o aviso, e todos os que creram em Suas palavras aguardaram o sinal prometido. ‘Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos,’ disse Jesus, ‘sabei que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam.’ Lucas 21:20 e 21. Depois que os romanos, sob Céstio, cercaram a cidade, inesperadamente abandonaram o cerco quando tudo parecia favorável a um ataque imediato. Os sitiados, perdendo a esperança de poder resistir, estavam a ponto de se entregar, quando o general romano retirou suas forças sem a mínima razão aparente. Entretanto, a misericordiosa providência de Deus estava dirigindo os acontecimentos para o bem de Seu próprio povo. O sinal prometido fora dado aos cristãos expectantes, e agora se proporcionou a todos oportunidade para obedecer ao aviso do Salvador. Os acontecimentos foram encaminhados de tal maneira que nem judeus nem romanos impediriam a fuga dos cristãos. Com a retirada de Céstio os judeus, fazendo uma surtida de Jerusalém, foram ao encalço de seu exército que se afastava; e, enquanto ambas as forças estavam assim completamente empenhadas em luta, os cristãos tiveram ensejo de deixar a cidade. Nesta ocasião o território também se havia desembaraçado de inimigos que poderiam ter-se esforçado para lhes interceptar a passagem. Na ocasião do cerco os judeus estavam reunidos em Jerusalém para celebrar a festa dos Tabernáculos, e assim os cristãos em todos o país puderam escapar sem ser molestados. Imediatamente fugiram para um lugar de segurança — a cidade de Pela, na terra de Peréia, além do Jordão.” *O Grande Conflito*, 27, 28.

Uma vez que tinha chegado a altura em que Jerusalém seria cercada de exércitos, tinham que procurar um sinal segundo o qual deviam fugir imediatamente. Deviam manter-se alerta para o passo seguinte, o estabelecimento da abominação da desolação revelado por Daniel. Ao realizar-se esse acontecimento, deviam fugir imediatamente sem hesitação, tal como fizeram!

Então, perante nós está a evidência que os primeiros cristãos tinham uma profunda compreensão do livro de *Daniel*, tanto que cada membro em Jerusalém e Judeia foi capaz de positivamente identificar a abominação da desolação. Isso revela mais do que um casual conhecimento das grandes verdades contidas em *Daniel*, mas quanto mais deviam compreender, não sabemos. Este incidente na revelação da história da igreja cristã bem podia ser intitulada como “Salvos da abominação da desolação pelo livro de *Daniel*.”

Num futuro muito próximo, a abominação da desolação dominará o mundo na sua última manifestação. Uma vez mais, chegará o tempo para o povo de Deus fugir para salvar as suas vidas como anteriormente, não pode haver hesitação, não se pode olhar para trás, nem parar para reunir quaisquer haveres:

“Não é tempo agora de o povo de Deus estar fixando suas afeições ou entesourando neste mundo. Não vem muito distante o tempo em que, como os antigos discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desolados e solitários. Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos judeus, assim o arrogar-se nossa nação o poder no decreto que torna obrigatório o dia de repouso papal será uma advertência para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório ao sair das menores para lares retirados em lugares solitários entre as montanhas. E agora, em vez de buscarmos dispendiosas moradas aqui, devemos estar-nos preparando para mudar-nos para um país melhor, isto é, o celestial. Em vez de gastar nosso dinheiro em nos comprazer a nós mesmos, cumpre-nos estudar a maneira de economizar. Cada talento emprestado por Deus deve ser empregado para glória Sua, em proclamar a advertência ao mundo. Deus tem uma obra para Seus obreiros fazerem nas cidades. Nossas missões precisam ser mantidas; outras novas precisam abrir-se. Para levar avante esta obra com êxito, não será preciso pequeno dispêndio. Necessitam-se casas de culto, onde o povo seja convidado a ouvir as verdades para este tempo. Justamente para esse desígnio confiou Deus capital a Seus mordomos. Não prendais vossos bens em empreendimentos mundanos, de modo que esta obra seja prejudicada. Ponde o dinheiro onde o possais manejar para o benefício da causa de Deus. Mandai vossos tesouros adiante de vós para o Céu.” *Testemunhos Selectos* 2:166.

A referência que se segue no Novo Testamento para a contínua compreensão das profecias de *Daniel* é do inspirado apóstolo Paulo. Este grande homem de Deus escreveu duas cartas à igreja dos Tessalonissenses na segunda das quais tornou claro que o segundo advento de Cristo podia ter lugar apenas depois de certas profecias escritas no livro de *Daniel* terem sido cumpridas.

Paulo foi cuidadoso em não avançar abertamente com a nova luz que possuía acerca das profecias, porque isto daria desnecessariamente aos inimigos da igreja cristã ocasião para perseguir os membros impiedosamente. De acordo com isto, escreveu numa linguagem tal que fosse entendido por aqueles que conheciam as profecias de *Daniel* como ele lhes tinha ensinado quando anteriormente os visitara, mas de tal modo que nada significassem para os judeus e romanos.

Este disfarce das profecias não pode ser classificado como enganador da parte do apóstolo, pois Deus não é obrigado a dar informação aos que rejeitam a verdade e usam este conhecimento para aumentar os sofrimentos do povo de Deus e ameaçar a contínua sobrevivência da igreja. É por esta razão que as profecias em si mesmas são dadas em linguagem simbólica. Nunca deve ser esquecido que estamos em guerra com um selvagem e impiedoso inimigo. Para que Deus comande as Suas tropas eficazmente, tem que ser capaz de comunicar-lhes os Seus planos de luta, tanto para hoje como para o futuro na conclusão final do grande conflito, sem que os Seus próprios inimigos tomem conhecimento dessas estratégias. Informar os seus soldados cristãos acerca das Suas ordens gerais e específicas não é problema.



A dificuldade está em Deus fazer isto sem transmitir as mesmas mensagens, ao mesmo tempo, aos inimigos de Si próprio e do Seu povo.

No caso dos crentes tessalonissenses, a profecia e a sua interpretação estavam escondidas por símbolos, uma verdade que precisa ser mantida em mente quando se estuda a carta que lhes foi escrita.

Em primeiro lugar, o apóstolo declara muito claramente que não haveria segunda vinda de Cristo enquanto não houvesse uma queda ou grande apostasia através do qual o homem do pecado, que é o filho da perdição, fosse exposto por aquilo que é. Sobre isto ele escreveu:

“Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele,

“Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.

“Ninguém, de maneira alguma, vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição.

“O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, e se adora, de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.” 2 *Tessalonicenses* 2:1-4.

A apostasia a que Paulo se refere aqui, ocorreu na Igreja Cristã, pois é impossível o homem do pecado levantar-se a um domínio universal enquanto a igreja de Deus, permanecendo livre de apostasia, continue como um poder invencível no mundo. Primeiro, o homem do pecado devia estabelecer-se firmemente na igreja e conseguir controlar todos os seus recursos. Na altura em que Paulo ministrava o evangelho de Jesus Cristo, viu na igreja como se fosse esse tempo, o nascimento do mistério da iniquidade que devia desenvolver-se à proporção máxima antes de Cristo poder regressar.

Ele foi capaz de ver que o império romano pagão seria sucedido por uma versão muito pior do filho da perdição — o papado — esperando apenas o afastamento do então presente ocupante do trono de todo o mundo para abrir caminho ao seu completo domínio de toda a humanidade. Foi do livro de *Daniel*, iluminado pelo Espírito Santo, que Paulo obteve esta informação. Ele sabia que três impérios se tinham levantado e caído, e Roma pagã como quarto império devia eventualmente passar. Quando isso acontecesse, então o filho da perdição dominaria e não antes, para que Cristo pudesse vir.

“As palavras de Paulo não deviam ser mal interpretadas. Não pretendiam elas ensinar que eles, por especial revelação, tivesse advertido os tessalonicenses da imediata vinda de Cristo. Tal posição causaria confusão de fé; pois o desapontamento muitas vezes leva à incredulidade. O apóstolo, pois, advertia os irmãos a não receberem tal mensagem como vinda de sua parte; e prosseguia dando ênfase ao facto de que o poder papal, tão claramente descrito pelo profeta Daniel, devia ainda levantar-se, e fazer guerra contra o povo de Deus. Até que este poder tivesse realizado sua obra mortal e blasfema, seria em vão a igreja esperar pela vinda do Senhor. ‘Não vos lembrais’, interrogava Paulo, ‘de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco?’” *Actos dos Apóstolos*, 266.

Excepto durante aqueles períodos em que a luz se perdeu durante o período da profunda apostasia, de Cristo aos dias de Paulo, a compreensão destas mensagens tinha aumentado, até que hoje o livro de *Daniel* já não é descrito como um livro selado. Este aumento de compreensão não tem sido ao acaso, mas na forma mais ordenada, tem cada necessidade surgida sido satisfeita. Por exemplo, quando chegou o momento para o começo da grande Reforma Protestante, os crentes em Jesus foram dirigidos pelo Espírito Santo aos versículos que identificavam o papado. Quatro grandes impérios tinham nascido e caído. O quarto havia sido repartido em dez partes, depois três deles arrancados pela raiz a fim de abrir caminho ao homem do pecado, doutro modo conhecido como o “filho da perdição”, e a “abominação da

desolação”. Fortalecidos pelo poder da viva, palavra profética, os reformadores identificaram o papado como sendo o anticristo e corajosamente pregaram estas coisas ao povo.

Mas nenhum deles na generalidade compreendeu ou pregou o significado de “tempo, tempos e metade de um tempo”. Esta luz ainda não tinha sido revelada nos dias de Lutero, todavia, à medida que se aproximava o termo dos 1260 anos em 1798, as profecias que diziam respeito a este acontecimento tornou-se o assunto do mais profundo estudo. Deus abençoou-os derramando mais luz em *Daniel*. “Tempo, tempos e metade de um tempo” devia ser compreendido, e os pontos do início e do fim foram identificados. Quando se aproximava o grande momento, os estudantes da Bíblia foram capazes de predizer a queda do papado antecipadamente.

Assim que o acontecimento cumpriu a predição, a atenção dos crentes foi dirigida pelo Espírito Santo para o 2300 dias de *Daniel* 8:14. Deus tirou o selo desta profecia resultando nos movimentos do primeiro, segundo, e terceiro anjos. Que compreensiva riqueza de luz brilhante tinha agora sido derramada nos nossos corações através das palavras da profecia progressivamente revelada durante tantos séculos passados.

Somos ricos mas não como os laodicensis afirmavam ser. Agora o nosso conhecimento já não está limitado aos três anjos, ou quatro, mas estendeu-se a sete. Somos agora conhecedores dos grandes poderes dos reis do norte e do sul. Vemos como o rei do norte é a abominação da desolação, como ele plantará os tabernáculos do seu palácio entre os mares e o glorioso monte santo, contudo virá o seu fim sem ninguém que o ajude. Vê-lo-emos como ladrão do povo de Deus, o inimigo de toda a verdade, pretende ser o embaixador de Cristo. Discerniremos que ele é aquele anjo ímpio que foi expulso do Céu; o nosso incansável, implacável adversário, o próprio diabo.

Perante nós está o livro de *Daniel* sem selo e as suas contrapartidas no Novo Testamento, o *Apocalipse*. Abertos à nossas mente estão vastos campos de emocionantes verdades chamando por ardente contemplação, cada vez mais profunda investigação, e penetrante penetração espiritual.

À cabeça de tudo isto está o nosso grande e poderoso guia, Aquele que cavalga num cavalo branco sob o título de, Rei do reis e Senhor dos senhores, o nosso vitorioso Salvador. Em resumo, não há limite para a revelação da verdade em *Daniel* e *Apocalipse*.

Quando compreendermos o que estes quatro livros significam para nós, então haverá entre nós um grande reavivamento.

## Capítulo 3

# Uma Porta Aberta no Céu

No capítulo anterior foram enumeradas duas razões principais para haver uma progressiva revelação do livro de *Daniel*. Elas são a sempre crescente necessidade de luz continuamente mais e mais brilhante a fluir sobre o povo de Deus para o equipar adequadamente para a guerra contra os poderes do mal. De acordo com isto, Jesus estabeleceu o princípio quealaria ao Seu povo dos acontecimentos futuros de modo que quando eles acontecessem, pudessem crer, ou, por outras palavras, a sua fé pudesse ser confirmada e fortalecida.

O estudo deste princípio foi o assunto do último capítulo.

A segunda razão foi que, até Cristo morrer no Calvário e ressuscitar triunfante sobre o pecado e a morte, nem Ele nem qualquer outro ser tinha o poder de tirar o selo das profecias de *Daniel*. Este capítulo será dedicado ao alargamento da compreensão acerca deste ponto.

Começemos então.

A referência para a nossa informação básica é *Apocalipse* 4 e 5. Nestes dois capítulos é-nos dada uma solenemente inspirada visão do primeiro compartimento do santuário celestial. Ali em todo o seu poder e esplendor vivo estava no trono de Deus rodeado por quatro criaturas viventes e vinte e quatro anciãos. Leiamos com grande reverência esta revelação do poder e glória de Deus como é aberta perante a nossa maravilhada contemplação.

“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no Céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu e um assentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardónica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.

“E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiavam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.

“E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

“E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

“E os quatro animais tinham, cada um per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansavam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há-de vir.

“E, quando os animais davam glória, e honra, e acções de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre,

“Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

“Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas.” *Apocalipse 4:1-11*.

Nesta fase do nosso estudo de *Daniel e Apocalipse* não será feita a tentativa de extrair todas as verdades vivas contidas nestes versículos e as que se seguem no capítulo 5. Limitar-nos-emos aqueles pensamentos que ensinam que apenas o Cristo crucificado e ressuscitado tinha o poder para abrir *Daniel*, e alguma coisa daquilo que estas verdades significam para nós.

No princípio desta revelação em particular, João é dirigido para uma porta aberta no Céu, cuja abertura revela a presença no interior de Deus o Pai, o poderoso Criador dos Céus e da Terra. À volta do trono estão vinte e quatro anciãos e quatro criaturas viventes que são vistas a mandar todo o seu louvor e adoração para Aquele que está assentado no trono. Nenhuma referência é feita a Cristo, o Cordeiro morto, no Capítulo 4. Ele é apresentado apenas no Capítulo 5 onde é ilustrado a avançar com as qualificações necessárias para abrir o livro. Então, quando este primeiro facto é revelado, o louvor e adoração dos vinte e quatro anciãos e das quatro criaturas viventes dirigem-se para o Cordeiro morto.

Portanto durante o capítulo 4, quando a porta no Céu é aberta, o livro na mão do Onnipotente permanece selado com os sete selos. Assim, à medida que a visão se abre perante nós, somos confrontados ao mesmo tempo com uma porta aberta por um lado, e um livro selado por outro. A porta aberta revelou Deus como o Altíssimo Criador dos Céus e da Terra, e o provado e experimentado Soberano de um eternamente estabelecido governo ou reino. Esta visão dos vinte e quatro anciãos e das quatro criaturas viventes motivam louvor e alegria. Mas, por outro lado, o facto que ninguém podia ser encontrado para abrir o livro selado com os sete selos, foi causa da maior tristeza e profunda preocupação. Elas podiam estar felizes por uma situação, mas tristes por outra.

O quer isto dizer?

Uma poderosa ajuda na nossa compreensão deste problema é a lei da causa e do efeito. Este é o princípio que, enquanto as qualificações não forem alcançadas e as condições satisfeitas, os resultados finais desejados não serão alcançados. Por outras palavras, o livro não podia ser aberto até Cristo ter sido o Cordeiro morto, e Ele não podia realmente ser o cordeiro morto antes de se ter sacrificado no Calvário.

Este avanço da causa para o efeito é poderosamente ilustrado nos serviços do santuário do Velho Testamento onde a obra começava com o sacrifício da vítima animal no pátio; o pátio era o símbolo da Terra. Sendo isto assim, a fim de manter a verdade do antítipo, Cristo tinha que ser crucificado na Terra. E assim foi.

Outra vez, no tipo do Velho Testamento, era somente quando o serviço no pátio estava totalmente acabado que o sacerdote podia avançar para o primeiro compartimento do santuário. Assim era no antítipo. Nenhum ministério salvador da divina graça podia ser aplicado em favor do pecador enquanto o serviço no pátio não estivesse realizado. Semelhantemente não podia haver serviço no lugar santíssimo enquanto os serviços no lugar santo não tivessem sido completados na Terra e no Céu.

Neste ponto é necessário uma palavra qualificada, porque aquilo que foi lido no parágrafo anterior podia levar à conclusão que todos aqueles que morreram até ao início do ministério de

Cristo no primeiro compartimento do santuário celestial, não podiam ser salvos, ou tinham que ser salvos de alguma outra maneira que não pela fé no evangelho.

Há os que de facto tomam a posição que todos os que foram salvos até à cruz, viveram durante o período de dispensação da observância da lei, enquanto os que viveram desde então, têm vivido durante o reino da graça. Esta é a triste doutrina chamada “Dispensionalismo”.

O facto é que todos os que pertencem ao povo de Deus, tenham vivido antes ou depois da cruz, são salvos da mesma forma — pela fé. A única diferença é que os que viveram antes, repousaram num Salvador que havia de vir, ao passo que os que viveram depois, confiaram num Salvador que tinha vindo. Onde quer que a cruz esteja colocada, não faz diferença para a eficácia da provisão de Deus para a salvação do homem.

Precisamos compreender que o santuário e os seus serviços são destinados a revelar o que teve lugar na Terra e no Céu entre a cruz e a restauração de todas as coisas à condição edénica e glória. Por outras palavras, enquanto a luz da revelação do poder de Deus do Velho Testamento que operava para restaurar no homem a imagem perdida de Deus, é clara e poderosa, é grandemente glorificada pelos testemunhos do Novo Testamento.

Isto não significa que desprezemos e rejeitemos o Velho Testamento, pois isso seria um erro da mais imensa proporção.

“A história da vida, morte, e ressurreição de Jesus, como Filho de Deus, não pode ser completamente demonstrada sem as evidências contidas no Velho Testamento. Cristo é revelado no Velho Testamento tão claramente como no Novo. Um testifica de um Salvador que havia de vir, enquanto o outro testifica de um Salvador que já *veio* no modo predito pelos profetas. A fim de apreciar o plano da redenção, as Escrituras do Velho Testamento devem ser profundamente compreendidas. É a glorificada luz do passado profético que revela a vida de Cristo e os ensinamentos do Novo Testamento com clareza e beleza. Os milagres de Jesus são uma prova da Sua divindade; mas as provas mais fortes que Ele é o Redentor do mundo são encontradas nas profecias do Velho Testamento comparadas com a história do Novo. Jesus disse aos judeus ‘Examinai as Escrituras; porque cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam;’ Nessa altura não havia outra Escritura em existência senão o Velho Testamento; assim a injunção do Salvador é clara.” *The Spirit of Prophecy* 3:211, 212.

“Abraão foi tão verdadeiramente salvo pela fé em Cristo como o pecador é salvo pela fé em Cristo hoje em dia.” *Mensagens Escolhidas* 3:195.

Voltemos agora ao nosso estudo daquilo que João viu, relatado em *Apocalipse* 4 e 5, e que tem uma directa implicação com a abertura do livro de *Daniel*. Como já foi notado neste capítulo, aquilo que João primeiramente viu no Céu foi a porta aberta que revelou Deus o Pai no Seu papel de Criador fazendo a Sua obra através do Seu Filho, Jesus Cristo, e o Espírito Santo.

“... Desde o poderoso leviatã que folga entre as águas, até o minúsculo insecto que flutua no raio solar...” *Patriarcas e Profetas*, 35, toda a parte da obra criada por Deus é uma expressão do Seu carácter de beneficência e amor. Sua era a perfeição de governo que abriu a todos os Seus súbditos, a plenitude em santidade, prazeres isentos de pecado, ilimitado desenvolvimento, e acesso a tudo o que o vasto armazém de conhecimento oferecia.

Será agora mostrado que, em consequência do levantamento de Lúcifer, o anjo rebelde, houve um tempo em que Deus o Pai eterno, enfrentando uma terrível crise, esteve perto de fechar a porta para sempre. Será então visto que, se isso tivesse acontecido, o Pai teria traído o Seu carácter de Criador *cheio de amor*, teria demonstrado que não se podia confiar n’Ele para se negar a Si próprio não importasse qual fosse o custo, tornar-se-ia naquilo que Satanás dizia que Ele era — um destruidor, não um restaurador, e Cristo nunca Se teria oferecido como um sacrifício salvador. Isto teria significado que o livro ter-se-ia mantido fechado com sete selos, porque não teria havido Cordeiro com poder e capacidade para quebrar os selos e abrir o livro.

Isto sugere a possibilidade que, tivesse Deus feito outra escolha, então esta porta nunca teria sido aberta, uma eventualidade da mais grave consequência para aqueles que seriam salvos do pecado e da destruição eterna.

Esta era uma possibilidade muito real, porque, se Deus o Pai tivesse falhado em sair do lado certo da Sua crise pessoal, como bem podia ter acontecido, essa porta teria sido fechada para sempre. Então nenhum dos acontecimentos descritos no livro de *Daniel* que estavam marcados para acontecerem assim que o grande conflito começasse, podiam ter-se realizado. Precisamos apreciar muito mais do que fazemos o facto que a total e permanente vitória para Deus e Seu Filho no plano da salvação não era uma simples inevitável conclusão. Cristo e o Seu Pai como nossos Salvadores não estavam agindo segundo um guião tal como os actores numa peça em que o escritor controla todo o resultado. Eles podiam ter falhado, e chegaram bem próximo, muito próximo de o fazer.

O próprio Jesus chegou perto de nunca se tornar o Ser incarnado, em cujo caso a raça humana teria sido abandonada à sua sorte. Compreendemos isto no seguinte testemunho:

“A tristeza encheu o Céu ante a realidade de que o homem se perdera e que o mundo que Deus havia criado se encheria de mortais condenados à miséria, enfermidade e morte e que não havia meio de escape para o ofensor. Toda a família de Adão tinha que morrer. Vi então o amorável Jesus e contemplei em Seu semblante uma expressão de simpatia e pesar. Logo vi-O aproximar-Se da inexcédível luz que envolvia o Pai. Disse o meu anjo assistente: ‘Ele está em conversa íntima com Seu Pai.’ A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus estava em comunhão com Seu Pai. Três vezes Ele foi envolvido pela gloriosa luz em torno do Pai, e na terceira vez Ele veio do Pai e pudemos ver Sua pessoa. Seu semblante estava calmo, livre de toda perplexidade e angústia, e brilhava com uma luz maravilhosa que palavras não podem descrever. Ele fez então saber ao coro angélico que se abria um caminho de escape para o homem perdido; que estivera pleiteando com o Pai, e obtivera permissão de dar Sua própria vida como resgate para a raça, de levar os seus pecados, e receber sobre Si a sentença de morte, abrindo desta maneira caminho pelo qual pudessem, mediante os méritos do Seu sangue, encontrar perdão para as transgressões passadas, e mediante a obediência ser levados de volta ao jardim do qual haviam sido expulsos. Então poderiam ter acesso ao glorioso, imortal fruto da árvore da vida a que tinham perdido todo o direito.” *Primeiros Escritos*, 126

Antes do pecado ter aparecido, o Pai, o Filho, e o Espírito Santo, previram que a perfeita harmonia do Céu seria quebrada pelo levantamento da rebelião, de acordo com a sua infinita sabedoria e amor, decidiram o perfeito plano de salvação para solucionar o problema quando ele aparecesse.

Nessa altura, cada um dos três acordou preencher um papel vital, cada um dos quais sabia na Sua onisciência o infinito custo que teriam de pagar quando ele chegasse. Exactamente ali naquele momento, um ou todos podiam ter decidido que o custo pessoal seria demasiado grande e podiam ter recusado pagar o preço. Mantende em mente que o Trio celestial não era obrigado a levar a cabo a execução do plano da salvação, nem isso podia acontecer. O Seu sacrifício tinha que ser voluntariamente feito no absoluto sentido dessa palavra. Nem a mais pequena pressão de qualquer tipo podia ser um factor na formação da Sua decisão.

Portanto aconteceu que, na infinitamente distante eternidade do passado, o plano da salvação para o resgate dos seres criados que tinham caído em pecado, foi formulado e depois mantido pronto para ser posto em operação no momento de necessidade.

Quando esse momento chegou, o segundo grande momento de crise foi colocado perante o Trio celestial. Não estou a referir-me à rebelião de Lúcifer, embora essa fosse uma grande crise, mas à outra crise, aquela em que a sorte da humanidade tremeu no balanço quando o Pai lutou com a questão se deixaria perecer o pecador, ou permitiria o Seu Filho sacrificar-Se a fim de o salvar. Recordai que o primeiro foi quando o plano foi formado muito tempo antes de aparecer

a necessidade, e o segundo aconteceu quando se tornou necessário levá-lo à prática. O segundo chegou como um teste que demonstraria que mesmo para Deus, uma coisa é fazer um solene concerto em tempo de paz, mas outra totalmente diferente manter a promessa quando a pressão está bem presente.

Por exemplo, hoje, nos tempos relativamente calmos antes do estabelecimento mundial da imagem da besta, quando não há grande pressão sobre nós, uma coisa é prometer que seremos fiéis a Deus quando a imagem da besta estiver estabelecida, mas será uma coisa totalmente diferente manter a promessa sob as pressões da perda de todas as coisas, quando formos os alvos das mais severas perseguições, e acharmos a morte o preço que parece termos que pagar.

Esta é uma experiência que mesmo o próprio Pai eterno teve que passar, porque foi uma luta para Ele manter-Se firme do lado da promessa que tinha feito em tempos de paz, e dar permissão ao Seu Filho para avançar com o plano da salvação agora na sua realidade, em todo o seu terrível horror, estava Ele a enfrentá-lo.

“Disse o anjo: ‘Pensais que o Pai entregou o bem-amado Filho sem luta? Não, não’ Foi de facto uma luta para o Deus do Céu decidir se deixaria perecer o homem culpado ou daria o Seu querido Filho para morrer por eles.” *Primeiros Escritos*, 127.

Quando, com a entrada do pecado, chegou a crise à Terra, Deus o Pai achou-Se envolvido numa incrível luta. O grande poder do amor pelo Seu amado Filho lutou contra o Seu infinito amor pela humanidade condenada. Mais um factor a favor duma decisão em defesa do resgate dos pecadores da morte eterna, reside em Ele já se ter comprometido a pagar o preço para a nossa salvação, mas a questão era se Ele honraria esse compromisso ou ignorá-lo-ia?

Que tremenda luta deve ter sido essa! Não foi, sob quaisquer circunstâncias, um acto como numa representação onde o resultado é determinado pelo escritor da peça. Nem Deus era incapaz de quebrar o Seu concerto com o Filho e o Espírito Santo. Se tivesse sido impossível Deus ter mudado de ideias, então nunca teria sido uma luta, porque o resultado teria sido uma conclusão que já se sabia de antemão.

É verdade que Deus disse que nunca muda, mas esta é uma declaração da Sua condição depois de se ter entregue a Si próprio para manter a Sua palavra sob as maiores pressões possíveis. Somente depois deste compromisso estava Ele selado contra a mudança e portanto contra o pecado, e podia dizer de Si próprio, “Eu sou o Senhor, não mudo.” *Malaquias* 3:6, e também, “Deus não pode ser tentado pelo mal.” *Tiago* 1:13.

Neste contexto temos um interessante ponto em que os anjos creram que Deus podia mudar. Caso contrário, não teriam ficado *intensamente ansiosos* de cada uma das três vezes que o amado Filho de Deus entrou na intensa luz que brilhava da pessoa do Pai. Notai as palavras outra vez:

“A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus estava em comunhão com Seu Pai.” *Primeiros Escritos*, 126.

Devemos dizer aqui que apesar do facto dos anjos crerem que Deus podia mudar não é prova que Ele o fizesse, pois os anjos nem sempre compreendiam Deus. Todavia, é do mesmo modo um facto interessante.

O propósito da entrada do Salvador uma vez após outra à presença do Pai era obter “... *permissão* de dar Sua própria vida como resgate para a raça, de levar os seus pecados, e receber sobre Si a sentença de morte, abrindo desta maneira caminho pelo qual pudessem, mediante os méritos do Seu sangue, encontrar perdão para as transgressões passadas, e mediante a obediência ser levados de volta ao jardim do qual haviam sido expulsos”. *Primeiros Escritos*, 126. (Itálico acrescentado.)

A total entrega à Ordem Evangélica teria impedido Cristo de prosseguir com o plano da salvação sem a permissão do Pai. Por essa razão, estava Cristo tão dependente do Seu Pai durante a Sua encarnação, que o Salvador não podia ter com sucesso levado a cabo a salvação da raça humana sozinho.

“Em todas as Suas obras divinas, o Redentor do mundo declara, ‘Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma.’ ‘Este mandamento recebi de Meu Pai.’ João 5:30; 10:18. Tudo o que Eu faço é em cumprimento do conselho e vontade do Meu Pai celestial. A história da vida diária de Jesus na Terra é o relato exacto do cumprimento dos propósitos de Deus em relação ao homem. Sua vida e carácter foram a revelação ou representação da perfeição de carácter que o homem tem que alcançar tornando-se participante da natureza divina, e vencer o mundo através dos conflitos diários.” *The Faith I Live By*, 114.

Por conseguinte, Deus podia ter decidido não conceder permissão ao Seu amado Filho para dar a Sua vida em resgate da raça humana, mas, depois duma terrível luta, escolheu fazer o sacrifício pessoal. Desde essa altura, todos os recursos do Céu foram colocados em movimento para efectuar a salvação dos milhões que aceitassem este dom.

Até à altura do desafio montado por Lúcifer contra o governo divino, os anjos e os habitantes dos mundos não caídos nunca questionaram o carácter de Deus; e nunca duvidaram da Sua veracidade; não tiveram a mais pequena ansiedade a respeito da Sua absoluta justiça, integridade, e abnegado amor; e tiveram perfeita confiança em todas as Suas decisões e acções. O sistema governamental do Céu correu com perfeita suavidade e sem fricção de qualquer tipo, enquanto fluía para o Pai, Filho, e Espírito Santo, como Criadores, mas não como Salvadores, o contínuo louvor e inegável gratidão. Que glorioso cântico era esse enquanto onda atrás de onda de arrebatamento fluía para os autores de tão grande perfeição. O carácter de Deus deu aos anjos e aos habitantes do universo motivo de inexprimível alegria à medida que crescia o conhecimento da perfeição da criação e governo que o controlava.

Impressionante como era este cântico espontâneo dos anjos, ainda não era o louvor gerado pelo conhecimento do plano da salvação. Os anjos e os habitantes do universo não podiam louvar e não louvaram a Deus por aquilo que não conheciam, e é evidente que o plano da salvação ainda não lhes tinha sido revelado porque não havia sido necessário. Notai cuidadosamente a sequência dos acontecimentos no testemunho que se segue:

“A ansiedade dos anjos parecia ser intensa enquanto Jesus estava em comunhão com Seu Pai. Três vezes Ele foi envolvido pela gloriosa luz em torno do Pai, e na terceira vez Ele veio do Pai e pudemos ver Sua pessoa. Seu semblante estava calmo, livre de toda perplexidade e angústia, e brilhava com uma luz maravilhosa que palavras não podem descrever. Ele fez então saber ao coro angélico que se abria um caminho de escape para o homem perdido; que estivera pleiteando com o Pai, e obtivera permissão de dar Sua própria vida como resgate para a raça...” *Primeiros Escritos*, 126.

A sequência é a seguinte:

1. O Salvador foi envolvido pela gloriosa luz que rodeava o Pai.
2. Depois de sair a terceira vez, o Seu semblante brilhava com um brilho que palavras não podem descrever.
3. *Então*, Jesus anunciou a existência e estrutura do plano da salvação — o caminho de escape para o homem culpado.

Este testemunho torna claro que o plano da salvação não tinha sido revelado aos anjos sem pecado, nem por seu lado aos homens pecadores, até surgir a necessidade para ele solucionar o problema do pecado. Então, uma vez que surgiu a necessidade, a solução, agora que se tinha feito conhecer, começou a ser compreendida. Inevitavelmente, o carácter de Deus brilhou mais com maior beleza, poder, e excelência do que alguma vez antes. Isto extraiu dos anjos a correspondente resposta. Eles cantaram em louvor a Deus como nunca haviam cantado antes, agora não apenas em apreciação do poder e perfeição do Pai, do Filho, e do Espírito Santo como Criadores, mas adicionalmente, cantaram a sua maravilha, admiração, e deleite quando contemplaram o amor da Divindade no oferecimento para salvar a raça humana, não importasse o custo que isso pudesse ter para Si.



“Então alegria, alegria inexprimível, encheu o Céu, e o coro celestial cantou um cântico de louvor e adoração. Eles tocaram suas harpas e cantaram com mais entusiasmo que jamais haviam cantado, por causa da grande mercê e condescendência de Deus em entregar o Seu Filho querido para morrer pela raça rebelada. Então louvor e adoração se derramaram pela abnegação e sacrifício de Jesus em consentir deixar o seio de Seu Pai, e escolher uma vida de sofrimento e angústia, e uma morte ignominiosa, a fim de que pudesse dar vida a outros.” *Primeiros Escritos*, 126, 127

Não era que Deus não tivesse opções alternativas para resolver o problema do pecado. Uma destas seria o extermínio de todos aqueles que ousaram ultrapassar a linha, e de facto, isto é o que os anjos realmente esperavam que Ele fizesse como está escrito:

“Com intenso interesse, os mundos não caídos observavam para ver Jeová levantar-Se e assolar os habitantes da Terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 34.

Se Deus tivesse escolhido esta solução, o resultado teria sido a introdução de um reino déspota. Qualquer que ousasse rebelar-se seria cruelmente eliminado de um reino baseado numa governação mantida pela instilação do medo nos corações dos seus súbditos.

Permiti que resuma os pontos discutidos neste capítulo até agora.

É claro então que o Pai Eterno chegou muito perto de recusar a concessão da permissão para o Seu Filho se tornar o sacrifício pelo qual a humanidade podia ser salva. Se Ele o tivesse feito, a longa série de vitórias para a causa da verdade, que estavam profetizadas para acontecerem entre a queda e a cruz do Calvário, nunca se teriam realizado.

Todavia, Deus o Pai fez a escolha correcta, e tão certo como Ele ganhou a Sua grande vitória pessoal, assim seguramente se confirmou a firme abertura da porta no Céu. Pensai precisamente na diferença que essa vitória trouxe à história que, correctamente compreendida, é a revelação dos triunfos do plano da salvação.

E pensai na diferença que essa importantíssima decisão fez aos cânticos dos anjos. Antes da queda quando não havia dúvida a respeito do carácter de Deus ou da administração das Suas leis inteiramente justas, os anjos tinham-se arrebatado por aquilo que conheciam de Deus como seu Criador. Tão inspirados estavam que Lhe cantavam continuamente.

Seria bom para nós se estivéssemos colocados fisicamente onde, tal como os anjos, pudéssemos ver estas maravilhas da perfeição e poder por nós próprios pessoalmente. Ao mesmo tempo, necessitaríamos de possuir as capacidades para compreender realmente a beleza e perfeição da criação e governo de Deus tal como eles eram antes da queda do homem, e antes da revelação do plano da salvação ter sido feita. Uma vez alcançado isso em qualquer grau, então, tal como os anjos, irromperíamos em contínuo louvor e gratidão pelo nosso querido Pai celestial.

Mas, quando o Pai ganhou a Sua imensa batalha pessoal Consigo mesmo, e o plano da salvação foi desvendado perante a arrebatada contemplação dos anjos, então cantaram como nunca haviam cantado, embora ainda tivesse que vir a abertura do livro de *Daniel* que não podia ter tomado lugar até Cristo ter alcançado a mesma vitória sobre Si próprio como a que o Pai obteve.

Foi quando alcançou essa vitória, não antes, que o Cordeiro se qualificou para quebrar os selos do livro de *Daniel*. A abertura desse livro será o assunto do nosso próximo capítulo.

## Capítulo 4

# O Cordeiro Quebra os Selos do Livro de Daniel

**N**o capítulo anterior, vimos claramente que apenas depois da mais terrível luta consigo próprio, Deus o Pai deu o Seu consentimento pessoal ao Seu amado Filho para Se sacrificar a fim de salvar este mundo e todos os seus habitantes amaldiçoados pelo pecado. A força mais poderosa que existe — o Seu infinito amor pelo Filho — estava a lutar para proteger o Seu unigénito duma sorte tão terrível como aquela que O esperava caso se tornasse a propiciação da raça caída.

O Altíssimo, Omnisciente compreendeu perfeitamente o tremendo custo que o Seu Filho tinha que pagar — a rejeição, a perseguição, a zombaria, o escárnio, a má interpretação, o horror da grande treva que viria sobre Ele, e muito mais de coisas piores, o abismo profundo de separação que aparentemente se colocaria entre Eles para sempre.

Nós temos apenas os mais vagos conceitos das terríveis agonias pelas quais o Seu Filho teria que passar; do profundo, tenebroso, misterioso pavor que envolveria o Seu ser, e do peso do pecado que pesando sobre Ele tiraria a Sua vida. Não foram os judeus nem os romanos que mataram o nosso Salvador, mas o próprio pecado foi o Seu executor.

Somente passando tanto quanto formos pessoalmente capazes de experimentar as agonias de Cristo, poderíamos ter uma pequena ideia de quais foram os sofrimentos de Cristo, mas o Seu Pai conhecia tudo até à última partícula de perda, angústia, manto de trevas e indescritível sofrimento.

“Se os mortais pudessem ter testemunhado o assombro das hostes angélicas quando, em silenciosa dor, observaram o Pai retirando do Seu bem amado Filho os raios de luz, amor e glória, compreenderiam melhor como o pecado é ofensivo aos Seus olhos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 752.

Acerca desse terrível sentido de separação de Deus que Cristo sofreu também está escrito:

“Mas agora, com o terrível peso de culpa que suporta, não pode ver a face reconciliadora do Pai. O afastamento do semblante divino, do Salvador, nesta hora de suprema angústia, penetrou-Lhe o coração com uma dor que o homem nunca poderá compreender. Esta agonia era tão grande, que Ele mal sentia a dor física.” *O Desejado de Todas as Nações*, 817.

Em *O Desejado de Todas as Nações*, 745-821, é feita uma pormenorizada e vívida descrição da terrível aflição pela qual Cristo devia passar. Ali vemos vagamente nos acontecimentos que já se passaram, aquilo que Deus claramente compreendeu antes de qualquer deles suceder. Quanto mais perto chegarmos da obtenção de um conceito verdadeiramente realista daquilo

que aconteceu, melhor preparados estaremos para compreender aquilo que o Pai eterno passou na Sua tremenda luta a respeito do destino da humanidade. Quanto mais tomarmos positiva consciência de quão perto nós, membros da raça condenada, chegámos de ser deixados a perecer, mais profundamente gratos devemos estar pela abnegada escolha que o Pai fez.

Ao tomar essa decisão, Jeová abriu a porta para o futuro daquilo que ainda estava sob o Seu controlo, pelo menos até à ratificação do concerto proporcionado pela morte e ressurreição de Cristo. Para alcançar essa confirmação, outra decisão tinha que ser tomada por um membro da Trindade, desta vez por Jesus Cristo enquanto vestido da fraca, caída, pecaminosa, mortal carne e sangue.

De novo, isso envolvia uma luta de vida ou morte. Como antes, os anjos aguardavam em silente ansiedade o resultado que estabeleceria o reino da justiça, ou o destruiria para sempre.

Mas antes deste ponto da verdade ser explorado e desenvolvido ainda mais, permiti que dirija a vossa atenção para o facto que neste capítulo não estamos a estudar as grandes decisões que o povo de Deus teve que tomar de tempos a tempos a fim de preservar o plano da salvação, embora elas fossem vitalmente importantes e cruciais. O que estamos a considerar são as ocasiões em que as próprias Pessoas da Divindade tiveram que lutar para tomar decisões importantes para a vitoriosa sobrevivência do plano da salvação.

Durante milénios desde que a humanidade sucumbiu aos enganos de Satanás, não foram poucas as crises que ameaçaram a obra de Deus. Um exemplo destas crises foi o confronto de Esaú e Jacó em que Esaú, como agente de Satanás, estava determinado a exterminar toda a casa de Jacó, que por sua vez teria significado a aniquilação da semente através da qual Deus tinha declarado que o plano da salvação seria levado avante. Era através de Isaque e Jacó, não através de Ismael e Esaú, que a solução divina devia ser alcançada.

Nessa importante noite em que Jacó escolheu não confiar na espada, mas agonizar até alcançar a vitória à semelhança do seu Pai no Céu antes dele, a causa da verdade tremeu. Toda a semente de Abraão até essa altura estava reunida em dois grupos que não estavam muito espalhados, e tudo o que Satanás precisava fazer era matá-los a fim de quebrar a promessa de Deus de resgatar o perdido.

Pode ser argumentado que caso Abraão ou os seus filhos tivessem falhado em preservar a semente real, a semente da promessa, Deus teria dado a obra a outra família, exactamente como o fracasso do rei Saul levou à sua rejeição, e o seu lugar preenchido por outro, exactamente David.

Isso não é verdade, porque a introdução de dinastias que se substituíam não revela o que aconteceria se o Salvador falhasse. O facto é que enquanto um rei e a sua dinastia pode ser substituído, a posição e obra do Salvador não pode. Deus tinha apenas um Filho unigénito que podia oferecer para salvar o perdido, e, se Ele falhasse, assim também aconteceria ao plano da salvação. Deus não tinha uma reserva apesar da possibilidade de fracasso ser muito real e chegou terrivelmente perto de acontecer. Era uma situação de tudo ou nada.

Nós precisamos estar continuamente conscientes do facto que se Cristo tivesse falhado em cumprir a missão que Lhe foi apontada, tudo estaria perdido. Mesmo a escolha que o Seu Pai havia feito depois de ter lutado tão terrivelmente contra o Seu maravilhoso amor para com o Seu Filho, ter-se-ia tornado de nenhum efeito.

Quando Pai eterno passou pela tremenda luta que resultou na entrega do Seu Filho unigénito para sofrer e morrer pela raça caída, não pôs termo à necessidade da Divindade ser sujeita a grandes e terríveis lutas posteriores em que uma vez mais, a sorte da humanidade oscilaria. Essa ocasião foi quando, no Jardim do Getsêmane, o destino da humanidade dependia de um dos membros da Trindade, o Filho unigénito de Deus, ao entrar na presença do Seu Pai

três vezes a fim de suplicar que Lhe fosse poupada a responsabilidade de ser o sacrifício pelo qual o homem podia ser salvo. Acerca dessa terrível tentação, lemos como se segue:

“Voltando, Jesus tornou a procurar o Seu retiro, caindo prostrado, vencido pelo horror de uma grande treva. A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara — aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da fronte o suor de sangue, e deixar perecer o homem em sua iniquidade. Poderia dizer: Receba o pecador o castigo de seu pecado, e Eu voltarei para Meu Pai. Beberá o Filho de Deus o amargo cálice da humilhação e da agonia? Sofrerá o Inocente as consequências da maldição do pecado, para salvar o criminoso? Trémulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: ‘Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’

“Três vezes proferiu esta oração. Três vezes a Sua humanidade recuou perante o derradeiro, supremo sacrifício. Surge, então, a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os transgressores da lei, se forem deixados entregues a si mesmos, têm de perecer. Vê o desamparo do homem. Vê o poder do pecado. As aflições e lamentações de um mundo condenado erguem-se perante Ele. Contempla a sorte iminente dele e decide-Se. Salvará o homem custe o que custar da Sua parte. Aceita Seu baptismo de sangue, para que, por meio d’Ele, milhões de almas a perecer tenham acesso à vida eterna. Deixou as cortes celestiais, onde tudo é pureza, felicidade e glória, para salvar a única ovelha perdida, o único mundo caído pela transgressão. E não Se desviará da Sua missão. Tornar-Se-á a propiciação de uma raça que quis pecar. A sua prece agora respira apenas submissão: ‘Se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 751.

Pode argumentar-se que Deus e Cristo eram tão perfeitamente justos que seria impossível Eles fazerem compromisso para salvar os pecadores, e depois, quando chegasse a altura de enfrentar a realidade, recusarem-se a cumprir o concerto. Mas a perfeita justiça não elimina a liberdade de escolha. O evangelho não torna uma pessoa incapaz de pecar, mas torna-a capaz de não pecar.

Portanto, Deus podia ter escolhido não honrar o Seu concerto feito com Cristo e o Espírito Santo para salvar os condenados pecadores. Se Ele tivesse feito assim, contudo, com certeza teria agido injustamente, e portanto em pecado. Pode perguntar-se como e quando é que teria sido pecado para Ele ter exercido o Seu perfeito direito de escolher não salvar o perdido?

A resposta a esta pergunta é que justiça é o sacrifício do próprio ao serviço dos outros independentemente do custo para si mesmo, enquanto iniquidade é o serviço ao eu não importa o custo que isso tenha para outros. As vestes de Cristo estão salpicadas de sangue — o Seu próprio sangue;

As vestes de Satanás também estão salpicadas de sangue — o sangue de outros.

Tivesse o Pai eterno escolhido não permitir que Ele próprio e o Seu Filho se sacrificassem para a salvação dos perdidos, então teriam começado a operar de acordo com os princípios do reino das trevas, e o caminho percorrido pelos injustos. Embora toda a manifestação do resultado desta escolha não fosse imediatamente visível, mas levaria algum tempo a amadurecer, o resultado final seria tão terrível que não há palavras que o descrevam.

Mais ainda, a injustiça não seria totalmente destruidora de si mesma, porque Deus, tendo escolhido o caminho da injustiça, perpetuaria o pecado tornando-se um pecador imortal. A ideia que o pecado pudesse ser imortalizado é dada pelo facto que se Adão, depois de ter participado do fruto proibido, continuasse a comer da árvore da vida, ter-se-ia tornado um

pecador imortal.” *Patriarcas e Profetas*, 54. (Vede também *Primeiros Escritos*, 51, 125, 218; e *O Grande Conflito*, 533.)

Se pela participação da árvore da vida, o homem, incluindo o pecador, adquirisse imortalidade, então essa árvore tinha que ter em si mesma poder para perpetuar a vida. Contudo, ela não pode ser a fonte dessa vida, mas pode apenas ser o canal entre Deus a Fonte e o recebedor humano. Mesmo assim, embora a árvore da vida transmita salvação da morte, ela não pode dar a salvação do pecado. Apenas um ser pode ocupar essa posição e Ele é Jesus Cristo:

“E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do Céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Actos* 4:12.

“Disse-lhes Jesus; ‘Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.’” *João* 14:6.

É muito favorável para a humanidade que Deus tenha escolhido o sacrifício do Seu Filho no primeiro caso; e que, no segundo, Jesus tenha alcançado o Seu grande triunfo sobre as forças dentro e fora d’Ele, porque em virtude disto Ele foi capaz de confirmar ou validar aquilo que o Pai tinha escolhido fazer.

Isto tinha que ser assim porque o Pai não podia salvar a humanidade sem o Filho, e o Filho não podia salvar a humanidade sem o Pai.

Assim foi quando Cristo passou pela mesma agonizante luta no Getsêmane que o Seu Pai passou anteriormente quando foi levantada a questão se os pecadores deviam ser abandonados ou salvos. As duas experiências — as que o Pai e o Filho passaram — são muito semelhantes.

Nas duas ocasiões, Jesus apelou ao Seu Pai três vezes. Na primeira ocasião, Cristo procurou permissão para dar a Sua vida em resgate do perdido. Este foi o período em que o eterno Pai sofreu grandemente, e chegou perto de recusar o pedido. Na segunda, Cristo outra vez dirigiu os Seus rogos ao Pai Celestial, desta vez suplicando alívio dos Seus terríveis sofrimentos, e libertação da responsabilidade de pagar o preço da nossa redenção. Agora Ele desejava autorização, não para salvar a humanidade, mas abandoná-la à sua sorte, salvando-se assim a Ele mesmo de sofrer o supremo sacrifício.

Mas, tal como foi com o Pai, assim foi com o Filho, a vitória total foi ganha por viverem ambos pelo princípio altruísta do sacrifício de si próprio ao serviço dos outros sem ter em conta o custo que isso possa ter para si mesmo. Assim está escrito do nosso Salvador acerca do momento em que Ele afastou qualquer pensamento de preservação própria e se determinou a “Salvar o homem custe o que custar de Sua parte”. *O Desejado de Todas as Nações*, 751.

Embora na primeira ocasião o Filho não parecesse ser o Sofredor, na luta do Getsêmane:

“... Mas Deus sofreu com o Seu Filho. Anjos contemplaram a agonia do Salvador. Viram o seu Senhor circundado por legiões de forças satânicas, a Sua natureza vergada sob o peso de misterioso pavor O fazia tremer todo. Houve silêncio no Céu. Nenhuma harpa foi tocada. Se os mortais pudessem ter testemunhado o assombro das hostes angélicas quando, em silenciosa dor, observaram o Pai retirando do Seu bem amado Filho os raios de luz, amor e glória, compreenderiam melhor como o pecado é ofensivo aos Seus olhos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 752.

Vimos que a vitória ganha pelo Pai foi o meio pelo qual a Sua vontade foi a força controladora durante a era do Velho Testamento. Aquilo que Ele predisse que se passaria, aconteceu. Uma porta tinha sido aberta para o futuro. Isto continua a ser verdade mesmo apesar da igreja e seus membros sofrerem muitas derrotas bem como vitórias pelo caminho. Mas nenhuma destas vitórias podia ser a palavra final no grande conflito, e nenhuma daquelas derrotas também o foram.

Consequentemente, o período do Velho Testamento foi uma grande oportunidade para o povo de Deus, e a respeito disto por vezes ele correctamente tirou definida, louvável vantagem. Infelizmente, nem sempre eles levaram a batalha ao coração do campo inimigo, mas ficaram satisfeitos com uma realização parcial. Não obedeceram estritamente à ordem divina de primeiramente expulsar os cananitas totalmente dos seus próprios corações e depois da Terra Prometida. Uma e outra vez tiveram que regressar para acabar tarefas incompletas até Deus os informar que depois de um certo tempo, não mais seriam capazes como nação de estabelecer a justiça eterna. Se falhassem, como de facto sucedeu, a sua missão passaria para outras pessoas.

Todavia, Cristo nunca hesitou, nenhuma ocasião foi encontrada n'Ele em que necessitasse de voltar a traçar os Seus passos, e nunca deixou atrás de Si qualquer obra inacabada. Cada passo que avançava era um passo significativo. O primeiro grande passo em frente no Seu confronto com o problema do pecado, foi a obtenção do consentimento do Pai para Se sacrificar a fim de salvar a humanidade perdida. A segunda vez que passou por uma grande crise foi durante as longas horas entre o início da Sua agonia no Getsemâne e a Sua morte no dia seguinte na cruz. Os sofrimentos foram incríveis, mas assim foi o que se ganhou. A porta estava aberta; os serviços típicos foram substituídos pela realidade; e o livro que estava na mão de Deus foi aberto pelo Cordeiro. Tudo isto é maravilhosamente revelado em *Apocalipse* 5.

Enquanto João olhava para estas maravilhosas cenas, viu na mão direita de Deus "... um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos." Versículo 1.

Então surge a pergunta sobre quem é digno de abrir o livro e quebrar os seus selos? Em resposta verifica-se que "... ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele." Versículo 3.

Esta incapacidade universal para alcançar e ler as mensagens contidas nos sete selos, foram a causa de grande tristeza para João que o testemunhou ao reagir chorando abundantemente. "... Porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele." Versículo 4.

Em seguida vêm as alegres novas que eram, depois de tudo, uma solução para este problema muito grave. João disse:

"E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de David, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos." Versículo 5.

A atenção de João foi dirigida para o meio do trono, onde viu, não um majestoso e poderoso leão, mas um Cordeiro "... como havendo sido morto". Versículo 6. Esta humilde e mansa criatura "... Veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono". Versículo 7.

Quando isto aconteceu, as quatro criaturas vivas juntamente com os vinte e quatro anciãos prostraram-se perante o Cordeiro, e cantaram um novo cântico de glória, arrebatado louvor ao Cordeiro e Seus feitos na realização da salvação deles.

João ouviu, e descobriu as harmoniosas vozes de miríades de anjos unidos nesse glorioso tributo de louvor. Mas isso não é tudo, porque em adição, ele ouviu "... Toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há", unirem-se aos anciãos, criaturas viventes e anjos, no cântico em louvor a Deus e ao Cordeiro.

Tudo isto, deve ser recordado, foi visto e ouvido por João quando ele olhou através da porta que estava aberta no Céu que revelou os triunfos pessoais da Divindade no estabelecimento do reino para todo o sempre.

O notável livro, a compreensão do conteúdo que gerou esse glorioso cântico, não pode ser outro senão o livro de *Daniel*. Isto tem que ser verdade porque o livro de *Daniel* é o único livro nas Escrituras que foi selado. Apenas os livros selados podem ter os selos quebrados; somente as portas fechadas podem ser abertas.

Aquilo que foi aberto foram visões sobre o futuro. Em cada selo que foi quebrado, novos desenvolvimentos tiveram lugar nas lutas entre a justiça e a iniquidade como já foi revelado

através das visões dadas a Daniel o profeta. Mas, esses acontecimentos preditos apenas podiam realizar-se se Cristo ganhasse a batalha travada no Getsemâne e na cruz do Calvário.

Para ajudar na compreensão deste ponto, consideremos qual teria sido a história se o Pai e o Filho tivessem falhado em obter a vitória das suas batalhas pessoais no grande conflito. Não teria havido propiciação na cruz, e portanto, não havia ministério no primeiro compartimento do santuário celestial. E se nada acontecesse no primeiro compartimento, então por sua vez também nada teria sido feito no lugar santíssimo.

A última parte das setenta semanas dos 2.300 dias teriam permanecido um completo mistério, e nada do livro de *Apocalipse* teria sido escrito. A grande Reforma Protestante que foi inspirada pela verdade que a salvação não é obtida pelas nossas obras mas pela fé no sacrifício de Jesus, nunca podia ter acontecido. O grande movimento do segundo advento que teve e ainda tem um poderoso papel a desempenhar nas cenas finais do grande conflito, não teria sido sequer uma possibilidade. Nada de toda a luz e verdade acumuladas das quais nos satisfazemos hoje, estaria à disposição para nós neste tempo.

A muito elevada probabilidade seria que a humanidade e a Terra ter-se-iam destruído antes disto. Uma coisa é certa, é que não teria havido Cordeiro morto para abrir o livro e tirar os selos sobre o futuro, a não haveria alegria no Céu, nem cânticos de louvor, e para ninguém haveria salvação. Uma terra desperdiçada, deserta, enegrecida seria tudo o que em breve restaria deste globo.

Então a promessa contida nos testemunhos citados no primeiro capítulo destes estudos nunca poderiam ter sido cumpridas. Permitti que os cite de novo:

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o carácter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração.” *Testemunhos para Ministros*, 114.

“Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro para nós significa, ver-se-á entre nós grande reavivamento. Não compreendemos plenamente as lições que ele ensina, não obstante a ordem que nos é dada é de examiná-lo e estudá-lo.” *Testemunhos para Ministros*, 113. (Itálico acrescentado.)

Então “... Terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente”, e “... ver-se-á entre nós grande reavivamento”.

Deixai que coloque perante vós uma versão revista de trechos destes testemunhos à medida que são lidos quando aplicados às quatro criaturas viventes, os vinte e quatro anciãos, os anjos, e os habitantes do universo.

“Quando os habitantes sem pecado do Céu compreenderam para si o significado destes livros, houve entre eles um grande reavivamento que foi revelado num grande despertar espiritual, contudo, não no sentido do movimento da morte para a vida, mas na elevação da vida para vida maior.”

Examinemos agora as cenas retratadas em *Apocalipse* 4 e 5 para ver se estas coisas são assim.

Quando estes habitantes que estão na presença de Deus nos são apresentados no primeiro caso, são vistos desfrutando de uma experiência espiritual tão rica e vital que estão continuamente louvando a Deus tanto em palavras como em acções. Mas chegou o tempo em que o seu conhecimento do ministério do Cordeiro se mostrou tão deficiente, relativamente falando, que ninguém da vasta multidão foi capaz de compreender como é que o livro devia ser revelado, não conheciam ninguém que pudesse quebrar os seus selos, ou compreendiam qual era o seu conteúdo. No entanto, é claro que quando o drama do Cordeiro a tratar do problema

ficou claro aos seus olhos, então as grandes e solenes verdades de *Daniel* e *Apocalipse* foram reveladas perante eles.

Então aconteceu que chegaram à compreensão daquilo que as mensagens daqueles grandes profetas, Daniel e João, significavam para eles, e absolutamente maravilhosa foi a acentuada, intensificada experiência que os iluminou, e seguiu-se o grande reavivamento de uma vida para outra maior. Antes de chegar esta luz, eles cantavam, é verdade, mas depois dela ter chegado, cantaram um novo cântico tal como nunca haviam cantado antes. Vede *Apocalipse* 5:9-14. Isso foi uma expressão do mais elevado louvor pelos feitos executados pelo Cordeiro morto desde a fundação do mundo. Apenas podia ser cantado na intensidade e veracidade em que foi, só por aqueles cujos olhos foram abertos, e cujos ouvidos se tornaram sensíveis para ouvir os profundos mistérios da verdade viva de Deus. Eles cantaram como aqueles que vêem com complacente compreensão quão perto o Pai e o Filho chegaram de os abandonar exactamente quando mais precisavam d'Eles. Compreenderam como nunca antes, que o reino de Deus foi salvo da destruição, e como os seus lugares nesse reino foram preservados por toda a eternidade.

A realidade e perfeição da sua libertação foi maravilhosa aos seus olhos, o carácter de Deus foi revelado em tal abnegada beleza, e Seu poder manifestados em tão grande vitoriosa magnitude, que extraiu daqueles miríades seres sem pecado os mais gloriosos cânticos de louvor que jamais se ouviu a seres criados. Tinham visto o que *Daniel* significava para eles e tinha sido gerado neles uma nova grande onda de inspiração.

O que aconteceu no Céu aos habitantes sem pecado quando os selos de *Daniel* foram quebrados para eles, foi a revelação daquilo que teve lugar na experiência pessoal daqueles filhos de Deus na Terra para quem também o livro de *Daniel* se tornou um livro aberto. Para eles tal como foi notado no primeiro capítulo desta série, foi a promessa de um grande reavivamento uma vez que compreenderam os livros de *Daniel* e *Apocalipse*.

Este é o objectivo destes estudos — ao quebrar assim os selos destas duas maravilhosas apresentações do evangelho de Jesus, para que os crentes experimentem um grande reavivamento e sejam abençoados com uma experiência inteiramente diferente daquela que agora possuem. Possa esse propósito ser gloriosamente cumprido nos verdadeiros filhos de Deus hoje.



# Capítulo 5

## Paralelos

**H**á muito mais a aprender de *Apocalipse* 4 e 5 do que o revelado pelo nosso estudo até aqui, e muito mais luz brilhará dos capítulos ainda por escrever nesta série de estudos. Contudo, por agora, o primeiro propósito do nosso estudo daqueles dois capítulos foi alcançado, nomeadamente que, embora as profecias registadas no livro de *Daniel* estivessem seladas na altura em que foram dadas, tinha chegado a hora em que elas estavam mais abertas do que nunca.

Por outras palavras, as boas novas é que o livro de *Daniel* tinha sido aberto. Esta é uma certeza muito valiosa e confortante para nós, porque a informação contida neste livro, juntamente com *Apocalipse*, está especialmente registada para os que de nós vivem nestas horas finais da história da humanidade.

“A luz que Daniel recebeu de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias. As visões que ele viu às margens do Ulai e do Hidéquel, os grandes rios de Sinear, estão agora em processo de cumprimento, e logo ocorrerão todos os acontecimentos preditos.” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 113.

Aqueles que já têm o largo conhecimento destes dois livros estarão bem conscientes que estas profecias estão muito claramente a ser cumpridas no presente, exactamente como foram preditas. As nações estão a alinhar-se ao lado do homem do pecado na preparação para o confronto final contra os princípios da verdade e da justiça. Com grande clareza o resultado é mostrado que será uma completa e eterna derrota para as forças das trevas, e o eterno triunfo do Príncipe da Paz. O final está a chegar com rapidez e certeza. Aprontai-vos para ele!

Para compreender correctamente o conteúdo dos dois livros, é-nos dito:

“Considera as circunstâncias da nação judaica quando as profecias de Daniel foram dadas. Os israelitas estavam em cativeiro, o templo havia sido destruído, seus serviços rituais suspensos. A religião deles centralizava-se nas cerimónias do sistema sacrificial. Havia feito da forma exterior algo da máxima importância enquanto tinham perdido o espírito do verdadeiro culto. Seu culto estava corrompido com tradições e práticas do paganismo, e na realização dos ritos sacrificais não olhavam além da sombra da substância. Não discerniam a Cristo, a Verdadeira Oferta pelos pecados dos homens.” *Olhando para o Alto*, 155.

Nós não seríamos levados a olhar para as circunstâncias da nação judaica a menos que a sua situação como povo fosse o estabelecimento importante ou o contexto da mensagem de *Daniel*. Será verificado que a condição das igrejas apostatadas de hoje é uma repetição da corrupção espiritual da nação judaica nos dias de Daniel. Podemos traçar um paralelo entre as circunstâncias de cada um, e também podemos traçar um caminho paralelo no qual eles chegaram à sua deplorável condição espiritual e física. Precisamos estar profundamente

familiarizados com este e outros paralelos entre os judeus e as suas modernas equivalências. É muito seguro dizer que ignorar a relação dos acontecimentos do passado com os modernos que são o seu paralelo, deixa uma pessoa lamentavelmente deficiente na compreensão das mensagens de Deus enviadas através de Daniel o profeta as quais recebeu de Gabriel.

O estudo dos paralelos é um meio extremamente importante para o discernimento do desenvolvimento do progresso do grande conflito. A sua segurança como um meio para transmitir verdades é garantido porque a história se repete a si própria. É uma grande forma de profecia. Não só repete o passado em cada pormenor, como segue verdadeiramente os princípios vitais com predizível certeza. Se há qualquer dúvida na vossa mente acerca disto, considerai o testemunho seguinte e outros que se seguirão:

“A obra de Deus na Terra apresenta, século após século, uma surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do passado, e a experiência da igreja nos séculos antigos encerra lições de grande valor para o nosso tempo.” *O Grande Conflito*, 342.

Uma razão pela qual os paralelos são tão exactos e predizíveis é que:

“Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos.”

Se há algo em que possamos confiar, é que servimos um imutável Deus. Acontece assim que quando estamos numa certa situação, temos apenas que encontrar o que Deus fez por alguma outra pessoa ou nação numa situação semelhante, para saber aquilo que Ele fará por nós. Deus é absolutamente consistente a respeito disto como é confirmado por testemunho após testemunho nas Escrituras. À medida que nos lançarmos cada vez mais profundamente no nosso estudo, aprenderemos mais dos vários exemplos claros acerca disto. Compreender esta maravilhosa dependência do todo-poderoso Deus para reagir numa forma consistente, dá-nos uma confiança n’Ele sempre crescente como um grande Guia do Seu verdadeiro povo.

Lemos a seguinte frase da citação anterior:

“Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do passado ....”

À medida que prossigamos, precisaremos de identificar quantos importantes movimentos do passado havia na altura em que as profecias foram dadas, e exactamente quais os movimentos do presente que são os antítipos dos movimentos do passado.

Mas primeiramente, devo apresentar suficiente evidência embora não exaustiva para confirmar que esses paralelos são autênticos guias para corrigir a compreensão da profecia bíblica. Isto é especialmente necessário porque há sinceros estudantes da Bíblia que têm considerável dificuldade em compreender que a história realmente se repete a si mesma, e que os importantes movimentos do presente têm o seu paralelo no passado. Além disso, aqueles que não aceitam mas se opõem à verdade presente, não vêem qualquer luz nos paralelos, mesmo assim as evidências em que se baseiam são muito conclusivas.

Por exemplo, está claramente escrito que Deus tirou Israel do Egipto do mesmo modo como mais tarde levou o povo do advento para fora de Babilónia. Este paralelo é confirmado na citação seguinte:

“A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas. Deus guiou Seu povo no movimento adventista, assim como guiara os filhos de Israel ao saírem do Egipto. No grande desapontamento fora provada a sua fé, como o foi a dos hebreus no Mar Vermelho. Houvessem ainda confiado na mão guiadora que com eles estivera em sua experiência anterior, e teriam visto a salvação de Deus. Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, o Senhor teria poderosamente operado por seus esforços. Caudais de luz ter-se-iam derramado sobre o mundo. Haveria anos que os habitantes da Terra teriam sido avisados,

a obra final estaria consumada, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.” *O Grande Conflito*, 457.

As duas histórias, a do povo hebreu e do povo adventista, são com certeza uma série de acontecimentos semelhantes ou, por outras palavras, um notável paralelo histórico. A saída dos judeus do Egito, é semelhante à saída de Babilónia do povo do advento em 1844.

Ambas foram seguidas de uma prova da fé — para os hebreus foi a travessia do Mar Vermelho; para os adventistas foi a sobrevivência ao grande desapontamento.

O grande acontecimento seguinte para os hebreus foi o recebimento dos dez mandamentos no Monte Sinai, seguido pela chegada a Cades-Barneia onde foram colocados à entrada da terra prometida.

Portanto, sucedeu que depois do grande desapontamento, o povo do advento recebeu o grande princípio central da lei que foi o repouso do sétimo dia, juntamente com as reformas da saúde, do vestuário, e outras grandes reformas. A seguir a isto, em Minneapolis, Minnesota, nos anos 1888-1893, foi-lhes oferecida a justiça pela fé em verdade, o meio pelo qual ficariam preparados para a participação no grande segundo advento, mas, como os hebreus perderam a sua oportunidade de entrar em Canaã por causa da sua incredulidade, assim, do mesmo modo o povo do advento perdeu o seu encontro com o destino. O grande segundo advento tem estado gravemente atrasado por cerca de um século desde Minneapolis.

Depois de um longo período de vagueamento no deserto, os hebreus foram trazidos de volta a Cades-Barneia para a segunda tentativa de entrada em Canaã, mas uma vez mais a sua falta de fé provocou mais adiamento porque foram forçados a rodear o Mar Morto.

O Moderno Israel tem seguido o mesmo padrão com notável exactidão. Depois terem sido colocados perante a mensagem da justiça pela fé pela segunda vez, voltaram as suas costas à luz. Apenas um sobrevivente remanescente está a fazer o desvio até à final aproximação da finalização da obra.

Aqueles que estão familiarizados com estas histórias não terão dificuldade em reconhecer a existência destes exactos paralelos. É verdade que estamos a repetir a história desse povo.

“As armadilhas de Satanás estão colocadas para nós tão certamente como estavam para os filhos de Israel precisamente antes da sua entrada na Terra de Canaã. Estamos a repetir a história desse povo.” *Testimonies for the Church* 5:160.

“Não foi a vontade de Deus que os filhos de Israel vagueassem durante quarenta anos no deserto: desejava Ele levá-los directamente à terra de Canaã e ali os estabelecer como um povo santo, feliz. Mas ‘não puderam entrar por causa da sua incredulidade.’ Hebreus 3:19. Por sua reincidência e apostasia, pereceram os impenitentes no deserto, e levantaram-se outros para entrarem na Terra Prometida. Semelhantemente, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza. A incredulidade, porém, os separou de Deus. Como se recusassem a fazer a obra que lhes havia designado, outros se levantaram para proclamar a mensagem. Usando de misericórdia para com o mundo, Jesus retarda a Sua vinda, para que pecadores possam ter oportunidade de ouvir a advertência, e encontrar n’Ele refúgio antes que a ira de Deus seja derramada.” *O Grande Conflito*, 458.

Neste paralelo, o importante movimento do presente é o povo do advento, enquanto no passado é a nação de Israel. Não tentei comparar todos os pontos destes dois importantes movimentos do passado e apresentar o paralelo entre cada um, mas foi apresentada evidência suficiente para confirmar que eles são assim de facto. O último é a repetição do anterior.

A fim de confirmar os princípios dos paralelos como um meio de predizer o futuro, juntemos agora uma lista muito resumida dos seus exemplos bíblicos. Alguns destes serão estudados em pormenor no decurso da nossa compilação das bênçãos das profecias de *Daniel* para nós mesmos.

Começarei a lista destes com o paralelo dos últimos dias com os tempos de Noé tal como foi ensinado pelo próprio Cristo que disse:

“E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.” *Mateus 24:37*.

Um importante princípio a ser observado quando se estudam paralelos é que na verdade é raro os paralelos terem a mesma duração. Por exemplo, Noé pregou durante cento e vinte anos, mas a advertência que soou nestes últimos dias é de maior duração. Um certo número de pessoas, assumindo que estes períodos de tempo fossem os mesmos, predisse que o fim do mundo seria cento e vinte anos depois de 1844, nesse caso Cristo teria regressado em 1964. Que isso não aconteceu é por si evidente, pois em 1994, trinta anos depois, Ele ainda não apareceu.

Há uma boa razão para estas diferenças de duração. Entre outros factores Deus é capaz de exercer uma influência mais poderosa num período do que no seu paralelo. Esta capacidade da parte de Deus através dos Seus filhos fiéis, é directamente proporcional ao número de almas justas que estão ao Seu serviço, e à profundidade da Sua experiência espiritual. Quanto maior for a presença de Deus através das almas justas como factor na formação dos acontecimentos, mais o desenvolvimento do pecado é retardado e a justiça promovida.

O paralelo seguinte a ser acrescentado à nossa lista é o conhecido nas Escrituras como “a angústia de Jacó”. Referindo-se a isso estão as palavras seguintes:

“O povo de Deus será então imerso naquelas cenas de aflição e angústia descritas pelo profeta como o tempo de angústia de Jacó. ‘Assim diz o Senhor: Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz.... Por que se têm tornado macilentos todos os rostos? Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! e é tempo de angústia para Jacó: ele porém será livrado dela.’ Jeremias 30:5-7.

“A noite de angústia de Jacó, quando lutou em oração para obter livramento da mão de Esaú (Gênesis 32:24-30), representa a experiência do povo de Deus no tempo de tribulação.” *O Grande Conflito*, 614.

De novo, notai que a extensão de tempo envolvido não é o mesmo. Jacó agonizou em oração durante metade de uma noite, ao passo no conflito que se aproxima com os poderes das trevas a luta estender-se-á por um período mais longo, embora ainda não saibamos por quanto tempo.

Em seguida há um paralelo entre as dez pragas que destruíram o Egipto e as sete últimas pragas que destruirão a Terra:

“Quando Cristo cessar de interceder no santuário, será derramada a ira que, sem mistura, se ameaçara fazer cair sobre os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal (Apocalipse 14:9 e 10.) As pragas que sobrevieram ao Egipto quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram de carácter semelhante aos juízos mais terríveis e extensos que devem cair sobre o mundo precisamente antes do libertamento final do povo de Deus.” *O Grande Conflito*, 626.

Depois houve o tempo passado pelos judeus no cativeiro de Babilónia em paralelo com o tempo passado pela igreja na servidão papal entre 538 e 1798.

“Hoje a igreja de Deus é livre para levar a êxito o plano divino para a salvação de uma raça perdida. Por muitos séculos o povo de Deus sofreu restrição de sua liberdade. A pregação do evangelho em sua pureza foi proibida, e as mais severas penalidades aplicadas aos que ousaram desobedecer aos mandamentos de homens. Como consequência, a grande vinha moral do Senhor ficou quase inteiramente desabitada. O povo viu-se privado da luz da Palavra de Deus. As trevas do erro e da superstição ameaçavam obliterar o conhecimento da verdadeira religião. A igreja de Deus na Terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante este longo período de feroz perseguição, como estiveram os filhos de Israel em Babilónia durante o período do exílio.” *Profetas e Reis*, 714.

Esta é apenas uma lista muito resumida dos muitos paralelos encontrados nas Escrituras como um resultado dos princípios do modo como Deus trata com os homens. Sem a capacidade de compreender paralelos, seria quase impossível interpretar correctamente as grandes mensagens que estão em *Daniel*, que por sua vez tornaria impossível alcançar a preparação necessária para o segundo advento de Cristo. Estas verdades são fortemente salientadas no parágrafo seguinte.

“O Antigo e o Novo Testamento estão ligados pelo elo dourado de Deus. Precisamos tornarmos familiares com as Escrituras do Antigo Testamento. A imutabilidade de Deus devia ser claramente vista; a similitude do seu tratamento com o seu povo da passada dispensação e do presente, devia ser estudado. Sob a inspiração do Espírito de Deus, Salomão escreveu, ‘O que é, já foi; e o que há-de ser, também já foi; e Deus pede conta do que passou.’ Eclesiastes 3:15. Em misericórdia Deus repete o tratamento do passado. Ele deu-nos um registo do seu tratamento no passado. Precisamos de estudar isto cuidadosamente; porque a história está a repetir-se a si própria. Somos mais responsáveis do que foram aqueles cujas experiências estão registadas no Antigo Testamento; porque os seus erros, e resultados desses erros, estão escritos para nosso benefício. O sinal de perigo foi levantado para nos manter afastados do terreno proibido, e devíamos estar atentos para não fazer o que eles fizeram, pois uma punição maior cairá sobre nós. As bênçãos dadas aqueles que viveram nas gerações passadas que obedeceram a Deus estão registadas para que possamos ser encorajados a caminhar circunspectamente, em fé e obediência. Os juízos trazidos sobre os errantes estão delineados para que possamos temer e tremer perante Deus. Esta biografia escriturística é uma grande bênção. Esta preciosa instrução, a experiência dos séculos, foi-nos legada.” *Advent Review and Herald*, 20 de Abril de 1897.

## Capítulo 6

# Apostasia Nacional — Ruína Nacional

No estudo de *Daniel*, lemos o conselho:

“Considera as circunstâncias da nação judaica quando as profecias de Daniel foram dadas. Os israelitas estavam em cativeiro, o templo havia sido destruído, seus serviços rituais suspensos. A religião deles centralizava-se nas cerimónias do sistema sacrificial. Havia feito da forma exterior algo da máxima importância enquanto tinham perdido o espírito do verdadeiro culto. Seu culto estava corrompido com tradições e práticas do paganismo, e na realização dos ritos sacrificais não olhavam além da sombra da substância. Não discerniam a Cristo, a Verdadeira Oferta pelos pecados dos homens.” *Olhando para o Alto*, 155.

Em termos gerais, este período durante o qual as profecias de *Daniel* foram dadas durou desde a primeira parte do reinado do rei Nabucodonosor de Babilónia até ao terceiro ano do rei Dario, rei da Pérsia. Pelo menos setenta anos foram necessários para cobrir este intervalo de tempo. Agora precisamos de descobrir quais foram as circunstâncias em que a nação judaica esteve em servidão durante este período.

Embora não parecesse, nesta fase do nosso estudo dos livros de *Daniel* e *Apocalipse*, a consideração das circunstâncias da nação judaica no tempo em que as profecias de *Daniel* foram dadas, é uma definida parte da mensagem destes artigos. Esta consideração é tão necessária e importante que o nosso estudo de *Daniel* e *Apocalipse* ficaria gravemente incompleto sem a sua inclusão.

As circunstâncias da nação judaica durante o tempo especificado era de total ruína. Eles tinham perdido tudo. Tinham chegado ao ponto em que era impossível as coisas ficarem piores, mas, apesar de terem perdido tudo, alguns tinham sobrevivido fornecendo o núcleo para a reconstrução da nação.

Durante séculos passados, as doze tribos de um Israel unido tinham avançado sob a bênção de Deus e através do generalato de David de conquista em conquista sobre os inimigos que os cercavam. Os principais eram os amonitas e os seus aliados cujos poderes foram efectivamente quebrados. A sua tentativa para destruir o povo de Deus apenas deu a Israel a oportunidade de atingir o pináculo da sua grandeza como principal poder educacional, económico, militar, e religioso na Terra nessa época. Ver *Patriarcas e Profetas*, 763-767, acerca dos pormenores desta luta com os amonitas e seus aliados.

“O reino de Israel havia agora atingido em sua extensão o cumprimento da promessa feita a Abraão, e mais tarde repetida a Moisés: ‘À tua semente tenho dado esta terra, desde o rio

Egipto até ao grande rio Eufrates'. Génesis 15:8; Deuteronomio 11:22-25. Israel se tornara uma poderosa nação, respeitada e temida pelos povos circunvizinhos. Em seu reino, o poder de David se fizera mui grande. Ele se impunha às afeições e submissão de seu povo, como em todos os tempos poucos soberanos puderam fazer. Havia honrado a Deus, e Deus agora o honrava." *Patriarcas e Profetas*, 767, 768.

Assim estavam as coisas quando David morreu e Salomão subiu ao trono. Tão completamente estavam os inimigos de Israel submetidos, que as Escrituras relatam o facto que o rei Salomão tinha paz em toda a parte. Nenhum dos inimigos do Altíssimo que vivia nesta Terra ousava fazer guerra aos hebreus.

O reinado do rei Salomão sobre um reino que estava em paz tanto das guerras ofensivas como defensivas, foi determinado por Deus para estabelecer a nação livre de todas as preocupações de modo a poderem concentrar-se no estabelecimento de todos os elementos religiosos na economia de Israel e seu desenvolvimento ao mais elevado grau. No centro desta obra estava a construção do templo de Deus, o edifício mais magnífico que o mundo jamais viu. (Ver *O Grande Conflito*, 20.)

O rei David tinha reunido grandes quantidades de ouro e materiais preciosos para a construção deste edifício, os pormenores para o edifício que lhe foram dados pela inspiração de Deus, o mesmo Arquitecto que tinha dado os planos e especificações para a edificação do santuário do deserto. Apesar do facto que, na última parte da sua vida, o intenso desejo de David era ver o templo construído antes de morrer, o Senhor informou-o que em virtude de ter estado muito envolvido em guerras sangrentas, não podia encarregar-se na construção do templo.

"A razão por que David não devia construir o templo, foi declarada: 'Tu derramaste sangue em abundância, e fizeste grandes guerras; não edificarás casa ao Meu nome... Eis que o filho que te nascer será homem de repouso; porque repouso lhe hei-de dar de todos os seus inimigos em redor;... Salomão [pacífico] será o seu nome, e paz e descanso darei a Israel nos seus dias. Este edificará casa ao Meu nome.' 1 Crónicas 22:8-10." *Patriarcas e Profetas*, 763.

"Mil anos antes, o salmista engrandecera o favor de Deus para com Israel fazendo da casa sagrada deste a Sua morada: 'Em Salém está o Seu tabernáculo, e a Sua morada em Sião.' Salmo 76:2. Ele 'elegeu a tribo de Judá; o monte de Sião, que Ele amava. E edificou o Seu santuário como aos lugares elevados.' Salmo 78:68 e 69. O primeiro templo fora erigido durante o período mais próspero da história de Israel. Grandes armazenamentos de tesouros para este fim haviam sido acumulados pelo rei David e a planta para a sua construção fora feita por inspiração divina. (1 Crónicas 28:12 e 19.) Salomão, o mais sábio dos monarcas de Israel, completara a obra. Este templo foi o edifício mais magnífico que o mundo já viu." *O Grande Conflito*, 20.

Sete anos foram passados por milhares de diligentes, entusiásticos trabalhadores na construção da estrutura e fabrico de todos os apetrechos que são tão simbólicos das várias fases da experiência cristã. No final:

"De incedível beleza e inigualável esplendor era o régio edifício que Salomão e seus homens erigiram a Deus e ao Seu culto. Guarnecido de pedras preciosas, circundado por espaçosos átrios com magníficas vias de acesso, revestido de cedro lavrado e ouro polido, a estrutura do templo, com suas cortinas bordadas e rico mobiliário, era apropriado emblema da igreja viva de Deus na Terra, a qual tem sido edificada através dos séculos segundo o modelo divino, com material que se tem comparado ao 'ouro, prata e pedras preciosas', 'lavradas como colunas de um palácio'. Deste templo espiritual Cristo, 'é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor.' Efésios 2:20, 21." *Profetas e Reis*, 36.

Em seguida veio o serviço da dedicação que, na verdade, deve ter sido uma das mais inspiradas ocasiões na história de Israel, na história do mundo. Ponderai a cena, as condições, e a resultante atmosfera espiritual e emocional. Aqui estava Israel, antes um grupo de escravos, tocados pela pobreza, desprezados, e oprimidos, nem mesmo considerados como nação pelos que os cercavam, agora exaltados à mais elevada posição militar e económica entre as nações. Ordenava respeito e recebia honra como nunca antes. Já não sofria os juízos retributivos de Deus por causa dos seus pecados, mas compreendia um sentido do favor de Deus e da pertença a Ele como Seus próprios filhos e filhas. E então aqui estava o rei Salomão, dotado do mais elevado dom da sabedoria jamais dado ao homem. Que possibilidades para uma liderança em justiça estavam ao seu alcance! Que esperança de um futuro brilhante deve ter inspirado os israelitas no seu tempo! A assembleia do povo deve ter-se sentido transportada para outro mundo, como se o Céu já tivesse aberto as suas portas para os deixar entrar.

O efeito de tudo isto foi ainda mais elevado pela altura do ano escolhida para a dedicação.

“O tempo escolhido para a dedicação fora o mais favorável — o sétimo mês, quando o povo de todas as partes do reino estava acostumado a reunir-se em Jerusalém para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Esta festa era preminentemente uma ocasião de regozijo. Os labores da colheita haviam findado, a faina do novo ano ainda não começara, o povo estava livre de cuidados e podia abandonar-se às influências sagradas, jubilosas do momento.” *Profetas e Reis*, 37.

Assim mesmo o tempo escolhido para a dedicação produziu uma atmosfera de intensa inspiração espiritual, e o lugar onde o templo em si estava construído era considerado como terreno sagrado onde importantes acontecimentos tinham tomado lugar no passado.

“O local em que o templo fora construído era, havia muito, considerado sagrado. Foi ali que Abraão, o pai dos fiéis, revelara sua disposição de sacrificar seu único filho, em obediência à ordem de Jeová. Ali renovara Deus com Abraão o concerto de bênção, que incluía a gloriosa promessa messiânica feita à espécie humana, de libertamento por meio do sacrifício do Filho do Altíssimo. Foi ali que, quando David ofereceu sacrifícios queimados e ofertas pacíficas para deter a espada punitiva do anjo destruidor, Deus lhe respondeu com fogo enviado do Céu. (Ver I Crónicas 21.) E agora os adoradores de Jeová mais uma vez ali estavam, para encontrar-se com seu Deus e renovar-Lhe os votos de fidelidade.” *Profetas e Reis*, 37.

O que teria isso sido para um espectador deste maravilhoso acontecimento, mas quanto mais teria sido para um participante nas actividades, serviços, e acontecimentos desse dia. Orai para que ao lerdes estas palavras o Espírito do Senhor, na vossa imaginação, vos torne capazes de estar ali e ver “... As hostes de Israel, com representantes de muitas nações estrangeiras ricamente vestidos, reunidos nos átrios do templo.” *Profetas e Reis*, 38.

Vede a cena como uma cena de ocasional esplendor. Ouvei os cantores cantando juntamente com cento e vinte sacerdotes tocando as suas trombetas. Senti o unísono batimento de harmonia que unia cada coração e mente na perfeita unidade. Olhai para a ondulante nuvem que encheu todo o templo e, durante algum tempo, impediu os sacerdotes de ministrarem dentro do edifício, e vede-a como um glorioso testemunho da viva presença de Deus no meio daqueles sobre quem estavam as bênçãos. Contemplai-os livres de todo o sentimento de culpa, repousando na certeza que as suas obras foram aprovadas por Deus.

Ao ver a nuvem, o rei Salomão colocou-se sobre uma elevada plataforma, da qual proferiu a oração de dedicação, que é uma das verdadeiramente grandes orações registada na Bíblia. Ver *Profetas e Reis*, 40-42.

Quando finalizou a sua oração, fogo desceu do céu consumindo o sacrifício. O povo ao contemplar estes sinais da aprovação divina, uniu-se na adoração e louvor a Deus.

“Então o rei e o povo ofereceram sacrifícios perante o Senhor. ‘E o rei e todo o povo consagraram a casa de Deus.’ 2 Crónicas 7:1-5. Durante sete dias as multidões de todas as



partes do reino, ‘desde a entrada de Hamate, até ao rio do Egito,’ ‘uma mui grande congregação’ celebrou uma jubilosa festa. A semana seguinte foi pela feliz multidão dedicada à consagração e júbilo, o povo retornou a seus lares alegre ‘e de bom ânimo, pelo bem que o Senhor tinha feito a David, e a Salomão, e a Seu povo Israel.’ 2 Crônicas 7:8 e 10.” *Profetas e Reis*, 45.

Esta é uma maravilhosa ilustração de glória espiritual, intelectual, física, e material prosperidade com Israel no pináculo da sua grandeza. Deus e o Seu povo estavam a trabalhar para um mundo melhor à medida que os atributos da justiça eterna estivessem exemplificados no Seu povo. Esta não era altura para descrever o povo judeu como uma nação sofrendo ruína.

Mas, não era assim quatrocentos anos depois. Nessa altura a ilustre nação como havia sido no reinado do rei Salomão, fora substituída por um povo totalmente arruinado. Depois da morte do rei Salomão, o povo unido foi dividido em duas facções opostas. Uma parte chamada “Israel”, ou “O Reino do Norte”, composto de dez tribos, enquanto a outra, constituída pelas restantes duas tribos, conhecidas como “Judá”, ou “Reino do Sul”.

O declínio de Israel foi mais rápido do que o de Judá, porque foram precisos apenas duzentos e nove anos depois da morte de Salomão para Israel chegar finalmente ao estado de total ruína às mãos dos implacáveis, impiedosos, assírios, ao passo que Judá sobreviveu trezentos e quarenta e cinco anos depois da morte do rei Salomão até ser reduzido à completa desolação pelos babilônios.

Tão grande era a ruína que visitou a fatalidade de Israel que o seu povo foi espalhado entre as nações sem esperança de jamais se tornar um povo distinto.

“Por ocasião da ascensão de Ezequias ao trono de Judá, já os assírios haviam levado cativos um grande número dos filhos de Israel do reino do norte; e poucos anos mais tarde ele havia começado a reinar, e enquanto estava ainda fortalecendo as defesas de Jerusalém, os assírios cercaram Samaria e a capturaram, e espalharam as dez tribos entre as muitas províncias do domínio assírio. As fronteiras de Judá ficavam apenas a poucos quilómetros, estando Jerusalém afastada de Samaria menos de noventa quilómetros; e os ricos despojos que seriam encontrados no interior do templo tentariam o inimigo a retornar.” *Profetas e Reis*, 351.

Os súbditos do reino de Judá teriam partilhado a sorte do reino do norte mais cedo, se não fosse a grande libertação dos assírios efectuada por Deus através do rei Ezequias. Deus aceitou o seu arrependimento e respondeu à sua oração pelo livramento dos inimigos de Israel. Excepto o bom rei Josias, o reinado feito pelos reis de Judá que sucederam a Ezequias, apressou a queda na total ruína em vez de deter as forças das trevas. Inevitavelmente, os piores resultados possíveis caíram sobre os rebeldes judeus. Aqui está uma vívida descrição da sua redução a estas terríveis circunstâncias:

“A fraqueza de Zedequias foi um pecado pelo qual ele pagou terrível preço. O inimigo varreu como uma avalanche irresistível, e devastou a cidade. Os exércitos hebreus fugiram em confusão. A nação foi conquistada. Zedequias foi feito prisioneiro e seus filhos foram mortos diante dos seus olhos. O rei foi levado de Jerusalém como um cativo, seus olhos foram vazados, e uma vez chegado a Babilónia pereceu miseravelmente. O belo templo que por mais de quatro séculos coroara o cimo do Monte de Sião, não foi poupado pelos caldeus. ‘Queimaram a casa do Senhor, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos.’ 2 Crônicas 36:19.

“Ao tempo da invasão final de Jerusalém por Nabucodonosor, muitos haviam escapado dos horrores do longo assédio, apenas para perecer à espada. Dentre os que ainda restavam, alguns, notadamente o chefe dos sacerdotes e oficiais e dos príncipes do reino, foram levados para Babilónia e ali executados como traidores. Outros foram levados cativos, para viverem na servidão de Nabucodonosor e de seus filhos, ‘até ao tempo do reino da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias.’ 2 Crônicas 36:20 e 21.” *Profetas e Reis*, 458-460.

Que incrível transição do prestígio nacional, glória, e poder que existia na primeira porção do reinado do rei Salomão, para o patético estado de coisas que levou ao fim do templo, à desolação de toda a terra, Jerusalém queimada a fogo, o povo espalhado, e a morte de quase todos os que restavam.

Um, nomeadamente Jeremias, que tinha testemunhado tudo, descreveu a ruína nacional nestas desoladas palavras:

“Como se acha solitária aquela cidade, dantes tão populosa tornou-se como viúva; a que foi grande entre as nações, e princesa entre as províncias, tornou-se tributária!

“Continuamente chora de suas faces; não tem quem a console entre todos os seus amadores; todos os seus amigos se houveram aleivosamente com ela, tornaram-se seus inimigos.

“Judá passou em cativo por causa da aflição, e por causa da grandeza da sua servidão; habita entre as nações, não acha descanso; todos os seus perseguidores a surpreenderam nas suas angústias.

“Os caminhos de Sião pranteiam, porque não há quem venha à reunião solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes suspiram; as suas virgens estão tristes, e ela mesma tem amargura.

“O seus adversários a dominaram, os seus inimigos prosperam; porque o Senhor a entristeceu, por causa da multidão das suas prevaricações; os seus filhinhos vão em cativo na frente do adversário.” *Lamentações* 1:1-5. (Ver também *Profetas e Reis*, 461, 462.)

A história de Israel é uma das mais tristes jamais encontrada na história da humanidade. Aqui está um povo que tinha realizado tanto das gloriosas bênçãos que lhe foram prometidas, mas que, em vez de fielmente preservar as condições para a continuação dessas bênçãos, falhou completamente em cumprir a sua parte do concerto. Consequentemente, perderam tudo para os inimigos de Deus e do homem. A sua perda material foi enorme, e sua privação espiritual não tem conta. Desceram do mais elevado para o mais baixo onde tudo o que restava além do extermínio era a mera sobrevivência.

A sua história é a indiscutível confirmação da sóbria verdade que a apostasia nacional é inevitavelmente seguida da ruína nacional. Repetidamente, esta mensagem está registada na palavra inspirada, mas em lado algum tão frequentemente como na referência aos acontecimentos dos últimos dias. Ali está declarado uma e outra vez que o estabelecimento da Lei do Domingo como a suposta solução para os problemas de todos os homens, será o levantamento da imagem da besta, e será também o acto de apostasia nacional. Uma vez feito isto, a ruína nacional seguir-se-á rapidamente.

“Quando as igrejas Protestantes se unirem com o poder secular para sustentar uma falsa religião, por cuja oposição os seus antepassados sofreram a mais furiosa perseguição; quando o estado usar o seu poder para impor o decreto e sustentar as instituições da igreja — então a Protestante América terá formado uma imagem ao papado, e haverá uma apostasia nacional que terminará apenas em ruína nacional (ST Março 22, 1910).” *S.D.A. Bible Commentary* 7:976.

Mas nós, que somos estudantes dos acontecimentos dos últimos dias, sabemos que nada há de singular neste desenvolvimento e suas seguras consequências. Pelo contrário, vemos nele a mortal repetição da história do passado em que toda a apostasia, seja numa pessoa, grupo, ou nação, terminará em ruína para os apóstatas. Que ninguém falhe em reconhecer esta relação entre a causa e o efeito. Que cada um saiba que tão certamente como uma verdadeiramente terrível e total apostasia se desenvolveu durante o período entre o reinado do rei Salomão e a morte do último rei do reino do sul, assim a mesma apostasia está a desenvolver-se durante o intervalo de tempo entre o glorioso nascimento do Protestantismo, e a rápida aproximação da imagem da besta. A história do passado está a repetir-se como se confirma pela observação de testemunhos como o que se segue: “Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está

prestes a ser posto em acção. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revivescidas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana. Está permeando tudo na Terra..." *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 116.

A lei da causa e do efeito não pode ser de modo algum modificada, porque não importa o que o homem possa fazer num esforço para evitar ou modificar os resultados, a apostasia apenas pode acabar em ruína. Literalmente biliões de pessoas até muito próximo do final dos seis mil anos declararam duma maneira ou doutra que amam a apostasia, mas odeiam a ruína que a acompanha. Contudo, o seu amor pela apostasia é tão grande, que preferem a total apostasia com total ruína, acima de toda a justiça com total prosperidade. Assim foi na experiência do antigo Israel, e assim será de novo demonstrado hoje.

# Capítulo 7

## Apostasia — Ponto de Partida

**N**o capítulo anterior, observámos as ilustrações que começaram no tempo de Salomão uma era na história de Israel que foi brilhante com a promessa de um glorioso futuro. Em vez disso, veio a inteiramente inesperada, crescente falta de poder, no confronto com os seus inimigos até a total apostasia coincidir com completa ruína. Tal era o estado da nação quando, nos dias do poderoso, rei Nabucodonosor, Daniel e os seus três companheiros foram colocados no serviço da corte de Babilónia.

A história do antigo Israel não teria contido surpresas se o seu povo tivesse continuado no caminho em que começaram. A obediência a Deus tinha sido a fórmula tentada e provada para garantir o sucesso, bênção, e prosperidade como a sua história do passado e presente experiência lhes mostrava. Deus tinha demonstrado que o Seu caminho era a única forma de vida e prosperidade durante a liderança de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Josué, vários libertadores, Samuel, David, e Salomão. Ele tinha-o demonstrado tão eficazmente que foram deixados sem qualquer razão para procurar noutro lado linhas de orientação para a glória. Portanto, a única coisa sensata e prática, era tenazmente recusarem abandonar o comprovado caminho de Deus no mais pequeno grau.

A este respeito alguém inventou uma frase muito útil que se lê assim:

“Quando tiverdes numa coisa boa, não a deixeis.”

Mas, Israel tinha mostrado uma persistente determinação para abandonar aquela “coisa boa” até os seus espantosos prejuízos, incríveis sofrimentos, e prolongadas e miseráveis servidões, fazerem com que regressassem por pouco tempo ao Senhor de tempos a tempos em busca de alívio para estes fardos. Mas cada uma das recuperações era seguida por uma degradação mais profunda e privação dos seus recursos do que antes. A sua lamentável condição era o fruto da sua própria acção.

Mas nem todos os que foram levados para Babilónia eram da mesma classe, porque havia os que estavam em cativeiro sem terem qualquer culpa. Sofriam por causa dos pecados dos outros, não por causa dos seus. Dos que pertenciam a esta classe os mais conhecidos são Daniel e os seus três amigos que herdaram um terrível legado de apostasia e a ruína que a acompanhava dos quais não eram responsáveis. Eles não participaram no afastamento da verdade que marcava a vida dos seus companheiros hebreus. Se todo o Israel tivesse sido tão fiel ao seu Pai celestial como aqueles jovens, nunca teria havido a grande apostasia, nem a terrível ruína que caiu sobre a nação. O glorioso estado físico, mental e espiritual com que eles

foram dotados quando o rei Salomão guiou o povo na dedicação do templo do Senhor, teria permanecido em toda a sua glória até hoje.

Estamos a aproximar-nos rapidamente do momento em que a apostasia mundial trará ruína universal sobre esta Terra. Quando este tempo chegar, será visto que outro pequeno grupo, mantendo-se à luz da divina Presença, estará livre da participação da dominante apostasia e prosperará nesta negra e probante hora. Por outras palavras, a história de Daniel e dos outros três fiéis será repetida.

Este registo dos seus espantosos triunfos têm que ser de excepcional interesse para nós, porque sobre nós repousa a responsabilidade de copiar os seus incríveis feitos numa escala global. As medidas que tomaram pelas quais foram salvos da derrota, operará com a mesma consistência e fiabilidade por nós. Mas para isso acontecer, temos que compreender o que é que faz uma pessoa, uma igreja, ou uma nação, apostatar, seja no tempo de Daniel seja no nosso próprio tempo.

Isto é muito importante, porque, os apóstatas geralmente não sabem que caíram. Pelo contrário, em muitos casos, pensam que estão a servir a Deus com a devoção mais recomendável, e ficam muito surpreendidos quando descobrem que em seu lugar têm a desaprovação de Deus. Assim os laodicenses, que estão num temível estado de apostasia, não sabem que são “desgraçados, miseráveis, pobres, cegos, e nus.” *Apocalipse* 3:17.

Assim foi também com os judeus nos dias em que Malaquias foi o mensageiro do Senhor para Israel. Tinham vagueado longe de Deus que estava agora ternamente a chamá-los para regressarem a Si. A sua resposta foi na forma de perguntas defensivas:

“Em que O enfadamos?” *Malaquias* 2:17.

“Em que havemos de tornar.” *Malaquias* 3:7.

“Em que te roubámos?” *Malaquias* 3:8.

Uma e outra vez, Deus havia dado aos Seus mensageiros a missão de comunicar respostas explícitas a estas perguntas, mas repousava sobre eles uma cegueira tal que, devido à sua teimosa determinação em não se arrependem, tornaram-se impenetráveis e nocivos.

A ruína total é o trágico fim da apostasia, mas qual é o seu princípio? Devemos compreender tão profundamente as respostas a esta pergunta, que teremos a capacidade de instantaneamente identificar a presença da apostasia quando ela aparece. Para conseguir isso, temos que nos tornar atentos conhecedores da pormenorizada história da plantação da semente da apostasia nos vários pontos da história da igreja.

Neste estudo, bem podíamos ir atrás ao tempo em que a primeira semente de mal foi semeada em Lúcifer e começou a germinar, donde a apostasia cresceu nele e através dele até às suas terríveis proporções actuais, mas começaremos com a semente semeada nos dias de Salomão pelo qual uma nova germinação viu a introdução e maturação de outro afastamento de Deus e da Sua verdade.

Em primeiro lugar, o rei Salomão escolheu caminhar no trilho da humildade e desconfiança do eu. Maravilhoso era o poder, riqueza, sabedoria, e honra que o acompanhou enquanto andou no caminho do Senhor. Era o plano de Deus para ele e todo o Israel que fosse sempre assim.

“Salomão foi ungido e proclamado rei nos derradeiros anos de seu pai David, o qual abdicara em seu favor. Os primeiros tempos de sua vida foram promissores, e era propósito de Deus que ele fosse de força em força, de glória em glória, aproximando-se cada vez mais da semelhança do carácter de Deus, inspirando assim Seu povo a cumprir sua sagrada incumbência, como depositários da divina verdade.” *Profetas e Reis*, 25.

Quando, no início do seu reinado, o Senhor lhe pediu num sonho que dissesse o que desejava que fosse o seu reino, não pediu aquelas coisas que um homem orgulhoso pediria. Pelo contrário, considerando-se como uma criança, não sabendo como entrar ou sair, pediu

sabedoria, discernimento, e compreensão para que pudesse julgar com equidade e imparcialidade.

Deus, sabendo que a consistente aplicação destes dons nunca resultariam em apostasia, mas apenas numa aproximação mais íntima com Ele, ficou naturalmente contente com a escolha feita pelo rei. O Senhor fez-lhe saber que, em virtude de abnegadamente ter pedido aquilo que o tornaria capaz de servir a Deus e Seu povo com humildade e sucesso, lhe acrescentaria honras e riquezas por aquilo que ele não pediu.

“E deu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar.

“E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios.

“E era ele ainda mais sábio do que todos os homens,... e correu o seu nome por todas as nações ao redor.’ 1 Reis 4:29-31.

“E todo o Israel... Temeu o rei, por que viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça.’ 1 Reis 3:28. O coração de todo o povo tornou para Salomão, como se havia tornado para David, e obedeceram-no em todas as coisas. ‘E Salomão... se esforçou no seu reino, e o Senhor seu Deus era com ele, e o magnificou grandemente.’ 2 Crônicas 1:1.

“Durante muitos anos a vida de Salomão foi marcada com devoção a Deus, com rectidão e firme princípio, e com estrita obediência aos mandamentos de Deus. Ele promoveu todo empreendimento importante, e manejou sabiamente as questões de negócio relacionadas com o reino. Sua riqueza e sabedoria; as magnificentes construções e obras públicas que ele erigiu durante os primeiros anos de seu reinado; a energia, piedade, justiça e magnanimidade que revelou em palavras e obras, granjearam-lhe a lealdade de seus súbditos e a admiração e homenagem dos governantes de muitas terras.

“O nome de Jeová foi grandemente honrado durante a primeira parte do reinado de Salomão. A sabedoria e justiça reveladas pelo rei deram testemunho a todas as nações da excelência dos atributos do Deus que ele servia. Por algum tempo Israel foi a luz do mundo, revelando a grandeza de Jeová. Não era na sua preeminente sabedoria, fabulosas riquezas, ou no vasto alcance do seu poder e fama que repousava a verdadeira glória do início do reinado de Salomão; mas na honra que ele levava ao nome do Deus de Israel, mediante sábio uso dos dons do Céu.” *Profetas e Reis*, 31-33.

É uma fonte de admiração que esse maravilhoso embarque na jornada da vida, pudesse acabar em naufrágio. Pergunto outra vez como pôde isso acontecer?

A questão é: “Porque é que Ele os colocou ali?”

“Foi com o propósito de transmitir os melhores dons do Céu a todos os povos da Terra, que Deus chamou Abraão do meio de sua parentela idólatra, e mandou-o habitar na terra de Canaã. ‘Far-te-ei uma grande nação,’ disse Deus, ‘e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.’ Génesis 12:2. Foi uma alta honra aquela para a qual Abraão fora chamado — a de ser o pai do povo que por séculos devia ser o guardião e preservador da verdade de Deus para o mundo, povo esse por cujo intermédio todas as nações da Terra deveriam ser abençoadas no advento do prometido Messias.” *Profetas e Reis*, 15.

Durante os anos imediatos que se seguiram ao dilúvio, a necessidade de um tal ministério tornou-se desesperadamente necessário, porque os homens tinham perdido quase completamente o conhecimento do verdadeiro carácter de Deus, tendo as suas mentes sido entenebrecidas pela idolatria. Este sistema de religião apenas pode degradar o homem, porque, a procura de um lugar para si na posição que só pode ser ocupada por Deus, separa-o da Fonte de toda a luz e verdade, de modo que ele tropeça em trevas.

“A lei de Deus devia ser exaltada, sua autoridade mantida; e à casa de Israel foi entregue esta grande e nobre obra. Deus separou-os do mundo, para que pudesse cometer-lhes o sagrado

encargo. Fê-los depositários de Sua lei, e propôs preservar por intermédio deles o conhecimento de Si mesmo entre os homens. Assim devia a lei do Céu brilhar no mundo envolvido em trevas, e uma voz devia ser ouvida apelando a todos os povos para que volvessem da idolatria, a fim de servirem ao Deus vivo.” *Profetas e Reis*, 16.

Para alcançar este objectivo, Deus escolheu a descendência de Abraão, Isaque, e Jacó para ser o povo através de quem Ele faria brilhar a gloriosa luz salvadora da verdade viva. Ele resgatou-os da escravidão egípcia, levou-os através das suas vagueações no deserto, e, depois de longas esperas, finalmente estabeleceu-os na Terra Prometida.

Mas não foram colocados ali para se rodearem das riquezas do mundo, embora a posição geográfica de Canaã fosse a ideal para pôr em prática vigorosos empreendimentos empresariais da maior envergadura.

Um estudo da geografia do mundo como ele estava dividido no tempo em que o rei Salomão estava no trono, revelará rapidamente quão grande era a proporção de comércio terrestre que tinha necessidade de passar pelo corredor entre o Mar Mediterrâneo e o Deserto da Arábia. Comerciantes carregados de tesouros da Espanha, Itália, Grécia, e do resto daquilo que era a Europa conhecida, encontrava nisto uma ponte natural para os mercados África como fizeram os da Pérsia, Índia, e outros mercadores de Leste. Estes regressariam pela mesma rota carregando as riquezas das terras que tinham visitado nos mercados do norte. Assim um incessante fluxo de tráfego passava através da Terra Prometida dando assim aos israelitas intensas oportunidades para enriquecimento pessoal e nacional.

Mas o Senhor não propôs que Canaã se tornasse o principal centro de comércio do mundo, nem era o Seu plano que tivessem uma existência em pobreza. Pelo contrário pretendia que em espírito, mente, físico, e riqueza monetária, fossem o povo mais rico na face da Terra, como está escrito:

“Se os filhos de Israel tivessem sido leais ao Senhor, Ele teria podido cumprir o Seu desígnio, honrando-os e exaltando-os. Se tivessem andado nos caminhos da obediência, tê-los-ia exaltado ‘entre as nações que criou, para louvor, e honra, e glória Sua’. ‘Todos os povos da Terra verão que é invocado sobre ti o nome do Senhor’, disse Moisés; ‘e temer-te-ão’. ‘Os povos ... ouvindo todos estes preceitos dirão: ‘Eis um povo sábio e inteligente, uma nação grande’. Deuteronomio 26:19; 28:10; 4:6. Devido à sua infidelidade, porém, o desígnio de Deus só pôde ser executado através de contínua adversidade e humilhação.” *O Desejado de Todas as Nações*, 28.

Há muitas declarações feitas nas Escrituras acerca do elevado nível de prosperidade que Deus pretendia que o Seu povo gozasse. Ele devia ser a cabeça e não a cauda, o primeiro em toda a nova descoberta, os guias em todas as ciências. Jerusalém devia ser a casa de oração para todos os povos, e o seu povo as maravilhas do mundo.

Mas tudo isto devia ser usado apenas para o serviço de Deus. Em nenhuma circunstância deviam eles tornar a sua maravilhosa localização no cruzamento das estradas do mundo então conhecido, o primeiro e acima de tudo, o maior, próspero centro de negócios. Para realizar a sua razão de ser como nação favorita, e para estabelecer imunidade contra a apostasia, Israel devia encontrar e manter a Terra Prometida como o centro evangélico do mundo. Interesses comerciais deviam ser apenas de natureza secundária. Através de toda a terra sagrada, a justiça devia reinar como suprema, e o princípio do evangelho do serviço abnegado ao outros sem importar o custo para si próprio, devia ser a constante regra da vida.

Essa luz, brilhando com poder e brilho cada vez mais forte, não devia falhar em alcançar e prender a atenção dos pagãos de todo o mundo. Em primeiro lugar, devia converter as nações junto às suas fronteiras, em seguida, em círculos sempre cada vez mais alargados, exerceria por fim a sua santa, salvadora influência até aos confins da Terra. Assim o evangelho eterno cumpriria a sua tarefa divinamente apontada através da igreja também preocupada com a sua

missão de salvação para evitar a incubação da semente da apostasia. Tudo isto está ilustrado no seguinte parágrafo:

“Os filhos de Israel deviam ocupar todo o território que Deus lhes indicara. Aquelas nações que haviam rejeitado a adoração e serviço ao verdadeiro Deus, deviam ser despojadas. Mas era propósito de Deus que pela revelação de Seu carácter através de Israel, fossem os homens atraídos para Si. O convite do evangelho devia ser dado a todo o mundo. Mediante o ensino do serviço sacrificial, Cristo devia ser erguido perante as nações, e todos que olhassem para Ele viveriam. Todo aquele que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, tornassem da idolatria para o culto ao verdadeiro Deus, deviam unir-se ao Seu povo escolhido. À medida que o número dos israelitas crescesse, deviam eles ampliar suas fronteiras, até que o seu reino envolvesse o mundo.” *Profetas e Reis*, 19.

Tragicamente, Israel, depois de um bom começo, tornou-se cego pelas esplêndidas oportunidades comerciais que estavam perante si, e entregara-se à aquisição de riquezas em vez de construir um reino de justiça que revelasse o carácter de Deus em todos os pormenores das suas operações. À medida que juntavam riquezas para si próprios, o desejo de mais e muito mais tornou-se uma obsessão que os agarrava e cegava.

Terríveis foram as punições que caíram sobre eles pela operação da lei da causa e do efeito. Os homens em breve começaram a colocar a sua confiança nos dons e vez de a colocar no Dador. Ninguém se sentia seguro enquanto estava amontoando riqueza, e em seguida mais riqueza, e mais ainda. Não havia limite que pudesse ser estabelecido. Isto levou ao desenvolvimento da avareza, opressão, orgulho, ódio, e todos os tipos de males, enquanto a apostasia mortal crescia neles até os seus efeitos sobre a nação serem terríveis.

O princípio do repouso do sábado na operação do qual unicamente Deus é o Planeador, Solucionador de problemas, e Portador de cargas, foi posto de lado pelos homens que seguiram os seus próprios juízos. Quando o fizeram, as suas decisões foram directamente contrárias à expressa vontade de Deus mesmo apesar de se orgulharem de tudo terem feito para Sua glória e avanço do Seu reino. O que o homem considerou como procedimento mais sábio, teve como resultado garantido o fracasso, prejuízo, impossibilidade, e derrota, e invariavelmente assim aconteceu, embora no início não parecesse. Pelo contrário, a acção parecia ter a bênção de Deus, que vista pelos que executavam o plano, lhes assegurava que tinham agido com sabedoria e nobreza.

Foi o próprio rei Salomão pelo seu poderoso exemplo, que desviou o seu povo para o caminho da injustiça pelo recurso a esquemas humanos como substitutos mortais para a estrita obediência aos mandos de Deus. Mas não pareceram assim para ele e seu povo. Pelo contrário, ao revestir o plano com um zelo pelo avanço do reino de Deus no mundo, o rei e o seu povo ficaram convencidos que isto justificava a acção tomada. Eles ficaram satisfeitos com o que tinham feito “para o Senhor” e sentiram-se seguros que o Altíssimo estava contente com o seu zelo para O servir.

E qual foi este proeminente passo?

Foi o casamento com a filha do rei do Egipto. Este movimento possuía todas as características comuns a um primeiro passo na criação de uma profunda apostasia, que eram:

1. O plano nasceu de um poderoso desejo para promover o reino de Deus; isto é a veste de ovelha que disfarça o lobo no interior;
2. Para o levar a efeito é preciso que o método do homem ou solução seja exaltado acima dos métodos de Deus;
3. Isto envolve a directa desobediência às leis de Deus cuja transgressão, que eles nas suas próprias mentes justificavam baseados no engano que os fins justificam os meios;
4. O resultado imediato é que os passos dados pareceram trazer no seu rasto grandes bênçãos;



5. Quando o povo viu isto sentiu que Deus lhes estava a assegurar que Ele pessoalmente aprovava esta acção.

Assim a quebra da lei é estabelecida como “o caminho da vida”, enquanto, é exactamente o caminho da morte tal como sempre foi. O facto que qualquer desobediência, não importa quão atraentemente vestida, é apostasia.

Examinemos agora os passos pelos quais o rei Salomão semeou as sementes da apostasia no reino de acordo com a progressão atrás descrita.

“Procurando fortalecer suas relações com o poderoso reino que ficava ao sul de Israel, Salomão aventurou-se no terreno proibido. Satanás conhecia os resultados que acompanhariam a obediência; e durante os primeiros anos do reinado de Salomão — anos gloriosos mercê da sabedoria, beneficência e rectidão do rei — ele procurou introduzir influências que insidiosamente minassem a lealdade de Salomão ao princípio, e o levassem a separar-se de Deus. Que o inimigo foi bem sucedido em seu esforço nós o sabemos pelo relato: ‘E Salomão se aparentou com Faraó rei do Egipto; e tomou a filha de Faraó, e a trouxe à cidade de David 1 Reis 3:1.’ *Profetas e Reis*, 53.

Aqui está — a semeadura das sementes da apostasia. Examinemo-lo ponto por ponto. Primeiramente, ele estava a procurar fortalecer os laços entre si e o poderoso rei do Egipto. Os seus motivos eram altamente recomendáveis, por isso ele planeou construir e fortalecer o reino de Deus nesta Terra, mas para que o plano, como o rei o designou, se tornar operacional, tinha que envolver a transgressão da lei, que é o passo seguinte na apostasia. Nenhuma lei pode ser obedecida pela sua transgressão, nem nós podemos fazer o que é recto tentando estabelecê-lo do modo errado.

A lei de Deus com que o rei Salomão estava familiarizado e que quebrou, proibia o casamento com uma pessoa idólatra, e a formação de alianças com as nações circundantes. Eles tinham sido guiados pelo Senhor para serem um povo peculiar, autónomo.

Os resultados imediatos foram muitos compensadores. A mulher egípcia do rei Salomão foi convertida, o seu pai capturou Gezer, matou os seus habitantes cananitas, e deu-a em presente à sua filha, fortalecendo o reino de Israel. O rei Salomão aproveitou a oportunidade para reconstruir e fortificar esta cidade, fortalecendo assim as suas posições na costa do Mar Mediterrâneo.

É um erro supor que tudo o que parece bom vem apenas de Deus, e que o que parece mau vem unicamente de Satanás. Não se deve cometer erros aqui. Satanás, o mestre das contrafacções, é capaz de fazer o mal aparecer nas aparentes vestes da pura e santa justiça. É desta forma que ele engana o povo de Deus. Ele faz o bem parecer mal, e o mal parecer bem! Portanto, foi Satanás que viu com satisfação todas as “coisas boas” que se seguiram à bem sucedida criação de uma ligação por Salomão entre Israel e o Egipto. Ele deve mesmo ter-se regozijado na conversão da princesa egípcia, porque ele consente em perder um pouco a fim de ganhar muito. Os ganhos listados no próximo parágrafo vieram como resultado de prosseguir um curso contrário à verdadeira obediência à lei de Deus.

“Do ponto de vista humano, este casamento, embora contrário aos ensinamentos da lei de Deus, parecia provar-se uma bênção; pois a esposa pagã de Salomão se converteu e uniu-se com ele na adoração ao verdadeiro Deus. Demais, Faraó prestou assinalados serviços a Israel, tomando Gezer, matando ‘os cananeus que moravam na cidade’, e dando-a ‘em dote a sua filha, mulher de Salomão.’ 1 Reis 9:16. Esta cidade foi por Salomão reconstruída, e assim aparentemente foi grandemente fortalecido seu reino ao longo da costa mediterrânica. Fazendo, porém, aliança com uma nação pagã, e selando o pacto pelo casamento com a princesa idólatra, Salomão temerariamente desconsiderou a sábia provisão que Deus fizera para manter a pureza de Seu povo. A esperança de que sua esposa egípcia se convertesse era apenas uma débil escusa para o pecado.” *Profetas e Reis*, 53.

O resultado imediato era uma aparente acumulação de grandes bênçãos — a formação de uma poderosa aliança com o Egito, o casamento com uma encantadora noiva, a sua conversão, a aquisição de Gezer, e o fortalecimento do reino.

Mas o resultado a longo prazo chegado alguns séculos depois foi total apostasia acompanhada de total ruína.

Essa é a estrutura do início de uma grande apostasia. Satanás sabe como tomar os seus elementos e combiná-los de tal forma que separarão os filhos de Deus mais e mais de Deus até a apostasia ser total, e apenas a ruína fica. Ele sabe quão propensos nós somos para subscrever o prevaiente engano que os fins justificam os meios pelos quais pretendemos construir o reino de Deus. Ele sabe que se pudermos ser persuadidos a baixar a vital importância da estrita obediência à lei de Deus, seguramente virá a apostasia.

Assim ele propõe um plano que de alguma forma nos promete um resultado satisfatório. No caso de Abraão, foi a provisão de um filho.

O plano como proposto por Satanás é “santificado” com o argumento que o reino de Deus será fortalecido pela implementação do plano. Mas o plano, a fim de ter sucesso, tem que incluir a transgressão da lei de Deus. No caso de Salomão, ele formou uma aliança com um rei adorador de ídolos e casou com a sua filha idólatra. No caso de Abraão ele cometeu adultério com Agar, perante a instigação da sua esposa.

Satanás sabe quão importante é nesta fase que o esquema pareça ser altamente bem sucedido como fez nos casos de Abraão e Salomão, porque então saberá que a transgressão da lei será tratada como prova que a lei pode ser modificada a fim de se adaptar à situação. Assim a transgressão da lei será olhada como se fosse a sua observância. Assim a apostasia avança de profundidade a maior profundidade disfarçada do caminho da lealdade a Deus, quando de facto o professo crente em Jesus foi enganado quanto à natureza que está a acontecer.

## Capítulo 8

# A Apostasia Pode Ser Evitada

**U**ma vez que o rei Salomão tinha perdido a firmeza na verdade que o fim não justifica os meios, verificou que era extremamente difícil fazer o seu caminho de regresso das negras nuvens da apostasia, embora por fim o fizesse. Contudo, apesar de se arrepender profundamente antes de morrer, não foi capaz de desfazer muito do dano causado. À medida que os anos passavam depois da sua morte, excepto para a piedosa influência de alguns reis bons do sul como Asa, Jeosafá, Ezequias, e Josias, a terrível apostasia fortaleceu-se e aprofundou-se. O Senhor esperou que estes homens levassem o povo de volta à operação dos princípios divinos de construção do reino, mas provou-se que era uma esperança vã.

Para somar a isto, vieram alguns poderosos profetas como Elias, Eliseu, Isaías, e Jeremias que transmitiram poderosas mensagens de advertência e instrução desenhadas pelo próprio Senhor para deter a queda na apostasia que é o caminho separado e contrário ao supremo Governador do Universo.

Além disso, houve homens entre os patriarcas cujas experiências revelavam a causa da apostasia, como reconhecer a sua presença, e como ela podia ser solucionada. Abraão, Jacó, e Moisés foram três homens cujas vidas testemunharam a verdade que a apostasia pode ser curada, desde que a pessoa verdadeiramente arrependida desta condição, realmente compreenda bem o que é a apostasia. Não será suficiente dizer que apostasia é o afastamento de Deus. A nossa compreensão deve ir mais fundo do que isso, ou seremos classificados pelo Céu como um meros leitores superficiais. Teremos que entender de que forma subtil ela é capaz de se disfarçar como zelo a Deus, enquanto de facto, é afastamento d’Ele.

“O Espírito de Deus tem iluminado cada página dos Escritos Sagrados, mas há aqueles sobre os quais pouca impressão eles fazem, por serem imperfeitamente compreendidos. Ao vir a sacudidura, pela introdução de falsas teorias, esses leitores superficiais não ancorados em parte alguma, são como a areia movediça. Escorregam para qualquer posição para agradar a tendência de seus sentimentos de amargura... Daniel e Apocalipse devem ser estudados, bem como as outras profecias do Velho e Novo Testamentos. Haja luz, sim, luz, em vossas habitações. Por isso devemos orar. O Espírito Santo brilhando sobre as páginas sagradas, abrir-nos-á o entendimento para que possamos saber o que é verdade...” *Testemunhos para Ministros*, 112.

Este conhecimento deve ser adquirido por todos aqueles que deveriam tornar seguro o seu chamamento e eleição. Vós que decidistes reconhecer a presença deste inimigo mortal do Senhor, verificareis que, por muito surpreendente que possa parecer, é entre o próprio povo de Deus que a apostasia tem origem. Afinal, foi no interior do mais inteligente e melhor anjo, Lúcifer, que a primeira apostasia que jamais apareceu começou a manifestar-se.

Obviamente, não podemos esperar encontrar a apostasia *a germinar* no meio e dentro do coração daqueles que estão nas igrejas caídas, os ímpios, e os pagãos, porque esses já estão apostatados. Em vários pontos no passado, estes que estão afastados da verdade e da justiça, abandonaram a sua fé no Altíssimo, e têm caminhado separados d'Ele desde essa altura.

No conflito final haverá um reagrupamento, na formação de uma vasta confederação universal do mal, de todos os poderes que apostataram da lei e serviço de Deus. Serão encontrados em toda a nação, reino, e povo os que se tornaram leais ao inimigo.

“Na luta a ser travada nos últimos dias, estarão unidos em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da lealdade à lei de Jeová. Nesta batalha o sábado do quarto mandamento será o grande ponto em conflito, porque no mandamento do sábado o grande Dador da lei Se identifica como Criador dos Céus e da Terra.” *Selected Messages*, 3:392, 393.

Mas sempre tem havido fiéis na igreja do Senhor, e é nesta classe que encontramos Daniel e seus companheiros. Entre a dominante apostasia, mantiveram-se aparte apesar da terrível pressão colocada sobre eles para abandonarem os seus rectos princípios. A sua história é o registo da sua incrível fidelidade entre aqueles que estavam num estado de imprudente abandono do Deus vivo. É a revelação de um pequeno grupo firme na luz que, quando as condições eram as mais negras, brilharam na maior luz.

Eles mostraram que reconheceram a apostasia quando a viram, compreenderam a sua causa, e souberam como garantir que ela não encontraria lugar dentro deles. Se ao menos os restantes israelitas tivessem tomado tempo e esforço para estar do mesmo modo equipados para enfrentar o inimigo, e nunca se tivessem afastado da estrita obediência à lei de Deus, nunca teriam sido forçados a submeterem-se aos babilónios, à destruição do templo e cidade de Jerusalém, e à irrecuperável dispersão de muitos do povo.

A grande, terrível, e eventualmente incurável apostasia de Judá, o reino do sul, quando Daniel e os seus companheiros foram levados para o cativeiro em Babilónia, tem o seu paralelo na apostasia que agora se desenvolve em todo o mundo. Ela está outra vez a surgir em espírito, prática, e confiança em si, como no passado. Para permanecer firme perante as incríveis pressões que serão trazidas sobre nós, tal como Daniel, devemos ser capazes de reconhecer este mal quando o vemos, e estar aptos para penetrar os seus disfarces, e saber quais as medidas a empregar para nos tornarmos uma inexpugnável fortaleza, provada contra as fortes, quase irresistíveis tentações do inimigo.

Uma vez que tenhamos aprendido o que Daniel teve que enfrentar, e a forma como ele com sucesso enfrentou estes inimigos, devemos diligentemente aplicar as verdades que nos têm sido reveladas, e desde então nunca dar um passo atrás, ou, se o fizermos, apressar a recuperação daquilo que perdemos. Qualquer atraso dá ao envenenado procedimento apóstata tempo para confundir as nossas percepções do que é certo e errado, e isto é algo que não podemos permitir que nos aconteça. Uma das primeiras coisas a descobrir acerca da apostasia é a natureza enganadora. É uma contrafacção tão subtil e cai sobre as suas vítimas tão imperceptivelmente, que, antes de estarem conscientes do seu perigo, já estão enredadas por ela.

Mas há uma perfeita salvaguarda contra a queda na apostasia encontrada nas Escrituras:

“À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” *Isaías* 8:20.

Todos os dias, grandes ou pequenas decisões têm que ser tomadas. Estas sê-lo-ão no sentido certo ou errado dependendo se são tomadas de acordo com a inclinação ou princípios rectos. Se motivadas pela inclinação, então são contribuições para a apostasia, mas se motivadas pelo princípio e são aprovadas pela lei e o testemunho, então operam para a consolidação da vida em justiça.

Em termos práticos, quando enfrentardes a necessidade de tomar uma decisão, colocai a questão à luz do que diz a lei e tomai as vossas decisões para o lado certo pelo exercício da fé no poder de Deus que torna a vossa vontade eficaz.

Aqui neste ponto incontáveis cristãos têm tropeçado muito gravemente. Considerai Abraão por exemplo. Ele e a sua esposa não tinham filhos, mesmo assim tinha-lhes sido prometido um filho muito especial, através de quem o Salvador viria à Terra. Depois de muitos anos passarem durante os quais o filho da promessa continuava a não aparecer, sucumbiram à pressão de tomar a obra de Deus nas suas próprias mãos. Concluíram que a responsabilidade era fazer qualquer coisa acerca deste problema. Assim elaboraram, *eles próprios*, o plano pelo qual Agar daria à luz o filho.

Mas, com uma mente sem preconceitos, não colocaram a questão perante a lei e o testemunho para ver se passava o seu exame escrutinador. Se o tivessem feito, teriam rapidamente visto que o adultério, a acção chave no centro de seu esquema e essencial ao seu sucesso, era proibido pela lei. Eles deviam aprender eventualmente, graças ao paciente, terno, instruidor ministério do seu Tutor celestial, e também pelos frutos do sofrimentos que recolheram devido à sua má acção, que estrita e firme obediência é o único esquema pelo qual o reino da justiça pode ser construído com sucesso.

Para Abraão, a preciosa verdade que tudo deve ser testado e passado como legal antes de ser posto em prática, foi por fim trazido de volta quando o Senhor lhe ordenou que tomasse o seu precioso filho e o oferecesse como sacrifício. Que prova ele teve que enfrentar! Quando a passou, que grande salto para longe da apostasia foi esse!

Tinha sido formado um plano, não pelo homem, mas por Deus, no qual Abraão tinha viajar até ao cimo do monte Moriá, e ali devia matar realmente o filho da promessa como um sacrifício de sangue. Aqui, alguns argumentarão que se o plano fosse colocado perante a lei e testado, teria sido rejeitado na base do mandamento, “Não matarás!” e Abraão teria ficado grandemente aliviado.

Mas, como já foi declarado acima, foi Deus que havia formado o plano, e Abraão tinha que ser estabelecido firmemente na verdade que Deus nunca dá uma ordem obrigue qualquer dos Seus filhos a transgredir os Seus mandamentos. Fale Deus directamente ou através da lei, Ele tem que ser obedecido. Os dez mandamentos são a expressão básica da Sua vontade, enquanto todo o resto das Suas ordens são expansões e pormenores dos originais. Portanto, a instrução para ele matar o filho não foi uma ordem para transgredir a lei, mesmo apesar de isso ser exactamente o que parece. Nestas circunstâncias quando a ordem para matar Isaque, através de quem foi dada e quem a deu, não era uma violação da lei de Deus.

Abraão ficou inteiramente satisfeito pela ordem de sacrificar Isaque vir de Deus e portanto tinha que ser obedecida apesar dos argumentos de Satanás em contrário.

Que diferentes foram estes dos procedimentos pelos quais Ismael se tornou um membro da família de Abraão! Nessa altura, Abraão e Sara tinham idealizado um esquema pelo qual esperavam gerar o filho da promessa, mesmo assim, como no caso do rei Salomão, era necessário quebrar a lei para executar o esquema.

Que Deus pudesse em justiça ordenar a Abraão que matasse o seu filho é uma demonstração do Seu génio como hábil Salvador. Por este meio, Abraão foi liberto da disposição revelada no seu acordo com Sara para resolver os seus problemas sem o exame à luz da lei a fim de provar se realmente estava de acordo com a lei.

Há os que ensinam que por causa de Deus ser Deus, tem o direito de destruir qualquer um ou mais dos Seus súbditos quando entender. Mas Deus é diferente dos potentados terrestres naquilo que a lei, sendo a transcrição do Seu carácter, declara que Ele portanto não mata.

“A lei de Deus no santuário celeste é o grande original, de que os preceitos inscritos nas tábuas de pedra, registados por Moisés no Pentateuco, eram uma transcrição exacta. Os que

chegaram à compreensão deste ponto importante, foram assim levados a ver o carácter sagrado e imutável da lei divina. Viram, como nunca dantes, a força das palavras do Salvador: 'Até que o céu e a Terra passem, nem um jota se omitirá da lei.' Mateus 5:18. A lei de Deus, sendo a revelação de Sua vontade, a transcrição de Seu carácter, deve permanecer para sempre, 'como uma fiel testemunha no Céu.' Nenhum mandamento foi anulado; nenhum jota ou til se mudou. Diz o salmista: 'Para sempre, ó Senhor, a Tua palavra permanece no Céu.' São 'Fiéis todos os Seus mandamentos. Permanecem firmes para todo o sempre.' Salmo 119:89; 111:7 e 8." *O Grande Conflito*, 433.

"A lei de Deus é uma expressão do Seu carácter. Deus possui absoluta, invariável, e imutável independência, e a Sua lei não tem variação, alteração, ou fim, porque é a transcrição do Seu carácter. Nenhum acontecimento pode ter lugar que em qualquer sentido torne necessário declarar uma lei de natureza contrária. 'A lei do Senhor é perfeita, convertendo a alma.' Qualquer mudança na lei mancharia a sua perfeição. A mais pequena variação nos seus preceitos daria motivo às hostes do céu e mundos não caídos para pensarem que os conselhos e declarações de Deus não são de confiança, mas necessitam ser remodelados, porque têm um carácter defeituoso. Fosse alguma modificação feita na lei de Deus, Satanás obteria a vitória naquilo através do que iniciou o conflito." *The Signs of the Times*, 12 de Março de 1896.

Aqui é encontrada uma das grande diferenças entre o verdadeiro Deus e os falsos deuses. O verdadeiro Deus é a própria justiça; a lei é a transcrição do Seu carácter; e Ele comporta-se sempre com referência aos Seus preceitos. Com Ele não pode haver uma lei para o povo e nenhuma para o rei.

A doutrina que defende esta teoria é chamada, "O Direito Divino dos Reis". Ela propõe que o rei não tenha que responder a qualquer homem ou mulher em todo o reino, e não lhe é exigido que obedeça a qualquer lei. Se ele comete adultério, ou executa alguém que lhe tenha desobedecido ou ofendido, não é punido, mas está meramente a exercer o seu direito como rei. Se alguém possui uma terra ou um negócio que ele cobice, é livre de se apoderar dele.

Nem todos os reis antigos governaram desta forma absoluta. Houve alguns que fizeram parecer que eram responsáveis perante o povo e a lei, mas, no todo, as leis foram escritas para proteger o rei do povo, e não o povo do rei. Assim foram as operações dos déspotas e tiranos que consideravam que o povo existia sem outro propósito que não servir a classe mais "alta".

"Nos reinos do mundo, a posição implicava o engrandecimento próprio. Supunha-se que o povo existia para benefício das classes dominantes. Influência, riqueza, educação eram os meios vulgarmente usados para obter o domínio das massas em proveito dos dirigentes. As classes mais altas deviam pensar, decidir, gozar e dominar; às mais humildes cumpria obedecer e servir. A religião, como tudo o mais, era uma questão de autoridade. Do povo esperava-se que acreditasse e procedesse segundo a direcção dos seus superiores. O direito do homem como homem de pensar e agir por si mesmo, não era de modo nenhum reconhecido." *O Desejado de Todas as Nações*, 592.

Mas em Deus existe outro sistema.

"Nuvens e obscuridade estão ao redor d'Ele; justiça e juízo são a base do Seu trono." *Salmos* 97:2.

Tal como foi no caso de Abraão e Sara, assim foi com o rei Salomão, quando a mesma falha em trazer o seu maravilhoso, precioso plano perante a lei de Deus para ver se ele passava "o teste da preparação," deixou o rei e os súbditos do seu reino sem protecção contra a apostasia. Se o rei Salomão e todo seu povo tivessem apresentado o atraente e desejável esquema do rei perante a lei a fim de verificarem se era autorizado ou proibido, o rei nunca teria feito uma aliança com o rei do Egipto, nem teria casado com a princesa egípcia. Ele teria feito avançar a obra de Deus sem recorrer a tais procedimentos.

Se ele e os que estavam sob as suas ordens, tivessem continuado a aplicar este sistema para tomar decisões por tanto tempo quanto vissem, ter-se-iam mantido livres da apostasia, e teriam avançado de uma altura de glória para outra, de prosperidade em prosperidade. Nunca teriam experimentado total apostasia e total ruína. Por esta razão, Deus instruiu os reis de Israel para manterem sempre a palavra da lei perante si de modo a poderem julgar todas as coisas segundo este padrão isento de erros. O Senhor seu Deus deu este passo porque compreendia que apenas os que testassem todo acto pela lei e agissem de harmonia com os seus preceitos estavam a salvo da apostasia.

“Centenas de anos antes que Salomão subisse ao trono, o Senhor, antevendo os perigos que cercariam aqueles que fossem escolhidos reis de Israel, deu a Moisés instruções para sua guia. Foi dada orientação para que o que se assentasse no trono de Israel escrevesse ‘para si um traslado’ dos estatutos de Jeová ‘num livro, do que está diante dos sacerdotes levitas.’ ‘E o terá consigo,’ disse o Senhor, ‘e nele lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor seu Deus, para guardar todas as palavras desta lei, e estes estatutos, para fazê-los; para que o seu coração não se levante sobre os seus irmãos, e não se aparte do mandamento, nem para a direita, nem para a esquerda; para que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel.’ Deuteronomio 17:18-20.

“Em conexão com estas instruções, o Senhor particularmente alertou aquele que fosse ungido rei que não multiplicasse para si ‘mulheres, para que o seu coração não se’ desviasse. ‘Nem prata, nem ouro,’ deveria multiplicar-se muito para si.’ Deuteronomio 17:17.” *Profetas e Reis*, 52.

Viver assim “... de toda a palavra que sai da boca de Deus” *Mateus* 4:4, requer o desenvolvimento e emprego de uma forte, viva, activa fé, porque as aparências podem ser, e normalmente são, muito enganadoras. Com isto quero dizer que a desobediência pode produzir resultados agradáveis pelos menos durante o período exactamente a seguir à transgressão, enquanto obediência pode ser seguida por resultados desagradáveis.

Por exemplo, o flagrante erro do rei Salomão em assegurar-se que o seu “atraente” plano fosse cuidadosa e profundamente testado pela lei e o testemunho fez com que ele julgasse muito mal o resultado, e trocasse a identidade daquele, o próprio Satanás, que estava a derramar bênçãos sobre o ele e o seu reino. Não deve ser esquecido que Satanás “fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos ....” *O Grande Conflito*, 588.

O rei Salomão, por causa de não ter tomado a sábia precaução de testar o seu plano pela lei e pelo testemunho antes de o pôr em prática, ter-se-á julgado a si próprio justo aos seus próprios olhos, e os resultados da sua acção um grande enriquecimento para a causa de Deus. Ele tinha contraído uma poderosa aliança com um reino vizinho, tinha ganho uma bela esposa, e alargado o seu domínio ao ser presenteado com Gezer. Nada, parecia, estar errado mesmo apesar de não estar em harmonia com a lei e o testemunho. Parecia haver muita luz no caminho do homem, mais do que no caminho de Deus.

O rei Salomão teria estado bastante seguro que tudo isto era apenas o resultado da bênção divina, da qual ele gostaria de desfrutar muito mais. Assim o “sucesso” do primeiro afastamento da vereda da estrita obediência foi seguido de múltiplas exaltações do caminho do homem contra a lei, no lugar do caminho de Deus na lei e de acordo com a lei. Aquilo que tornou o mal ainda pior foi a crença da parte dos transgressores que eram defensores da lei de Deus que eles criam ter guardado em espírito e à letra.

Não eram eles fiéis observadores do sétimo-dia o sábado? Não reconheciam eles Jeová como sendo o único verdadeiro Deus? Não estava o Anjo do concerto no tabernáculo entre eles? Não eram eles observadores de todas as ordenanças sagradas como descritas em pormenor a Moisés no monte? Não estava a velada Presença entre eles visivelmente dia e noite? Que maior aprovação divina precisavam eles do que tudo o que já tinham? Tinham considerado o seu

afastamento da estrita obediência à lei como testemunho da extensão do seu zelo para servir a Deus, e teriam ficado aborrecidos com Deus se Ele tivesse mostrado desagrado pela sua oferta.

Ao deterem-se nestas questões, com sucesso se asseguraram que estavam seguros na vontade de Deus, e podiam esperar muito mais e ainda mais prosperidade à medida que o tempo passasse.

Um dos problemas que precisavam ser corrigidos era a separação que tinham feito entre os dez mandamentos por um lado e a orientação divina por outro.

Somente aqueles que obedecem à lei de Deus no melhor do seu conhecimento são guiados por Deus na realidade. Todos os outros são transgressores desobedientes que não guardam verdadeiramente a lei, nem são guiados por Deus na realidade.

Contudo, como mencionámos antes, quando o rei Salomão pensou que todas as riquezas vinham como resultado das bênçãos de Deus sobre os seus planos, naturalmente queria mais dessas “bênçãos”. Por isso procurou e encontrou oportunidades pelas quais entrar em aliança com potentados pagãos, obter muito mais mulheres, e obter muito mais ouro e prata. A propósito do envolvimento do rei Salomão com o rei do Egito e sua filha, são feitos os seguintes comentários:

“Durante algum tempo Deus em Sua compassiva misericórdia passou por alto este terrível erro; e o rei, mediante sábia conduta, poderia ter posto em choque, ao menos em grande medida, às forças do mal que sua imprudência pusera em operação. Mas Salomão havia começado a perder de vista a Fonte de seu poder e glória. À medida que a inclinação ganhava ascendência sobre a razão, a confiança em si mesmo aumentava, e ele procurou executar o propósito de Deus a sua própria maneira. Arrazoava ele que alianças políticas e comerciais com as nações vizinhas levariam essas nações ao conhecimento do verdadeiro Deus; e entrou em aliança não santificada com nação após nação. Frequentemente essas alianças eram seladas com casamento com princesas pagãs. Os mandamentos de Jeová foram postos de lado em favor dos costumes dos povos ao redor.” *Profetas e Reis*, 53, 54.

Notai cuidadosamente as perceptivas palavras: “a inclinação ganhava ascendência sobre a razão,” e, à luz do que se desenvolveu no reino do rei Salomão, compreendi que quando isto acontece, a apostasia está a ser estabelecida. Sabei então que se as mesmas coisas nos acontecem, chegou a altura de compreender que falhámos em manter uma fiel vigilância sobre nós mesmos contra este mortal separador de Deus. É então altura de começar um profundo trabalho de profundo exame de coração, e verdadeira reforma de modo que o reino de Deus não seja construído de acordo com as inclinações do homem, mas segundo os caminhos de Deus. Devemos assegurar que o nosso raciocínio é são e verdadeiramente escriturístico, porque há o perigo de tentarmos argumentar com os terríveis efeitos da apostasia.

“Salomão presumia que sua sabedoria e o poder do seu exemplo haveriam de levar suas esposas da idolatria à adoração do verdadeiro Deus, e também que as alianças assim formadas atrairiam as nações circunvizinhas em mais íntimo contacto com Israel. Vã esperança! O erro de Salomão em considerar-se suficientemente forte para resistir às influências de associações pagãs foi fatal. E fatal foi também o engano que o levou a esperar que, não obstante a desconsideração de sua parte para com a lei de Deus, outros poderiam ser levados a reverenciá-la e obedecer-lhe ao sagrados preceitos.” *Profetas e Reis*, 54.

É bastante surpreendente ver quão ilógico pode ser o raciocínio humano quando se separa da Luz. Aqui estava o rei Salomão, o homem mais sábio que jamais viveu, supondo que podia ganhar almas para a perfeita obediência à lei, enquanto ele próprio a quebrava. Isto é impossível. Aquele que chama os homens a viverem rectamente deve primeiramente ele próprio ser justo.

O exemplo mais transparente disto é dado no ministério de Jesus Cristo que não permitiu que qualquer mau pensamento permanecesse na Sua mente por um instante sequer. Não



importa quão grande fosse a tentação para comprometer os Seus princípios, julgou todas as coisas pela lei e não permitiu ser guiado por algo que não passasse o teste da lei.

“Em conformidade com o que Ele ensinava, vivia ‘Eu vos dei o exemplo, disse Ele a Seus discípulos, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.’ ‘Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.’ João 13:15; 15:10. Assim, em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração de apoio. E mais do que isto: Ele era aquilo que ensinava. Suas palavras eram a expressão não somente da experiência de Sua própria vida, mas de Seu próprio carácter. Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade. Era isto que Lhe dava poder aos ensinamentos.” *Educação*, 79.

A separação de Deus é caracterizada pelo afastamento da justiça que está na lei de Deus. Qualquer separação seja em que grau for, é apostasia da qual Satanás é o administrador. O desenvolvimento deste mal é obra inteiramente sua com a intenção de juntar todo o mundo sob o seu domínio.

A lei de Deus não é obscura, complicada, ou difícil de compreender. Então, como é que a apostasia nasce entre o próprio povo que ama o Senhor, pertence ao Seu movimento, deseja o Seu rápido regresso, está preparado para fazer qualquer sacrifício pela causa da verdade, e exalta a beleza e poder da lei? Esta é uma pergunta sensata, com que vos confrontais, porque, se fordes um membro do verdadeiro povo de Deus, estais no próprio lugar onde a apostasia é gerada, onde devíeis efectivamente discernir a sua presença, e recusar cair sob o seu poder enganador.

Obviamente, Satanás é um inimigo astuto que sabe fazer melhor do que vir contra o iluminado povo de Deus de maneira aberta e honesta. Pelo contrário, ele tem que fazer as trevas parecerem luz, e luz, trevas. Por isso ele tem que anular o testemunho do teste de *Isaías* 8:20.

“À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” *Isaías* 8:20.

No caso de Abraão, o que a lei declarou serem trevas, era toda a luz para o idoso pai até à altura em que Deus foi capaz de penetrar as trevas que envolviam a mente do patriarca.

Nos casos de José e Daniel, instantaneamente aplicaram o teste: “À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” *Isaías* 8:20.

Como resultado da sua aplicação do teste à tentação imposta sobre ele pela mulher de Potifar, José expressou o que concluiu nestas palavras: “Ninguém há maior do que eu nesta casa, e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, portanto tu és sua mulher; como pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?” *Gênesis* 39:9.

Agora as coisas começaram realmente a acontecer. As trevas reuniram-se à sua volta. Ele foi falsamente acusado, perdeu o seu emprego e quase a sua vida, e foi lançado numa repugnante prisão. Parecia que a palavra de Deus precisava ser reescrita para ser lida: “À Lei e ao Testemunho! Se eles falarem segundo esta palavra, então é porque não há luz neles.”

Mesmo assim, José permaneceu leal ao teste de *Isaías* 8:20 e foi por fim galardoado com grande honra e prosperidade. A sua vida prova que a vitória sobre a apostasia, é a vitória sobre a ruína.

Uma vez que o rei Salomão se arrependeu, o final da sua vida confirmou a mesma verdade. Ele teve muita sorte em ser capaz de dar este testemunho, porque uma vez colocados os pés numa pessoa na vereda da apostasia, é raro o regresso ao tranquilo caminho da justiça. Uma aparentemente incurável cegueira toma conta das suas faculdades, que é muito difícil penetrar.

Isto foi claramente revelado outra vez durante os esforços de Cristo para trazer luz aos judeus do Seu tempo.

“Com grandes manifestações de prudência, os rabinos tinham advertido o povo contra a recepção das novas doutrinas ensinadas por este novo Mestre; pois as Suas teorias e costumes

eram contrários aos ensinamentos dos Pais. O povo deu crédito ao que os sacerdotes e fariseus ensinavam de preferência a procurar entender por si mesmos a palavra de Deus. Honravam mais os sacerdotes e principais do que a Deus, e rejeitavam a verdade para poderem guardar as suas próprias tradições. Muitos foram impressionados e quase persuadidos; não agiram, porém, segundo as suas convicções, e não se definiram no lado de Cristo. Satanás apresentou as suas tentações, até que a luz foi tida como trevas. Assim muitos rejeitaram a verdade que lhes teria operado a salvação da alma." *O Desejado de Todas as Nações*, 532, 533.

A apostasia tem um temível poder encantador, que tem o incrível efeito de transformar homens sãos em irracionais perseguidores, fanáticos, falsos acusadores, servidores de si mesmos, etc. No solene grande dia de contas final, contudo, ninguém será capaz de invocar que não teve defesa contra esta influência mortal. Antes de chegarem ao ponto onde a luz parecia trevas, foram convencidos da verdade, mas, por falharem em agirem segundo estas convicções, privaram-se da capacidade de compreender o abismo para o qual estavam seguramente a deslizar. Uma vez que o povo chegou a este ponto, parece que nada havia que os pudesse salvar.

Mas estas ataduras podem ser quebradas, e de facto têm que ser quebradas antes de ser demasiado tarde. A causa de Deus no tempo de Daniel urgentemente requeria que pelo menos um pequeno grupo em cujos membros o poder da apostasia estivesse completamente quebrado. Um grupo maior teria sido também vantajoso, embora houvesse muito mais glória para Deus quando apenas uns poucos fossem capazes de manter vidas de perfeita obediência num tempo em que a grande nação de Babilónia estava apostatada juntamente com o professo povo do Senhor. Não importava para onde se olhasse, havia rebelião e apostasia. Unicamente uns poucos estavam firmes sem serem afectados por ela.

Em Babilónia, confronto após confronto foi enfrentado pelos quatro nobres. Dum lado estava o poderoso rei de Babilónia à cabeça das mais poderosas forças militares, religiosas, económicas, educacionais, e outras, da Terra nessa altura. A resistir contra elas estava o pequeno exército de Deus de quatro homens. Que dantesca tarefa enfrentaram aqueles jovens hebreus desarmados! Nessa altura, todas as nações do mundo eram obrigadas a respeitar e honrar o colosso caldeu como foi demonstrado pela adoração forçada da imagem de ouro. O equilíbrio de forças pareceu estar do lado dos babilónios tão convincentemente, que os jovens hebreus pareceram condenados a uma rápida eliminação.

Nunca as forças em confronto foram mais desiguais, contudo, em todos os confrontos, o Senhor, através dos quatro, foi vencedor. Enquanto o domínio militar de Babilónia se estendia à largura e comprimento da Terra tinha sido triunfante, para o que os babilónios apontavam como convincente evidência que o seu sistema de construção do reino era o único procedimento correcto a seguir, o Senhor poderosamente e com sucesso demonstrou que este era o caso apenas numa duração limitada e de pouca vida. Mesmo então, aqueles que acompanharam o padrão de procedimento dos quatro, tiveram bênçãos na presença, e promessas para o futuro das quais os apóstatas nada sabiam.

## Capítulo 9

# O Pecado Contra o Espírito Santo

O livro de *Daniel* juntamente com o *Apocalipse*, foram especificamente escritos para o povo de Deus que for o Seu instrumento através de quem Ele travará a última batalha decisiva do grande conflito. Quanto mais claramente compreendermos a natureza e magnitude da crise que se aproxima, melhor apreciaremos e beneficiaremos pela história daquilo que Daniel e os seus três companheiros enfrentaram e venceram. De facto, para os que estão determinados a sair triunfantes sobre a besta e sua imagem, a história das batalhas que Daniel e seus três amigos lutaram e venceram sob as circunstâncias de maior prova, é um estudo de material essencial.

Através deste estudo, será visto que estamos a pisar o mesmo terreno que Daniel e seus três amigos pisaram, e Deus está agora a preparar o Seu povo para possuir as mesmas qualificações daqueles jovens, a fim de enfrentar a mesma apostasia que se está a levantar da mesma forma e com os mesmos resultados. Os apóstatas, muitos em número, crerão com firmeza que estão a fazer a vontade de Deus, e que aqueles que dirigem outros no caminho da desobediência, juntamente com os seus seguidores, são os beneficiários das bênçãos pessoais e aprovação de Deus. Todos os outros serão chamados sob a ameaça da perseguição, mesmo com sacrifício da sua própria vida, a curvar-se perante a prevalecente iniquidade.

Assim, os que estão no erro pensarão de si próprios que estão totalmente certos, enquanto os que estão do lado correcto recearão que não estão a alcançar a glória de Deus. Assim a confusão caracterizará a situação de todos os lados. Satanás estará muito satisfeito, porque ele opera com muito mais sucesso quando é capaz de fazer a luz parecer trevas, e as trevas luz. Ele sabe que este é um excelente procedimento para fortalecer e encorajar as suas próprias forças, e espera desse modo enfraquecer a fé dos verdadeiros crentes. O verdadeiro povo de Deus deve tornar-se hábil na identificação do inimigo por detrás dos seus disfarces. Eles devem aprender quão eficaz é Satanás na tática de trocar a verdade e o erro.

Os que nos dias de Daniel, em quem a apostasia se tornou totalmente incurável, chegaram a esta temível condição por chamarem luz às trevas, e trevas à luz. Por fazerem isso, entregaram-se ao pecado contra o Espírito Santo, que é o pecado imperdoável. Sempre que é feita referência ao pecado imperdoável, é gerada uma sensação de receio. Inseguros quanto ao que este pecado realmente é, muitos estão profundamente perturbados a menos que já o tenham cometido sem o saberem. Estão assustados por este sinistro mistério com que Satanás cobriu o pecado contra o Espírito Santo.

Seria de grande valor para nós aprender exactamente o que é o pecado imperdoável, como é cometido, e como pode uma pessoa ser salva dele.

O pecado imperdoável é cometido quando uma pessoa chega ao ponto em que atribui a obra do Espírito Santo a Satanás enquanto, ao mesmo tempo, chama à obra de Satanás, a obra de Deus. Na Bíblia, tem o nome de blasfêmia contra o Espírito Santo.

“E todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado.” *Lucas 12:10*.

No Espírito de Profecia este pecado é descrito da seguinte maneira:

“Ao rejeitar a Cristo, o povo judeu cometeu o pecado imperdoável; e, recusando o convite da misericórdia, podemos cometer o mesmo erro. Insultamos o Príncipe da vida, e expomo-l’O à vergonha perante a sinagoga de Satanás e o universo celeste, quando recusamos ouvir os Seus mensageiros delegados, e em vez deles ouvimos os agentes de Satanás, cujo objectivo é afastar a alma de Cristo. Enquanto uma pessoa fizer isto, não pode encontrar esperança de perdão, perdendo por fim todo o desejo de se reconciliar com Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 345.

O pecado imperdoável não é um único pecado, mas é uma série de rejeições da voz do Espírito Santo no coração da própria pessoa. Quando a voz é rejeitada, a pessoa fica cega e endurece até Deus já não poder alcançá-la. Isto é o pecado imperdoável, não porque o Senhor tenha decidido arbitrariamente que fosse assim, mas é a própria estrutura que faz que assim seja. Quando no início ela deliberadamente rejeita a verdade de Deus e chama-lhe o erro de Satanás, por fim chega ao ponto em que realmente crê que a verdade de Deus é o erro de Satanás, e a mentira do espírito do mal é a verdade de Deus. Assim, quanto mais Deus tenta alcançá-la com os Seus ternos apelos, mais enfaticamente rejeita aqueles apelos. Desta forma desliga-se a si própria do acesso ao ministério unicamente pelo qual pode ser levada ao arrependimento.

No início o pecado não é imperdoável no sentido absoluto da palavra, mas só se torna imperdoável assim que a pessoa rejeita a voz do Espírito Santo. Tal como diz o testemunho, “Enquanto uma pessoa fizer isso, não pode achar esperança de perdão...” Mas isto continua somente enquanto ela o faz, o que significa que o seu pecado é condicionalmente imperdoável. Se cessar a sua resistência ao ministério do Espírito Santo e permite que a sua convicção a leve ao verdadeiro arrependimento purificador, então Deus pode chegar junto dela de novo.

Doutro modo a pessoa fica tão endurecida e enganada por si própria, e em virtude disso acolhe entusiasticamente os enganos de Satanás porque crê que eles são a luz de Deus. Sob estas condições, é obviamente impossível alcançar a alma com o divino dom do perdão. É neste sentido que o pecado é imperdoável.

Uma vez chegada a um avançado grau de dureza de coração, é impossível que essa luz seja alguma vez correctamente avaliada pela pessoa. “...Quando o coração da pessoa endurece em relação à verdade de Deus ao ponto em que não mais pode ser abrandado, então o pecado permanece incondicionalmente imperdoável. A alma torna-se tão terrivelmente endurecida, cheias de preconceitos, e resistente à luz, que nem mesmo poderosas mensagens, milagres, ou a ressurreição dos mortos pode mudar o seu pensamento. Esse era o estado dos dirigentes judeus nos dias de Cristo.

“Eles [os fariseus] atribuíram aos agentes satânicos o santo poder de Deus manifestado nas obras de Cristo. Assim os fariseus pecaram contra o Espírito Santo. Teimosos, Obstinaos, com coração endurecido, determinaram fechar os seus olhos a todas as evidências, e assim cometeram o pecado imperdoável (RH 18 de Janeiro de 1898.)” *The S.D.A. Bible Commentary* 5:1092.

Voltemos por momentos à apostasia do rei Salomão para ver como esta condição se desenvolve. Este exame do aparecimento do homem do pecado é muito necessário para os que de nós se consagraram para serem membros do exército do Senhor nos últimos dias, porque temos que passar pelo mesmo terreno de prova.

Tudo começou porque o rei Salomão com o reconhecimento do que ele pensou que seria uma maravilhosa oportunidade para aumentar a segurança, riqueza, e poder do seu reino e do reino de Deus na Terra. Ele viu que podia formar uma aliança militar com o rei do Egito e podia casar com a filha do rei. Ele podia saber mais do que supor que um plano desses produziria os resultados desejados, porque todo o plano que envolve a transgressão da lei realmente enfraquece o rei e os seus súbditos. No início não parece ser assim, mas a seu tempo acontecerá.

Os motivos do rei Salomão eram excelentes em carácter, porque é justo e correcto trabalhar com zelo consumidor para a construção do reino de Deus. Mas é essencial que este esforço seja feito de acordo com os princípios e procedimentos justos. Isto não inclui alianças com aqueles que não estão interessados na verdade de Deus.

A promessa inspiradora que vem das cortes da glória até nós tem sido:

“Certamente cedo venho”, e a ansiosa resposta dos corações de geração após geração dos seguidores de Cristo tem sido sempre:

“Ora, vem, Senhor.” *Apocalipse 22:20*.

Esse também terá sido o sincero desejo do rei Salomão.

Demonstrar a sua vontade e desejo de construir o reino de Deus e apressar a vinda de Cristo era uma reacção verdadeiramente recomendável da sua parte. Mas ele precisava de exercer grande cuidado para ter a certeza se o atraente esquema que estava perante si que se destinava aliá-lo com o rei do Egito, era de facto um plano de Deus ou realmente vinha directamente de Satanás. Era completamente possível que Satanás fosse o autor do esquema, pois ele sabe exactamente como nos tentar a construir o reino de Deus do modo errado.

Uma lição importante a ser aprendida desta possibilidade de Satanás ser o autor de um plano que sintamos vir de Deus, é que nenhum plano devia ser posto em prática sem o seu verdadeiro carácter ser positivamente determinado. Não deixeis que algo seja feito ao acaso, e preparai-vos para não vos moverdes até o processo de prova ter identificado claramente o verdadeiro carácter do plano. Nestes últimos dias especialmente, não podemos permitir quaisquer erros. Analisai e repeti a análise de todo o plano que vos seja sugerido para tornar absolutamente seguro que ele vem de Deus.

Lembra-vos, é muito mais fácil rejeitar um plano quando ele vos é apresentado no início do que primeiro aceitá-lo e depois, retratar a vossa posição.

Satanás é de facto um perito na criação destas ciladas para os filhos de Deus, muitos dos quais têm falhado em escapar às armadilhas do tentador. Os homens mais poderosos, como Abraão e Moisés, estiveram entre os que caíram sob estes enganos durante uma parte considerável das suas vidas. Assim, quando esta proposta para o avanço dos interesses do Senhor foi colocada perante ele, o rei Salomão, devia ter rapidamente feito a pergunta, “está ele de acordo com a lei e o testemunho,” e quando verificasse que não estava, como seguramente teria acontecido, então imediatamente e sem se comprometer devia rejeitá-lo.

Sem dúvida que o Espírito Santo estava presente para guiar o rei através do ministério pessoal dos seus anjos guardiães as fim de “ponderar antes de se precipitar”. Se ele não estivesse tão absorvido pelo deslumbrante plano, estaria receptivo a estas influências celestiais vindas do Espírito Santo através dos anjos, e teria sido salvo de lançar o fundamento para a construção da terrível apostasia.

Houve sem dúvida alguma hesitação da parte do rei, antes de prosseguir com o plano, devido ao toque do Espírito Santo na sensível consciência que ainda não estava endurecida através das repetidas rejeições aos Seus apelos. Durante a aplicação do esquema, o rei Salomão deve ter sido assaltado com pressentimentos quanto à validade do plano, mas deve ter-se sentido seguro que o plano era de Deus, quando aquilo que esperava obter começou a materializar-se.

Esta rejeição da pequena voz do Espírito Santo foi o início do pecado contra o Espírito Santo.

Foi através do inimigo que a operação foi formulada, mas agora era atribuída a Deus. Assim fez parecer que Deus era o legislador que quebrou a Sua própria lei a fim de construir o Seu reino. Contudo, foi realmente Satanás o mentor do plano incluindo o seu aparente sucesso. Foi o inimigo que sugeriu este método de construção do reino, e assegurou que os resultados defendessem os seus ensinamentos que se forem bons, apenas podiam vir de Deus, independentemente se a lei tivesse que ser transgredida para obter as bênçãos.

Um ponto crítico havia sido alcançado pelo rei, porque a apostasia estava prestes a ganhar raízes na nação. Para evitar a eminente ruína, o rei tinha que correcta e implacavelmente identificar quem era o autor que havia planeado esta aliança com o poderoso rei do Egipto. Era Ele Deus, ou era Satanás? O Espírito Santo tê-lo-ia impelido a fazer esta pergunta.

Encontrar a resposta a essa pergunta vital devia ser uma questão simples, mas isto contém uma coisa maravilhosa. O homem mais sábio da Terra, o rei Salomão, que foi pessoalmente dotado com sabedoria do alto, caiu na armadilha de Satanás e provou ser menos capaz de perceber a artimanha do inimigo do que Daniel e os seus três amigos. Este é o resultado da rejeição da voz do Espírito. Não há absolutamente qualquer forma pela qual o esquema do rei Salomão viesse de Deus, porque Ele edifica o Seu reino pelo Espírito Santo em justiça como está escrito:

“E vi um céu aberto, e eis um cavalo branco; e O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.” *Apocalipse* 19:11.

É em *justiça*, que é *obediência à lei*, que Deus constrói o Seu reino, em que não há lugar para qualquer transgressão da lei. Não havia lugar para alianças com o rei do Egipto adorador de ídolos, nem havia qualquer lugar para o casamento com a sua filha, nem para receber uma cidade pagã como presente. O reino de Deus não deve ser construído por qualquer destes meios.

O futuro do rei Salomão e seu povo nesta altura estava em jogo. Ou desciam à profunda apostasia, ou voltavam as suas costas ao mundo e construíam o reino de Deus em justiça. Para chegar ao último era preciso que o rei Salomão fosse capaz de discernir pelo Espírito Santo se as suas obras e os seus planos eram de Deus ou de Satanás. Para muitas pessoas, a apresentação desta pergunta parece não ter fundamento, mas é uma pergunta que deve ser feita, porque toda a execução dependia da directa violação da expressa vontade de Deus. Ele tinha decretado, por muito boas razões, que os reis de Israel não deviam fazer alianças com reis adoradores de ídolos, não deviam casar com mulheres idolatras, mesmo se houvesse a promessa da sua conversão, e não deviam juntar grandes quantidades de ouro e prata. Assim disse a pura e santa Palavra do Deus vivo que homem algum pode contradizer.

Deus nunca dá essas instruções sem razão, nem dá as bênçãos que parecem resultar da transgressão destes conselhos sob qualquer sábia alteração do carácter destas violações. Portanto aquelas bênçãos não podiam ter vindo de Deus, e dizer que vinham, era chamar à obra de Satanás a obra de Deus. Desde essa altura, todas as vezes que a oportunidade se apresentou em que foi dada ao rei Salomão a hipótese de entrar em aliança proibida pela lei, e portanto não santificada, com as nações vizinhas, ele naturalmente julgou isto como sendo a obra de Deus quando de facto, isto era a obra de Satanás. Chegou a altura em que ele já não tinha qualquer problema em quebrar a lei. Não é surpreendente então que ele simplesmente avançasse de uma profundidade de apostasia para a seguinte, chamando sempre os seus pecados pelo nome errado. Não admira que este procedimento se provasse prejudicial para ele próprio e para a nação.

Felizmente para o próprio rei, os seus olhos foram por fim abertos para a relação entre a sua apostasia e a eminente ruína antes que fosse para sempre demasiado tarde. Ele chegou ao ponto em que penetrou os disfarces de Satanás e foi desde então capaz de chamar às trevas,

trevas, e à luz. Até esta capacidade ser desenvolvida e firmemente estabelecida na sua vida, não havia esperança de deter a apostasia que se aprofundava sempre. Pecar contra o Espírito Santo é rejeitar a lei de Deus até estarmos tão cegos que para nós isto já não é rejeição.

“Isto é tão verdade agora como quando foram ditas a Israel as palavras de obediência a Seus mandamentos: ‘Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos.’ Deuteronomio 4:6. Aqui está a única segurança para a integridade individual, a pureza do lar, o bem-estar da sociedade ou a estabilidade da nação. Em meio a todas as perplexidades e perigos e reivindicações em conflito da vida, a única salvaguarda e regra segura é fazer o que Deus diz. ‘Os preceitos do Senhor são rectos,’ e ‘quem faz isto nunca será abalado.’ Salmos 19:8; 15:5.

“Os que atendem à advertência da apostasia de Salomão fugirão à primeira aproximação dos pecados que o derrotaram. *Somente a obediência aos requisitos do Céu guardará o homem de apostatar-se.* Deus tem concedido ao homem grande luz e muitas bênçãos; mas a menos que esta luz e estas bênçãos sejam aceitas, não estarão seguros contra a desobediência e apostasia. Quando aqueles a quem Deus tem exaltado a elevadas posições de confiança voltam-se d’Ele para a sabedoria humana, sua luz torna-se trevas. As habilidades que lhe foram confiadas tornam-se um laço.” *Profetas e Reis*, 83. (Itálico acrescentado.)

Naquelas poucas palavras poderosas estão reveladas para nós as mensagens de advertência e a promessa contidas no livro de Daniel. Por um lado encontraremos ilustrados a apostasia que se agravava cada vez mais, com a devastadora ruína que se lhe seguia. Por outro lado veremos a incrível obediência dos quatro jovens cujas vidas foram provas contra a apostasia e ruína porque, não importa quais as circunstâncias, a sua primeira e única lealdade era para com o rei dos Reis. Para eles, o que quer que Deus dissesse, era lei. Eles reconheceram uma única regra na vida e que era inquestionável, intransigente obediência, independentemente do custo que isso pudesse ter.

Assim que chegaram a Babilónia as suas decisões foram provadas sobre a questão da comida e da bebida do rei. Recusando completamente comprometer os seus princípios no mais pequeno grau, embora gentilmente, com respeito, e humildade, suportassem esse teste e as múltiplas tentações que o seguiram.

Experimentaram alguma justificação por causa da rectidão da sua posição quando saíram sem rival do exame pessoal do rei Nabucodonosor acerca da sua aprendizagem. Pouco depois veio a prova da fornalha ardente, mas nada fez mudar aqueles quatro jovens heróis. Eles preferiam morrer do que desobedecer. Maravilhosa foi a prosperidade que se seguiu quando foram promovidos aos mais altos cargos administrativos no serviço ao rei de Babilónia, e sob a sua protecção.

Estas histórias e outras serão estudadas nos capítulos que ainda se seguirão, com a confirmação em cada uma que: *“Somente a obediência aos requisitos do Céu guardará o homem de apostatar-se.”*

Por causa destes dois tipos de obediência revelados nas vidas dos homens e mulheres, um que é verdadeiro, enquanto outro é uma imitação, tomaremos um pouco de tempo e espaço definindo as diferenças entre os dois. Faço isto num esforço para assegurar que não confundamos a falsa obediência com a verdadeira, e sejamos deixados surpreendidos por ainda termos o problema da apostasia e sua acompanhante ruína.

“Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e intenções, fundirá o nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão a seguir os nossos próprios impulsos. A vontade, refinada, santificada, encontrará o seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço. Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, a nossa vida será de contínua obediência.

Mediante o apreço do carácter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado tornar-se-nos-á aborrecível.” *O Desejado de Todas as Nações*, 726.

Que significam as palavras que dizem:

“Toda a verdadeira obediência vem do coração”?

Quer isto dizer que se obedecermos com sinceridade, diligência, dedicação, e integridade, então satisfazemos estas especificações? Significa tudo isso, mas muito mais do que ainda. Nesta lista está a faltar um elemento específico. É que uma pessoa tem que ter expulso do seu coração a velha natureza má, e através do milagre do renascimento, recebido a nova vida no lugar da velha. O testemunho que está então perante nós diz que toda a verdadeira obediência brota de um novo coração, não de um coração de pedra que é frio e morto.

Essa obediência não necessita ser forçada na pessoa, porque quando estamos a obedecer a Deus, estamos apenas a ser guiados pelos nossos próprios impulsos. Uma boa árvore não tem que ser forçada a produzir bons frutos. Nenhum cristão verdadeiramente renascido que mantém a sua vida espiritual viva com o amor de Jesus tem que se forçar a obedecer contra a sua natureza.

Obviamente, o corpo de carnal é outra questão, porque se seguíssemos os impulsos dessa natureza, certamente que não estávamos a obedecer a Jesus. Mas nós estamos a estudar a obediência que brota do coração, não aquela que tantas pessoas bem intencionadas mas mal informadas tentam pela força extrair da natureza carnal e que Deus não pode aceitar.

A futilidade de tentar extrair obediência de um coração que não foi substituído por um novo e vivo coração é facilmente ilustrada por qualquer tentativa que possa ser feita para forçar um espinheiro produzir maçãs. Isto é tentar o impossível. Nada de valor duradouro pode ser alcançado por este meio, embora possa fazer parecer que uma conformidade exterior com a lei tenha sido alcançada. Esta capacidade produz uma modificada melhoria que é aceite por muitos como se realmente fosse a verdadeira justiça. Grande cuidado deve ser exercido na identificação das verdadeiras manifestações da lei em contraste com as falsas, porque Satanás é um mestre no que respeita às tácticas do engano.

Quando estive aqui na Terra, o nosso Salvador foi frequentemente confrontado com as subtis tentações que exigiam percepções espirituais altamente desenvolvidas a fim de as identificar correctamente e em seguida rejeitá-las. Felizmente para nós, em todas as ocasiões em que Satanás se aproximou do nosso Salvador mesmo com o mais hábeis enganos, Jesus discerniu quem ele era, qual a natureza do engano que estava a ser praticado sobre Ele, e sabia exactamente como o enfrentar. Consequentemente, não houve uma única ocasião em que fosse encontrado n’Ele o mais pequeno traço de apostasia.

Aqueles que determinam não ter parte na grande apostasia final, têm que desenvolver a capacidade de reconhecer as tentações por aquilo que elas são — tentações — e não cometer o erro do rei Salomão de chamar às trevas, luz, e à luz, trevas, que é o pecado que não pode ser perdoado. Esta capacidade pode ser adquirida apenas à medida que obedeçamos sempre à voz do Espírito Santo.

Jesus é o sumo vencedor que unicamente pode chamar à luz, luz, e trevas às trevas. Como é que Ele fez para alcançar este testemunho exemplar? Para encontrar a resposta, voltemo-nos para as muitas ocasiões em que Ele foi poderosamente tentado a desviar-se para a direita ou para a esquerda, mas, discernindo as tácticas do inimigo, soube exactamente como as enfrentar e assim fez pronta e vitoriosamente.

O estudos de qualquer uma das tentações e vitórias de Jesus servirá para ilustrar o ponto que estamos a considerar, mas, de todas elas escolherei e esquema de Satanás destinado a evitar que o Redentor fizesse a Sua última viagem a Jerusalém e fosse crucificado.

“Era muito doloroso para o coração de Jesus, avançar no Seu caminho contra os temores, decepções e incredulidade dos Seus amados discípulos. Era duro conduzi-los à angústia e



desespero que os aguardava em Jerusalém. E Satanás estava a postos para forçar as suas tentações sobre o Filho do homem. Porque iria agora para Jerusalém, para uma morte certa? Por toda a parte, ao Seu redor, estavam almas famintas do pão da vida. Por todo o lado, havia almas sofredoras a esperar a Sua palavra de cura. A obra a ser operada pelo evangelho da Sua graça apenas começara. E Ele achava-Se no pleno vigor da juventude, da varonilidade. Por que razão não ia Ele aos vastos campos do mundo com as palavras da Sua graça, o toque do Seu poder de curar? Por que razão não Se dava a Si mesmo a alegria de conceder luz e satisfação a esses milhões de entenebrecidos e entristecidos? Por que razão deixava a colheita aos Seus discípulos, tão fracos na fé, tão difíceis de entendimento, tão demorados a agir? Porquê enfrentar a morte agora, e deixar a obra ainda na sua infância? O inimigo que no deserto se defrontara com Cristo, assaltou-O então com cruéis e subtis tentações. Se Jesus tivesse cedido por um instante, se tivesse mudado a Sua orientação no mínimo particular para Se salvar a Si mesmo, os instrumentos de Satanás teriam triunfado, ficando o mundo perdido.” *O Desejado de Todas as Nações*, 528.

A vida de Cristo na Terra foi meticulosamente planeada. Nada foi deixado ao acaso. O plano foi formulado com cuidadosa referência ao resultado da causa e do efeito, e o fluxo e refluxo de todas as forças envolvidas. A fiel aderência aos pormenores previamente estabelecidos no programa divinamente preparado era importante para o sucesso, mesmo apesar de unicamente à custa de terrível custo pessoal e incríveis sofrimentos para os membros da Divindade.

Para Satanás, tudo dependia de encontrar um defeito no plano, porque, se em algum pormenor pudesse fazer com que Cristo Se desviasse dele, triunfaria como vencedor no grande conflito. Assim ele formou um plano imitador que esperava apelar grandemente para a humanidade de Cristo. Ele não pedia a abolição do plano, mas unicamente a sua modificação. Era tudo o que ele precisava para o destruir. Apelando para o grande amor de Cristo pela humanidade que perecia, apontou a vasta multidão de almas necessitadas que ainda não tinham sido alcançadas pelo evangelho e argumentou que a crucifixão fosse adiada o tempo suficiente para satisfazer as necessidades destes casos desesperados. Então Ele podia entregar-Se como Sacrificio.

A versão revista do plano divino era atraente para a humanidade e para a divindade de Cristo. À Sua carne, isto oferecia o livramento dos sofrimentos e morte pelo por algum tempo; ao Seu sentido de satisfação da obra, ela oferecia a oportunidade para completar os suprimentos das necessidades de milhões; e do ponto de vista da sua divindade oferecia o cumprimento dos apelos do Seu infinito amor por aqueles que morriam sem esperança. Por estes caminhos de tentação, “o inimigo que no deserto se defrontara com Cristo, assaltou-O então com cruéis e subtis tentações”.

Se Cristo tivesse cedido um único passo, a apostasia ter-se-ia estabelecido exactamente como aconteceu nos dias de Salomão. Uma rejeição à voz do Espírito teria levado a outra. O carácter e estrutura das tentações eram o mesmo e deviam ser tratadas da mesma maneira, comparando-as com a lei e o testemunho sob a direcção do Espírito.

E qual era a lei nessa altura?

Era a vontade de Deus como foi revelada através dos sacerdotes e profetas durante o Antigo Testamento.

Obedecer a tudo isso tinha que ser a preocupação de Cristo.

“Mas Jesus ‘manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém.’ *A única lei da Sua vida era a vontade do Seu Pai.* Na visita ao templo, quando era pequeno, disse a Maria: ‘Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?’ Lucas 2:49. Em Caná, quando Maria desejou que Ele manifestasse o poder miraculoso que possuía, a Sua resposta foi: ‘Ainda não é chegada a Minha hora.’ João 2:4. Com as mesmas palavras respondeu aos Seus irmãos, quando insistiram em que

fosse à festa. Mas no grande plano de Deus fora designada a hora para que Ele Se desse em oferta pelos pecados dos homens, e essa hora estava prestes a soar. Não fracassaria nem vacilaria. Os Seus passos estão voltados para Jerusalém, onde os Seus inimigos há muito planeavam tirar-Lhe a vida; agora, Ele a deporá. Tomara o firme propósito de ir ao encontro da perseguição, negação, rejeição, condenação e morte.” *O Desejado de Todas as Nações*, 528, 529. (Itálico acrescentado.)

Se o rei Salomão, em obediência à voz do Espírito Santo, tivesse feito da palavra do seu Pai a única lei da sua vida e tivesse com sucesso ensinado Israel a fazer o mesmo para sempre, não teria havido apostasia, nem ruína nacional. Daniel e os seus três companheiros nunca teriam sido levados cativos para Babilónia, porque nunca teria havido uma Babilónia a governar o mundo, e com certeza não governaria sobre Israel. Somente quando o povo de Deus desce à apostasia pode Babilónia levantar-se para governar o mundo. Quão diferentemente teriam sido escritos os livros de história do mundo!

# Capítulo 10

## Os Dois Israel

**Q**uando o rei Nabucodonosor saiu para a guerra com Israel, havia duas forças chamadas Israel preparadas para o enfrentar, mas ele via apenas uma. A maior secção destes dois Israel era composta pelos que tinham caído em profunda apostasia e estavam rapidamente a cair na ruína total.

Este grupo maior era constituído pelo povo da nação, suas forças militares, governo, ordens religiosas, e reis. Isto confirmava-lhes que, sem dúvida, eram o verdadeiro Israel de Deus, e que no seu entender lhes pertencia o concerto da promessa, a ilustre história das grandes vitórias do passado, e as promessas dum glorioso futuro no reino do Messias vindouro. Mas estavam totalmente enganados a este respeito, porque o Israel apostatado não era o mesmo povo justo e vitorioso que havia caminhado com Deus em fé viva e venceu as suas lutas. Eles eram Israel apenas de nome.

Contudo estavam tão cegos quanto à sua verdadeira condição que se agarraram à atraente embora ilusória afirmação que somente eles eram os escolhidos, e assim permaneceriam para sempre. Tinham perdido de vista o princípio que, para Deus, a continuação como Seus representantes é determinada pela continuação em todas as qualificações da justiça. Não é um povo nominal com quem o Senhor trabalhará, e a quem Ele outorgará as Suas mais ricas bênçãos, a menos que mantenham a viva experiência com que se qualificaram para receber a missão de Deus no início.

“Os fariseus tinham-se declarado filhos de Abraão. Jesus disse-lhes que esta pretensão só podia ser assegurada mediante a prática das obras de Abraão. Os verdadeiros filhos de Abraão viveriam, como ele próprio vivera, uma vida de obediência a Deus. Não procurariam matar Aquele que estava a falar a verdade que Lhe fora dada por Deus. Conspirando contra Cristo, os rabis não estavam a fazer as obras de Abraão. O ser descendente natural de Abraão não tinha nenhum valor. Sem ter com ele ligação espiritual, a qual se manifestaria em possuir o mesmo espírito, e fazer as mesmas obras, não eram seus filhos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 507.

Em desafio a este princípio mesmo quando a apostasia nacional lhes estava a acarretar ruína nacional, continuavam ainda a proclamar a sua orgulhosa confiança em si próprios de que eram os eleitos.

“O povo judeu acariciava a ideia de que eram os favoritos do Céu, e seriam sempre exaltados como igreja de Deus. Eram filhos de Abraão, declaravam, e o fundamento de sua prosperidade parecia-lhes tão firme, que desafiavam Terra e Céu para desapossá-los de seus direitos. Por sua conduta infiel, porém, estavam-se preparando para a condenação do Céu e separação de Deus.” *Parábolas de Jesus*, 294.

O outro Israel, numericamente o mais pequeno dos dois grupos, era formado pelos que permaneciam livres da apostasia e ainda eram fiéis a Deus independentemente da rebelião que marcava o corpo principal. É a este grupo que Daniel e os seus três jovens amigos pertenciam. Eles eram o verdadeiro Israel ao qual pertenciam muitos mais do que estes quatro que continuavam a ser fiéis a Deus durante a fase final da apostasia, conseqüente ruína de Israel, e setenta anos de cativeiro. Forte prova disto é dada no número de cativos em Babilónia que durante muito tempo esperaram o feliz dia em que pudessem regressar à sua própria terra e ali recomeçar vidas de fiel obediência. Quase cinquenta mil se alegraram quando o dia da libertação finalmente chegou pelo decreto de Ciro que permitia e mesmo encorajava os judeus a regressarem a casa e reconstruir o templo sagrado e a cidade de Jerusalém.

“As novas deste decreto alcançaram as mais distantes províncias do domínio real, e em todo o lugar entre os filhos da dispersão houve grande regozijo. Muitos, como Daniel, tinham estado a estudar as profecias e a buscar a prometida intervenção de Deus em favor de Sião. E agora suas orações estavam sendo respondidas; e com gozo de coração podiam unidos cantar:

“Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram de Sião,  
Estavamos como os que sonham.  
Então a nossa boca se encheu de riso,  
E a nossa língua de cânticos.  
Então se dizia entre as nações:  
Grandes coisas fez o Senhor a estes.  
Grandes coisas fez o Senhor por nós,  
E por isso estamos alegres.’ Salmo 126:1-3.

“Então se levantaram os chefes dos pais de Judá e Benjamim, e os sacerdotes e os levitas, como todos aqueles cujo espírito Deus despertou’ — esse foi o piedoso remanescente, cerca de cinquenta mil, dentre os judeus das terras do exílio, que se determinaram tirar vantagem da maravilhosa oportunidade a eles oferecida, ‘para subirem a edificar a casa do Senhor, que está em Jerusalém.’ Seus amigos não lhes permitiram sair com mãos vazias. ‘E todos os que habitavam nos arredores lhes confortaram as mãos com vasos de prata, com ouro, com fazenda, e com gados, e com coisas preciosas.’ A essas e muitas outras ofertas voluntárias foram acrescentados ‘os vasos da casa do Senhor, que Nabucodonosor tinha trazido de Jerusalém.... Estes tirou Ciro, rei da Pérsia, pela mão de Mitredate, o tesoureiro.... Todos os vasos de ouro e de prata foram cinco mil e quatrocentos,’ para uso no templo que ia ser reconstruído. (Esdras 1:5-11.)” *Profetas e Reis*, 558, 559.

Esta não era uma ilustração de apostasia ou ruína. Era um agradável recomeço iniciado por um remanescente que estava feliz por consagrar tudo o que tinham e eram ao restabelecimento da adoração do Deus vivo nesta Terra. Evidentemente, ainda não tinham alcançado a estatura completa de homens e mulheres em Cristo Jesus, mas estavam a crescer na graça e relativamente livres da apostasia. Se assim não fosse não estariam interessados em regressar e reconstruir a cidade e o templo.

Durante os setenta anos muitos filhos tinham nascido de pais fiéis que terão ensinado os seus pequenos a evitar os passos que arrastavam para a apostasia. Ao mesmo tempo terá havido muitos que morreram lamentando as espantosas perdas a que Israel havia sido sujeito, todavia entesourando as promessas contidas nas profecias da libertação e restauração. Pelo menos durante esse tempo, a maldição da apostasia, destinada a desenvolver-se uma vez mais nas fileiras, devia permanecer, porque, a menos que se convertessem entretanto, um grande número de apóstatas que tinham sido o problema naquilo que levou ao início dos setenta anos, ou estavam mortos, ou muitos deles espalhados por toda a Terra. Se nenhuma outra bênção

fosse conseguida, a nação de Israel pelo menos tinha sido limpa na preparação para um novo começo. Eles foram assim capazes de entrar na obra da restauração relativamente livres da apostasia.

Estes fiéis eram aqueles que formavam o verdadeiro Israel de Deus, embora não reconhecidos como tal por todos os outros habitantes da Terra nessa altura. Inevitavelmente, estava próximo o tempo em que o rei de Babilónia e todos os seus poderosos conselheiros se confrontariam com o verdadeiro Israel.

O verdadeiro Israel podia ser dividido em quatro classes durante este tempo de desolações e subsequente restauração.

Em primeiro lugar havia o corpo principal com os seus membros espalhados por toda a cidade e nação. Este recebia pouca se alguma menção nos escritos sagrados, mas isto não significa que não deram valiosa contribuição para o avanço da obra do Senhor durante o próprio cativeiro. As instruções que Deus lhes deu através do profeta Jeremias tinha sido que não deviam causar problemas pela manifestação de um espírito rebelde. Pelo contrário, deviam promover a paz da terra pela sua pacífica submissão ao temporário domínio de Babilónia.

“Através de Jeremias, Zedequias e toda Judá, inclusive os que tinham sido levados para Babilónia, foram aconselhados a se submeterem pacificamente ao domínio temporário de seus conquistadores. Era especialmente importante que os que estavam no cativeiro buscassem a paz da terra para a qual tinham sido levados. Isto, entretanto era contrário às inclinações do coração humano; e Satanás, tirando vantagem das circunstâncias, fez que se levantassem entre o povo falsos profetas, tanto em Jerusalém como em Babilónia, os quais declaravam que o jugo do cativeiro seria logo quebrado e o anterior prestígio da nação restaurado.” *Profetas e Reis*, 440, 441.

Estas instruções do Senhor contradizendo as declarações dos falsos profetas, vieram pouco tempo antes do rei Nabucodonosor atacar Jerusalém e destruí-la embora tivesse planeado não o fazer. A provocação para a sua mudança de procedimento foi gerada pela rejeição de Zedequias e outros apóstatas das ordens do Senhor. Eles interpretaram tão mal o motivo das instruções de Deus que preferiram acreditar que eram conspirações de Jeremias destinadas a traír a nação entregando-a nas mãos do rei Nabucodonosor.

Esta era exactamente a forma como reagiriam aqueles em quem reinava a rebelião. A qualquer coisa que Deus dissesse, reagiriam de forma oposta. Assim quando no Seu imenso amor, Deus os advertiu para humildemente se submeterem aos seus conquistadores, decidiram desobedecer e rebelar-se. Todos os apóstatas que assim fizeram, em breve desapareceram do campo de acção os quais nunca mais foram vistos ou mais se falou. Eles mereceram isto, porque escarneceram duma das maiores manifestações de amor jamais dirigidas aos homens.

“Com que terna compaixão Deus informa Seu povo cativo de Seus planos para Israel! Ele sabia que se eles fossem persuadidos por falsos profetas a que esperassem por breve libertação, sua posição em Babilónia se tornaria muito difícil. Qualquer manifestação ou insurreição de sua parte despertaria a vigilância e severidade das autoridades caldaicas, o que poderia conduzir a posterior restrição de suas liberdades. O resultado seria sofrimento e angústias. Ele desejava que se submetessem pacificamente a sua sorte, tornando sua servidão tão agradável quanto possível; e Seu conselho a eles foi: ‘Edificai casas e habitai-as e plantai jardins, e comei o seu fruto.... E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz.’ Jeremias 29:5-7.” *Profetas e Reis*, 441, 442.

Mas embora os rebeldes apóstatas não tivessem a obediência nos seus corações, o verdadeiro Israel naturalmente tinha. Podemos estar certos que eles construíram casas, plantaram jardins, comeram o seu fruto, e procuraram a paz do reino de Babilónia enquanto viveram. Excepto onde as leis da terra entravam em conflito com os mandamentos de Deus, prestaram-lhes cuidadosa e respeitosa obediência. Do mesmo modo respeitaram os seus

conquistadores, evitando sempre confrontos desnecessários. Este não era tempo para grandes lutas e maravilhosas vitórias. Isso estava no passado e viria uma vez mais no futuro. Entretanto, não era tempo para o povo de Deus trazer dificuldades sobre si.

“Vi que não glorifica Deus no mínimo qualquer do Seu povo fazer um tempo de dificuldades para si mesmo. Há um tempo de dificuldade perante o povo de Deus, e Ele prepará-lo-á para esse terrível conflito.” *Testimonies for the Church* 1:206.

Entretanto, não devemos sentar-nos ociosos a esperar que estes tempos venham sobre nós. Hoje enquanto ainda há oportunidade, temos que fazer todos os esforços para alcançarmos as nossas posições perante o povo numa luz correcta. O modo de proceder de Jacó quando ameaçado por um Esaú muito irado, é salientado perante nós como um exemplo daquilo que devemos fazer.

“A noite de angústia de Jacob, quando lutou em oração para obter livramento da mão de Esaú (Gênesis 32:24-30), representa a experiência do povo de Deus no tempo de tribulação. Por causa do engano praticado a fim de conseguir a bênção de seu pai, destinada a Esaú, havia Jacob fugido para salvar a vida, alarmado pelas ameaças de morte feitas por seu irmão. Depois de ficar muitos anos como exilado, pôs-se a caminho, por ordem de Deus, para voltar com as suas mulheres e filhos, rebanhos e gado, ao país natal. Chegando às fronteiras da terra, encheu-se de terror com as notícias da aproximação de Esaú à frente de um bando de guerreiros, indubitavelmente determinado à vingança. A multidão de Jacob, desarmada e indefesa, parecia prestes a cair desamparadamente como vítima da violência e morticínio. E ao fardo de ansiedade e temor acrescentou-se o peso esmagador da reprovação de si próprio; pois que era o seu pecado que acarretara este perigo. A sua única esperança estava na misericórdia de Deus; a sua defesa única deveria ser a oração. Todavia, nada deixa da sua parte por fazer a fim de expiar a falta para com seu irmão e desviar o perigo que o ameaçava. Assim, ao aproximarem-se do tempo de angústia, devem os seguidores de Cristo fazer toda a diligência por se colocar em uma luz conveniente perante o povo, a fim de desarmar o preconceito e remover o perigo que ameaça a liberdade de consciência.” *O Grande Conflito*, 615.

A instrução dada aqui para os que do povo de Deus estiverem vivos no tempo de angústia futuro, aplicava-se com igual força aos que do povo de Deus se encontravam cativos em Babilónia. Os tempos tinham mudado, mas os princípios não. Nem eles constituíam permissão da parte dos que aceitavam e obedeciam a estas instruções abrandar a sua fiel obediência às leis de Deus. Não era permitido qualquer compromisso. Em certos aspectos, era mais difícil para eles estabelecer e manter o apropriado equilíbrio entre procurar a paz de Babilónia, e continuar a manter uma vida de justiça. Um dos grandes perigos que os judeus fiéis enfrentavam era a tendência para caminharem em direcção ao materialismo, mas pelo menos muitos dos cinquenta mil que edificaram as suas casas e jardins aparentemente escaparam a esta ameaça mortal. Se não o tivessem feito, teriam estabelecido as suas posses em Babilónia definitivamente, e não teriam regressado a Jerusalém para reconstruir a cidade e o santuário.

É triste dizer que havia muitos outros aparte dos cinquenta mil que deram maior valor à prosperidade que tinham construído do que à sua responsabilidade de servir Deus e finalizar a Sua obra.

“Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinquenta mil dos filhos do cativo tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentar as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.” *Profetas e Reis*, 598.

Portanto, aqui está o Israel a quem dei a minha primeira classificação com a explicação da razão de se ouvir pouco se alguma coisa deles durante o cativo. Pela sua calma obediência ao

conselho de Deus para edificar, plantar, e procurar a paz da terra, deram-nos uma ilustração de um povo religioso trabalhador, que mantinha o seu amor a Deus e a sua lealdade a Ele, enquanto esperava na obscuridade o dia da sua libertação.

Não devia haver dificuldade em ver que esta situação correspondia à nossa posição actual, enquanto esperamos pacientemente pela vinda do nosso Redentor, ao passo que contribuimos tanto quanto possível para a paz do país em que vivemos. Saliento que não é um tempo para abrandar os nossos princípios, mas pelo contrário de profundo exame, e diligente preparação para o que está a aproximar-se rapidamente. Se estivéssemos tão conscientes como devíamos de como muitos serão apanhados sem preparação e sem estarem prontos para esse dia, seríamos muito mais diligentes em assegurar o nosso chamamento e eleição.

Na segunda classificação, colocaria Ezequiel e os profetas menores, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias, muitos dos quais profetizaram antes do cativo ter começado completamente. Eles transmitiram mensagens de advertência e reprovação principalmente ao decadente Israel e suas nações vizinhas tal como o Egito, Nínive, Tiro, Sidom e Edom.

Os restantes profetas menores foram Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias, e Malaquias, os quais todos foram exaltados depois do cativo ter terminado. Estes homens cheios de espírito foram muito eficazes em encorajar os judeus na reconstrução do Templo, e em inspirá-los para não olharem para a apostasia mortal.

O que está relatado para a nossa aprendizagem são as principais mensagens proclamadas por estes homens, mas devemos compreender que eles fizeram muita obra pessoal, visitando, encorajando, e instruindo todos cujos corações estavam abertos para aprender as sagradas verdades. Não há qualquer registo desta obra apesar de terem usado mais tempo e esforço neste ministério por todos do que na apresentação das suas principais mensagens.

Também incluídos naqueles que chamo a segunda classe de fiéis estariam os sacerdotes que, tanto quanto podiam sob as circunstâncias existentes, terão continuado o seu ministério divinamente apontado mesmo depois de terem sido levados para Babilónia. É verdade que o ministério anteriormente executado no templo foi interrompido devido à destruição desse edifício, mas podemos confiar na continuação do que era possível sem terem o edifício do templo.

Por exemplo, pelo menos na primeira fase do seu cativo, não tinham reserva de animais para o sacrifício devido à sua ida para Babilónia sem eles. Nessa altura havia a improvável permissão dos seus captivos para reuniões de qualquer dimensão a fim de celebrar qualquer das suas festas anuais, por receio que as usassem para fomentar insurreições. Portanto, no melhor, terá havido um limitado sistema cerimonial em operação, enquanto no pior, absolutamente nenhum.

Pareceria que Daniel e os seus três amigos poderiam ter conseguido alguma liberdade para os homens da sua terra como resultado de terem sido colocados em elevadas posições no reino, mas não há evidência explícita de que assim aconteceu.

Voltamo-nos agora para aqueles que classifiquei na terceira classe dos transportados para Babilónia. Havia os que foram escolhidos por Aspenaz de acordo com as especificações ditadas por Nabucodonosor, cujos pormenores são como segue:

“E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres,

“Mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidades para viverem no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus.”  
*Daniel 1:3, 4.*

Quantos foram, não nos é dito, mas podemos esperar que tenha sido um grande número. Prevendo que alguns seriam eliminados por não passarem o exame, podíamos esperar que o rei escolhesse mais do que necessitava no início de modo a ter o suficiente no final.

Embora o poderoso monarca não soubesse, estes eram aqueles a quem o dia de oportunidade tinha chegado para dar glória a Deus, trazerem a bênção da completa conversão do rei de Babilônia, e mais tarde serem os instrumentos para conseguirem o consentimento do rei Ciro do reino medo-persa para libertar os cativos. Mas, à exceção destes quatro, quando este dia de oportunidade chegou para estes príncipes escolhidos, não estavam preparados para ele, e isso deixou-os de mãos vazias. Nunca mais se ouviu falar deles.

Assim voltamo-nos agora para a minha quarta classificação na qual havia apenas quatro jovens, cuja figura principal era Daniel, um jovem de dezoito anos.

“Daniel tinha apenas dezoito anos quando foi levado para a corte pagã ao serviço do rei de Babilônia, e por causa da sua juventude a sua nobre resistência ao mal e sua firme aderência à justiça são mais admiráveis. O seu nobre exemplo devia trazer força aos aflitos e tentados, mesmo hoje.” *Testimonies for the Church* 4:570.

Esta é a classificação na qual necessitamos estar profundamente interessados e devemos lutar para entrar, porque, uma vez mais, os confrontos com o rei do mundo hão-de ser repetidos com os mesmos resultados de inqualificável igual sucesso para os fiéis de Deus. Aquilo que nos dias de Daniel, pareciam ser situações desesperadas, tornaram-se numa sucessão de maravilhosos triunfos sobre o mal, e dá-nos claras revelações de como o povo de Deus alcançará os propósitos divinos no confronto final com o colosso de Babilônia. Aquilo que teve lugar ali no passado será repetido embora numa escala muito maior. Será a manifestação final do homem do pecado, e a sua derrota final.

Enquanto a redução do Império de Babilônia à total ruína no passado não foi a destruição final desse grande, rebelde, sistema anticristão, a sua completa, irreversível, dizimação no futuro será. Desta vez ela cairá para nunca mais se levantar para tristeza de todos aqueles que tiveram proveito com os seus crimes, mas para imenso alívio dos que vivem em justiça. Esta devastação é-nos descrita em *Apocalipse*:

“E ouvi outra voz do Céu que dizia: ‘Sai dela povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.

“Porque já os seus pecados se acumularam até ao Céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.

“Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro.

“Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: ‘estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto.’

“Portanto, num dia virá as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga.” *Apocalipse* 18:4-8.

Há a descrição do absoluto ponto máximo de apostasia que se terá desenvolvido neste ponto para além do qual não há mais profundidades de iniquidade a juntar. Isto não será manifestado apenas à escala nacional acompanhado por ruína nacional. Pelo contrário, as proporções serão globais, e a ruína resultante será universal, porque todo o ser neste planeta cujo nome não esteja escrito no livro da vida, será envolvido na completa destruição geral.

As perdas então experimentadas por Babilônia a Grande estará para além de computação como será confirmado pelos negócios que sobreviverem nesse tempo:

“E os reis da Terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio;



“Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: ‘Ai! ai daquela grande Babilónia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo.’

“E sobre ela choram e lamentam os mercadores da Terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias:

“Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore;

“E cinamomo, e amomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgadas, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens.

“E o fruto de desejo de tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás.

“Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando,

“E dizendo: ‘Ai, ai daquela grande cidade! Estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas.’

“E todo o piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe;

“E, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: ‘Que cidade é semelhante a esta grande cidade?’

“E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: ‘Ai, ai daquela grande cidade! Na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada.’

“Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela.” *Apocalipse 18:9-20.*

Este júbilo da parte do povo de Deus não será motivado por verem a completa ruína universal, e incrível prejuízo que consome os apoiantes de Babilónia, porque, apesar de odiarem a apostasia da verdade, terão grande compaixão por aqueles que perderam tudo na batalha da vida. É o sistema de iniquidade destruidor da alma que odeiam porque nada há no final excepto malignidade e por fim a morte. É a destruição final do sistema da corrupção que lhes dará perpétua satisfação.

Esse dia feliz está a chegar e quando tiver chegado, então podemos finalmente ir para o lar.

“E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: ‘Com igual ímpeto será lançada Babilónia, aquela grande cidade e não será jamais achada.’

“E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de frauteiros e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais;

“E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da Terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias,

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na Terra.” *Apocalipse 18:21-24.*

Mas Babilónia a grande não será reduzida a permanente ruína enquanto Deus não tiver o grupo de pessoas através de quem Ele possa trazer sobre ela a irrecuperável queda. Observai as quatro classes enumeradas e descritas acima para ver qual delas tinham em si a capacidade para repelir todos os ataques transformando-os numa extraordinária derrota dos babilónios e uma vitória do Altíssimo e do Seu povo.

Olhai outra vez para ver qual dos quatro grupos avançou passo a passo até ao coração do grande rei Nabucodonosor, até este ser completamente convertido de maneira a servir o Senhor com um coração puro. Que grande foi essa queda de Babilónia, o destronar do espírito e sistema do próprio Satanás. Esta é a direcção em que Deus deseja que todas as pessoas sigam — isto é, do pecado para a justiça. Mas da glória de Babilónia governada pelo convertido Nabucodonosor, os seus filhos escolheram os caminhos da apostasia até o sistema do mal chegar ao mais profundo ponto de apostasia. A altura da justiça de Nabucodonosor brilhando no seu melhor, foi excedida pelas profundezas em que caiu o seu último rei.

E qual das quatro classificações de Israel descritas acima foi o instrumento de Deus para pôr um fim à Babilónia do passado?

Apesar de serem firmes e sólidos crentes, não foi a primeira classe que teve esta responsabilidade. A sua importante obra da qual muito sobreviveria para dar uma continuação da semente da justiça, isto é, construir casas e plantar jardins ao passo que evitavam confrontos com aquilo que podia ter feito com que os seus conquistadores os fizessem desaparecer da face da Terra. Tal como aconteceu, numa tentativa feita para os destruir a todos nos dias da rainha Ester.

Não minimizemos a importância da sua libertação desta responsabilidade, porque isso era importante para a obtenção da vitória final. Todos eles desempenharam o seu papel, evidentemente, mas nós procuramos a classe que no final obteve a vitória.

Não foi a classe constituída pela maioria dos profetas menores que finalizou a obra da queda dessa grande cidade, Babilónia. A sua missão era instruir os crentes de como serem bons sobreviventes.

Com certeza não podia ter sido a terceira classe, os jovens escolhidos para um trabalho especial no reino, mas que caíram ao primeiro teste que enfrentaram.

Isto deixa-nos apenas a quarta classe — Daniel e os seus três amigos, cuja vitória absolutamente incrível nos revela como Deus finalizará a total destruição do sistema do mal no fim.

Hoje, a nossa principal preocupação é de sobrevivência espiritual e material, de modo que se pertencerdes à primeira classe, fazeis bem. Se Deus vos chamou como profetas para instruir os sobreviventes, deveis fazer o melhor, mas assegurai que vós passais todo o pequeno ou grande teste, caso contrário falhareis como falharam os escolhidos em Babilónia.

O nosso confronto com o sistema babilónico apenas começou, e ainda não estamos convenientemente preparados para ficar firmes como fizeram os quatro fiéis. Quando estivermos, devemos ter adquirido todo o poder, coragem, e fidelidade exemplificada naqueles esplêndidos quatro jovens. A nossa hora de destino está a chegar rapidamente. Estejamos completamente preparados para ela!

Alguns podem perguntar como concluímos que quatro almas fiéis puderam efectuar a queda total da antiga Babilónia? Em vez disso, podiam afirmar que isto foi a obra dos exércitos da Medo-Pérsia. Do ponto de vista exterior isto é verdade, mas há princípios envolvidos que precisam ser compreendidos.

Um dos princípios importantes é que o evangelho nunca vos deixa exactamente como vos encontrou. Se ele falha em libertar-vos do pecado, endurecer-vos-á, não suavizará.

“Ministros e povo lembrem que a verdade do evangelho endurece quando não salva. A rejeição da luz deixa os homens cativos, atados pelas correntes das trevas e incredulidade. A alma que recusa a ouvir os convites da misericórdia dia a dia pode em breve ouvir os mais urgentes apelos sem que uma emoção agite a sua alma.” *Testimonies for the Church* 5:681.

Quanto mais poderosa for a presença do Espírito Santo no evangelho, mais rápido é o declínio na pessoa ou na nação que ousa resistir ao seu poder.

Assim aconteceu no caso da Babilônia antiga. Temos ainda que aprender quão verdadeiramente grande foi o incrível poder espiritual possuído por Daniel e seu três amigos. Quando compreendermos isso, veremos porque é que o reino sobreviveu apenas setenta anos, ao passo que os impérios mundiais que se seguiram duraram muito mais.

# Capítulo 11

## As Duas Babilónias

**É**a verdade de Deus que o Paraíso não pode ser readquirido enquanto Babilónia, e Babilónia a Grande, não deixarem de existir. Tal como Daniel e os três fiéis enfrentaram o poderoso rei que nos seus dias tinha escolhido agir pelos princípios babilónicos, assim devemos nós enfrentar as multidões que nestes últimos dias serão identificadas como Babilónia a Grande. A vitória que Deus uma vez mais alcançará será do mesmo modo tão completa, convincente, e permanente, como o perfeito triunfo alcançado por Deus através dos Seus instrumentos escolhidos para pôr fim à Babilónia antiga. Nós somos chamados para o reino exactamente para um tempo como este, e não podemos escapar ao nosso encontro com o destino, a menos que morramos primeiro, ou entreguemos a nossa confiança à verdade.

Qual é, pode ser perguntado, a diferença entre Babilónia como ela era no tempo de Daniel, e Babilónia *a Grande*?

A primeira diferença a ser notada é que enquanto Babilónia tem ocupado toda a história do passado e do presente, Babilónia a Grande ainda está no futuro e aparece nestas profecias que nos informam dos próprios acontecimentos finais da história da humanidade. Este é o grande poder anticristão, que antes do grande segundo advento de Cristo, será o último esforço de Satanás para tentar ser bem sucedido na derrota do governo de Deus, e o estabelecimento dele próprio e do seu governo no lugar que pertence ao Altíssimo em que apenas Deus tem o poder de ocupar.

De acordo com a minha concordância bíblica computadorizada, há somente duas referências em toda a Bíblia em que este título aparece. Ambas são no *Novo Testamento* e ambas estão em *Apocalipse*, onde são localizadas nas profecias dos capítulos 17 e 18. Aqui estão esses versículos:

“E na sua testa estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÓNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA.” *Apocalipse* 17:5.

“E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com a sua glória.

“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilónia, e se tornou morada de demónios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível.’ *Apocalipse* 18:1, 2.

A primeira destas Escrituras descrevem o julgamento da grande prostituta cujo nome é a Grande Babilónia. Ela não está de modo algum sozinha, porque é a mãe das prostituições e abominações da Terra. Com uma avaliação destas, não há lugar para ela na ordem divina. Pelo contrário, foi mostrado a João o seu carácter mau como destruidora do povo de Deus, a que matou os santos do Altíssimo. Aqui está o seu testemunho:

“E vi uma mulher que estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.” *Apocalipse 17:6*.

Se não houvesse nada mais, este esforço da parte dela demonstra de que lado estará no conflito entre o bem e o mal, entre Deus e Satanás. Ninguém terá qualquer dificuldade em discernir a resposta, porque é demasiado evidente. Claramente, ela é o grande inimigo de Deus e do homem, que está determinado a qualquer custo destruir tudo o que é recto, justo e verdadeiro. Ela está inteiramente entregue à rebelião contra Deus, e determinada a desenvolver a desobediência e a estimular a apostasia.

Ela é ilustrada sentada num besta selvagem com sete cabeças e dez chifres, significando assim o apoio universal que recebe dos poderes civis. A besta representa as autoridades civis de todas as nações, língua, e povo cujos vastos recursos e poderes de longo alcance estarão ao disponíveis para perseguir, identificar e tentar infligir vingança sobre o justos. Não haverá lugar para o povo de Deus se esconder, nem refúgio permanente, e, no final, nenhuma protecção das leis humanas.

Os dez chifres simbolizam os dez maiores grupos religiosos que existirão nessa altura e os poderes civis que os apoiam. Todos estes darão a sua força à mulher quando ela por fim sair com ilimitada fúria para fazer guerra ao Cordeiro e a Deus na pessoa dos Seus santos.

Embora o povo de Deus tenha o mundo virado contra si, e embora pareça que Deus os abandonou e que estão quase a selar o seu testemunho com o seu sangue, será ainda a prostituta, Babilónia a Grande, que sofrerá a derrota da qual nunca mais se levantará. Isto é ilustrado na repentina inversão do destino da mulher apóstata nestas palavras:

“E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.

“Porque Deus tem posto em seus corações que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

“E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da Terra.” *Apocalipse 17:16-18*.

Deus, no infinito amor e misericórdia, não deixou o Seu povo ser apanhado de surpresa mas revelou esta futura conspiração da parte de Babilónia a Grande para os destruir. Ele fez isto através da segura palavra da profecia sobre a garantia que:

“Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.” *Amós 3:7*.

Em consequência desta divina provisão, os filhos de Deus que aproveitam estas graças, são da luz, não das trevas, e nunca precisam ser apanhados de surpresa tal como Paulo escreveu na sua primeira carta aos Tessalonicenses:

“Mas, irmãos acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva;

“Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite;

“Pois que, quando disserem: ‘Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.

“Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda, como um ladrão;

“Porque, todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

“Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios.” *1 Tessalonicenses 5:1-6*.

Tão seguramente como Babilónia a Grande está a levantar-se para o seu maravilhoso, aparentemente invencível dia de glória final, assim Deus fará soar a Sua advertência com poder cada vez maior aos povos de todo o mundo. Isto é profeticamente ilustrado por outro anjo vindo do céu tendo grande autoridade, e por cujo ministério os povos de todo o mundo terá a oportunidade de serem salvos dos enganos dela e colocarem-se do lado do Senhor.

Já, Deus enviou três anjos com as suas advertências contra a adoração da besta e da sua imagem, mas mesmo apesar de ter sido enviados a todo o mundo, e embora constituísse as mais terríveis denúncias jamais dirigidas contra os desobedientes, foram largamente rejeitados. Tal como foi nos dias de Noé.

“O Senhor em Sua grande misericórdia, não traz juízos sobre a Terra sem dar aviso aos seus habitantes pela boca dos seus servos. Diz o profeta Amós, ‘Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.’ Amós 3:7. Quando a iniquidade dos antediluvianos o levou a trazer o dilúvio sobre a Terra, ele primeiramente fez saber o Seu propósito, para que eles pudessem ter a oportunidade para abandonarem os seus maus caminhos. Durante cento e vinte anos soou aos seus ouvidos o apelo ao arrependimento, senão a ira de Deus seria manifesta na sua destruição. Mas a mensagem parecia para eles uma ilusão, e não creram nela. Da incredulidade avançaram para o escárnio e desprezo, ridicularizando a advertência como altamente improvável, indigna da sua atenção. Encorajados na sua impiedade, troçaram do mensageiro de Deus, pouco ligaram aos seus apelos, acusando-o mesmo de presunção. Que homem se atreveria a enfrentar todos os homens da Terra? Se a mensagem de Noé era verdadeira, porque não a viu todo o mundo e creu nela? A declaração de um homem contra a sabedoria de milhares! Eles não daria crédito às advertências, nem procurariam refugiar-se na arca.” *The Spirit of Prophecy* 4:208, 209.

Tal como foi nessa altura, assim será no dia em que aquilo que foi predito há tanto tempo realmente aconteça. Verificarão então que, embora pudessem ignorar, ridicularizar, e tratar como sendo de nenhum efeito as advertências enviadas através dos mensageiros escolhidos por Deus, serão incapazes de argumentar contra os próprios acontecimentos. Acerca desse dia está escrito:

“E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilónia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira.” *Apocalipse* 16:19.

Enquanto o título, Babilónia a Grande, aparece apenas duas vezes nas Escrituras, o equivalente, Grande Babilónia, é também registado duas vezes, uma vez em *Daniel*, e uma em *Apocalipse*. A Grande Babilónia em *Daniel* é um reino diferente do citado em *Apocalipse*, mas o mesmo nome é usado para indicar os mesmos princípios de operação.

O espírito de auto-suficiência é a característica de Babilónia. É a manifestação do problema do coração do grande conflito entre Cristo e Satanás. O inimigo, Lúcifer, determinou instituir uma nova ordem de governo em que ele reservaria para si próprio a posição ocupada por Cristo. Fazer isto era impossível, porque lhe faltavam as qualificações necessárias que eram, entre outras, aquela em que ele teria a natureza do Criador e da criatura. Isto era necessário porque, qualquer que ocupasse a posição de Cristo, teria que ter completo acesso a Deus o Pai por um lado, e por outro ser um com as criaturas.

Contudo Satanás considerou que tinha realizado o seu propósito egoísta e expressou a convicção para este efeito através do rei de Babilónia, quando este declarou as suas convicções nestas palavras: “Falou o rei, e disse: Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?” *Daniel* 4:30.

Todavia, ele não ganhou a supremacia sobre Deus, nem alguma vez alcançará tal ambição. Isto é muito bom para nós porque, se ele alcançasse isto, seria à custa de certa, total separação de Deus o Dador da vida, o que evidentemente seria a morte. Ninguém pode sobreviver a completa separação da grande Fonte da vida.

Nós os que enfrentarmos este mistério da iniquidade da mesma maneira como os quatro jovens hebreus enfrentaram o poderoso rei do mundo, devemos compreender em que sentido a Grande Babilónia é chamada grande quando os seus princípios de operação são idênticos aos da antiga Babilónia. A resposta é que é uma questão de escala, intensidade, e competência. A

escala será global, a intensidade será a mais elevada, e a competência a mais sofisticada possível depois de seis mil anos dos mais profundos estudos científicos que podem ser alcançados. Ela é muito hábil na aproximação das vítimas que pretende. A sua política é aproximar-se primeiramente com um procedimento bondoso daqueles que ainda não a suportam na sua procura da supremacia sobre o mundo. Mas quando isso falha, toda a arma de compulsão é lançada contra a vítima condenada, com o ultimato — submeter ou perecer, conformar ou morrer.

“Prova e perseguição virá a todos os que, em obediência à Palavra de Deus, recusam adorar o falso sábado. Força é o último recurso de toda a falsa religião. No princípio ela tenta a atracção, como o rei de Babilónia tentou o poder da música e manifestação exterior. Se estas atracções, inventadas pelos homens inspirados por Satanás, falharem em fazer os homens adorar a imagem, as furiosas chamas da fornalha estavam prontas para os consumir. Assim será agora. O Papado tem exercido o poder para compelir os homens a obedecer-lhe, e assim continuará a ser. Nós necessitamos do mesmo espírito que foi manifestado pelos servos de Deus no conflito contra o paganismo. Ao fazer um relato do tratamento dos cristãos dado pelo imperador de Roma, Tertuliano diz, ‘Nós somos lançados às feras para fazer-nos retratar; somos queimados nas chamas; somos condenados à prisão e às masmorras; somos banidos para ilhas, — tal como Patmos, — e tudo tem falhado.’ assim foi no caso dos três notáveis hebreus; os seus olhos apenas olhavam para a glória de Deus; as suas almas estavam firmes; o poder da verdade segurava-os firmemente à sua aliança com Deus. É apenas pelo poder de Deus que somos capazes de lhe ser leal.” *The Signs of the Times*, 6 de Maio de 1897.

Isto não significa que estes característicos e atitudes são manifestados por Babilónia sempre e em todos os lugares, porque isto não seria verdade, embora eles estejam sempre presentes. Há períodos em que o seu poder em certa medida tem sido quebrado. Durante estes tempos, ela tem apresentado uma aparência agradável perante o mundo, e permanece submissa enquanto readquire a sua força. Isto está ela a fazer presentemente, na crença que o seu dia de oportunidade virá outra vez.

Além do mais, é demasiado limitado identificá-la com uma pessoa em particular, organização evangélica, ou nação, porque estes são apenas aqueles que lhe dão suporte, sem os quais ela deixaria de existir. Ela é o ponto mais alto da rebelião contra Deus e Seu povo, e não deixa qualquer meio por tentar a fim de os eliminar. Por vezes parece que conseguiu com sucesso este vil propósito, mas embora cada matança contra o povo de Deus pareça mais do que suficiente para chegar aos seus malignos intentos, eles levantam-se mais livres, fortes, e mais iluminados do que em todas as campanhas levadas contra eles. Quanto mais decidida e vigorosamente Babilónia faz guerra contra a igreja, mais fraca se torna. Uma leitura da primeira à última página do exame da história como o que se encontra em *O Grande Conflito* confirmará isso.

No grande dia de contas final, será por fim visto realmente que:

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na Terra.” *Apocalipse* 18:24.

Que terrível acusação é acusar da culpa de assassínio de todas as pessoas que jamais viveram incluindo o próprio Salvador. O pior aspecto desta terrível matança está no facto que o primeiro alvo de Satanás é o povo do Senhor que é totalmente isento do merecimento deste tratamento. Esta ira é dirigida contra aqueles a quem Cristo ordena:

“Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos.” *Lucas* 10:3.

Naturalmente e correctamente, esperamos que Babilónia a Grande seja muito mais da mesma coisa que Babilónia é. A nossa identificação deste grande poder, Babilónia a Grande, é algo mais do que esperamos que Babilónia seja, e assim devíamos esperar. No passado tem havido uma sucessão de característicos que se adequavam ao carácter de Babilónia e

devotados aos seus objectivos. O primeiro deles revelou-se a si mesmo quando Caim matou o seu irmão numa violenta expressão de perseguição religiosa. Depois do Dilúvio, surgiu a Torre de Babel levantada como uma manifestação de desafio contra o Deus do Céu. Ela foi destinada a apresentar a noção que os homens podiam resolver todos os seus problemas sem a referência a Deus.

Quando essa obra má se desfez, a Babilónia desse tempo caiu, para nunca mais se levantar.

Naqueles dias, o deus do sol era exaltado como o reincarnado Ninrode referido em *Génesis* 10:8-10.

“E Cusí gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra.

“E este foi poderoso caçador diante da face de Senhor; pelo que se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor.

“E o princípio do seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calné na terra de Sinar.”

(Para uma descrição mais pormenorizada acerca do aparecimento e queda de Ninrode, vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, capítulo 20.)

Nos dias de Daniel, o poderoso, poder conquistador chamado “Babilónia” construiu a sua capital nas margens do rio Eufrates. Aparentemente, era inexpugnável e invencível, mas numa noite caiu, para nunca mais se levantar. Assim seguiu-se a Medo-Pérsia, Grécia, Roma, o Papado, e Igrejas Protestantes caídas que também são Babilónia, como está escrito:

“As igrejas denominacionais caídas são Babilónia.” *The Review and Herald*, 12 de Setembro de 1893.

A verdade que está agora a ser apresentada aqui é que todas as sucessivas quedas individuais aconteceram cada uma por sua vez às forças designadas de um ou outro modo como sendo “Babilónia”. Por causa de estarem separadas pelo tempo e lugar umas das outras, nenhuma tinha o direito de ser chamada, “Babilónia a Grande”, mas, assim que se juntarem numa grande, universal, confederação do mal, todas desenvolvidas ao elevado ponto de cultura e aprendizagem satânica e humana e todas se unam num propósito comum, nomeadamente, desafio ao governo e autoridade divinos, então “Babilónia a Grande” muito certamente se terá levantada e estabelecida.

Que essa confederação de todas as forças do maligno poder das trevas altamente desenvolvidas está a ser organizada é-nos revelado nos escritos sagrados dos quais estudaremos mais em profundidade e pormenor mais tarde. Entretanto, aqui estão alguns desses relatos do que mesmo agora se está a desenvolver:

“Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis.” *Apocalipse* 17:13, 14.

“Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás. ‘E dará o seu poder e força à besta.’ Assim é manifestado o mesmo arbitrário poder opressor contra a liberdade religiosa, liberdade para adorar a Deus segundo os ditames da consciência, como foi manifestado pelo papado, quando no passado ele perseguia aqueles que ousavam recusar a conformar-se com os ritos religiosos e cerimónias do Romanismo.

“Na guerra que será travada nos últimos dias estarão unidos, em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da lealdade à lei de Jeová. Nesta guerra o sábado do quarto mandamento será o grande ponto de controvérsia; porque no mandamento do sábado o grande Dador da lei identifica-se a Si próprio como o Criador dos Céus e da Terra (MS 24, 1891).” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

Assim somos informados que todos os poderes corruptos que têm apostatado da verdade, do serviço leal a Deus se unirão quando saírem na sua guerra contra Deus e Seu povo na grande confrontação final entre as forças da luz e as forças das trevas. O facto é que todas as pessoas,



todo o princípio de negócio, todo o tipo de organização, etc. que não está do lado de Deus é uma apostasia da verdade. Não há exceção a esta regra. Ninguém apostata de alguma coisa excepto da verdade de Deus. Isto não pode significar que todos o mundo se arregimentará contra nós. Quando a grandeza destas forças combinadas se tornarem visíveis para nós, apreciaremos melhor quanto grande é a tarefa que está perante nós.

Evidentemente que as próprias pessoas que constituíram as várias Babilónias do passado, não estarão presentes neste campo de batalha final, porque elas há muito que deixaram de estar no campo de acção, mas deixaram atrás de si a acumulação de mais e mais ideias babilónicas, princípios e conceitos aos quais todas as gerações passadas com os seus avanços na aprendizagem, acrescentaram as suas terríveis contribuições.

Mesmo a própria casa do tesouro de Satanás com aumentadas capacidades cresceu consideravelmente. Considerai isto à luz do testemunho que se segue:

“O grande conflito entre o bem e o mal aumentará de intensidade até mesmo ao final do tempo. Em todas as épocas a ira de Satanás se tem manifestado contra a igreja de Cristo; Deus tem concedido a Sua graça e Espírito ao Seu povo para o fortalecer na resistência ao poder do maligno. Quando os apóstolos de Jesus Cristo estavam para levar o Seu evangelho ao mundo e registá-lo para todas as épocas futuras, foram especialmente dotados da iluminação do Espírito. Mas, à medida que a igreja se aproxima do seu livramento final, Satanás deverá agir com maior poder. Desce, tendo “grande ira, sabendo que já tem pouco tempo” (Apocalipse 12:12). Operará “com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira” (2 Tessalonicenses 2:9). Durante seis mil anos aquele espírito superior, que já fora o mais elevado dentre os anjos de Deus, tem estado inteiramente entregue à obra de engano e ruína. E toda a profundidade da perícia e astúcia satânica, adquirida durante as lutas seculares, toda a crueldade desenvolvida, serão postas em acção contra o povo de Deus, no conflito final. E neste tempo de perigo, os seguidores de Jesus devem levar ao mundo a advertência do segundo advento do Senhor; e deverá preparar-se um povo para estar em pé diante d’Ele na Sua vinda, “imaculados e irrepreensíveis” (2 Pedro 3:14). Neste tempo, a concessão especial de graça e poder divinos, não é menos necessária à igreja do que nos dias apostólicos.” *O Grande Conflito*, 14, 15, (Publicadora Atlântico, 1975.)

Presentemente então, todas as forças babilónicas estão tranquilas mas eficientemente juntando os seus recursos na preparação para o seu confronto final com as forças da luz e da verdade. Em muitos casos, elas nem estão conscientes das suas próprias estratégias, e não compreendem para onde estão a ir, mas sob a supervisão de Satanás estão apesar de tudo a caminhar para esse fim. O testemunho que se segue é uma revelação a este respeito:

“A Palavra de Deus deu aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. As suas doutrinas estão a exercer influências nas assembleias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer as suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando as suas forças para realizar os seus objectivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá por esse motivo em censura e perseguição.” *O Grande Conflito*, 580.

Assim então, Daniel enfrentou Babilónia, mas nós estamos enfrentando Babilónia, *a Grande*. Por causa daquilo que ele passou como pioneiro ou descobridor, a nossa missão será de algum modo melhor definida, e, pela segura palavra da profecia, compreenderemos melhor o que nos espera. Estou certo que Daniel e os seus três nobres amigos não compreenderam o real

significado da sua posição, tal como mais tarde, Daniel não compreendeu as profecias que estava a receber pela divina inspiração.

“Honrado pelos homens com as responsabilidades de Estado e os segredos de reinos que tinham alcance universal, Daniel foi honrado por Deus como Seu embaixador, sendo-lhe dadas muitas revelações dos mistérios dos séculos por vir. Suas maravilhosas profecias, tais como registadas por ele nos capítulos sete a doze do livro que traz o seu nome, não foram inteiramente compreendidas mesmo pelo próprio profeta; mas antes que findassem os labores de sua vida, foi-lhe dada a abençoada certeza de que ‘no fim dos dias’, isto é, na conclusão do período da história deste mundo, ser-lhe-ia permitido outra vez estar na sua posição e lugar. Não lhe fora dado compreender tudo o que Deus tinha revelado do divino propósito. ‘Fecha estas palavras e sela este livro,’ foi-lhe ordenado quanto aos escritos proféticos; estes deviam ser selados ‘até ao fim do tempo.’ ‘Vai, Daniel,’ o anjo ordenou uma vez mais ao fiel mensageiro de Jeová, ‘porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim.... Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias.’ Daniel 12:4, 9 e 13.” *Profetas e Reis*, 547.

Deus, sabendo verdadeiramente que a apostasia de Israel traria tal ruína que mesmo a população seria levada de Judá para Babilónia, planeou transformar o desastre numa grandiosa bênção. Ele usaria toda a situação como um paralelo educacional para ensinar aqueles que de nós, sobre quem o fim do mundo está a chegar, exactamente como nos relacionarmos com a Babilónia dos últimos dias.

“As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes homens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir o Seu propósito.” *Educação*, 57.

À medida que estes estudos continuarem, aprenderemos algo do que são estas grandiosas verdades, mas entretanto que inspiração é ver o poderoso inimigo vencido por Daniel no passado e pelas suas contrapartidas no futuro.

Esta batalha contra Babilónia a Grande, será uma luta que terminará todos os conflitos em que os homens jamais estiveram envolvidos por qualquer razão, e em particular aqueles que foram destinados a reforçar a religião de um homem ou outra. Todas as Babilónias do passado caíram, os dias de Daniel estão passados, e agora Babilónia a Grande está a crescer até ao domínio universal. A sua guerra não será dirigida contra o homem, mas contra Deus e Seus santos. O conflito será terrível, e chegará perto de estar perdido, mas as forças da justiça prevalecerão. Contudo, saiba-se que Deus não submeterá as Suas forças à batalha enquanto elas não estiverem verdadeiramente preparadas, até Ele saber que elas triunfarão!

A história de Daniel e seus três amigos é um livro de estudo do mais alto valor para aprender como mandar Babilónia a Grande como uma grande mó de moinho para o fundo do mar. Quando esse acontecimento chegar, rejubilaremos como a alegria eterna sabendo que o nosso inimigo está para sempre afastado de nós, e Cristo é Rei para todo o sempre.

## Capítulo 12

# Verdade e Amor, o Poder Dominante

**N**os dias de Daniel, a ascensão de Babilónia à incontestada supremacia mundial só foi possível por causa da apostasia cada vez mais profunda da maioria dos filhos de Israel. Tivesse o povo de Deus possuído sempre a força militar, moral, e religiosa que tinha quando Salomão subiu ao trono, Babilónia nunca se teria tornado o governo do mundo. Mas Israel havia caído, e Babilónia tinha sucedido na posição de supremacia mundial que ameaçou a própria existência do povo de Deus. Tendo previsto a aproximação do perigo, o Senhor não foi apanhado de surpresa mas fez total provisão para enfrentar a crise.

No tratamento com este problema, Deus não podia empregar armas de força na Sua intervenção, independentemente de quão próximo Satanás se aproximasse de conseguir a supremacia mundial. A natureza dessa intervenção veio na forma de especial protecção dos que ainda eram honestos filhos de Deus a quem a apostasia não era imputável. Na Sua forma própria, o Senhor foi capaz de influenciar os reis babilónicos a levar de Judá para Babilónia um primeiro grupo de pessoas chave a fim de assegurar a sua protecção da fúria dos soldados do rei Nabucodonosor quando Jerusalém foi por fim atacada e destruída.

A revelação da oportuna intervenção de Deus está relatada em *Jeremias 24:1-10*, onde, sob o simbolismo de dois cestos de figos, um muito bom e outro muito mau, Deus explicou o destino daqueles que permaneceram leais ao Senhor por um lado, e os que estavam apostatados por outro. Os dois grupos obviamente não partilharam da mesma sorte, porque os apostatados sofreriam a destruição, ao passo que os outros simbolizados pelos figos bons, tinham recebido uma solução muito especial para o seu problema. Eles tinham sido enviados por Deus para Babilónia antes do holocausto que mais tarde submergiu Jerusalém e o templo com descontrolada selvajaria.

Estes são os que foram enviados:

“Fez-me o Senhor ver, e vi dois cestos de figos, postos diante do templo do Senhor, depois que Nabucodonosor, rei de Babilónia, levou em cativo Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e os príncipes de Judá, e os carpinteiros, e os ferreiros de Jerusalém, e os trouxe a Babilónia.” *Jeremias 24:1*.

Estes incluíam Daniel e os seus três amigos que eram príncipes entre aqueles que da classe real foram levados para a terra dos caldeus conquistadores. Eles são mencionados em *Daniel 1:3* pelo rei Nabucodonosor como “... Da linhagem real....”

E como foi que este grupo de príncipes e artífices foram levados antecipadamente para a terra do exílio? A acção do Céu era uma questão de intervenção divina executada com sucesso por Deus sem o uso da Sua força. Tudo aconteceu como se segue:

Havia no ambicioso plano de Nabucodonosor para Babilónia, a congregação num centro dos melhores intelectos e mais hábeis artistas que existissem no mundo então conhecido. Desta forma ele aumentaria o poder intelectual de Babilónia e alargaria o seu conhecimento das ciências, engrandecendo assim a glória do reino.

O majestoso monarca estava aparentemente ansioso para executar o plano tão cedo quanto possível e estava assim susceptível às sugestões que lhe pudessem ser feitas. Portanto, Deus através dos anjos rodeou o rei com uma influência que o levou a trazer alguns dos príncipes e trabalhadores hábeis para a grande cidade antes de muitos outros. Mais tarde Deus revelou a Jeremias o plano e que Ele tinha sido seu Autor. Também declarou que tinha feito preparativos para o bem daqueles a quem se destinavam — os que tinham ido antes para a terra dos Caldeus.

“Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Como a estes bons figos, assim conhecerei aos de Judá, levados em cativo, e que Eu envie de este lugar para a terra dos caldeus, para seu bem.” *Jeremias 24:5*.

Deus anteviu muito claramente a vinda daqueles acontecimentos que tornariam necessário enviar estes artífices e príncipes para Babilónia *para seu próprio bem*. Ele compreendeu as terríveis condições que estavam a desenvolver-se sobre Jerusalém e que tornariam quase impossível sobreviver quando a tempestade realmente irrompesse.

Essas mudanças nas condições eram o resultado do comportamento desleal do último rei de Judá, o rei Zedequias. Quando o rei Nabucodonosor marchou pela primeira vez contra Jerusalém e a venceu, não destruiu a cidade ou o templo, nem acabou com o reino. Pelo contrário, permitiu que Judá continuasse como um governo independente.

“O reino de Judá, debilitado em poder, roubado em sua força representada por homens e tesouros, teve não obstante ainda a permissão de continuar a existir como um governo separado. Como sua cabeça Nabucodonosor colocou a Matanias, jovem filho de Josias, mudando-lhe o nome para Zedequias.” *Profetas e Reis*, 439.

Este foi um grande privilégio pelo qual o rei Zedequias tinha um imenso débito de gratidão. Bom teria sido para ele e para o povo de Deus se tivesse sido fiel à confiança nele depositada.

“Zedequias, no início do seu reinado, desfrutou inteiramente a confiança do rei de Babilónia, e teve como experimentado conselheiro ao profeta Jeremias. Se tivesse prosseguido numa conduta honrosa para com o rei de Babilónia, e atendido às mensagens do Senhor por intermédio de Jeremias, ele teria conservado o respeito de muitos em posição de mando, e teria tido oportunidade de comunicar-lhes o conhecimento do verdadeiro Deus. Assim os cativos já exilados em Babilónia teriam sido postos em terreno vantajoso e granjeado muita liberdade; o nome de Deus teria sido honrado em toda parte, e os que haviam permanecido na terra de Judá teriam sido poupados a terríveis calamidades que finalmente vieram sobre eles.” *Profetas e Reis*, 440.

Esta era a brilhante e esperançosa ilustração do que podia ter acontecido, mas tragicamente, as coisas não se desenvolveram nessa direcção. Implantado no coração do rei de Judá estava o terrível espírito de rebelião que o controlava contra quaisquer desejos melhores que pudesse ter possuído.

Os falsos profetas, predizendo uma breve inversão da sua situação, encontraram uma resposta favorável no coração do rei Zedequias, e induziram-no, assim que a oportunidade se apresentou, a trair a sagrada confiança que ele tinha levado o rei Nabucodonosor a depositar nele. Antes que pudesse levantar-se em rebelião, contudo, a posição do rei Zedequias foi ameaçada pela intranquilidade causada pelas actividades dos falsos profetas, pelas quais ele foi

colocado sob a suspeita de traição, "... e não foi senão por acção imediata e decisiva de sua parte que lhe foi permitido continuar a reinar como vassalo." *Profetas e Reis*, 447.

Mas esta solene renovação do seu concerto foi deixada pouco depois, porque, após o regresso a Jerusalém, ele começou a planear a rebelião na vã esperança de se libertar do domínio de Babilónia.

"E fez o que era mau aos olhos do Senhor seu Deus; nem se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor.

"De mais disto, também se rebelou contra o rei Nabucodonosor, que o tinha ajuramentado por Deus; mas endureceu a sua cerviz, e tanto se obstinou no seu coração, que se não converteu ao Senhor, Deus de Israel." *2 Crónicas* 36:12, 13.

Foi para o Egipto que o rei Zedequias se voltou na sua revolta contra o rei de Babilónia. Ao fazê-lo, foi directamente contra os conselhos do Senhor através do Seu mensageiro, Jeremias o profeta, e assim deu abundante causa para a fúria do rei Nabucodonosor despertar completamente, tal como aconteceu.

"Na dianteira entre os que estavam rapidamente levando a nação à ruína, estava Zedequias, seu rei. Desprezando inteiramente os conselhos do Senhor dados por intermédio dos profetas, esquecendo a dívida de gratidão jurada a Nabucodonosor, violando seu solene juramento de submissão feito em nome do Senhor Deus de Israel, o rei de Judá se rebelou contra os profetas, contra seu benfeitor e contra seu Deus. Na vaidade de sua própria sabedoria ele foi em busca do auxílio do antigo inimigo da prosperidade de Israel, 'enviando os seus mensageiros ao Egipto, para que se lhe mandassem cavalos e muita gente.'" *Profetas e Reis*, 450, 451.

O rei Zedequias dificilmente podia ter feito um trabalho mais completo ou bem sucedido para irar o rei, se tivesse deliberadamente feito assim. Se há alguma coisa acima de todas as outras que provoca o espírito do ódio de uma pessoa contra outra, é a traição da confiança. Quanto mais elevada for a posição do traído, maior é a fúria manifestada. Imaginai a ilimitada ira do poderoso monarca, o rei Nabucodonosor, quando chegaram a ele as notícias que o rei Zedequias se tinha aproximado do rei do Egipto com um plano de revolta conjunta contra ele.

Deve ter-se levantado do seu trono completamente determinado a não mais mostrar qualquer compaixão, misericórdia, ou clemência. Desta vez ele devastaria Jerusalém tão completamente que as suas fortificações, destruídas, seriam de nenhum valor como defesa contra os seus inimigos. Do mesmo modo arrasaria o glorioso templo, queimaria toda a cidade, e mataria muitos do povo. Em particular, o rei e príncipes seriam executados com terrível crueldade.

O rei fez tudo aquilo que se propôs fazer. Primeiramente, eliminou a ameaça egípcia e em seguida cercou Jerusalém até ela cair. Então soltou a sua incrível fúria sobre o rei Zedequias e seus filhos, e príncipes.

"Mas a fraqueza de Zedequias era um crime pelo qual ele pagou um terrível preço. O inimigo passou como uma irresistível avalanche e devastou a cidade. Os exércitos hebreus fugiram em confusão. A nação foi conquistada. Zedequias foi feito prisioneiro e os seus filhos foram mortos diante dos seus olhos. Então ele foi levado de Jerusalém como um cativo, ouvindo os gritos do seu miserável povo e o rugido das chamas que estavam a devorar as suas casas. Os seus olhos foram vazados, e uma vez chegado em Babilónia pereceu miseravelmente. Esta foi a punição da incredulidade e por seguir os conselhos ímpios." *Testimonies for the Church* 4:184, 185.

Neste parágrafo está escrito o que certamente aconteceria aos príncipes, Daniel e seus três amigos, se não tivessem sido enviados anteriormente para a terra dos caldeus para seu próprio bem. Teriam sido mortos na presença de Zedequias apesar de não serem filhos directos do rei.

"E o rei de Babilónia degolou os filhos de Zedequias à sua vista, e também degolou a todos os príncipes de Judá em Ribla." *Jeremiah* 52:10.

O esvaziamento dos olhos de Zedequias foi um acto de incrível crueldade que nos dá uma forte indicação de quão alterada estava a ira do rei Nabucodonosor. Ninguém arranca os olhos de outra pessoa a menos que ele próprio esteja cegamente furioso e fora de controlo como deve ter acontecido com o rei Nabucodonosor.

Portanto, foi certamente para o próprio bem de Daniel e seus companheiros que Deus fez com que eles fossem enviados para Babilónia antes do holocausto ter lugar. Uma obra-prima de solução de problemas pela qual Deus demonstrou a Sua maravilhosa capacidade de libertar o Seu povo sem o emprego das armas de força.

Mas, sem diminuir a glória de Deus por um momento no resgate dos quatro fiéis, houve um acontecimento muito mais importante a ser tratado aparte da mera libertação física. A própria existência da justiça tinha que ser preservada, não importasse qual o custo, desde que o conjunto de acções no resgate não envolvesse a transgressão da lei. O cruel e furioso leão Babilónia esteve perto de devorar o piedoso remanescente povo de Deus, e parecia como se nada nem ninguém o pudesse salvar.

Nesse importante momento da história actual e eternidade, Deus tinha que ter às Suas ordens um grupo de crentes tão completamente dedicado em quem habitasse o magnífico poder e perfeição da sua justiça, e em quem Ele pudesse confiar não importasse quais as circunstâncias, de que se manteriam fiéis aos Seus mandamentos. Eles não tinham que ser em grande número, porque os números pertencem ao mundo da força.

No caso de Daniel e seus amigos, Deus ganhou as primeiras batalhas que foram acerca da temperança, simplesmente através de quatro homens muito jovens. O confronto seguinte que envolvia a ordem para se curvarem perante a imagem de ouro, foi ganho apenas por três, embora a partir daí um fosse suficiente. Isto não significa que devia haver um mínimo de quatro para começar, apesar da existência de outros que se manteriam firmes ser uma grande ajuda se não fossem esmagados pela pressão. Se o fizessem, tornar-se-iam uma grande prova que tornaria mais difícil os fiéis ficarem firmes sem ceder.

A razão para serem apenas quatro no início foi porque esse era o número disponível. Se tivesse havido quarenta, ou quatrocentos, ou qualquer outro número, Deus tê-los-ia usado com igual imparcialidade de acordo com as suas capacidades individuais. O grande ou pequeno número não teria feito diferença para Ele desde que houvesse pelo menos um com as capacidades necessárias que incluíssem a perfeita ausência de pecado, com que enfrentar o nosso inimigo mortal.

Na escala global, estão em operação os mesmos princípios. É por isso que a vitória no final dependerá de tão poucos tal como foi nos dias de Daniel. Se aqueles poucos que restavam morressem ou desertassem para o inimigo, Deus seria derrotado e perderia o grande conflito, e nada restaria para nós excepto a morte eterna.

A questão chegou arrepiantemente perto deste terrível fracasso da parte do povo de Deus do tempo de Daniel, e chegará terrivelmente próximo do fracasso na futura crise final quando todos os pontos forem disputados e resolvidos tão completamente, que nunca mais nos incomodarão.

O antigo Israel falhou porque, entre outras coisas, pensou que tinha construído o reino de Deus pelo emprego das suas tácticas, armas, estratégias como as que foram usadas pelos seus inimigos que concentraram o seu tempo, capacidades, e energias na construção do reino de Satanás. Enganaram-se a si próprios porque, embora os resultados finais tivessem que ser diferentes, o modo de alcançar estes objectivos totalmente opostos eram os mesmos. Na base deste raciocínio, os judeus e os gentios empregaram ambos as mesmas armas de guerra e confrontaram-se em batalhas campais em que milhares de milhares morreram. Assim sob o comando de Josué e mais tarde de David, Israel levou a cabo campanhas contra os cananitas, filisteus, amonitas, amalequitas, e outras nações, geralmente com aparente sucesso.

Todavia, este procedimento falhou em encher a Terra com justiça. Pelo contrário, houve constantemente repetidas descidas à apostasia que eram apenas o resultado que podia ser esperado. A apostasia era o fruto. O uso da força tal como na guerra era a raiz. Seguramente quando um é usado o outro é o resultado. Assim a terrível apostasia que culminou na completa ruína que caiu sobre Israel nos dias de Daniel foi apenas o fruto da sua tentativa para se estabelecerem como a nação justa pelo uso dos procedimentos injustos.

Isto está de acordo com um estudo anterior em que aponte a desobediência do rei Salomão como sendo a causa da apostasia ao fazer aliança com o rei do Egipto, ou casar com a sua filha, a princesa egípcia. O resultado de um é o mesmo do outro — total ruína.

Foi quando este resultado final dos procedimentos errados chegaram, que o caminho foi aberto para Deus realmente trabalhar. Assim quando os reinos de Israel do norte e do sul foram despojados de todo o vestígio de poder militar, e a causa de Deus aparentemente perdida, foi de facto aberto o caminho para Deus chamar os Seus exércitos e colocá-lo exactamente no coração do campo inimigo em cumprimento da sua promessa:

“Fé é o poder vivo que atravessa qualquer barreira, e ultrapassa todos os obstáculos, e coloca a sua bandeira no coração do campo inimigo.” *The S.D.A. Bible Commentary* 2:995.

Esse exército era constituído por quatro jovens absolutamente obedientes, os poderosos, puros, e santos anjos do Senhor, e o magnífico poder do Espírito Santo. À sua cabeça o capitão da Salvação, Jesus Cristo, o nosso invencível Senhor. Ao contrário dos babilónios que eram guiados pelo seu comandante para fazer guerra em injustiça, o exército do Senhor saiu vencedor e para ganhar usou apenas armas de justiça como está escrito:

“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chamava-se Fiel e Verdadeiro; e julga a peleja com justiça.” *Apocalipse* 19:11.

Tivesse Deus escolhido lutar segundo os princípios da injustiça, teria usado as armas de força e destruição imensamente superiores que estavam às Suas ordens para destruir instantaneamente Satanás e seus seguidores.

“A representação de Satanás contra o governo de Deus, e a sua defesa daqueles que se colocaram ao lado dele, era uma acusação contra Deus. As murmurações e queixas eram infundadas; e contudo Deus permitiu-lhe demonstrar a sua teoria. Deus podia ter destruído Satanás e todos os seus simpatizantes tão facilmente como quem atira um seixo à terra. Mas ao fazer assim teria dado um precedente para o exercício da força. Todo o poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são desta ordem. Ele não operaria segundo estas linhas. Ele não daria o mais leve encorajamento para qualquer ser humano se colocar como Deus acima de outro ser humano, sentindo-se na liberdade de lhe causar sofrimento físico ou mental. Este princípio é totalmente uma criação de Satanás.” *The Review and Herald*, 7 de Setembro de 1897.

A firme convicção possuída por quase todos em toda a história é que, enquanto alguns problemas podem ser resolvidos pela apresentação da bondade, misericórdia, e amor, quase todos os problemas da vida exigem algum grau do emprego de força. Mas o que Deus está a dizer tão claramente é, uma vez que o exercício da força é exclusivo do reino de Satanás e está tão totalmente excluído do reino de Deus, então a batalha final que em breve será travada pelo povo de Deus não terá o mais pequeno recurso ao poder compulsor sob qualquer aspecto ou forma.

Isto introduz a solene compreensão que qualquer movimento do povo de Deus, passado, presente, ou futuro, que de qualquer forma confie ou recorra às armas do reino de Satanás, pode efectivamente experimentar algumas vitórias sobre ele, mas não pode *completa e permanentemente* derrotá-lo, e portanto não pode ser o instrumento de Deus através de quem Ele *concluirá* o grande conflito. Sem dúvida que ganharão a vida eterna depois de passarem pela sepultura, desde que vivam segundo toda a luz que receberam, mas não experimentarão a

trasladação. Esse maravilhoso privilégio espera a formação de um grupo de crentes em que cada membro se compromete tão totalmente a rejeitar a mais pequena concessão ao uso da força. Estes serão os cento e quarenta e quatro mil.

Abraão confiou com sucesso no uso das armas para resgatar Ló, mas, ao fazer isso, empregou aquilo que pertencia ao reino de Satanás. Portanto não podia dar uma conclusiva demonstração de como Deus faz a guerra sem o uso das armas da guerra física. Felizmente ele viu tão claramente quão errado é o sistema da força, que o abandonou, pois nunca mais ouvimos que ele recorresse a estas medidas.

Isaque e Jacó renunciaram às armas da guerra física e assim chegaram próximo do objectivo.

Mas depois da sua libertação da escravidão egípcia, os israelitas aproveitaram a primeira oportunidade para adquirir armas suficientes para equipar um exército, por cujos instrumentos de destruição assassinaram os cananitas, e usurparam a posse das suas terras pelo uso dos métodos que Deus nunca teria usado. Na sua aquisição daquilo que o Senhor lhes tinha prometido como posse, agiram do mesmo modo como os pagãos sobre quem Deus tinha planeado que verdade e amor seriam o poder predominante e vencedor. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 823.

No início, a aplicação da guerra agressiva pelos judeus foi muito bem sucedida, mas o princípio que todo o que vive pela espada, pela espada perecerá, permanece válido tal como Jesus advertiu que assim seria:

“Então Jesus disse-lhe: ‘Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão.’” *Mateus 26:52*.

“Se alguém leva em cativo, em cativo irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos.” *Apocalipse 13:10*.

Quando Jesus disse a primeira e última palavra sobre o assunto, alcançou aquilo que todos os outros pensaram ser impossível. Demonstrou bastante conclusivamente que qualquer crente que, sob as ordens de Cristo e no solene poder do Espírito Santo sai para a guerra equipado apenas com a verdade e amor, é inconquistável. Do ponto de vista humano, isto é tentar o impossível, porque cristãos desarmados são vistos como ovelhas levadas para o matadouro sem esperança de sobrevivência a menos que estejam presentes as forças necessárias para inverter o rumo das coisas. Jesus demonstrou que o Seu reino não pode ser construído pelo uso da força sob qualquer aspecto ou forma. Ele mostrou como é que pode um reino ser estabelecido eternamente quando a verdade e o amor são os únicos poderes predominantes.

Notemos este princípio como foi declarado noutra testemunho muito similar citado anteriormente:

“Deus poderia ter destruído Satanás e os seus simpatizantes tão facilmente como se pode atirar uma pedra à terra; mas não o fez. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são desta classe. A Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação destes princípios são os meios que se devem utilizar. O governo de Deus é de ordem moral, e nele devem prevalecer o poder da verdade e do amor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 824.

Centremos a nossa atenção nas palavras “devem prevalecer o poder”. Prevalecer significa vencer, conquistar, ganhar ascendência. Os que não compreendem o carácter de Deus, nem os princípios e procedimentos pelos quais Ele constrói o Seu reino, não compreendem que apenas a verdade e amor podiam ser os poderes predominantes.

Se o professo crente em Jesus, quando por fim compreende que a verdade e o amor devem ser o poder predominante, verifica que está vacilante perante o pensamento de Cristo, o Sem Pecado, sai para a guerra tão “inadequadamente” armado, então que fará ele quando estiver “cativo” pelas mesmas armas? Quão frequentemente o povo de Deus, ao descobrir-se incapaz



de ver como a verdade e amor podem possivelmente ser bem sucedidos nas crises que os confrontam, se voltam para soluções da sua própria invenção, em que a confiança não está colocada na verdade e amor como sendo o poder predominante.

Mas Deus espera que cada um dos seus filhos sem exceção entre nos seus conflitos diários armados apenas com a verdade e o amor como poderes predominantes na sua guerra mortal contra o reino das trevas e morte. Se o crente em Jesus não está equipado com completa e perfeita demonstração da verdade e amor, não está ainda qualificado para ser um membro dos cento e quarenta e quatro mil, e conseqüentemente não está ainda preparado para lutar na batalha final do grande conflito. Ele não será capaz de participar no derrube de Babilónia a Grande.

A estabelecimento de Daniel e seus três amigos em Babilónia foi Deus a movimentar o Seu exército. Ao prepará-los para a sua missão especial, Ele assegurou-Se que eles estivessem carregados com as forças da verdade e amor dadoras de vida, e em seguida colocou-os no próprio coração do reino, face a face com o próprio rei. No livro de *Daniel* está registada a história de quão completa e permanentemente a verdade e o amor prevaleceram sobre o erro e o ódio.

É um livro de grande instrução para aqueles a quem Deus em breve colocará em posição no próprio coração de Babilónia a Grande onde a verdade e o amor prevaleceram, e de cujo confronto Babilónia a Grande sairá total e eternamente derrotada.

À medida que prossigamos com o estudo de *Daniel e Apocalipse*, devemos manter sempre perante nós a compreensão que estes dois livros são a revelação do facto que na batalha final, o poder predominante será a verdade e o amor. As armas da força não terão a supremacia nessa altura. Se falharmos em compreender isto, perderemos a mensagem destes livros. Para vos ajudar a procurar uma compreensão correcta destes livros, escreverei estes estudos do ponto de vista que a verdade e o amor são os poderes controladores.

## Capítulo 13

# O Papel do Profeta Jeremias

**O**s inspirados registos da história dos filhos de Israel entre a grave apostasia do rei Salomão e a destruição da cidade de Jerusalém, estão tão manchados com reis, sacerdotes e povo que caminhavam em terrível iniquidade e que recusaram completamente serem corrigidos, que temos a tendência para ficar com a ideia que não havia pessoas justas na Terra durante esse período. Esta ideia é fortalecida pelo facto que a verdadeira religião era tão impopular, que abraçá-la era atrair severas perseguições e mesmo sofrer a morte como resultado de a confessar. Ao mesmo tempo, a adoração dos ídolos era mantida em quase toda a nação no seu poder cativante. No serviço ao pecado, o povo apóstata encontrava a alegria da qual não permitia que alguém o privasse.

Sentindo a futilidade de tentar corrigir abertamente a corrupção e a dominante iniquidade, aqueles que eram fiéis e leais a Deus adoptaram uma atitude pouco notada, pelo que temos a tendência para considerar que eles não existiam. Mas havia alguns que não se viam e eram verdadeiros e fiéis ao seu Deus, um piedoso remanescente que vivia pelos princípios da verdade e da justiça.

Mas são as palavras dos profetas que nos deram a única e verdadeiramente correcta avaliação da condição do povo desse tempo, e as suas palavras foram de facto um relato desanimador. Miqueias não encontrava ninguém com o carácter divino, enquanto Isaías falava de haver apenas um pequeno remanescente.

“Este foi sem dúvida um tempo de grande perigo para a nação escolhida. Poucos anos mais e as dez tribos do reino de Israel seriam espalhadas entre as nações gentílicas. E no reino de Judá também as perspectivas eram negras. As forças do bem estavam diminuindo rapidamente, e as do mal aumentando. O profeta Miqueias, em vista da situação foi constrangido a exclamar: ‘Pereceu o benigno da terra, e não há entre os homens um que seja recto.’ ‘O melhor deles é como um espinho; o mais recto é pior do que um espinhal,’ Miqueias 7:2 e 4. ‘Se o Senhor dos Exércitos não nos deixara algum remanescente,’ exclamou Isaías, ‘já como Sodoma seríamos, e semelhantes a Gomorra.’ Isaías 1:9.” *Profetas e Reis*, 324.

Mas, fiel entre os fiéis estava Jeremias que foi chamado desde muito jovem para ser o mensageiro de Deus ao reino do sul. O seu chamamento veio no ano treze do reinado do rei Josias, e foi seguido por quarenta anos de ministério durante os reinados dos reis Josias, Jeocaz, Jeoaquim, Joaquim, e Zedequias.

“As palavras de Jeremias, filho de Hilquias, dos sacerdotes que estavam em Anathoth, na terra de Benjamim:

“Ao qual veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado.

“E lhe veio, também, nos dias de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, até ao fim do ano undécimo de Zedequias, filho de Josias, rei de Judá, até que Jerusalém foi levada em cativeiro no quinto mês.” *Jeremias* 1:1-3.

Aqueles foram anos difíceis durante os quais Jeremias tinha continuamente lutado com a oposição cheia de ódio. Ele foi falsamente acusado, injustamente aprisionado, e condenado à morte, embora a sentença fosse anulada por alguns homens poderosos. Mas pior ainda foram as agonias que sofreu quando contemplava a terrível apostasia do seu amado povo, a traição aos sagrados depósitos com que Deus os tinha dotado, e a sua sempre crescente devoção aos degradantes ritos da idolatria. O seu ministério não foi um ministério cheio de alegria e satisfação, mas um ministério que ele cumpriu fielmente, enquanto olhava para Deus para que tomasse sobre Si as consequências. Deus deu as mensagens. Jeremias fiel e generosamente as transmitiu ao povo.

“Por quarenta anos Jeremias devia estar diante da nação como testemunha da verdade e da justiça. Num tempo de apostasia sem paralelo, devia ele exemplificar na vida e no carácter a adoração do verdadeiro Deus. Durante o terrível cerco de Jerusalém, ele seria o porta-voz de Jeová. Prediria a queda da casa de David, e a destruição do belo templo construído por Salomão. E quando aprisionado por causa de suas destemerosas afirmações, devia ainda falar contra o pecado nos altos. Desprezado, odiado, rejeitado dos homens, havia ele de finalmente testemunhar o cumprimento literal de suas próprias profecias de iminente condenação, e partilhar da tristeza e dor que se seguiriam à destruição da cidade condenada.” *Profetas e Reis*, 408.

O nosso interesse em Jeremias, o profeta, não é gerado simplesmente por causa dele ser um poderoso mensageiro de Deus para o povo, que, sob todas as aparências pelo menos, estava a cair em incurável apostasia e a submeter-se a si próprio a irrecuperável ruína. Embora essa fosse uma parte extremamente importante da sua obra, é para o outro propósito da sua missão que a nossa atenção está voltada — a especial preparação de Daniel e seus companheiros para as batalhas com a poderosa Babilónia e sua total vitória sobre ela. Os factos que não devemos passar por alto é que este notável profeta tinha uma missão dupla para cumprir.

Primeiramente, ele foi enviado para comunicar o directo testemunho à casa de Judá durante o tempo em que o Senhor fez a sua última tentativa para resgatar o Seu amado povo da ruína total. Em segundo lugar, foi apontado para o especial ministério de preparar e equipar o poderoso exército de quatro príncipes que deviam enfrentar e vencer Babilónia.

De grande significado e importância é ainda o facto que o seu triunfo era um tipo que mostra a forma como a Babilónia de hoje deve ser totalmente vencida por um pequeno grupo armado apenas com a verdade e amor e dotado com o tremendo poder do Espírito Santo.

Nos dias de Daniel, era necessária extraordinária preparação e equipamento especiais para garantir o triunfo da causa da justiça. Babilónia não era um inimigo fácil, porque o seu estatuto era de conquistador mundial. Foram os quatro que enfrentaram o inimigo no campo de batalha, mas foi através de Jeremias que Deus comunicou a preparação para eles lutarem e vencerem, armados unicamente com as armas de guerra espirituais. Sem o especial ministério de Jeremias, os quatro jovens nunca podiam ter realizado aquilo que realizaram.

Uma vez mais, este confronto deverá ser repetido, porque uma vez mais um pequeno grupo formando o exército do Senhor dos Exércitos será levado ao campo de batalha, mas não sem antes ser devidamente treinado e equipado para lutar e vencer.

Através de outro profeta Jeremias, Deus deverá novamente fazer a sua fiel obra, não no último campo de batalha, mas na diligente preparação para ela. Quando o Senhor considerar que o Seu exército está preparado, mandá-lo-á para o campo de batalha, a vitória será ganha, e a obra chegará à sua conclusão há tanto tempo esperada.

“Precisamos estudar o derramamento da sétima taça. Os poderes do mal não desistirão do conflito sem luta. Mas a Providência tem uma parte a desempenhar na batalha do Armagedão. Quando a Terra for iluminada com a glória do anjo de Apocalipse dezoito, os elementos religiosos, o bem e o mal, despertarão do seu adormecimento, e os exércitos do Deus vivo tomarão o campo de batalha (MS 175, 1899).” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

A obra realizada pelo profeta Jeremias é altamente significativa para o verdadeiro povo do Senhor hoje. A sua obra é o tipo; a deles é o antítipo. De acordo com isso, necessitavam de ter uma clara ilustração nas suas mentes da natureza essencial da obra, da sua imperiosa urgência, da sua finalidade, da Fonte do seu poder, e dos princípios e procedimentos pelos quais ela será completada.

Esperar-se-ia que os santos do Altíssimo estivessem a estudar as grandes mensagens da verdade presente com intensidade num tempo como este, e embora existam virgens loucas entre nós, somos encorajados a crer que muitos estão a estudar diligentemente a mensagem para o tempo presente. Ao mesmo tempo tanto quanto pode ser esperado, os poderes das trevas estão a ficar cada vez mais possuídos pelo espírito que os controla. Nunca as palavras da profecia que se segue foram mais verdadeiras do que agora:

“A intensidade está a tomar posse de todos os elementos da Terra; e como um povo que tem tido grande luz e maravilhoso conhecimento, muitos são representados por cinco virgens adormecidas com as suas lâmpadas, mas sem óleo nos seus vasos; frias, insensíveis, com uma fraca, decrescente piedade. Enquanto uma nova vida está a ser difundida em todas as direcções e está a surgir de baixo e a tomar rápido domínio sobre todas as forças dos agentes de Satanás, em preparação para o último grande conflito e luta, uma nova luz e vida e poder está a descer do alto, e a tomar posse do povo de Deus que não está morto, como muitos agora estão, em ofensas e pecados. Aqueles que agora vêem aquilo que em breve virá sobre nós pelo que está a ser realizado diante de nós, não mais confiarão nas invenções de homens, e sentirão que o Espírito Santo deve ser reconhecido, recebido e apresentado perante o povo, para que contendam pela glória de Deus, e trabalhem em todo o lado nos atalhos e nas estradas da vida, para salvação das almas dos seus semelhantes. A única rocha segura e firme é a Rocha Eterna. Apenas aqueles que constroem sobre esta Rocha estão seguros.” *An Appeal to Our Ministers and Conference Committees*, 39.

É verdade que as virgens deste tempo são descritas como tosquenejando e dormindo. As virgens saíram ao encontro do Noivo, e nós estamos agora no tempo de espera em que tanto as prudentes como as loucas estão adormecidas. Quanto tempo mais será isso antes do clamor da meia-noite, “Aí vem o Esposo, saí-Lhe ao encontro”, soar, não sabemos, e não podemos dizer. Porém sabemos que a irmã White escreveu:

“Frequentemente é-me referida a parábola das dez virgens, cinco das quais eram prudentes, e cinco loucas. Esta parábola tem sido e será cumprida à letra, porque ela tem uma especial aplicação a este tempo, e, à semelhança da mensagem do terceiro anjo, tem sido cumprida e continuará a ser verdade presente até ao fim do tempo.” *Review and Herald*, 19 de Agosto de 1890.

Tão seguramente então como a parábola estava a ser cumprida “à letra” antes e depois de 1890, assim também nós estamos no tempo de espera em que se diz que todas as virgens estão adormecidas. Elas assim continuarão até soar o clamor da meia-noite. Então será visto quem tem sido educado por Deus através do “profeta Jeremias” e desse modo fez a preparação para vencer a última manifestação de Babilónia, que será chamada “Babilónia a Grande”.

O facto de se dizer que as virgens prudentes estão adormecidas durante este período não deve ser entendido como significando que estão completamente inactivas e inconscientes do que está a acontecer à sua volta durante o tempo de espera. Pelo contrário, significa que em virtude de não encontrarem acesso aberto aos necessitados do mundo que as rodeiam, e não

têm a certeza onde os seus deveres seguintes as levarão, encontram-se à procura muito diligentemente de respostas a perguntas espirituais e físicas, e estão a trabalhar para desenvolverem a preparação a fim de enfrentar a tempestade que está prestes a irromper sobre o mundo. Podemos obter uma compreensão do que é realmente o tempo de espera olhando para o que passaram os crentes em 1844 durante o seu tempo de espera. Aqui está uma inspirada descrição dessa experiência:

“E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.’ Pela tardança do esposo é representada a passagem do tempo em que o Senhor era esperado, o desapontamento, e a aparente demora. Neste tempo de incerteza, o interesse dos que eram superficiais e não de todo sinceros começou logo a vacilar, arrefecendo os seus esforços; mas aqueles cuja fé se baseava no conhecimento pessoal da Sagrada Escritura, tinham sob os pés uma rocha que as ondas do desapontamento não poderiam derruir. ‘Tosquenejaram todas, e adormeceram,’ uma classe na indiferença e abandono de sua fé, outra esperando pacientemente até que fosse proporcionada mais clara luz. Todavia, na noite da prova, a última pareceu perder, até certo ponto, o zelo e devoção. Os que eram medianamente dedicados e superficiais não mais podiam apoiar-se à fé dos seus irmãos. Cada qual tinha de, por si mesmo, ficar em pé ou cair.” *O Grande Conflito*, 317, 318.

Portanto as virgens prudentes esperaram pacientemente até que lhes fosse dada luz mais clara. Entretanto, desenvolveram a capacidade de se manterem firmes durante a prova, tribulação, e pressão para se tornarem descrentes. Elas também perderam algum do seu zelo e devoção, que provavelmente é a maior razão para serem descritas como adormecidas durante o tempo de espera.

Antes da ruína total cair sobre o reino do sul, Jeremias fez quanto podia das oportunidades que lhe foram dadas para estabelecer e consolidar os verdadeiros crentes na fé. A fim de alcançar isto passou muito tempo viajando pelo país visitando os fiéis e leais, instruindo-os nos vivos princípios da pura verdade, e preparando-os assim para se manterem leais a Deus qualquer que fosse o lugar onde se encontrassem depois da desolação de Jerusalém ter sido estabelecida.

Esta obra extremamente importante da parte de Jeremias parece ser pouco conhecida, contudo sem ela, não teria havido quatro fiéis para levar a bandeira da justiça ao coração do campo inimigo, a menos que Deus pudesse encontrar alguém que tomasse o seu lugar, se eles tivessem falhado em aceitar o seu chamamento. O rei Nabucodonosor nunca teria cantado abertamente os louvores de Cristo, seu Salvador pessoal, e assim a história teria sido escrita de maneira diferente. Muito haveria que nunca teria acontecido se Jeremias tivesse falhado em fazer a obra que lhe fora apontada.

Mas ele foi um trabalhador incansável, sabendo que tinha pouco tempo antes da tempestade brotar e varrer tudo na sua frente, concentrou todas as energias no cumprimento da sua missão. Acerca do seu registo de fiel e totalmente dedicado ministério, está escrito:

“Como intérprete do significado dos juízos que começavam a cair sobre Judá, Jeremias manteve-se nobremente na defesa da justiça de Deus e de Seus misericordiosos desígnios mesmo nos mais severos castigos. Incansavelmente o profeta laborou. Desejoso de alcançar todas as classes, estendeu a esfera de sua influência além de Jerusalém para os distritos circunjacentes, graças a frequentes visitas a várias partes do reino.” *Profetas e Reis*, 428.

Foi a realização de um maravilhoso ministério, igualmente apropriado, tanto para os apóstatas como para os leais e verdadeiros. Enquanto uns rejeitaram, outros acolheram as mensagens tanto de reprovação como de promessa. No meio da terrível declaração advertindo acerca da ruína que se aproximava, estavam misturadas certezas que o triunfo final seria dos filhos de Deus.

“Os filhos de Judá foram numerados entre aqueles de quem Deus dissera: ‘Sereis um reino sacerdotal e o povo santo.’ Êxodo 19:6. Jamais em seu ministério Jeremias perdera de vista a importância vital da santidade de coração nas variadas relações da vida, e principalmente no serviço do altíssimo Deus. Claramente ele previu a queda do reino e a disseminação dos habitantes de Judá entre as nações; mas com os olhos da fé viu além de tudo isto para os tempos da restauração. Cantante em seus ouvidos estava a promessa divina: ‘Eu mesmo recolherei o resto das Minhas ovelhas de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos... Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a David um Renovo justo; e, sendo rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na Terra. Em seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o Seu nome, com que o nomearão: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA.’ Jeremias 23:3, 5-6.

“Assim profecias de juízo próximo foram misturadas com promessas de final e glorioso livramento. Os que escolhessem fazer paz com Deus, vivendo vida santa em meio a prevalecente apostasia, receberiam força para cada prova, e seriam capacitados para testemunhar d’Ele com forte poder. E nos séculos por vir o livramento que se havia de operar em benefício deles excederia em fama ao efectuado em favor dos filhos de Israel ao tempo do êxodo. Aproximavam-se os dias, declarou o Senhor por intermédio do Seu profeta, em que eles não mais diriam: ‘Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; mas: vive o Senhor, que fez subir, e que trouxe a geração da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha arrojado; e habitarão na sua terra.’ Jeremias 23:7 e 8. Tais eram as maravilhosas profecias proferidas por Jeremias durante os anos finais da história do reino de Judá, quando Babilônia estava se tornando soberana universal, e estavam mesmo levando o cerco de seus exércitos contra os muros de Sião.” *Profetas e Reis*, 426, 427.

Sem dúvida que a família de Daniel juntamente com as famílias dos seus três amigos estavam entre os que recebiam com agrado as frequentes visitas do zeloso Jeremias, no qual a forte presença e instrução do Espírito Santo tinha um efeito animador sobre aqueles de quem o espírito de rebelião e apostasia tinha sido removido.

“Como a mais suave música essas promessas de livramento caíram nos ouvidos dos que se mantinham firmes na adoração a Jeová. Nos lares do elevado e do humilde, onde os conselhos de um Deus que guarda o concerto eram ainda tidos em reverência, as palavras do profeta foram repetidas uma e outra vez. Mesmo as crianças foram fortemente animadas, e em suas mentes jovens e receptivas foram feitas duradouras impressões.” *Profetas e Reis*, 427.

Que homem, poderoso no magnífico poder do Espírito Santo, Jeremias deve ter sido! Quão totalmente indicado era ele para corajosamente estar por um lado frente aos sacerdotes e potentados sedentos do seu sangue, e por outro para tão poderosamente apresentar o vivo evangelho de Jesus Cristo que até as próprias crianças eram poderosamente movidas.

Quando se considera a força da oposição enfrentada por este homem de Deus, é óbvio que ele necessitava da plenitude da extraordinária provisão de poder que o Senhor tinha colocado nele. Podemos desse modo ter alguma apreciação de quão totalmente separado do pecado estava Jeremias. A sua vida é uma das poucas na qual não há registo de pecado. Não só se tinha separado do pecado, mas também mostrava uma coragem que não só salvou a sua vida como a sua mensagem, e conquistou o respeito dos príncipes pelo menos num encontro. Aqui está o relato da ocasião em que Jeremias com sucesso resistiu a alguns dos homens mais poderosos do reino.

“Tivesse o profeta sido intimidado pela ameaçadora atitude dos que estavam em posição de alta autoridade, sua mensagem teria sido sem efeito, e ele teria perdido a vida; mas a coragem com que apresentou a solene advertência, conquistou o respeito do povo, e tornou os príncipes de Israel em seu favor. Eles arrazoaram com os sacerdotes e falsos profetas, mostrando-lhes quão pouco sábias seriam as extremas medidas por eles advogadas, e suas palavras

produziram uma reação na mente do povo. Assim Deus suscitou defensores a Seu servo.” *Profetas e Reis*, 418.

As mesmas qualidades devem ser adquiridas e construídas na vida de todo o que se entregar à obra de Deus para alcançar o sucesso ao realizar a total e definitiva destruição de Babilónia a Grande. Teremos que estar carregados como ele com fé, coragem, integridade, justiça, e espírito de obediência, sendo estas as bênçãos que vêm com a preparação do Espírito Santo. A mais estrita temperança marcará o nosso ministério, e ajudará na manutenção da nossa imunidade contra todas as doenças como está prometido em *Salmos* 91.

Como foi então que Jeremias foi dotado de tal força de carácter, possuía tal dedicação aos interesses de Deus, foi cheio com invencível coragem, e era isento de todo o interesse pelos prazeres do pecado?

Nós precisamos conhecer as respostas a estas questões, porque, para vitoriosamente acabar com Babilónia a Grande, temos que receber através do presente ministério de “Jeremias” tudo o que Daniel e os seus três amigos receberam através do ministério de Jeremias naquela altura. Doutro modo, com certeza falharemos.

Isso começou com o renascimento de Jeremias desde a sua concepção ou muito pouco tempo depois.

Como sabemos isto?

Sabemo-lo porque a Bíblia nos diz que assim é.

Deus anunciou-lhe isto quando o chamou para o ministério profético.

Aqui estão as palavras dessa revelação e a missão que a acompanhava:

“Assim, veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

“Antes que te formasse no ventre, te conheci, e, antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta.

“Então disse eu: ‘Ah! Senhor Jeová! Eis que não sei falar; porque sou uma criança.’

“Mas o Senhor me disse: Não digas: eu sou uma criança; porque, aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás.

“Não temas diante deles; porque eu sou contigo, para te livrar, diz o Senhor.

“E estendeu o Senhor a Sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca.

“Olha, ponho-te, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares, e para destruíres, e para arruinares; e também para edificares e para plantares.” *Jeremias* 1:4-10.

A frase chave nesta passagem está no versículo 5, em que se lê:

“Antes que te formasse no ventre, te conheci, e, antes que saíesses da madre, te santifiquei.”

Ser santificado é ser feito santo ou justo pelo poder criador do Deus vivo. Isto apenas pode ser alcançado pelo renascimento e transformação num filho de Deus. Isto quebra o poder do senhor do pecado expulsando o pecado do interior da pessoa. Desde esse glorioso momento em que através da graça salvadora a presença da pecaminosidade é removida do crente, dá-se o fim das forças corruptoras do pecado, porque, onde quer que o pecado esteja presente, está um destruidor.

Muitas pessoas que são renascidas receberam este maravilhoso dom muitos anos depois de terem sido concebidas, estando pouco conscientes de que as suas faculdades espirituais, mentais, e morais estavam a ser seriamente enfraquecidas durante todos aqueles anos em que a pecaminosidade, como uma forma de vida, ocuparam os templos das suas almas. Chegámos ao ponto em que a liberdade nos foi roubada e corrompida.

Quanto mais cedo uma pessoa for santificada ou renascida, menor será o dano efectuado, e, se a pessoa está cheia do Espírito Santo e realmente cultiva uma íntima comunhão com Ele, mais poderosa essa pessoa será no seu ministério pela causa de Deus.

Há convincente evidência nas Escrituras tal como exposto no meu livro, *A Salvação das Crianças*, para apoiar a verdade que, através da fé dos pais suplicantes, uma pessoa pode ser santificada sendo renascida desde os seus primeiros momentos de vida apesar de estar ainda no ventre de sua mãe. A mensagem sobre a *salvação das crianças* deve ser cuidadosamente estudada a fim de se compreender realmente e apreciar as razões porque Jeremias foi abençoado com o carácter que tinha, a coragem com que ele apresentava a vontade de Seu Pai celestial independentemente de quão terrível e mortal fosse a oposição, e a terrível angústia de alma sofrida por ele quando foi forçado a testemunhar a incrível torrente de iniquidade que inundava o reino do sul.

Não conheço os pormenores que revelam a fé pela qual Jeremias respondeu à "... luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo." *João* 1:9. É encorajador ver que nessa altura havia uma compreensão da verdade que a salvação estava e continua a estar à disposição das crianças desde os seus primeiros momentos, e que aqueles que são assim libertos do enfraquecimento das faculdades têm uma capacidade muito maior para o serviço do que aqueles que sofreram a corrupção das suas faculdades.

É claro então que Jeremias era um resultado da mensagem da salvação das crianças, e que, depois de obter uma visão do potencial residente na aplicação desta grande luz, prosseguiu a fim de ensinar a todos os que estivessem preparados para o ouvirem e, com esperança, pusessem esta mensagem em prática.

Também deve ser verdade que, entre outros, Jeremias ensinou esta luz aos pais de Daniel e seus três amigos. O resultado natural da lei espiritual asseguraria que isto é assim porque:

"O espírito de Jesus é espírito missionário. O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador." *O Grande Conflito*, 60.

Podemos então assegurar positivamente que um dos temas favoritos de Jeremias quando se dirigia aos crentes e os instruía era a salvação das suas crianças. Ele compreendia na sua própria experiência o poder do evangelho para libertar os bebés acabados de conceber da presença interior do pecado e suas terríveis capacidades para enfraquecer. Com um coração alegre deve ele ter transmitido esta luz aos fiéis e verdadeiros que por seu lado estavam ansiosos para aprender e aplicá-lo.

Prova adicional que este maravilhoso começo de vida livre da presença da pecaminosidade interior foi experimentada pelos quatro poderosos fiéis, é dada no seu incrível feito na universidade de Babilónia. Quando examinados pelo próprio rei, verificou-se que eles eram dez vezes melhores em conhecimento do que os seus companheiros de estudo que obviamente não tinham à partida sido instruídos pelo Senhor através de Jeremias. Se tivesse havido apenas um que alcançasse essas excelências, podia ser dito que era uma criança prodígio, mas quando havia quatro instruídos nos princípios da salvação das crianças pelo mesmo mestre e que ele próprio havia sido renascido desde a sua concepção, então a teoria de "crianças prodígio" não pode ser defendida.

Aqueles que tão completamente vencerem Babilónia a Grande quando ela surgir em todos os seus poderosos enganos no futuro, tal como Daniel e os seus três amigos venceram Babilónia no passado, devem ser abençoados com incomparáveis poderes espirituais, mentais, morais, e físicos como os que são normalmente encontrados apenas nos que foram renascidos desde o momento em que foram concebidos ou pouco tempo depois.

Jeremias foi uma dessas pessoas, e por seu lado transmitiu as instruções aos pais dos quatro que por esse meio compreenderam o caminho em que deviam conseguir o renascimento para os seus filhos desde os seus primeiros momentos. Eles aceitaram essa maravilhosa luz e obviamente a aplicaram às suas situações individuais. Os resultados foram verdadeiramente maravilhosos tal como eram essenciais para a vitória obtida sobre a Babilónia daquele tempo.



Uma vez mais, a mesma obra de preparação essencial é necessária a fim de conseguir a vitória final sobre Babilónia a Grande no final do grande conflito.

## Capítulo 14

# Restauração de Todas as Coisas Perdidas

**A**prendemos anteriormente nesta série de estudos que o Senhor protegeu de forma especial Daniel e os seus três amigos dos terrores do seu tempo ao serem levados para Babilónia antes dos seus compatriotas. Este esquema foi elaborado pelo principal Solucionador de problemas para o seu próprio bem, mas, tal como aprendemos também, não foi para seu benefício exclusivo. Um propósito principal foi a preservação do pequeno remanescente que tinha mantido a sua fidelidade a Deus durante toda a terrível apostasia e indizível ruína que se seguiu. Porém, e o mais importante de tudo, foi que Deus colocou uma bandeira no coração do campo inimigo e assim alcançou uma total e definitiva derrota de Babilónia e no final de Babilónia a Grande.

Os acontecimentos que agora pertencem à história, também são tipos da forma como a última grande luta será travada de novo. Uma vez mais a própria batalha será precedida por um ministério como o de Jeremias destinado a preparar o último exército do Senhor para a tão longamente esperada vitória sobre Babilónia a Grande. Será uma obra de preparação excepcionalmente eficaz e seguramente assim terá que ser, porque todas as forças mais poderosas das trevas, apoiadas pela maioria da população mundial, estará alinhada contra nós. Nunca, sob qualquer aspecto, estarão tantos perante tão poucos em combate destruidor e mortal. Além do mais, não se pode dizer que a batalha esteja terminada enquanto um daqueles biliões não tiver a marca e o número da besta e da sua imagem, ou, alternativamente, o selo do Deus vivo. Por outras palavras, a vitória será alcançada apenas quando todas as pessoas vivas nessa altura tiverem tomado a sua irrevogável decisão a favor ou contra o governo de Deus.

A nossa fé na palavra de Deus assegura-nos que a vitória será certa para Deus e Sua verdade. Não há necessidade de recearmos por causa disso, mas será uma causa de preocupação para alguns se terão ou não a capacidade espiritual, mental e física necessária para ficarem firmes sob as terríveis pressões a que serão sujeitos durante o tempo da angústia de Jacob. Será feita nota especial da incomparável condição daqueles que sabemos terem renascido desde os primeiros momentos como foram Jeremias, Daniel e os seus três amigos e gostávamos que pudéssemos ter tido as equivalentes vantagens.

Mas olhamos para trás para o tempo em que fomos gerados e lamentamos que a mensagem da salvação das crianças fosse desconhecida onde e quando fomos concebidos. Com tristeza, desejamos que pelo menos como pais tivéssemos a mensagem da salvação das crianças e, como tal, tivéssemos aproveitado a máxima vantagem dela na educação dos nossos preciosos filhos.

Quanto melhor seriam as coisas para os nossos filhos se tivessem renascido desde que foram concebidos e tivessem sido fiel e habilmente preparados desde então! Assim pensamos com remorsos.

Mas há maravilhosas novas para aqueles que de nós vieram ao mundo demasiado cedo para serem salvos desde a altura em que foram concebidos. Há a gloriosa promessa que, no tempo da chuva serôdia, o Senhor nos devolverá aquilo que foi perdido através do efeito debilitador do pecado. Não entraremos na batalha final como um exército de estropiados, não importa quando ou onde nascemos. Considerai a seguinte evidência.

É no livro de Joel, entre outros lugares no Antigo Testamento, que lemos acerca do papel do pecado como um definhador de todas as forças e recursos da nossa vida. Ali, ele é comparado à consumidora locusta que devora tudo o que está na sua frente e, depois de ter passado, deixa a nação como uma terra desolada e vazia. Não podia ser encontrado um símbolo mais apropriado do pecado na capacidade e obra de nos roubar o poder espiritual, mental e físico.

“Palavra do Senhor, que foi dirigida a Joel, filho de Petuel.

“Ouvi isto, vós, anciãos, e escutai, todos os moradores da terra: Aconteceu isto em vossos dias? ou também nos dias dos vossos pais?

“Fazei sobre isto uma narração a vossos filhos, e vossos filhos a seus filhos, e os filhos destes à outra geração.

“O que ficou da lagarta o comeu o gafanhoto, e o que ficou do gafanhoto o comeu a locusta, e o que ficou da locusta o comeu o pulgão.” *Joel 1:1-4.*

Esta é a ilustração da alma humana depois de ter sido devastada e desolada pelo enfraquecimento causado pela presença da pecaminosidade e antes do poder restaurador do evangelho de Jesus ter começado a ter efeito. O resto do capítulo de *Joel* descreve a lamentação e o pranto por causa das terríveis desolações a que a nação tinha sido reduzida. Isto é seguido no capítulo dois pelo chamamento ao profundo arrependimento, a que Deus responderá com as mais espantosas bênçãos incluindo a restauração de tudo aquilo que o pecado consumiu durante os anos. Então seremos como se tivéssemos renascido desde a concepção.

Então teremos o poder intelectual de Daniel, a força moral de João Baptista, daremos o corajoso testemunho de Jeremias, a comunhão com Deus experimentada por Moisés, a pureza de José, a fé de Jesus e muito mais, desde que estes atributos estejam colectivamente incarnados no incomparável carácter de Jesus. Todos os que pertencem ao povo de Deus, poderosos no Espírito Santo, serão abençoados com todas estas incríveis capacidades à medida que entram na batalha contra a besta e sua imagem. Esta grande e maravilhosa recuperação de tudo o que nos foi roubado será dado de novo como prometido nestas palavras de Joel.

“Então o Senhor terá zelo da Sua terra, e se compadecerá do Seu povo.

“E o Senhor responderá, e dirá ao seu povo: Eis que vos envio o trigo, e o mosto, e o óleo, e deles sereis fartos, e vos não entregarei mais ao opróbrio entre as nações.

“E aquele que é do norte farei partir para longe de vós, e lançá-lo-ei em uma terra seca e deserta: a sua frente para o mar oriental, e a sua retaguarda para o mar ocidental; e subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque fez grandes coisas.

“Não temas, ó terra: regozija-te e alegra-te; porque o Senhor fez grandes coisas.

“Não temais, animais do campo, porque os pastos do deserto reverdecem, porque o arvoredo dará o seu fruto, a vide e a figueira darão a sua força.

“E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará ensinador de justiça, e fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês.

“E as eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de mosto e de óleo.

“E restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto, a locusta, e o pulgão e a aruga, o meu grande exército que enviei contra vós.

“E comereis abundantemente e ficareis satisfeitos, e louvareis o nome do Senhor, vosso Deus, que procedeu para convosco maravilhosamente; e o meu povo não será mais envergonhado.

“E vós sabereis que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o Senhor, vosso Deus, e ninguém mais: e o meu povo não será envergonhado para sempre.” *Joel 2:18-27*.

Esta maravilhosa promessa não se refere primeiramente à restauração a ser realizada quando o nosso Salvador regressar de facto, apesar desta ser uma grande e maravilhosa recuperação. Pelo contrário, é uma promessa que se realizará durante o derramamento da chuva serôdia.

Existem textos e testemunhos que provam isto.

O primeiro encontra-se nas explicações da parábola de Josué e do Anjo onde o desenvolvimento de certas experiências claramente confirmam que os crentes em Jesus recuperarão aquilo que a “locusta” lhes roubou. Aqui está um desses testemunhos:

“No tempo do fim o povo de Deus suspirará e chorará por causa das abominações que se fazem na Terra. Com lágrimas advertirão os ímpios do seu perigo em tripudiar sobre a divina lei, e com indizível tristeza se humilharão perante o Senhor em penitência. Os ímpios zombarão de sua tristeza e ridicularizarão seus solenes apelos. *Mas a angústia e humilhação do povo de Deus é uma segura evidência de que estão reconquistando a força e a nobreza de carácter perdidos em consequência do pecado.* É porque se estão achegando mais a Cristo, porque seus olhos estão fixos em Sua perfeita pureza, que discernem assim claramente a excessiva malignidade do pecado. Mansidão e humildade são condições de sucesso e vitória. Uma coroa de glória espera os que se dobram aos pés da cruz.” *Profetas e Reis*, 590. (Itálico acrescentado.)

Uma das coisas mais importantes que perdemos em consequência do reino da iniquidade em nós, é o reconhecimento da pecaminosidade do pecado. Ao contrário do nosso Salvador e daqueles que renasceram com muito pouca idade, não temos amado a justiça e odiado a iniquidade como devíamos ter feito. O pecado tem sido demasiado atraente para nós. Não estou a dizer que isto é verdade no mais completo sentido, porque se fosse, estaríamos fora do alcance da salvação.

Mas, à medida que os vários ministérios de restauração realizam a sua obra, veremos restaurados em nós a força e a nobreza de carácter que a pecaminosidade nos roubou. E quando estes vários ministérios estiverem completos, então verdadeiramente amaremos a justiça e odiaremos a iniquidade tanto como se tivéssemos sido renascidos desde a nossa concepção. Não mais seremos enfraquecidos ou debilitados.

Todos aqueles que no passado viveram sem serem debilitados devido à presença da pecaminosidade interior, foram pessoas extraordinárias, “homens portentosos”. *Zacarias 3:8*.

Jesus foi o mais claro exemplo de todos eles. Os Seus poderes espirituais eram tais que o pecado não podia ter obtido qualquer vitória sobre Ele. Com a idade de doze anos, a Sua compreensão espiritual das Escrituras excedia em muito a que possuíam os homens mais letrados de Israel. Mais tarde, durante o Seu ministério público, todos os elementos da natureza obedeceram à Sua ordem. A doença e os demónios fugiam perante Ele. Ninguém havia que pudesse argumentar contra Ele. Os que foram enviados para O prenderem, voltaram sem Ele, exclamando no mais reverente tom que homem algum jamais falara como Ele.

Daniel, José, Jeremias, João Baptista, Moisés e outros estão entre os que foram homens portentosos e que tremendos feitos marcaram as suas vidas, mas que maior número de proezas serão observadas nos últimos dias quando todos os crentes em Jesus tiverem o completo poder de homens e mulheres de quem Deus poderá dizer:

“Agora é alcançado o completo cumprimento das palavras do anjo: ‘Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que Eu farei vir o Meu servo, o Renovo.’ *Zacarias 3:8*. Cristo é revelado como

Redentor e Libertador do Seu povo. Os remanescentes são agora sem dúvida ‘homens portentosos,’ quando as humilhações e as lágrimas de sua peregrinação dão lugar a gozo e honra na presença de Deus e do Cordeiro. ‘Naquele dia o Renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória, e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele que ficar em Sião e o que permanecer em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os vivos em Jerusalém.’ Isaías. 4:2 e 3.” *Profetas e Reis*, 592.

Será durante o derramamento da chuva serôdia que a restauração daquilo que nos foi roubado será por fim completado. É dito que os crentes em Jesus chegarão ali pelo *crescimento* até à plenitude de Cristo.

“Na transfiguração, Jesus foi glorificado pelo Seu Pai. Dos Seus lábios vieram estas palavras: ‘Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado n’Ele.’ Antes de ser traído e crucificado foi fortalecido para os Seus últimos sofrimentos terríveis. À medida que os membros do corpo de Cristo se aproximam do período do seu conflito final crescerão à Sua semelhança e possuirão um carácter simétrico. Enquanto a mensagem do terceiro anjo soa em alto clamor, grande poder e glória atenderão à finalização da obra. É a chuva serôdia, que dá coragem e fortalece o povo de Deus para passar pelo tempo da angústia de Jacob referida pelos profetas. A glória dessa luz que acompanha o terceiro anjo será reflectida neles. Deus protegerá o Seu povo durante esse tempo de perigo.” *The Signs of the Times*, 27 de Novembro de 1879.

Crescer em Cristo é um firme procedimento pelo qual um dom divino de poder transformador diário nos coloca no lugar onde estaríamos se tivéssemos renascido desde o momento em que fomos concebidos. É a nossa sagrada responsabilidade manter o ritmo do avanço da luz e obedecer estritamente a todo o novo raio logo que este seja revelado, para que o “ministério de Jeremias” seja completado.

À medida que revemos as tentativas de Deus para santificar o Seu povo, vemo-lo chegar em alguns pontos à elevada expectativa pelo final do grande conflito, mas o conflito ainda continua sem sabermos ainda por quanto tempo. Considerai, por exemplo, o elevado ponto a que os crentes chegaram quando esperavam que Cristo viesse na glória de Seu Pai no Outono de 1844. Houve um alto ponto de expectativa, caracterizada fortemente por um exame de coração e afastamento do pecado em troca do estabelecimento da justiça nos seus corações e nas suas vidas. O padrão espiritual alcançado e manifestado era tão impressionante que seriam considerados prontos para a imediata trasladação. Foi assim também que eles viram a sua situação como se revela neste testemunho:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade. Mas estavam de novo destinados a ser tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os efeitos da maldição nunca pareceram mais visíveis do que então. Haviam posto suas afeições no Céu, e com doce antegozo provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” *Primeiros Escritos*, 239.

E porque é que as suas expectativas não se realizaram? O que é que, de facto, podia Deus pedir mais do que aquilo que eles alcançaram em excelência espiritual e total dedicação, além de tudo o que haviam recebido para a causa e serviço de Deus?

“O povo, porém, ainda não estava preparado para se encontrar com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparação que deviam cumprir. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente para o templo de Deus, no Céu; e, seguindo eles, pela fé, o Sumo Sacerdote no Seu

ministério ali, seriam revelados novos deveres. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja.” *O Grande Conflito*, 340.

Notai que a obra adicional de preparação realizada por eles viria na forma de luz adicional que faria uma obra neles e os prepararia para enfrentarem a grande batalha final contra Babilónia a Grande.

Assim a obra começaria com a revelação de maior e mais brilhante luz e assim aconteceu. Esse grande e glorioso derramamento de verdade viva centrou-se no ministério final de Jesus no santuário celestial. Foi uma obra destinada a preparar um povo abençoado com imaculada perfeição, sem mancha, ou ruga, ou coisa semelhante.

“Mas quem suportará o dia da sua vinda? e quem subsistirá quando ele aparecer? porque ele será como o fogo do ourives, e como o sabão dos lavandeiros.

“E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão ofertas em justiça.” *Malaquias* 3:2, 3.

Não é ouro e prata literal o que será purificado mas os crentes em Jesus. Eles são os que recebem o passo final para a plenitude da perfeição como é simbolicamente ensinado pelo processo refinador através do qual o ouro e a prata são por fim aperfeiçoados para o serviço.

Quando o ouro e a prata são extraídos da terra, os metais preciosos estão misturados com desperdício sem valor. Para os separar, o minério é colocado num cadinho onde é sujeito a grandes temperaturas. Em breve o ouro e a prata derretem e as escórias, sendo mais leves do que os metais, mais pesados, flutuam à superfície. Sem perder uma partícula do ouro e da prata o refinador retira o desperdício inútil e lança-o fora.

Ele repete este processo periodicamente e, de cada vez, as partículas de escória tornam-se mais pequenas e o seu reflexo pode ser visto com cada vez maior nitidez no metal fundido, mas ele não ficará satisfeito enquanto a sua imagem não estiver perfeitamente reflectida, sem ser desfigurada pela mais pequena imperfeição. Somente quando o estado de absoluta pureza for alcançado, será o processo de refinamento considerado completo.

Quando estiver completo, estaremos prontos para a vitória final na batalha com Babilónia a Grande.

Isto necessitará do ministério de “Jeremias” pelo qual o Altíssimo preparará o Seu exército para o terrível conflito futuro. Isto envolverá uma obra especial de purificação do pecado à medida que sigamos o nosso bendito Salvador através do Seu ministério no Lugar Santíssimo do santuário celestial como está escrito:

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. As suas vestes devem estar imaculadas, com o carácter liberto de pecado, pelo sangue da aspersion. Mediante a graça de Deus e o seu próprio esforço diligente, devem ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 de Apocalipse.” *O Grande Conflito*, 340.

Está aqui a ser apresentado perante nós um elevadíssimo nível de vida em justiça, sendo nada menos do que perfeição sem pecado. Um tal estado de pureza é sempre acompanhado por grande poder espiritual, mental e físico. Há aqui uma relação muito clara como se confirma pelas mãos de Moisés levantadas durante o recontro com os amalequitas. Enquanto as suas mãos se mantinham erguidas, verificava-se que o poder estava do lado dos guerreiros de Israel, mas se elas fossem baixadas, o poder deslocava-se para o outro lado.

Aqui está uma verdade que nunca deve ser esquecida. Quando nós do mesmo modo confiamos em Deus e construímos o Seu reino, à Sua maneira, o inimigo não tem esperança de nos derrotar, mas quando a nossa ligação com Deus é quebrada e ficamos desligados do Seu

poder, então verdadeiramente nos tornamos mais fracos do que os nossos inimigos e não devemos ficar surpreendidos quando somos vencidos por eles. Esta solene verdade é declarada para nós no contexto da batalha contra os amalequitas que teve lugar entre o Mar Vermelho e o Monte Sinai.

“Apoiando Arão e Hur as mãos de Moisés, mostravam ao povo o dever de ampará-lo em seu árduo trabalho, enquanto de Deus recebia a palavra para lhes falar. E o acto de Moisés também era significativo, mostrando que Deus tinha o seu destino em Suas mãos; enquanto n’Ele depositassem confiança, por eles combateria e lhes subjugaria os inimigos; mas, quando se deixassem de apegar a Ele, e confiassem em sua própria força, *seriam mesmo mais fracos do que os que não tinham conhecimento de Deus*, e seus inimigos prevaleceriam contra eles.” *Patriarcas e Profetas*, 304, 305. (Itálico acrescentado.)

Na batalha final contra Babilónia a Grande, não haverá espaço nem tempo para uma mistura de vitórias e derrotas. Como nos casos dos quatro jovens hebreus em que todo o confronto com Babilónia terminou numa convincente e decisiva vitória para o Senhor, assim acontecerá de novo.

Eu fui grandemente impressionado por testemunhos dados por homens que regressavam da segunda Guerra Mundial quando discutiam o seu elevado nível de preparação física alcançada pelo treino constante e muito árduo. Muito obviamente os seus oficiais compreenderam a necessidade do desenvolvimento máximo possível de todos os seus poderes, pois esse era um factor necessário para alcançar a vitória final.

Tão bem sucedido foi este treino, que em contraste as exigências do trabalho no ambiente civil parecia ser realmente leve. Eles disseram-me que se sentiam tão preparados, tão fortes, que dificilmente sabiam como lidar com uma força tão pouco comum.

Antes de serem alistados no exército e ainda estavam empregados em trabalhos civis, não faziam ideia alguma de quão grandes seriam as exigências feitas aos seus recursos físicos e em consequência falharam em avaliar a grande severidade a que seriam sujeitos quando o treino começasse. Mas, quando chegaram à frente de batalha e o verdadeiro teste começou, compreenderam melhor o valor e necessidade do treino e desejaram que tivessem sido ainda melhor preparados do que foram.

Assim também deve ser na preparação espiritual para o último grande conflito em que os santos do Senhor enfrentarão e totalmente vencerão Babilónia a Grande, quando os resultados do ministério do antitípico Jeremias demonstrar quão necessária será a preparação.

Paulo compreendeu a necessidade vital dos filhos de Deus que viverem nos últimos dias de tirarem a maior vantagem do tempo que ainda lhes resta antes de ficarem envolvidos na luta que terminará todos os confrontos. Ele apontou a extensão a que todos os homens chegam no desenvolvimento de toda a fibra dos seus seres aos mais elevados níveis possíveis de força e excelência, para serem capazes de vencer em competições atléticas. Então conclui que se os homens estiverem preparados para imporem sobre si próprios um tal nível de estrita e dolorosa disciplina a fim de alcançarem uma coroa terrestre que perece, quanto mais diligentemente devíamos nós lutar para adquirir a coroa que perdura para a eternidade!

“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prémio? Correi, de tal maneira que o alcanceis.

“E, todo aquele que luta, de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível.

“Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar;

“Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha, de alguma maneira, a ficar reprovado.” *1 Coríntios* 9:24-27.

É fortemente recomendado que todo o conteúdo de *Os Actos dos Apóstolos*, 309-322, seja estudado como um comentário acerca destes versículos de *1 Coríntios*, apesar de alguns parágrafos serem citados neste capítulo.

“Na esperança de imprimir vividamente no espírito dos crentes coríntios a importância de firme auto controle, estrita temperança e persistente zelo no serviço de Cristo, Paulo em sua carta a eles faz saliente comparação entre a milícia cristã e as celebradas maratonas que se realizavam em intervalos fixos, próximo de Corinto. De todos os jogos instituídos entre os gregos e romanos, era a maratona a mais antiga e mais altamente considerada. Eram assistidas por reis, nobres e governadores. Jovens fortes e sadios nela tomavam parte, e não se excluam de qualquer esforço ou disciplina necessária para alcançar o prêmio.” *Actos dos Apóstolos*, 309.

Evidentemente que Paulo não estava interessado nestes desafios para além de ver neles uma ilustração para o elevado nível espiritual e poder físico necessário para o triunfo sobre os adversários e o rigor da inflexível disciplina necessária para alcançar isto.

“Referindo-se a essas corridas como uma figura da milícia cristã, Paulo deu ênfase à preparação necessária para o sucesso dos contendores na maratona — a disciplina preliminar, o regime de abstenção alimentar, a necessidade de temperança. ‘E todo aquele que luta’, declarou Paulo, ‘de tudo se abstém’. Os corredores punham de lado toda a condescendência que tendesse a diminuir-lhes as faculdades físicas, e mediante severa e contínua disciplina, treinavam os músculos para se tornarem fortes e resistentes, para que ao chegar o dia da competição pudessem exigir de suas forças o máximo de rendimento. Quão mais importante é que o cristão, cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir seja sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob a mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensinamentos da Palavra de Deus e guiada por Seu Espírito, tem de tomar as rédeas do controle.” *Actos dos Apóstolos*, 311.

Sem dúvida que é um padrão muito exigente que requer entre outras coisas, a mais estrita disciplina. Mas tudo pode parecer demasiado duro de suportar até olharmos de novo e vemos que é apenas o fundamento sobre os quais se deverão construir as qualidades necessárias para vencer o colosso Babilónia, pois continuamos a ler para encontrar as seguintes palavras:

“*E havendo feito isso*, precisa o cristão esforçar-se ao máximo para alcançar a vitória. Nos jogos coríntios, as derradeiras passadas dos contendores eram dadas sob agonizante esforço para conservar a velocidade. Assim o cristão, ao aproximar-se do alvo, prosseguirá com ainda maior zelo e determinação que no início da carreira.” *Actos dos Apóstolos*, 311. (Itálico acrescentado.)

O ministério de “Jeremias” é vital para o sucesso do último terrível confronto contra Babilónia a grande. Será uma luta que porá à prova todo o crente até ao limite e será muito mais severo do que possamos esperar.

“O ‘tempo de angústia como nunca houve’ está prestes a manifestar-se sobre nós; e necessitaremos de uma experiência que agora não possuímos, e que muitos são demasiado indolentes para obter. Dá-se muitas vezes o caso de se supor maior a angústia do que em realidade o é; não se dá isso, porém, com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova. Naquele tempo de provações, toda a alma deverá por si mesma estar de pé perante Deus. ‘Ainda que Noé, Daniel e Job’ estivessem na Terra, ‘vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que nem filho nem filha eles livrariam, mas só livrariam as suas próprias almas pela sua justiça’ Ezequiel 14:20.” *O Grande Conflito*, 500.

Devíamos ler aquelas palavras lentamente depois de ter pedido ao Senhor que abrisse os nossos olhos para realmente vermos alguma coisa da realidade daquilo que em breve cairá sobre um mundo insuspeitado e os filhos de Deus. Elas foram escritas para nosso benefício e se tentarmos muito, podemos esperar muito. Lembrai que se tivesse havido pecado em Daniel e



seus companheiros durante qualquer das crises pelas quais passaram, teriam perdido a protecção divina e eventualmente a morte os teria vencido.

Portanto, o que pode ser feito para realizar o cumprimento do ministério de “Jeremias” de modo que Deus tenha um exército pronto para a batalha, os “trezentos de Gideão”, que se entreguem à defesa da honra e integridade divina?

O primeiro passo seria eliminar dos nossos lares e vidas tudo o que não é directa e estritamente necessário para os nossos propósitos de vida. Se estivermos a passar por um processo de eliminação, seremos surpreendidos por quanto menos dinheiro e tempo serão precisos para as nossas necessidades diárias e quanto mais tempo e mais energia pode ser dedicado à oração e ao estudo.

O segundo passo é orar, estudar e trabalhar como nunca para que as mensagens que Deus nos tem dado nos encham com pureza, poder, justiça e prontidão para a tempestade que se aproxima. Tende a certeza que o Senhor responderá a essas orações e esforços com o resultado que seremos poderosamente influenciados. A nossa apatia desaparecerá e a nossa preocupação verdadeiramente despertada. Que poderosa e maravilhosa Igreja seremos então!

“Quando esta obra se houver realizado, os seguidores de Cristo, estarão prontos para o Seu aparecimento. ‘E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos’ Malaquias 3:4. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será ‘igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante’ Efésios 5:27. Então ela aparecerá ‘como a alva do dia, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras’ Cantares de Salomão 6:10.” *O Grande Conflito*, 340, 341.

“Naquele dia, o Senhor amparará os habitantes de Jerusalém; e o que de entre eles tropeçar, naquele dia, será como David, e a casa de David será como Deus, como o anjo do Senhor diante deles.” *Zacarias* 12:8.

Sem o ministério de Jeremias, nunca podia ter havido o triunfo de Daniel sobre Babilónia e semelhantemente hoje, sem a obra preparatória que Deus está a alcançar através do actual ministério de “Jeremias”, não haverá vitória sobre Babilónia a Grande.

## Capítulo 15

# Nascimento e Queda de Nações

“**N**o ano terceiro do reinado de Joaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilónia, a Jerusalém, e a sitiou.  
“E o Senhor entregou nas suas mãos a Joaquim, rei de Judá, e uma parte dos vasos da casa de Deus, e ele os levou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e pôs os vasos na casa do tesouro do seu deus.” *Daniel* 1:1, 2.

O rei Joaquim foi o terceiro último rei de Judá e reinou durante onze anos em Jerusalém de acordo com *2 Reis* 23:36.

Ele foi sucedido por Joaquin, seu filho, que reinou durante três meses, antes de se render aos babilónios depois deles terem sitiado a cidade de Jerusalém. Vede *2 Reis* 24:8-12.

O último rei de Judá foi o fraco e rebelde rei Zedequias que também reinou onze anos. Vede *2 Reis* 24:18.

Foi no terceiro ano do reinado de Joaquim, o primeiro dos últimos três reis de Judá, que Daniel, seus três companheiros, e outros foram levados cativos para Babilónia. Eles continuaram a viver em Babilónia durante os restantes oito anos em que Joaquim governou como vassalo de Nabucodonosor, durante o breve reinado de Joaquin, e durante todo o reinado de Zedequias no fim do qual, Jerusalém, juntamente com o magnífico templo construído durante o reinado de Salomão, foram destruídos pelo fogo.

Não temos informação de quanto tempo depois da destruição de Jerusalém, Mesaque, Sadraque e Abednego continuaram a viver em Babilónia, porque, depois de terem passado o teste da adoração da imagem de ouro, não temos mais informação nas Escrituras acerca deles. Estamos evidentemente bastante confiantes que pelo restante das suas vidas continuaram a adorar e a servir o verdadeiro Deus com tanta perfeição como haviam feito no caso da imagem de ouro e da questão acerca da temperança.

Em *Daniel* 1:21 lemos que Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro e em *Daniel* 10:1 encontramos o último registo que diz que no terceiro ano de Ciro, Daniel teve uma visão. Considerando que Daniel já tinha dezoito anos quando foi levado cativo, devia ter cerca de noventa e um quando no reinado do rei Ciro recebeu a sua última visão da qual há registo.

Há vários factores que devem ter contribuído para uma vida tão longa. O primeiro factor para desfrutar um período de vida longo é o resultado da contínua e íntima comunhão com a Fonte de vida. A promessa de uma longa vida para o povo de Deus encontra-se em *Salmos* 91:16.

Um segundo factor para ter uma longa vida resultaria dos seus estritos hábitos de temperança. “Daniel e seus companheiros tinham sido educados por seus pais nos hábitos da

estrita temperança. Tinham sido ensinados que Deus lhes pediria contas de suas faculdades, e que jamais deveriam diminuí-las ou enfraquecê-las." *Profetas e Reis*, 482.

Em terceiro lugar, Deus protegeu Daniel em todas as situações de ameaça à sua vida tal como na recusa em comer e beber da provisão especial do rei, na ordem para matar todos os sábios do reino, no colapso de nações e quando foi lançado na cova dos leões. Santos anjos constantemente o assistiram e guardaram.

Um cuidadoso estudo dos acontecimentos nas vidas destes homens nobres mostra que Daniel e os seus três amigos e companheiros pessoais, foram para Babilónia aproximadamente dezanove anos antes da desolação final de Jerusalém e do templo ter lugar, isto é, desde o terceiro ano do reinado de Joaquim até ao fim do reinado de Zedequias em Jerusalém.

Durante estes dezanove anos os babilónios cercaram algumas vezes com sucesso a cidade.

O primeiro cerco teve lugar no terceiro ano do rei Joaquim quando o rei Nabucodonosor o fez vassalo durante três anos depois dos quais o rei Joaquim rejeitou o jugo de Babilónia e foi sucedido na sua morte por Joaquin, seu filho ímpio, que continuou a insubordinação de seu pai contra suserania de Babilónia. Vede *2 Reis* 24:1-8.

A rebelião de Joaquin gerou uma vigorosa resposta do rei Nabucodonosor que sitiou Jerusalém, mas o jovem rei de Judá sensatamente viu a futilidade da resistência ao novo rei do norte e voluntariamente se rendeu ao poder superior do seu inimigo. Vede versículos 10-12.

"E tirou dali todos os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei: e fendeu todos os vasos de ouro, que fizera Salomão, rei de Israel, no templo do Senhor, como o Senhor tinha dito.

"E transportou a toda a Jerusalém, como também a todos os príncipes, e a todos os homens valorosos dez mil presos, e a todos os carpinteiros e ferreiros: ninguém ficou, senão o povo pobre da terra.

"Assim, transportou Joaquin a Babilónia; como também a mãe do rei, e as mulheres do rei, e os seus eunucos, e os poderosos da terra levou presos, de Jerusalém a Babilónia.

"E todos os homens valentes até sete mil, e carpinteiros e ferreiros até mil, e todos os varões dextros na guerra, a estes o rei de Babilónia levou, presos, para Babilónia." *2 Reis* 24:13-16.

Em seguida veio o reinado do último rei de Judá, o rei Zedequias, que foi escolhido e apontado pelo próprio rei Nabucodonosor. O seu nome verdadeiro era Matanias e era tio de Joaquin, mas o rei Nabucodonosor mudou o seu nome para Zedequias.

Na altura da sua coroação, o rei Zedequias tinha vinte e um anos. Sabemos isto porque está escrito:

"E o rei de Babilónia estabeleceu a Matanias, seu tio, rei em seu lugar: e lhe mudou o nome em Zedequias.

"Tinha Zedequias vinte e um anos de idade quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém: e era o nome da sua mãe Hamutal, filha de Jeremias, de Libna." *2 Reis* 24:17-18.

Portanto, sabemos que Daniel tinha vinte e seis anos na altura em que Zedequias foi designado rei de Judá. O raciocínio que defende esta afirmação é o seguinte:

Daniel tinha dezoito anos quando chegou a Babilónia no terceiro ano do rei Joaquim. Aqui está a prova de apoio para esse facto:

"Daniel tinha apenas dezoito anos quando foi levado para a corte pagã ao serviço do rei de Babilónia ..." *Testimonies for the Church*, 4:570.

O facto que ele chegou a Babilónia no terceiro ano do rei Joaquim é confirmado em *Daniel* 1:1.

Quando ele começou o seu serviço na corte de Nabucodonosor, permaneceu ali durante os oito anos do reinado de Joaquim e três meses do rei Joaquin no final dos quais Zedequias subiu ao trono de Judá em Jerusalém e Daniel tinha vinte e seis anos. Onze anos mais tarde, aconteceu

a destruição total da cidade de Jerusalém e do templo construído pelo rei Salomão, o rei Zedequias morreu miseravelmente e Daniel chegou aos trinta e sete anos.

Babilónia tinha chegado ao auge do seu poder e glória e sentia-se segura na magnificência do poder dos seus exércitos, na impenetrável espessura dos muros de protecção e na sua incapacidade de discernir o aparecimento de qualquer rival no horizonte distante. Ela não via nada como o poder medo-persa que a destruiria como ela havia feito aos outros. Semelhantemente estavam ainda para aparecer a Grécia, Roma e outros poderes que dominariam o mundo até ao final da história humana. Apesar da sua determinação em contrário, cada uma provaria, como todos os outros desde então têm feito, que todos aqueles que subiram ao poder pelo uso das armas de destruição pereceriam por sua vez pelos mesmos meios. Isto é verdade não importa quão seguramente as forças governantes pudessem oprimir o mundo ou parte dele sob absoluto controlo e não fosse discernido qualquer rival escondido nas sombras à espera do seu dia de oportunidade para destronar a existente monarquia e governar sobre os reinos desta Terra em seu lugar.

Estes então são alguns movimentos e contra-movimentos que estavam em jogo no mundo antigo no tempo de Daniel e seus três companheiros e que teriam incomensuráveis resultados para bem ou para mal.

Portanto, chegou a altura de aprendermos pelo menos algumas das grandes mensagens para o nosso tempo que estão contidas no livro de Daniel. Contudo, antes de começarmos, farei algumas observações gerais a respeito deste livro que tornarão mais fácil a sua compreensão.

Este livro de história e profecia pode ser dividido em duas secções. Uma destas é o relato dos confrontos entre o pecado e a justiça numa escala relativamente pequena — quatro jovens com todos os poderes vitoriosos da justiça no interior, contra vários reis e sistemas pecaminosos que os apoiavam. A segunda destas secções é a magnificente visão dos mesmos princípios de operação em milhões de vidas abrangendo milhares de anos. Numa grande ou pequena escala, o resultado será sempre o mesmo na ruína total para o desobediente; e abençoada prosperidade para o obediente.

Por um lado, será verificado que a apostasia é sempre seguida pela ruína não importa se é na pessoa, na nação, ou no mundo. Ela pode levar algum tempo a chegar, mas se não for a interposição de sincero e genuíno arrependimento, nenhuma outra eventualidade é mais certa.

Por outro lado, o mal parece ser o caminho da prosperidade, mas à medida que o tempo passe, o seu verdadeiro carácter torna-se visível. Deve ser sempre recordado que raramente podemos julgar o valor da operação de um princípio pelo seus resultados imediatos. O tempo necessário para revelar a verdadeira natureza do mal ou do bem varia de situação para situação. Por exemplo, Daniel pediu apenas dez dias de experiência para provar a sua afirmação quanto a uma dieta vegetariana e, sob estas circunstâncias, isso suficiente. Mas, para que o carácter de Satanás revele totalmente a sua iniquidade, está a levar pelo menos seis mil anos. Vede a nossa publicação *Os Sete Anjos*, para mais luz acerca deste ponto.

Nunca um estudo destes princípios foi mais necessário do que agora quando enfrentamos o final da história da humanidade. Todos os elementos do mal que têm sido gerados pelo mestre da mentira, Satanás, estão intensamente activos a lutar pela supremacia. Mas eles não são diferentes das forças do mal que contendiam pelo mesmo controlo do mundo nos dias de Daniel e estão registados no livro que tem o seu nome.

A tempestade babilónica que irrompeu sobre o mundo no passado, em breve irromperá sobre o mundo de hoje com a destruidora violência que excederá aquilo que ela fez. Apenas os que tiverem feito a preparação necessária para isso sobreviverão. Por esta razão, é essencial hoje um profundo estudo investigador do livro de *Daniel*.

“Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a serem cumpridas em rápida sucessão. Todo o elemento de poder está prestes a ser posto em

operação. A história do passado será repetida; antigos conflitos serão renovados, e o perigo espreita o povo de Deus por todo o lado. O fervor está a tomar posse da família humana. Está a penetrar tudo sobre a terra. E porquê? — jogos, divertimentos, entretenimentos; homens estão correndo e associando-se, e lutando por supremacia. Aquilo que é mais comum e perecível está absorvendo a sua atenção, de modo que as coisas de interesse eterno raramente são tidas em conta. Seres humanos, possuídos de energia, zelo, e perseverança, colocarão todos os poderes dados por Deus em cooperação com o despotismo de Satanás tornando de nenhum efeito a lei de Deus. Impostores de toda a espécie e nível vindicarão serem dignos e verdadeiros, e haverá um aumento do comum e impuro contra a verdade e o que é santo. Assim o espúrio é aceite, e a verdadeira norma de santidade é rejeitada, como a palavra de Deus foi rejeitada por Adão e Eva em favor da mentira de Satanás.” *The Review and Herald*, 31 de Agosto de 1897.

É agora tempo de examinar as mensagens contidas no relato histórico do livro de Daniel antes de prosseguir através das revelações proféticas no mesmo livro. O primeiro pode ser resumido do seguinte modo:

1. O assunto da temperança;
2. O maior aproveitamento escolar dos quatro hebreus;
3. O sonho que o rei teve da imagem e a sua interpretação;
4. A fornalha de fogo ardente;
5. O sonho do rei da grande árvore e a sua interpretação;
6. A cova dos leões.

A segunda lista:

1. O plano geral profético dos capítulos 2, 7, 8, 9, 10, 11, e 12.

O rei Nabucodonosor e os senhores caldeus exigiram que todos os homens reconhecessem que os seus métodos e procedimentos pelos quais tinham chegado ao poder eram verdadeiramente superiores a todos os outros — especialmente aos de Israel. Eles estavam perfeitamente conscientes que havia a poderosa nação de Israel perante a qual nenhum poder na Terra tinha sido capaz de resistir até Babilónia aparecer no domínio mundial. Mesmo os temidos assírios tinham sido obrigados a regressar à sua terra pelo povo de Deus com perdas tão grandes que quebrou o seu poder para sempre.

“Sucedeu, pois, que, naquela mesma noite, saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles: e, levantando-se pela manhã cedo, eis que todos eram corpos mortos.

“Então Senaqueribe, rei da Assíria, partiu, e foi, e voltou, e ficou em Ninive.

“E sucedeu que, estando ele prostrado na casa de Nisroch, seu deus, Adram-melech e Sarezzer, seus filhos o feriram à espada; porém eles escaparam para a terra de Ararat: e Esarhadons seu filho, reinou em seu lugar.” *2 Reis* 19:35-37.

Esta havia sido a sorte dos conquistadores assírios que se tinham vangloriado da sua supremacia sobre as nações tal como Babilónia estava fazendo então. Notai com quanto orgulho, insolência, blasfémia e insulto Senaqueribe desafiou o Deus que era, e, será para sempre “Rei de reis, e Senhor de senhores”. Aqui estão em parte as suas palavras:

“... Até que eu venha, e vos leve para uma terra como a vossa, terra de trigo e de mosto, terra de pão e de vinhas, terra de oliveiras, de azeite, e de mel: e assim vivereis, e não morrereis: e não deis ouvidos a Ezequias; porque vos incita, dizendo: O Senhor nos livrará.

“Porventura os deuses das nações puderam livrar, cada um, a sua terra, das mãos do rei da Assíria?

“Que é feito dos deuses de Hamath e de Arpad? Que é feito dos deuses de Sefarvaim, Hena e Iva? porventura livraram a Samaria da minha mão?

“Quais são eles, de entre todos os deuses das terras, os que livraram a sua terra da minha mão, para que o Senhor livrasse a Jerusalém da minha mão?” *2 Reis* 18:32-35.

Tal foi a profundidade do desafio, ira e apostasia manifestado pelos assírios que levou à morte cento e oitenta e cinco mil deles numa só noite.

Poderia parecer quando se lêem os textos que Deus os tinha destruído pessoalmente, mas nós aprendemos que Deus não usa o Seu infinito poder pessoal para fazer desaparecer os Seus inimigos. A destruição dos ímpios é o resultado natural de causas que entram em operação quando o não arrependido se torna totalmente apostatado e assim deixa o Altíssimo sem alternativa senão retirar o Seu poder protector.

Eu não sei qual a causa natural que, quando sem controlo, matou os soldados, mas o que quer que tenha sido, a matança não foi um “acto de Deus”. Vede a nossa publicação, *Eis Aqui o Vosso Deus*, porque as evidências provam que Deus não destrói. Para colocar o vosso pensamento na direcção certa, citarei um único testemunho para este efeito:

“Não podemos saber quanto devemos a Jesus pela paz e protecção de que gozamos. É o poder de Deus que impede que a humanidade passe completamente para o domínio de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm grande motivo de gratidão pela misericórdia e longanimidade de Deus, que contém o cruel e pernicioso poder do maligno. Quando, porém, os homens passam os limites da clemência divina, a restrição é removida. Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam a Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado, cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão contemporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente que é lançada, a qual produz infalível messe. Quando se resiste persistentemente ao Espírito de Deus, Ele é afinal retirado do pecador, e então não há poder algum para dominar as más paixões da alma, nem protecção contra a maldade e inimizade de Satanás. A destruição de Jerusalém constitui tremenda e solene advertência a todos os que estão tratando levianamente com os oferecimentos da graça divina e resistindo aos rogos da misericórdia de Deus. Jamais foi dado um testemunho mais decisivo do ódio ao pecado por parte de Deus, e do castigo certo que recairá sobre o culpado.” *O Grande Conflito*, 33.

Assim, depois deste fatídico acontecimento lemos:

“As novas deste terrível juízo sobre o exército que tinha sido enviado a Jerusalém logo chegou a Senaqueribe, que estava ainda guardando a entrada de Judá contra o Egipto. Tomado de temor, o rei assírio apressou-se a partir, retornando ‘em vergonha de rosto à sua terra.’ *2 Cron.* 32:21. Mas ele não iria reinar muito tempo mais. Em harmonia com a profecia que havia sido proferida com respeito a seu súbito fim, foi ele assassinado por membros de sua própria casa, ‘e Esarhadom, seu filho, reinou em seu lugar.’ *Isaías.* 37:38.” *Profetas e Reis*, 361.

Para Senaqueribe, total apostasia certamente significava total ruína. Alguém podia pensar que o rei Nabucodonosor, estudante inteligente como era, teria receio de sair contra o poder sobrenatural do Altíssimo, particularmente em virtude do seu conhecimento daquela lição da história não muito distante. Mas quando o fez e foi brilhantemente bem sucedido em todas as suas campanhas militares contra eles, ele e os babilónios ficaram cheios de vaidoso orgulho porque nem mesmo Israel foi capaz de vencer o seu génio e poder militar.

“O facto de esses homens adoradores de Jeová, estarem cativos em Babilónia, e de os vasos da casa de Deus terem sido postos no templo dos deuses de Babilónia, era orgulhosamente citado pelos vencedores como evidência que sua religião e costumes eram superiores à religião e costumes dos hebreus. Embora por intermédio da própria humilhação que Israel chamara sobre si por haver-se afastado de Deus, Ele dera aos babilónios a prova de Sua supremacia, da santidade dos Seus reclamos e dos resultados certos da obediência. E este testemunho Ele deu, como unicamente poderia ser dado, por meio daqueles que Lhe foram leais.” *Profetas e Reis*, 479, 480.

Mas o rei Nabucodonosor falhou em perceber que a derrota de Israel foi devida às suas apostasias, não à sua força. Israel era uma nação temida unicamente quando caminhava com Deus. Todas as outras vezes era mais fraca do que os seus inimigos mesmo que eles fossem adoradores de ídolos. Este conhecimento levou Jeremias a apontar quão verdadeiramente impotente era Israel no final da sua grande apostasia quando os seus maus caminhos tivessem amadurecido.

Nessa altura os caldeus sitiavam Jerusalém até chegarem notícias da aproximação pelo sul do exército egípcio. Então os caldeus voltaram-se nessa direcção para eliminar a ameaça egípcia. O rei Joaquim e os apostatados habitantes de Jerusalém saudaram isto como a certeza da sua libertação, mas Jeremias declarou que os caldeus se livrariam desta ameaça e voltariam para retomar a sua vitoriosa conclusão da investida contra a cidade condenada.

“E o exército de Faraó saiu do Egipto: e, ouvindo os caldeus, que tinham sitiado Jerusalém, esta notícia, retiraram-se de Jerusalém.

“Então veio a Jeremias, o profeta, a palavra do Senhor, dizendo:

“Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Assim direis ao rei de Judá que vos enviou a Mim, para se informar: Eis que o exército de Faraó, que saiu em vosso socorro, voltará para a sua terra no Egipto.

“E voltarão os caldeus, e pelejarão contra esta cidade, e a tomarão, e a queimarão a fogo.

“Assim diz o Senhor: Não enganeis as vossas almas, dizendo: Sem dúvida, se irão os caldeus de nós: porque não se irão.

“Porque ainda que ferísseis a todo o exército dos caldeus, que peleja contra vós, e ficassem deles apenas homens traspassados, cada um se levantaria na sua tenda, e queimaria a fogo esta cidade.” *Jeremias 37:5-10.*

Aquelas palavras são verdadeiras mesmo apesar de parecerem extremas, porque isto é o que teria acontecido, tão desesperadamente enfraquecido tinham os exércitos de Israel se tornado. Este resultado é verdadeiro para todos os tempos e em todos os lugares. O pecado numa pessoa ou organização mundana traz grande fraqueza a esse corpo, mas o pecado na Igreja e seus membros traz ainda maior fraqueza.

“Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas quão grandes serão tais trevas!” *Mateus 6:23.*

É um facto que aqueles que uma vez caminharam na luz mas agora estão em apostasia e nas trevas aí presentes, estão num estado ainda pior do que se nunca tivessem conhecido a verdade.

“O Espírito, sabedoria, e bondade de Deus, revelados na Sua Palavra, devem ser exemplificados através dos discípulos de Cristo, e condenarão o mundo. Deus exige que seu povo actue de acordo com a graça e verdade que lhes foram dados. Todas as Suas justas ordens devem ser completamente obedecidas. Seres de confiança devem caminhar à luz que brilha sobre eles. Se falharem em fazer isto, a sua luz tornar-se-á em treva, e a sua treva é tão grande quanto o grau da abundância da sua luz. Luz acumulada tem brilhado sobre o povo de Deus. Muitos têm negligenciado seguir a luz, e por esta razão estão num estado de grande fraqueza espiritual.” *Review and Herald*, 31 de Agosto de 1886.

Por outro lado uma experiência de inestimável valor pode ser alcançada quando começais por obter uma compreensão pessoal de quão fracos estais em poder espiritual. Isto pode ser obtido por um estudo acompanhado de oração acerca da vida de Cristo, e, à medida que o fazeis, mantende a comparação do Seu grande poder com a vossa fraqueza até o contraste se tornar muito distinto ao vossos olhos.

Foi assim que Elias se aproximou à medida que via o poder de Deus pelo qual podia ter realizado a libertação de Israel da seca. Quanto mais claramente ele via Deus no Seu grandioso poder, mais plenamente via a sua própria grande necessidade.

"O servo olhava enquanto Elias orava. Seis vezes regressou da vigília, dizendo, Não há nada, nenhuma nuvem, nenhum sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Ele continuou revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou os seus pecados, e assim continuou afligindo sua alma perante Deus, enquanto esperava um sinal de que a sua oração havia sido respondida. Enquanto ele examinava o seu coração, parecia ser cada vez menor, tanto aos seus próprios olhos como aos olhos de Deus. Parecia como se ele fosse nada, e Deus tudo; e quando chegou ao ponto de se renunciar a si mesmo, enquanto se agarrava ao Salvador como sua única força e justiça, veio a resposta. O servo apareceu e disse, 'eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar.'" *The S.D.A. Bible Commentary* 2:1035.

Uma vez que tendes permitido que o Espírito Santo revele o vosso verdadeiro estado, então começais a difícil expulsão do pecado da vossa vida com especial ênfase para o espírito mau em vós em lugar das vossas acções. Procurai qualquer actividade do ódio, orgulho, inveja, concupiscência, etc., e, assim que ela seja detectada, fazei rápida expiação no santuário onde deveis fazer uma confissão aceitável pela qual tanto o que sois como o que tendes feito são tratados.

Depois disso dirigi-vos para a obra de viver continuamente livre do pecado. Tenho encontrado tremenda ajuda num procedimento adoptado por Cristo quando estive na Terra. Está escrito:

"Nem sequer num pensamento cedia à tentação. O mesmo se pode dar connosco." *O Desejado de Todas as Nações*, 125.

Se o mau pensamento for eliminado no momento em que ele aparecer, morre subitamente, de morte natural que impede o desenvolvimento das acções pecaminosas.

Então podemos esperar que o poder de Deus venha sobre nós cada vez em maior medida. Então a luz que está em nós tornar-se-á cada vez maior e a apostasia e a ruína que se segue não encontrará lugar em nós.



## Capítulo 16

### De Jerusalém a Babilónia

**D**epois da derrota de Joaquim no terceiro ano do seu reinado, Daniel e os seus três amigos, Ananias, Misael e Azarias, foram levados de Jerusalém para Babilónia. Acerca das condições que eles sofreram nessa terrível viagem nada nos é dito, embora o nosso conhecimento da rota que tiveram de seguir e o conhecimento do carácter dos seus captos dê alguma ideia daquilo que devem ter sofrido, apesar de serem cativos especiais e receberem um tratamento melhor do que o habitual.

A distância entre Jerusalém e Babilónia é aproximadamente mil quilómetros. É esta distância porque não há estrada de ligação directa devido ao deserto da Arábia. Para evitar este obstáculo arenoso, viajaram primeiramente para o norte até perto de metade da viagem, em seguida viraram em direcção ao sudeste para seguir o grande rio Eufrates até chegarem a Babilónia. Dependendo da distância percorrida em cada dia, a viagem pode ter levado de um a três meses ou mesmo mais.

Não é necessário sabermos exactamente a distância entre as duas cidades nem o tempo que a viagem levou. É suficiente compreendermos que os viajantes deviam ter os pés doridos e sofrer de cansaço quando chegaram junto dos muros da fortificada cidade de Babilónia. Esse vasto exército e o grande número de cativos que o seguia devem ter necessitado de toneladas de alimento para se sustentarem e imaginar-se-á de onde é que todo ele veio. Tanto quanto possível devem ter-se alimentado daquilo que existia nas terras por onde passavam. Enquanto o exército principal marchava em frente dia a dia com firmeza, uma parte dos soldados deve ter sido designada para superintender o número de cativos dos quais se requeria que reunissem alimento suficiente para todos eles.

Os encarregados de reunir alimento devem ter despojado as árvores dos seus frutos maduros, colhido as espigas das searas e vegetais, morto o gado que encontravam, como bois, ovelhas, cabras e porcos. As tâmaras deviam crescer em abundância naquela parte do mundo e terá sido uma valiosa fonte de alimento.

Podia esperar-se que o general do exército, preocupado com manutenção da forma física das suas tropas, procurasse alimentá-las como prioridade principal depois das necessidades dele e dos seus oficiais terem sido satisfeitas. Os pobres cativos estavam no fim da lista do suprimento alimentar, com pouca escolha senão aceitar o que quer que sobrasse depois do restante ter ficado satisfeito. Contudo, essa opção não era de todo má no caso daqueles que eram vegetarianos. Estes encontraram uma maior provisão de frutos, oleaginosas, grãos e vegetais devido à menor exigência desse alimento da parte dos soldados e dos cativos em geral. Podemos ter a certeza que Daniel e os seus três companheiros que eram inquestionavelmente vegetarianos encontraram adequado suprimento de comida entre aquelas provisões que eram

menos preferidas pelos restantes caminhantes. Deus, que notou a fidelidade destes quatro e para quem Ele tinha destinado uma obra especial, teria ordenado aos Seus anjos que tomassem especial cuidado por eles.



Para Daniel e seus três companheiros, a marcha para o seu novo lar como cativos do rei de Babilônia deu-lhes excelentes oportunidades para aprenderem mais acerca do carácter dos seus inimigos. Eles com certeza notavam as claras diferenças entre a tranquila comunhão anterior com os verdadeiros crentes nos lares da Judeia como eles mesmos gozavam antes e o impiedoso desrespeito pelos direitos humanos manifestado pelos soldados babilônicos. Os seus corações foram movidos de simpatia e compaixão por todos os sofredores que viam nessa inesquecível viagem.

Homens não regenerados em todos os tempos da história humana emergiram como cruéis destruidores que consideraram a terra e os seus povos meramente como instrumentos ao serviço das suas ambições. Não se importavam quantos pudessem ser sacrificados a fim de satisfazerem os seus desejos não santificados. Esse era o espírito e obra da antiga Babilônia que se tornou demasiadamente bem conhecida daqueles que do povo de Deus testemunharam pessoalmente as obras desse grande poder na marcha mortal entre Jerusalém e Babilônia.

Num futuro próximo, tal como impressionantemente predito por Joel, profeta do Antigo Testamento, este mesmo poder devastador reduzirá toda a Terra a um deserto físico, material e espiritual. Aqui estão as suas elucidativas palavras proféticas:

“Tocai a buzina em Sião, e clamai em alta voz, no monte da minha santidade: perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, ele está perto:

“Dia de trevas e de tristeza; dia de nuvens e de trevas espessas, como a alva espalhada sobre os montes, povo grande e poderoso, qual desde o tempos antigos nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração.

“Diante dele, um fogo consome; e atrás dele, uma chama abrasa: a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele, um desolado deserto; sim, nada lhe escapará.

“O seu parecer é como o parecer de cavalos: e correrão como cavaleiros.

“Como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes, irão eles saltando; como o ruído da chama de fogo que consome a pragana, como um povo poderoso, ordenado para o combate.

“Diante dele, temerão os povos; todos os rostos são como a tisonadura da panela.

“Como valentes correrão, como homens de guerra subirão os muros; e irá cada um nos seus caminhos, e não se desviarão da sua fileira.

“Ninguém apertará a seu irmão; irá cada um pelo seu carreiro; sobre a mesma espada se arremessarão, e não serão feridos.

“Irão pela cidade, correrão pelos muros, subirão as casas, pelas janelas entrarão, como o ladrão.

“Diante dele, tremerá a terra, abalar-se-ão os céus; o sol e a lua se enegrecerão, e as estrelas retirarão o seu resplendor.” Joel 2:1-10.

Que ilustração da terrível desolação na sua obra e do resultado final da sua passagem pela largura e comprimento da Terra. “A terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele, um desolado deserto; sim, nada lhe escapará.”

É verdade que por um lado tem havido uma crescente proporção da população da Terra que tem reconhecido a necessidade de conservar os recursos naturais do planeta, o esforço para o fazer parecerá ter sucesso por algum tempo. Guerras alastrarão com o seu terrível desperdício de vidas e bens, condições climáticas destruidoras devido ao aprofundamento da apostasia reduzem as terras aráveis a cada vez menor produtividade e grandes fogos farão desaparecer florestas e edifícios. Estas devastações são contudo inferiores ao pior, porque grande dano é feito nos corpos e almas dos homens. Eles tornar-se-ão desertos espirituais e morais em que crueldades impiedosas são levadas a cabo com uma entrega selvagem.

Apesar da confiança num futuro melhor que se está a desenvolver, as condições apenas piorarão, porque Deus através dos Seus profetas tem dito que assim é. Joel não é o único mensageiro através de quem Deus tem comunicado essas predições de total ruína. Ouvi a Sua voz através de Isaías:

“A terra pranteia e se murcha: o mundo enfraquece e se murcha: enfraquecem os mais altos do povo da terra.

“Na verdade, a terra está contaminada, por causa dos seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna.” *Isaías 24:4, 5.*

Aqui, a verdadeira causa e efeito são claramente declarados com relação entre si. A transgressão da lei de Deus, a mudança das ordenanças e a quebra do concerto eterno directamente e por fim resultarão numa terrível devastação da Terra e da sua população. Nós temos ainda que ver coisas terríveis aparecerem antes deste estado de coisas ser alcançado.

Jeremias foi outro porta-voz do Altíssimo através de quem Deus advertiu acerca da vinda de desolações à Terra. Tão temíveis serão estas devastações que nenhum homem se verá, e todas as cidades serão destruídas. Aqui está a sua gráfica descrição das condições:

“Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus, e não tinham a sua luz.

“Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam.

“Observei e vi que homem nenhum havia e que todas as aves do céu tinham fugido.

“Vi, também, que a terra fértil era um deserto, e que todas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor, diante do furor da sua ira.” *Jeremias 4:23-26.*

Daniel e os seus três companheiros na fé de Jesus tinham conhecimento destas profecias e compreenderam que elas se aplicavam à próxima destruição da cidade e do templo, ainda, tal como vimos, a uns curtos dezanove anos de distância.

Tal como declarámos anteriormente, durante a sua longa e difícil jornada de Jerusalém para Babilónia, Daniel e os seus três amigos tiveram oportunidade de aprender muito acerca do carácter dos babilónios como se revelou na sua próxima e forçada associação diária com eles. Tal como eles, nós também. Isto é mais necessário para nós do que para eles, porque sobre nós chegou o final para a Terra quando em breve for tarde demais para comprar óleo para as nossas lâmpadas. Agora é tempo de nos prepararmos. Babilónia não muda. Portanto, quanto melhor o seu carácter, tácticas e modo de operar forem compreendidos por um lado e mais poder e sabedoria de Deus forem ganhos para enfrentar aqueles males por outro, mais cedo virá o fim.

Tal como o nosso conhecimento dos acontecimentos futuros e do papel de Babilónia naqueles acontecimentos nos dá uma clara compreensão daquilo que nos espera no futuro,

assim Daniel e os seus três amigos estavam longe de ser ignorantes quanto ao que os esperava em geral quando chegassem à grande cidade. Eles sabiam que sofreriam apertada perseguição tanto dos babilônios como dos outros hebreus. Compreenderam que havia uma forte possibilidade de martírio, o que com efeito aconteceu. Ao permanecerem firmes quando foram lançados na fornalha de fogo ardente ou na cova dos leões, isso foi contado pelo Céu como se tivessem realmente pago o preço da sua fé com a vida. Que mais pode um mártir dar que eles não tivessem dado?

Mas entre outras coisas, não sabiam antecipadamente da sua elevação a altas posições nos governos que se seguiriam depois de terem respondido à determinação do rei de conhecer o sonho da grande imagem e a sua interpretação. Não sabiam que seriam confrontados com a exigência do rei para se curvarem perante a imagem ou que seriam lançados na fornalha. Enfrentaram um futuro muito incerto a respeito de muitas coisas, mas não em tudo. Uma coisa era certa. Não entraram na cidade como apóstatas, porque compreendiam e fielmente respeitavam o permanente princípio que:

“Somente a obediência aos requisitos do Céu guardará o homem de apostatar-se.” *Profetas e Reis*, 83.

Enquanto ainda viviam nos seus lares na Judeia, antes de serem levados para Babilônia, tinham levado vidas de estrita obediência às leis de Deus, e isto, como sempre, tinha-os guardado da apostasia e ruína pessoal. A respeito desse período em que os fundamentos das suas vidas estavam a ser lançados e a sua preparação para o teste e sobre o poder que mais tarde receberiam em resposta às suas dificuldades e fé acompanhada de orações, está escrito:

“Foi sua conscienciosa observância das ordenações da Santa Escritura, que nos dias do ministério de Jeremias proporcionou a Daniel e seus companheiros oportunidades de exaltar o verdadeiro Deus perante as nações da Terra. A instrução que essas crianças hebreias haviam recebido no lar de seus pais, fê-los fortes na fé e constantes no seu serviço ao Deus vivo, o Criador dos Céus e da Terra. Quando, logo no início do reinado de Jeoaquim, Nabucodonosor pela primeira vez sitiou e capturou Jerusalém, e transportou a Daniel e seus companheiros, juntamente com outros especialmente escolhidos para o serviço na corte de Babilônia, a fé dos cativos hebreus foi provada ao máximo. Mas os que tinham aprendido a pôr a sua confiança nas promessas de Deus verificaram que estas eram todo-suficientes em cada experiência por que foram chamados a passar durante a sua estada numa terra estranha. As Escrituras provaram-se-lhes um guia e um arrimo.” *Profetas e Reis*, 428.

A sua situação e o modo como lhe responderam foi muito semelhante a José quando os seus cruéis irmãos o fizeram cativo dos mercadores midianitas no seu caminho para o Egito. Quando recuperou da incredulidade inicial de que isto estava realmente a acontecer-lhe e que não havia feito nada para merecer esta sorte, determinou apesar disso permanecer livre da apostasia não importasse o custo que isso tivesse para si. Como foi com José, assim foi com Daniel e seus três amigos que a vitória começou com um conhecimento do carácter de Deus tal como expresso na Sua santa lei. No princípio, ambos devem ter ficado desapontados perante a sua sorte de se tornarem desamparados escravos, porque “tornar-se escravo era uma sorte para se temer mais do que a morte”. *Patriarcas e Profetas*, 212.

Mas a sua fé elevou-se acima do temível futuro que estava à sua frente quando os seus pensamentos se voltavam para o Deus de seus pais. No caso de José lemos, “sua alma fremiu ante a elevada resolução de mostrar-se fiel a Deus — de agir, em todas as circunstâncias, como convinha a um súdito do Reino do Céu. Serviria ao Senhor com inteireza de coração; enfrentaria as provações de sua sorte, com fortidão, e com fidelidade.” *Patriarcas e Profetas*, 216.

As almas de Daniel e dos seus três companheiros terão muito certamente freído com a mesma elevada resolução de se mostrarem fiéis a Deus — sob todas as circunstâncias agirem

como súditos do Rei do Céu. Serviriam ao Senhor com todo o coração; enfrentariam as dificuldades da sua sorte com coragem e cumpririam o seu dever com fidelidade.

Em breve nos encontraremos perante a aproximação iminente do colosso de Babilónia, em resposta ao que também temos que tomar a mesma resolução, não de obediência ocasional, nem com coração dividido, mas com inabalável fidelidade. A tomada de uma tão clara decisão de separação antes da luta realmente começar é essencial para manter uma firme posição com inabalável firmeza quando a batalha começar.

É preciso que seja visto que a sua liberdade de desobedecer e apostatar não se limitava apenas às comidas não saudáveis tanto na viagem como depois da sua chegada ao destino. Isso era o que estava envolvido evidentemente e foi provavelmente a mais óbvia manifestação de obediência, mas a justiça daqueles jovens chegou mais além desta área das suas vidas. Todos os dias os quatro fiéis tinham perante si um campo missionário de homens em sofrimento precisando de serviços que unicamente um amor desinteressado nascido no Céu podia dar e Daniel com os três fiéis tinham o poder e a experiência espiritual necessários para convenientemente os preparar para esse ministério.

Sem dúvida que havia os que estavam a lutar com profundo desencorajamento quando não encontravam respostas para a mão cruel da sorte que lhes tinha tirado tudo aquilo que possuíam. Outros estavam provavelmente a lutar com a doença, ou acharam os rigores da jornada demasiado para suportarem. Ainda outros terão ficado deficientes devido aos ferimentos sofridos no ataque a Jerusalém.

Nessa longa, longa caminhada para a capital de Nabucodonosor, os quatro, ternamente ministravam aos sofredores o melhor que podiam. Para isto, necessitavam de encontrar algum favor aos olhos dos seus captos e estou certo que no seu doce, gracioso, terno, obediente espírito tão completamente livre da apostasia, verdadeiramente ganharam o respeito e admiração dos soldados que os comandavam, especialmente quando ministravam tanto aos amigos como aos inimigos com igual imparcialidade. Verdade e amor tinham começado a ser o poder vencedor.

A vida de Jesus confirma que quando um cristão está carregado com o espírito de terna obediência e está portanto livre da apostasia, torna-se um irresistível poder para bênção da humanidade. Embora antes do início do Seu ministério público trabalhasse numa forma tranquila, discreta, continuava a ter grande poder na Sua vida. “Jesus era o médico do corpo, da mesma maneira que o era da alma. Interessava-Se por todos os aspectos do sofrimento que Lhe apresentavam, e proporcionava alívio a todos, havendo nas Suas palavras o efeito de um bálsamo suavizador. Ninguém podia dizer que Ele tinha operado um milagre; mas virtude — o poder curativo do amor — saía d’Ele para os doentes e aflitos. Assim, de maneira imperceptível, trabalhava pelo povo já desde a infância. E foi por isso que, ao começar o Seu ministério público, havia tantos que O escutavam alegremente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 90.

Aquilo que é verdade acerca do ministério da juventude de Cristo, é também verdade quanto aos Seus seguidores, porque a vida de Jesus é reproduzida nos seus discípulos fiéis. Um exemplo desta transformação de carácter pode ser vista na parte final da vida do discípulo João cujo livro no Novo Testamento é a contrapartida do livro de *Daniel* no Antigo Testamento. “Uma transformação de carácter como a que se vê na vida de João é sempre o resultado da comunhão com Cristo. Pode haver marcados defeitos na vida de um indivíduo, contudo, quando ele se torna um verdadeiro discípulo de Cristo, o poder da divina graça transforma-o e santifica-o. Contemplando como num espelho a glória do Senhor, é transformado de glória em glória, até alcançar a semelhança d’Aquele a quem adora.” *Actos dos Apóstolos*, 559.

Para chegar a uma transformação divina tão profunda, elevada e ampla, na vida, é preciso uma comunhão com Deus através de Cristo pela qual o indivíduo literalmente se apega à vida de Cristo e a atrai a si em grandes torrentes.

“Em todos quantos estão sob a direcção de Deus, deve-se ver uma vida que não se harmoniza com o mundo, os seus costumes ou práticas; e todos têm de ter experiência pessoal na obtenção do conhecimento da vontade divina. Precisamos de ouvir individualmente a Sua voz a falar-nos ao coração. Quando todas as outras vozes silenciam e em sossego esperamos perante Ele, o silêncio da alma torna mais distinta a voz de Deus. Ele manda-nos: ‘Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus.’ Salmo 46:10. Só assim se pode encontrar o verdadeiro descanso. E esta é a preparação eficaz para todo o trabalho que se faz para Deus. Por entre a multidão apressada e a tensão das actividades febris da vida, a alma que assim se refrigera está circundada por uma atmosfera de luz e paz. A vida terá significado, e há-de revelar um poder divino que atinge o coração dos homens.” *O Desejado de Todas as Nações*, 388.

Daniel viveu uma vida de íntima e consistente comunhão com Deus. Nós sabemos isto pelo facto que ele foi capaz de ter acesso ao trono da graça a fim obter informação quanto à grande imagem, várias profecias e interpretação da árvore que crescia. Ele era o tipo do homem que orava três vezes por dia, com ou sem leões.

No meio dos esforços de Daniel para honrar ao Deus do Céu e promover o sucesso do Seu reino, ocorreu um incidente raramente mencionado que foi uma grande reafirmação para ele que Deus ainda triunfaria. A ocorrência está registada em *2 Reis* 25:27-30 que se lê assim:

“Depois disto, sucedeu que, no ano trinta e sete do cativo de Joaquin, rei de Judá, no mês duodécimo, aos vinte e sete do mês, Evil-merodac, rei de Babilónia, levantou, no ano em que reinou, a cabeça de Joaquin, rei de Judá, da casa da prisão.

“E lhe falou benignamente: e pôs o seu trono acima do trono dos reis que estavam com ele em Babilónia.

“E lhe mudou os vestidos da prisão, e de contínuo comia pão na sua presença, todos os dias da sua vida.

“E, quanto à sua subsistência pelo rei lhe foi dada subsistência contínuua, a porção de cada dia no seu dia, todos os dias da sua vida.”

Todo o capítulo anterior a estes versículos trata da queda de Judá e o chamamento de Gedalias para o governo do povo que restava na terra de Judá. Então como um aparente pensamento que ocorre depois, sem razão óbvia, é acrescentada esta informação que se refere à libertação do rei Joaquin. Mas estes pormenores não são acrescentados sem uma razão muito boa. Devemos compreender que não há nada em excesso ou desnecessário naquilo que Deus comunica ao Seu povo, embora ainda não vejamos isto em todas as palavras ditas por Deus. A vida de Cristo revela este propósito completamente como se declara em *O Desejado de Todas as Nações*, 212, 213. “Um propósito sábio guiava todos os actos de Cristo na Terra.”

Evil-merodac, rei de Babilónia, o filho do rei Nabucodonosor, subiu ao trono desse grande reino entre o reinado de Nabucodonosor e o seu último governante, o rei Belshazar. Foi na altura em que Babilónia alcançou o pináculo das suas riquezas, poder e glória, enquanto Israel estava na ruína. Satanás, assim parecia, tinha agora a oportunidade para fazer desaparecer a linhagem real, que é, a semente de Abraão. Deus tinha-se comprometido a abençoar todas as famílias da Terra através da semente de Abraão — Cristo, o Salvador. Isto significava que tinha que haver uma sucessão contínuua entre Abraão e Jesus. Se essa interrupção fosse permitida, a palavra de Deus teria sido quebrada, Satanás teria surgido como vencedor do grande conflito e todos estariam perdidos.

Entre toda a destruição, carnificina, matança, execuções, fogo, ódio e morte, pareceria que, com Satanás a fazer o melhor que podia para tirar proveito da oportunidade para quebrar o plano da salvação, não teria havido esperança de sobrevivência para a semente de Abraão, mas,

para nosso espanto, olhamos e contemplamos e vemos o próprio rei de Babilónia a cuidar da semente de Abraão que nesta altura estava no cativo rei Joaquin e seus filhos. Este facto é confirmado pelo evangelista, Mateus, quando traça a linhagem de Cristo desde Abraão e indica o rei Joaquin como sendo um dos que pertence a essa linha.

“E Josias gerou Jeconias e seus irmãos, na deportação para a Babilónia.” *Mateus 1:11*.

“Jeconias” é no Novo Testamento a versão do Antigo Testamento de “Joaquin”. Foi na verdade um conforto inspirador e uma alegre certeza para o remanescente saber que a palavra do Senhor não falhou, mas que a igreja ainda sairia gloriosamente triunfante.

Mas voltemos agora à chegada dos cativos a Babilónia, a essa aparentemente inexpugnável cidade. O vitorioso rei Nabucodonosor deve ter sido aclamado como o mais elevado governante do mundo. Depois de dias, ou talvez semanas passadas em preparação, terá havido uma grande marcha de celebração pela vitória, terminando em festa e bebedice que se prolongou por dias. Algumas vezes durante esta celebração os cativos eram expostos como troféus do campo de batalha e em seguida submetidos à escravidão.

Nesta altura, Daniel e os três companheiros ainda não tinham adquirido o poder e a glória que em breve lhes seria concedido. Portanto, o período destas festividades foi um período em que eles passaram grande provação da fé enquanto esperavam para saber qual o seu destino. Contudo, não desperdiçaram o tempo de espera em ociosidade, mas trabalharam para inspirar fé em muitos dos seus companheiros de viagem quanto possível. Ao mesmo tempo em oração recordaram o trato de Deus com eles e com o Seu povo no passado e fortaleceram grandemente a sua própria fé. A sorte do seu futuro entregaram ao cuidado de Deus.

A batalha entre Babilónia e Israel em que o rei Nabucodonosor supôs ser o verdadeiro povo de Deus tinha virtualmente terminado a favor de Babilónia quando o rei Joaquin foi derrotado pelo senhor da guerra babilónio. Nenhum dos lados usou as triunfantes armas da verdade e do amor nas batalhas onde os verdadeiros israelitas foram apenas espectadores.

Esse tempo tinha passado agora. A guerra entre Babilónia e o verdadeiro Israel estava prestes a começar e a verdade e o amor seriam o poder vencedor, assim como será na futura demonstração final com Babilónia a Grande.

“Cristo deu à Sua igreja amplos recursos a fim de que Ele possa receber avultada contribuição de glória de Seus remidos, Sua possessão adquirida. Dotada da justiça de Cristo, a igreja é Sua depositária, e em plena e final manifestação devem nela aparecer a riqueza de Sua misericórdia, amor e graça. A declaração em Sua oração intercessória, de que o amor do Pai é tão grande para conosco como para com Ele mesmo, o Filho unigênito, e que onde Ele estiver estaremos nós, sendo para sempre um com Cristo e o Pai, é uma maravilha para as hostes celestes e é Sua grande alegria. O dom de Seu Santo Espírito, rico, amplo e abundante, deve ser para a Sua igreja como uma circundante muralha de fogo contra a qual os poderes do inferno não prevalecerão. Em sua incontaminada pureza e imaculada pureza e imaculada perfeição, Cristo considera Seu povo como a recompensa de todos os Seus sofrimentos, humilhação e amor e o suplemento de Sua glória: Cristo, o grande centro de que irradia toda, a glória. ‘Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.’” *Testemunhos para Ministros*, 18, 19.

## Capítulo 17

### No Coração do Campo Inimigo

**D**epois de completadas as celebrações da grande vitória alcançada sobre o Egito e Judá, o rei Nabucodonosor estava preparado para continuar a satisfazer as suas ambições de construir um reino de incrível riqueza, glória e poder o qual esperava que nunca desaparecesse. Tendo completado a recente fase militar era tempo de voltar a sua atenção para os aspectos intelectuais e materiais do programa. Para isso deu instruções a Aspenaz para escolher jovens hebreus instruídos a fim de receberem uma preparação especial de modo a prepará-los para servir as suas ambições pessoais.

Aqui estão essas instruções:

“E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres,

“Mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer e instruídos em toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viverem no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus.” *Daniel 1:3, 4.*

Ninguém que não fosse o melhor podia servir o propósito do rei. Eles não podiam ter qualquer defeito físico ou mental e ter força na mente e no corpo para poderem desempenhar as pesadas responsabilidades de ajudar o rei no governo do império.

Era uma posição extremamente elevada e de grande honra e oportunidade para a qual foram chamados Daniel e os seus três amigos bem como outros jovens hebreus. Não era o seu destino serem degradados ao nível de escravos comuns cuja existência seria pior do que a morte. Deviam ter um tratamento verdadeiramente muito especial como se vê pela ordem do rei de que comessem tão sumptuosamente como ele.

“E o rei lhes determinou a ração de cada dia, da porção do manjar do rei, e do vinho que ele bebia, e que assim fossem criados por três anos para que, no fim deles, pudessem estar diante do rei.” *Daniel 1:5.*

Não somos informados em lado algum das Escrituras quanto ao número escolhido destes jovens especiais. Sabemos apenas que havia mais de quatro escolhido por Aspenaz para esta preparação especial como está escrito: “E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias.” *Daniel 1:6.*

Isto torna claro que Daniel e os seus três amigos eram apenas quatro entre os restantes. O número e os nomes do resto não estão registados, porquê? Por causa da sua posição comprometedora o que os levou a conclusões erradas e privou-os da preparação necessária para servir Deus nesta grande hora de aperto.



Não importa quantos eram eles, Deus deseja que a nossa atenção se centralize principalmente nos quatro fiéis e não nos restantes infiéis. Ele quer que nós contemplemos o testemunho que deu através deles a respeito da certeza que a verdade e o amor serão o poder triunfante na batalha contra Babilónia a Grande, tão seguramente como nos dias de Daniel na batalha contra Babilónia.

Mas embora a nossa consideração principal seja para os quatro fiéis, é de valor passar algum tempo na questão do que aconteceria se eles, tal como os outros hebreus, não tivessem sido fiéis. Eles podiam ter adoptado o seguinte raciocínio humano:

“Aqui está uma incrível oportunidade demasiado boa para desperdiçar. O rei é muito razoável e generoso e colocou-nos numa posição onde temos um imenso débito de gratidão para com ele. Seria um grave erro desafiar o seu juízo e autoridade nesta fase da nossa experiência aqui na corte real. É verdade que a sua dieta é muito pouco saudável e intemperante, mas esta questão da comida e bebida pode ser tratada mais tarde.

“Dêmos ao monarca uma convincente demonstração da nossa vontade de colaborar com ele estabelecendo assim a sua confiança em nós. Depois de termos ganho o seu respeito por nós, podemos então fazer o pedido de uma dieta mais saudável, e não deveremos ter dificuldade em obter a sua permissão. Se esta fosse uma questão tão importante como o ajoelhar perante um ídolo de ouro, então as coisas seriam diferentes. Mesmo com o custo das nossas vidas, não nos ajoelharíamos.”

Todavia, teria sido possível eles ficarem firmes quando outros testes viessem? Se tivessem procedido de modo a finalizarem o curso universitário do rei, não teriam obtido resultados finais melhores do que os apresentados pelos outros estudantes. E quando a grande imagem de ouro fosse levantada e lhes fosse exigido que adorassem, não poderiam ter ficado firmes pela verdade. A terrível verdade é que apenas os que vencem nas pequenas coisas diárias, terão oportunidade de ficar firmes nos grandes testes que se seguem.

“Se te fatigas, correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos? se tão somente numa terra de paz estás confiado, que farás na enchente do Jordão?” *Jeremias 12:5*.

“Deus conduz o Seu povo, passo a passo. Leva-os a diferentes pontos, destinados a manifestar o que está no coração. Alguns resistem em um ponto, mas caem no seguinte. A cada ponto mais adiante, o coração é provado um pouco mais de perto. Se o professo povo de Deus verifica estar o coração contrário a esta penosa obra, isto os deve convencer de que têm alguma coisa a fazer a fim de vencer, se não quiserem ser vomitados da boca do Senhor.

“Disse o anjo: ‘Deus operará mais e mais rigorosamente a fim de experimentar e provar a cada um dentre Seu povo.’ Alguns são prontos em receber um ponto; mas quando Deus os leva a outro ponto probante, recuam diante dele e ficam para trás, pois acham que isto golpeia directamente a algum ídolo acariciado. Aí têm eles ensejo de ver o que, em seu coração, está excluindo a Jesus. Prezam mais alguma coisa que a verdade, e o coração não está preparado para receber a Jesus. Os indivíduos são experimentados e provados por um espaço de tempo a ver se sacrificarão os seus ídolos e darão ouvidos ao conselho da Testemunha Verdadeira. Caso alguém não seja purificado pela obediência à verdade, e vença o egoísmo, o orgulho e as más paixões, os anjos de Deus têm a recomendação: ‘Estão entregues a seus ídolos, deixai-os,’ e eles passarão adiante à sua obra, deixando esses com seus pecaminosos traços não subjugados, à direcção dos anjos maus. Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda a prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a trasladação.” *Testemunhos Selectos 1: 64, 65*.

Se os quatro jovens hebreus não possuíssem o triunfante poder da verdade e do amor, teriam sido completamente derrotados no seu primeiro confronto com o poderoso rei de Babilónia. Podiam ter enganado o rei fazendo-o acreditar que estavam em harmonia com a dieta que ele lhes preparou. Podiam ter comido da provisão do rei e podiam ter dado a

impressão que tinham gostado do rico alimento e vinho intoxicante da mesa do rei. Com esta acção, quaisquer dúvidas que ele pudesse ter tido a respeito da lealdade deles teriam sido afastadas da sua mente.

Mas essa prevaricação nunca alcançaria o objectivo a que se destinava. O tempo exacto para anunciar ao rei a genuína verdade a respeito das suas convicções nunca chegaria. Pelo contrário, teriam ficado cada vez mais intimidados pelas arbitrarias afirmações de Nabucodonosor. A condenação à morte sem julgamento por parte de um único poderoso potentado faz qualquer um ter cuidado quando ele ameaça.

A Palavra de Deus dá-nos uma terrível advertência contra a hipocrisia e compromissos injustificados. Embora não revelemos imprudentemente todas as coisas aos nossos inimigos, é extremamente importante que não demos uma falsa impressão a respeito da nossa verdadeira posição. “Deus requer que a verdade distinga o Seu povo, mesmo em tempos de perigo.” *The Signs of the Times*, 31 de Agosto de 1888.

Acerca de Daniel e dos Seus três amigos lemos: “Tivessem eles se comprometido com o erro neste caso rendendo-se à pressão das circunstâncias, e este abandono do princípio ter-lhes-ia enfraquecido o senso do direito e sua capacidade de aborrecer o erro. O primeiro passo errado tê-los-ia levado a outros, de maneira que, cortada sua ligação com o Céu, eles seriam varridos pela tentação.” *Profetas e Reis*, 483.

Podemos estar muitos gratos por Daniel e os seus três amigos tomarem uma posição humilde, aberta e firme perante o rei logo no início da sua permanência em Babilónia. Na verdade, os seus princípios foram respeitados e o seu pedido satisfeito pelos oficiais do rei. Obviamente isto só foi possível porque eles fizeram o seu pedido com o amor de Deus no seu coração e com a presença do Espírito Santo nas suas vidas.

“‘Ora deu Deus a Daniel graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos.’ Este oficial viu em Daniel bons traços de carácter. Viu que ele estava a lutar por ser bondoso e prestável, que as suas palavras eram respeitadas e corteses, e as suas maneiras possuíam a graça da modéstia e da mansidão. Foi o bom comportamento do jovem que lhe ganhou o favor e amor do príncipe.” *The Youth’s Instructor*, 12 de Novembro de 1907. Vede também *The SDA Bible Commentary* 4:1167.

A instrução que nos é transmitida através deste pequeno grupo de fiéis é de imenso valor educacional de como responder quando enfrentamos o gigante babilónico. Ela mostra como escapar à terrível praga consumidora da apostasia quando o compromisso parece ser oportuno. Em resumo, é um maravilhoso livro que dá pormenores de como conseguir a preparação para lutar contra Babilónia a Grande e vencê-la completamente.

Quando os quatro fiéis foram confrontados com aquilo que o rei tinha em mente para eles, ajudados pelo ministério do Espírito Santo e guiados pelo seu grande conhecimento da lei de Deus, eles, foram capazes de correctamente compreender as implicações daquilo que todos estes planos significavam para si. Rapidamente discerniram que não podiam obedecer a Deus e ao rei e decidiram não participar da sua boa comida.

Quanto mais conhecedores formos dos mandamentos do Senhor, mais positiva e eficazmente pode o Espírito Santo guiar-nos no caminho em que devemos andar. Não podemos esperar que o Espírito Santo traga à nossa mente aquilo que nunca foi guardado na nossa memória. Todo aquele que põe de lado a Palavra de Deus e confia apenas nas suas próprias impressões, a que chama de guia do Espírito Santo, inevitavelmente se tornará um fanático. Um dos melhores exemplos disto é a desenfreada acção de Thomas Münzer que afirmava que a sua reforma era a verdadeira e não a de Lutero. Uma forte característica da sua posição era que não havia necessidade da palavra escrita. Ele declarou que tudo o que era necessário era a presença do Espírito Santo no interior, enquanto dispensava completamente os escritos sagrados. Notai estes pontos no seguinte parágrafo:

“Tomaz Münzer, o mais activo dos fanáticos, era homem de considerável habilidade, que, correctamente dirigida, o teria tornado apto para fazer o bem; não aprendera, porém, os rudimentos da verdadeira religião. ‘Possuía-o o desejo de reformar o mundo, e esquecia-se, como o fazem todos os entusiastas, de que a reforma deveria começar consigo mesmo’. Ibid., liv. 9, cap. 8. Ambicionava obter posição e influência e não estava disposto a ficar em segundo lugar, mesmo em relação a Lutero. Declarava que os reformadores, substituindo pela autoridade das Escrituras a do papa, estavam apenas estabelecendo uma forma diversa de papado. Ele próprio pretendia haver sido divinamente incumbido de introduzir a verdadeira reforma. ‘Aquele que possui este espírito’, disse Münzer, ‘possui a verdadeira fé, ainda que na sua vida nunca visse as Escrituras.’ Ibid., liv. 10 cap. 10””, *O Grande Conflito*, 155, 156.

A rejeição dos preceitos divinos, tanto pelos reformadores, como pelos sacerdotes ou potentados, conduzirá ao colapso da lei e da ordem, depois do que vem a anarquia e a carnificina. Assim aconteceu entre aqueles que foram apanhados pelas ideias de Thomas Münzer.

“Os ensinadores fanáticos entregaram-se à direcção das impressões, considerando todo o pensamento e impulso como sendo a voz de Deus; conseqüentemente iam a grandes extremos. Alguns queimavam mesmo a Bíblia exclamando: «A letra mata, mas o Espírito vivifica». O ensino de Münzer apelava para o desejo humano do maravilhoso, enquanto satisfazia o seu orgulho colocando virtualmente as ideias e opiniões dos homens acima da Palavra de Deus. As suas doutrinas eram recebidas por milhares de pessoas. Em breve denunciou toda a ordem no culto público, e declarou que obedecer aos príncipes era tentar servir simultaneamente a Deus e a Belial.

“O espírito do povo, começando já a arremessar o jugo do papado, estava-se também tornando impaciente sob as restrições da autoridade civil. Os ensinamentos revolucionários de Münzer, pretendendo sanção divina, levaram-nos a romper com todo o domínio e a soltar as rédeas aos seus preconceitos e paixões. Seguiram-se as mais terríveis cenas de sedição e contenda, e os campos da Alemanha embeberam-se de sangue.” *O Grande Conflito*, 156.

O salmista compreendeu perfeitamente este princípio do modo como lhe foi revelado por Deus. Ele sabia que ignorar a palavra escrita significava ser privado da correcta orientação em todos os assuntos da sua vida, fossem eles espirituais, mentais, materiais, ou morais. A lei e o testemunho são referências pelas quais todas as propostas devem ser examinadas. Aqui estão algumas palavras típicas a respeito deste conselho:

“Escondi a Tua palavra dentro do meu coração, para eu não pecar contra Ti.” *Salmo* 119:11.

“A exposição das Tuas palavras dá luz; dá entendimento aos símplices.” *Salmo* 119:130.

“Lâmpada para o meus pés é a Tua palavra, e luz para o meu caminho.” *Salmo* 119:105.

Havia mais do que um aspecto do plano real que o tornava inaceitável a quem quer que se entregasse a um completo serviço ao Rei do Universo. Havia o facto que o alimento era consagrado à idolatria. Além disso, muito dele era decididamente prejudicial à saúde. O aspecto da adoração dos ídolos será considerado em primeiro lugar, enquanto a questão da saúde será discutida no próximo capítulo.

“Logo no princípio de sua carreira veio-lhes uma decisiva prova de carácter. Fora determinado que eles comessem o alimento e bebessem o vinho que se servia na mesa do rei. Nisto o rei pensava dar-lhes uma expressão do seu favor e sua solicitude pelo bem-estar deles. Mas como uma porção do alimento era oferecida aos ídolos, o alimento da mesa do rei era consagrado à idolatria; e quem deles participasse seria considerado como estando a oferecer homenagens aos deuses de Babilónia. A tal homenagem a lealdade de Daniel e seus companheiros a Jeová lhes proibiu de participar. A simples simulação de haver comido o alimento ou bebido o vinho seria uma negação de sua fé. Proceder assim era enfileirar-se ao lado do paganismo e desonrar os princípios da lei de Deus.” *Profetas e Reis*, 481, 482.

Para o verdadeiro filho de Deus, a adoração de um ídolo é na realidade um exercício imprudente e sem sentido. Contudo, ninguém pode de ânimo leve ignorar este sistema de religião que penetrou em todo o aspecto e elemento da existência humana no Antigo Testamento. Os homens possuíam intelectos gigantes das mais variadas capacidades, e grande competência como homens de estado e administradores que colocavam a total confiança em deuses da sua própria criação. Mesmo o altamente inteligente Nabucodonosor e todos os seus homens sábios e poderosos atribuíam as vitórias aos seus ídolos através das quais ganharam domínio sobre todo o mundo. Vede *Profetas e Reis*, 479, 480.

Em toda a história de Babilônia, a maior ajuda para a sua confiança foi fornecida pela conquista daqueles que professavam ser leais ao verdadeiro Deus — o Deus de Israel. Nestes últimos dias da história da humanidade os ídolos de Babilônia a Grande estarão tão presentes e atrairão ainda mais a atenção e terão mais influência do que os ídolos do passado. Portanto, necessitamos identificar a sua presença e compreender exactamente como eles operam para desviar os homens e mulheres das verdades salvadoras para o erro condenatório. No sistema de idolatria de Babilônia é feito uso frequente de imagens esculpidas. Os sacerdotes e dirigentes afirmam que estas imagens não são em si mesmas os deuses do seu sistema religioso, mas são as representações visíveis dos deuses que sempre permanecem invisíveis. Contudo, afirmam que a adoração das próprias imagens é um dever. A razão apresentada é que isto ajuda os crentes a uma adoração ainda mais eficaz.

Notai como este argumento foi usado antes do dilúvio:

“Os homens daquela geração não eram todos, na mais ampla acepção do termo, idólatras. Muitos professavam ser adoradores de Deus. Pretendiam que seus ídolos eram representações da divindade, e que por meio deles o povo poderia obter concepção mais clara do Ser divino.” *Patriarcas e Profetas*, 92.

Tal como declarado anteriormente nestes capítulos, os princípios de Babilônia nunca mudarão enquanto ela existir. Portanto, ela será o que essa adoração idólatra for e também fará parte da sua religião tanto quanto no passado. E assim é. Pode não haver ídolo talhado em madeira ou esculpido em bronze, ouro, ou prata, mas a adoração idólatra está presentemente a exercer uma sinistra influência com efeitos ainda mais mortíferos.

“A História está-se repetindo. O mundo hoje tem seus Acabes e suas Jezabéis. O presente século é tão verdadeiramente um século de idolatria como aquele em que Elias viveu. Pode não haver nenhum sacrário externamente visível; pode não haver nenhuma imagem sobre que os olhos repousem, contudo milhares estão seguindo após os deuses deste mundo —riquezas, fama, prazeres e as agradáveis fábulas que permitem ao homem seguir as inclinações do coração não regenerado. Multidões têm uma errónea concepção de Deus e Seus atributos, e estão servindo a um falso deus tão verdadeiramente como o estavam os adoradores de Baal. Muitos, mesmo entre os que se declaram cristãos, têm-se aliado com influências que são inalteravelmente opostas a Deus e Sua verdade. Assim são levados a se afastarem do divino, e a exaltarem o humano.” *Profetas e Reis*, 177, 178.

Compreender como eles compreendiam que a adoração dos ídolos é o oposto de adorar o verdadeiro Deus e portanto incredulidade, Daniel e os seus três amigos não podiam comer da comida da mesa do rei, porque ou agradavam ao rei ou salvavam as suas vidas. Uma vez que uma porção representativa dessa comida tinha sido consagrada aos ídolos, participar de qualquer parte dela era afirmar que rejeitavam o verdadeiro Deus e os princípios de construção do Seu reino e aceitar os caminhos do homem.

A idolatria é a exaltação da humanidade acima da divindade, do homem acima de Deus. Isaías descreve isto do seguinte modo: “quem forma um deus, e funde uma imagem de escultura, que é de nenhum préstimo?” *Isaías* 44:10. Depois disto ele descreve os ferreiros que

fazem as suas próprias ferramentas e a seguir o carpinteiro que corta a árvore e usa a madeira de várias maneiras.

“Então servirão ao homem para queimar; com isto se aqueça e coze o pão; também faz um deus e se prostra diante dele; fabrica uma imagem de escultura e ajoelha diante dela.

“Metade queima no fogo, com a outra metade come carne; assa-a e farta-se; também se aqueça, e diz: Ora já me aqueci, já vi o fogo.

“Então, do resto, faz um deus, uma imagem de escultura: ajoelha-se diante dela, e se inclina, e ora-lhe, e diz: Livra-me, porquanto tu és o meu deus.” *Isaías 44:15-17*.

Desta mesma maneira o homem crê que se eleva a si próprio à posição de criador de deuses. Esta é uma posição que de facto não existe, porque não há quem tenha o poder ou a sabedoria para criar um deus. Mas, se de facto existisse, qual dos dois seria o maior, o deus, ou o criador de deuses que o moldou e deu existência?

É óbvio que o criador de deuses seria maior. A ele é atribuída a “elevada posição” em todo o mundo devido à sua “incrível capacidade” para esculpir deuses numa laje de mármore ou talhá-lo num pedaço de madeira. Todos os criadores de deuses afirmam ser os maiores e os melhores, e continuamente tentam provar isto contestando as afirmações de todos os outros. Quando um poderoso rei como Nabucodonosor derrotou os exércitos egípcios no campo de batalha, o monarca e os seus soldados atribuíram a vitória aos seus deuses que afirmavam serem mais poderosos do que os deuses dos egípcios. Para eles, essa foi uma grande glória, mas quão maior glória atribuíram a si próprios como criadores de deuses, quando venceram os hebreus!

“O facto de esses homens adoradores de Jeová, estarem cativos em Babilónia, e de os vasos da casa de Deus terem sido postos no templo dos deuses de Babilónia, era orgulhosamente citado pelos vencedores como evidência que sua religião e costumes eram superiores à religião e costumes dos hebreus. Embora por intermédio da própria humilhação que Israel chamara sobre si por haver-se afastado de Deus, Ele dera aos babilónios a prova de Sua supremacia, da santidade dos Seus reclamos e dos resultados certos da obediência. E este testemunho Ele deu, como unicamente poderia ser dado, por meio daqueles que Lhe foram leais.” *Profetas e Reis*, 479, 480.

Não há campo da actividade humana em que os criadores de deuses desta Terra não estejam continuamente a competir no seu desesperado esforço para estabelecer quem é o maior criador de deuses entre eles. Quando ele é descoberto, então está encontrado o maior ídola de todos.

Consideremos os testemunhos citados antes em *Profetas e Reis*, 177, 178, no qual é dada uma pequena lista de ídolos que os homens têm levantado em lugar da exaltação de Deus como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Aqui está uma lista:

“O presente século é tão verdadeiramente um século de idolatria como aquele em que Elias viveu. Pode não haver nenhum sacrário externamente visível; pode não haver nenhuma imagem sobre que os olhos repousem, contudo milhares estão seguindo após os deuses deste mundo — riquezas, fama, prazeres e as agradáveis fábulas que permitem ao homem seguir as inclinações do coração não regenerado. Multidões têm uma errónea concepção de Deus e Seus atributos, e estão servindo a um falso deus tão verdadeiramente como o estavam os adoradores de Baal. Muitos, mesmo entre os que se declaram cristãos, têm-se aliado com influências que são inalteravelmente opostas a Deus e Sua verdade. Assim são levados a se afastarem do divino, e a exaltarem o humano.” *Profetas e Reis*, 177, 178.

De acordo com a verdade estabelecida neste parágrafo, a busca de riquezas, fama, prazeres, fábulas agradáveis e a colocação da confiança num conceito errado acerca do carácter de Deus, são adorações de ídolos. Isto significa que a prostração perante uma imagem de um tipo ou

outro não causa em si mesmo grande mal à pessoa que o faz. O maior mal é causado pelo conceito que está por detrás da prostração. É este falso conceito acerca de Deus que forma o seu carácter e negativamente afecta o seu estilo de vida. Ao afirmar que tem o poder e a capacidade de fazer um deus poderoso a partir dos materiais sem vida, o criador de ídolos separa-se a si próprio do verdadeiro Deus e assim separa-se a si mesmo da vida. Lúcifer fez exactamente essa afirmação e foi por isso expulso do Céu. Daí foi banido até que por fim se destruirá a si próprio.

Por causa das questões ligadas à idolatria entre outras, Daniel e os seus amigos não podiam participar nem participaram da comida do rei. Eles compreenderam que dar qualquer lugar à idolatria era render as forças da luz aos poderes das trevas e assim dar a supremacia a Satanás.

Semelhantemente nestes últimos dias, devemos pelas mesmas razões rejeitar totalmente a idolatria sob todas as suas variadas formas sabendo que não podemos servir a Deus e ao diabo. Quando aprendemos a fazer isto tão fielmente como fizeram aqueles quatro hebreus fiéis, está assegurada a total vitória sobre Babilónia a Grande.

## Capítulo 18

### A Questão da Temperança

**T**al como foi declarado no capítulo anterior, a consagração da comida do rei à idolatria era em si mesmo razão suficiente para os quatro hebreus decidirem inequivocamente não comerem dela. Contudo, esta não foi a única consideração que determinou a sua tomada de posição. A segunda razão foi o facto que a comida servida na sala de jantar real não era de modo algum saudável. O vinho era intoxicante, a carne de porco e outras carnes declaradas como imundas pela lei de Moisés, faziam parte do alimento. A dieta babilónica não tinha restrições. Não havia distinção entre carne limpa e imunda como está estipulado pelas leis dadas através de Moisés. Vede *Levítico* 11 para verificar as classificações dos animais que se podiam e não podiam comer.

Embora Deus tivesse permitido que certas carnes fossem comidas, não significava que Ele pretendia que o plano permanecesse para sempre. Esta permissão não se aplica especialmente aos que serão trasladados da Terra para o Céu. “Entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, o comer carne será afinal abandonado; a carne deixará de fazer parte da sua alimentação.” *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 380, 381.

O conselho dado em *Levítico* 11 é realmente uma fase importante na passagem do povo de Deus de uma alimentação cárnea para a alimentação original. É digno de nota observar que, apesar d’Ele ter dado permissão por algum tempo para comer estas carnes “limpas”, o maná que escolheu pessoalmente para eles não tinha qualquer espécie de carne. O Senhor apenas deu carne ao povo quando este clamou tão ruidosamente por ela que Ele lhes permitiu terem o que queriam, mas a que tremendo custo.

Uma dessas ocasiões está relatada em *Números* 11:4-34 e aconteceu pouco depois de Israel ter saído do Monte Sinai a caminho de Cades Barneia. Levantaram-se em rebelião contra a alimentação não estimulante de maná fornecida pelo próprio Deus.

“Neste caso o Senhor concedeu ao povo aquilo que não era para seu melhor bem, porque muito o queriam. Não queriam submeter-se ao Senhor para receber as coisas que se demonstrassem para seu bem. Entregaram-se a sediciosas murmurações contra Moisés, e contra o Senhor, porque não recebiam os artigos que se demonstrariam ser um mal. Seu apetite depravado os controlava, e Deus lhes concedeu alimento cárneo, como desejavam, e deixou que sofressem as conseqüências da satisfação de seus apetites concupiscentes. Febres ardentes exterminaram grande número do povo. Os que mais culpados tinham sido em suas murmurações foram mortos logo ao provarem a carne que tinham desejado. Se se tivessem submetido a deixar que o Senhor lhes seleccionasse o alimento, e tivessem sido gratos e estado satisfeitos pelo alimento do qual podiam comer livremente sem se prejudicar, não teriam

perdido o favor de Deus, nem sido punidos pelas rebeldes murmurações, mediante a grande mortandade.” *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 377.

O alimento originalmente fornecido por Deus no Jardim do Éden era totalmente isento de carne. “Deus deu aos nossos primeiros pais o alimento que pretendia que a raça humana comesse. Era contrário ao Seu plano que se tirasse a vida a qualquer criatura. Não devia haver morte no Éden. Os frutos das árvores do jardim eram o alimento que as necessidades do homem requeriam. Deus não deu ao homem permissão para comer alimento animal, senão depois do dilúvio. Fora destruído tudo que pudesse servir para a subsistência do homem, e diante da necessidade deste, o Senhor deu a Noé a permissão de comer dos animais limpos que ele levava consigo na arca. Mas não era o alimento animal o artigo de alimentação mais saudável para o homem.” *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 373.

Depois do dilúvio, a permissão dada por Deus para comer carne era restrita. Por exemplo, eles deviam tomar muito cuidado para assegurar que todo o sangue fosse retirado. “A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.” *Gênesis* 9:4. Desde esse baixo ponto da história, Deus pretendeu conduzi-los de volta à alimentação original. O resultado final dessa obra será cumprido sob o poder do quarto anjo.

Esta obra de regresso total à verdadeira temperança foi retardada durante os anos em que Israel esteve na escravidão egípcia. O alimento dos israelitas durante esse longo período de escravidão não alcançava o padrão das normas divinas, porque ele continha alimentos estimulantes. A carne cozida nas panelas do Egito era a comida que eles gostavam de comer, porque é evidente que esse prato em particular foi o que mais sentiram falta depois de terem deixado o Egito. Declararam com muita convicção que preferiam morrer do que deixar os alimentos que incluíam carne. Tão grande era a sua loucura e espírito rebelde que milhares realmente morreram.

“Quando o Deus de Israel tirou o Seu povo do Egito, privou-os de alimento cárneo em grande medida, mas deu-lhes pão do Céu e água da dura rocha. Com isto não ficaram eles satisfeitos. Abominaram o alimento que lhes fora dado e desejaram voltar para o Egito, onde podiam sentar-se junto às panelas de carne. Preferiam suportar a escravidão, e até mesmo a morte, a serem privados da carne. Deus lhes satisfez o desejo, dando-lhes carne, e deixando-os comerem-na até que sua glotonaria gerou uma praga, em conseqüência da qual muitos morreram.” *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 148.

Se os israelitas tivessem compreendido os poderes físicos, mentais e espirituais que teriam desenvolvido em si se tivessem sido verdadeiramente temperantes em todas as coisas, podiam pelo menos ter sido menos veementes nos seus protestos contra terem sido privados de uma alimentação com carne. Quais seriam os resultados está descrito neste parágrafo:

“Houvessem eles estado dispostos a renunciar ao apetite em obediência a Suas restrições, e a fraqueza e a doença haveriam sido desconhecidas entre eles. Seus descendentes haveriam possuído força física e mental. Haveriam tido claras percepções da verdade e do dever, agudo senso de discriminação, e são juízo. Eles, porém, eram contrários a se submeterem às reivindicações de Deus, e falharam em atingir a norma por Ele estabelecida, e em receber as bênçãos que poderiam haver possuído. Murmuraram por causa das restrições do Senhor, e cobiçaram as panelas de carne do Egito. Deus concedeu-lhes a carne mas esta se demonstrou uma maldição para eles.” *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 378.

Que maravilhosa vida teriam levado à medida que as gerações que se sucedessem aceitassem o legado para seu próprio benefício; que filhos maravilhosos teriam nascido; que radiante saúde teria sido a sua; e que glorioso testemunho e influência cristã teria brilhado neles! Em vez disso, preferiram sentar-se junto às panelas de carne do Egito e perderem as incríveis bênçãos que os esperava.



Quando chegaram à Terra Prometida, melhores hábitos alimentares tinham aparentemente sido estabelecidos entre eles, porque está escrito que a permissão teve efeito temporário. “Foi unicamente devido a seu descontentamento e murmuração em torno das panelas de carne do Egito, que lhes foi concedido alimento cárneo, e isto apenas por pouco tempo. Seu uso trouxe doença e morte a milhares.” *A Ciência do Bom Viver*, 311. (itálico acrescentado.)

Depois de se terem estabelecido em Canaã, o plano de Deus era que levassem o evangelho a todo o mundo e preparar todos os que desejavam a Sua vinda. Era esse o propósito de Deus ao estabelecê-los na Terra Prometida.

“Nos dias de Salomão o reino de Israel se estendera desde Hamate ao Norte, até o Egito ao Sul, e do Mar Mediterrâneo ao rio Eufrates. Através deste território corriam muitas vias naturais do mundo comercial, e as caravanas das terras distantes transpunham-nas constantemente. Assim foi dada a Salomão e a seu povo oportunidade para revelar aos homens de todas as nações o caráter do Rei dos reis, e ensinar-lhes reverência e obediência a Ele. A todo o mundo devia ser dado este conhecimento. Mediante o ensino contido nas ofertas sacrificais, Cristo devia ser exaltado perante as nações, para que todo o que desejasse pudesse viver.” *Profetas e Reis*, 70, 71.

“Todo aquele que, como Raabe, a cananita, e Rute, a moabita, tornassem da idolatria para o culto ao verdadeiro Deus, deviam unir-se ao Seu povo escolhido. À medida em que o número dos israelitas crescesse, deviam eles ampliar suas fronteiras, até que o seu reino envolvesse o mundo.” *Profetas e Reis*, 19.

Mas a apostasia tomou o lugar do testemunho da justiça, e com ela o regresso da alimentação cárnea. Todavia, no meio desta apostasia, Deus estava a preparar as Suas testemunhas para o confronto com Babilónia. Preparação significa reforma e uma parte da reforma implica regressar à alimentação original. Daniel e os seus amigos colocaram as suas vidas em harmonia com a luz da temperança que Deus tinha dado. Assim, quando confrontados com as exigências do rei, a comida que os quatro escolheram foi legumes, um produto de origem totalmente vegetal. A sua alimentação no passado era constituída por alimento saudável, e determinaram que assim continuaria a ser no futuro.

“Quando Daniel e os seus três companheiros foram colocados perante a prova, colocaram-se totalmente do lado da justiça e da verdade. Não se moveram caprichosamente, mas inteligentemente. Decidiram que assim como o alimento cárneo não entrou na sua alimentação no passado, também não deveria ser incluído na sua dieta futura, e como o vinho havia sido proibido a todos os que entrassem no serviço de Deus, determinaram que não participariam dele.” *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1166, 1167.

“E, ao fim dos dez dias, apareceram os seus semblantes melhores; eles estavam mais gordos do que todos os mancebos que comiam da porção do manjar do rei. Desta sorte, o despenseiro tirou a porção do manjar deles, e o vinho que deviam beber, e lhes dava legumes.’ Os simples legumes e a água, que eles tinham pedido logo no início, foi desde essa altura a comida de Daniel e seus companheiros.” *the Youth’s Instructor*, 12 de Novembro de 1907.”

Uma vez na corte onde a situação exigia uma decisão firme da parte deles, os quatro fiéis resolveram não obedecer à ordem do rei tendo como base que a obediência significava juntar-se aos babilónios nas suas práticas idólatras. Além do mais, obedecer ao rei era desobedecer a tudo o que lhes tinha sido ensinado sobre os princípios da temperança. Ao chegarem a Babilónia, compreenderam melhor do que nunca que a sua protecção para não serem vencidos pelo gigantesco poder de Babilónia dependia da sua força intelectual. Este era um factor essencial no discernimento do inimigo nos seus enganos muito inteligentes. Era uma situação em que aparentemente não podiam pensar em ser vencidos, porque parecia que nunca mais teriam uma segunda oportunidade. Antes de obterem a vitória na batalha final contra o pecado no rei Nabucodonosor, Daniel e os seus três amigos tinham que vencer tudo aquilo que estava

no caminho. Algumas dessas lutas eram questões de vida ou morte onde nenhum dos lados podia de algum modo ficar comprometidos.

O livro de Daniel é um livro de profecias. Todas as suas histórias serão repetidas, não em pormenores materiais, mas em questões de princípio. Tal como a intemperança e a idolatria impediam o desenvolvimento da mente e da alma dos homens daquela altura, assim é hoje e assim será durante a batalha final. Assim como Daniel e os seus amigos não podiam ter sequer um fracasso no seu confronto com Babilónia, assim o povo de Deus que enfrenta a Babilónia final tem que sair vitorioso de todas as batalhas. Será um tempo muito solene. A nossa tarefa é a tarefa de finalizar aquilo que os reformadores protestantes começaram.

A Reforma começou em resultado do ministério de John Wycliffe na Inglaterra no século XIV. Este foi seguido pela obra de Huss e Jerónimo no século XV e Martinho Lutero no século XVI. Depois veio o ministério de John Wesley no século XVIII e da mensagem do primeiro e do segundo anjo no século XIX. Durante a mensagem do primeiro anjo Deus tinha dirigido as mentes do Seu povo para as profecias de *Daniel* 8 e 9, mas nada falou acerca da reforma alimentar. Foi somente depois do grande desapontamento que Deus guiou o Seu povo para o assunto da temperança como parte da sua preparação para o segundo advento. É aqui enfrentada uma grande obra à medida que o mundo mergulha rapidamente mais e mais profundamente na corrupção física, mental e espiritual.

O poder do evangelho tal como ele residia em Daniel e nos seus três amigos era tão grande que literalmente eles mudaram a história do mundo. Assim será de novo. Esta não será uma tarefa simples. Satanás sabe que dificilmente haverá algo mais importante para nós do que aprender a controlar os apetites e as paixões. Através da intemperança ele trabalha para destruir a capacidade do homem e o desejo de detectar os seus ardis e resistir-lhes.

“De todas as lições a aprender da primeira grande tentação de nosso Senhor, nenhuma é mais importante do que a que diz respeito ao domínio dos apetites e paixões. Em todos os séculos, as tentações mais atraentes à natureza física têm sido muito bem sucedidas em corromper e degradar a humanidade. Satanás opera por meio da intemperança para destruir as faculdades mentais e morais concedidas por Deus ao homem como inapreciável dom. Assim torna-se impossível ao homem apreciar as coisas de valor eterno. Através de condescendências sensuais, ele procura apagar na alma todo o traço de semelhança com Deus.

“As satisfações não controladas da inclinação natural e a conseqüente enfermidade e degradação que existiam no tempo do primeiro advento de Cristo, existirão de novo, com intensidade assoladora, antes da Sua segunda vinda. Cristo declara que as condições do mundo serão como nos dias anteriores ao dilúvio e como em Sodoma e Gomorra. Todas as imaginações dos pensamentos do coração serão más continuamente. Vivemos no limiar daquele tempo terrível e convém-nos aprender a lição do jejum do Salvador. Só através da inexprimível angústia suportada por Cristo podemos avaliar o mal da própria satisfação irrefreada. O Seu exemplo declara-nos que a nossa única esperança de vida eterna, é manter os apetites e paixões sob sujeição à vontade de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 124.

João Baptista é outro profeta que revela o lugar que a temperança deve ter na preparação de um povo para o segundo advento de Cristo. A sua vida foi consistente com as suas palavras. Sabemos isto porque nenhuma pessoa pode com sucesso levar os homens a abandonarem a indulgência com os apetites e paixões a menos que ele próprio esteja verdadeiramente liberto de tais excessos. Este é um campo em que a hipocrisia trará um fracasso garantido.

O testemunho do modo como Daniel enfrentou a questão confirma a verdade deste princípio. Ele enfrentou o assunto de modo aberto, honesto e de facto, perante os oficiais que estavam encarregados deles. Não praticou qualquer engano. Em troca obteve retribuição nos seus próprios termos — sem hipocrisia. Isto era algo que aqueles oficiais não podiam fazer sem trair as ordens dos governantes e dos outros oficiais. Cativados pela sua manifesta integridade

e honestidade, sentiram que podiam negociar com confiança qualquer acordo com os quatro fiéis.

Consideremos agora certos aspectos da obra de João Baptista como precursor do primeiro advento de Cristo e comparemos estes com a obra a realizar pelo povo de Deus que antecederá a segunda vinda de Cristo. Um dos aspectos é a santidade. A fim de chegar a um elevado estado espiritual, uma pessoa deve ser estritamente temperante em todas as coisas em todos os momentos.

“João devia ir como mensageiro de Jeová, para levar aos homens a luz de Deus. Devia imprimir-lhes nova direcção aos pensamentos. Devia impressioná-los com a santidade dos preceitos divinos, e com a necessidade que tinham de receber a Sua perfeita justiça. Esse mensageiro tem que ser santo. Precisa de ser um templo para a presença do Espírito de Deus. A fim de cumprir a sua missão, deve ter sã constituição física, bem como resistência mental e espiritual. Era, portanto, necessário que regesse os apetites e paixões. Deveria ser de tal modo capaz de dominar as suas faculdades, que pudesse estar entre os homens, tão inabalável ante as circunstâncias ambientais, como as rochas e montanhas do deserto.” *O Desejado de Todas as Nações*, 98.

Notai a lista das qualificações exigidas.

- Tinha que ser santo.
- Tinha que ser cheio do Espírito Santo.
- Tinha que ter uma constituição física sã.
- Tinha que possuir resistência mental e espiritual.
- O resultado da posse destas capacidades foi o poder para ficar tão inabalável ante as circunstâncias ambientais, como as rochas e montanhas do deserto.

Mas não há nem nunca houve homem algum que pudesse alcançar estes níveis de excelência sem levar uma vida de estrita temperança. Eles têm que ser homens semelhantes a Daniel, seus três companheiros, João Baptista e Jesus Cristo. Têm que ser capazes de fazer a obra que lhes foi atribuída porque possuem o nível destes padrões. As suas vidas dão um irrefutável testemunho da verdade que a obra de Deus neste mundo de pecado e intemperança será realizada unicamente por aqueles que têm completo domínio sobre si mesmos.

Esta verdade foi fortemente desafiada pelos babilónios que se opuseram e rejeitaram a relação da estrita temperança com os grandes feitos. Eles argumentaram que a intemperança dos babilónios conquistou o mundo ao passo que os israelitas tinham sido conquistados. É verdade que os babilónios conquistaram o mundo, mas isso não provou nada no que respeita a comer carne ou ser intemperante. Tal como vimos, Israel tinha-se afastado destes princípios de temperança. Portanto, a única conclusão verdadeira apenas podia ser tirada pelo confronto entre os quatro fiéis e Babilónia.

A noção popular que prevalece até hoje é que “a carne de vaca ou carneiro” é a comida para os fortes e saudáveis; os rápidos e inteligentes. Esse era o conceito acalentado nas mentes dos babilónios. Quando Daniel propôs que lhes dessem legumes e água em vez de carne e vinho, o despenseiro exprimiu as suas convicções que eles teriam um parecer tão pobre que o rei seguramente notaria a diferença. Ao tomar conhecimento que a razão para a sua palidez era o resultado impensável dos legumes e da água na terra da carne de vaca e vinho, o rei certamente executaria o oficial. O despenseiro considerou o risco demasiado grande para desafiar os preconceitos estabelecidos por tanto tempo acalentados.

Todavia, Daniel tinha absoluta fé em Deus. Esta fé foi confirmada pelos resultados da aplicação destas verdades na sua própria vida. Ele estava preparado para enfrentar qualquer desafio lançado contra essa palavra. Assim aconteceu que ele e os outros três chegaram à rápida conclusão que não podiam participar da provisão do rei.

“E Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto, pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar.” *Daniel* 1:8.

Com essa positiva decisão começou a batalha na corte do rei Nabucodonosor entre Israel e Babilónia — entre as verdades de Deus e as mentiras de Satanás. Havia dois Israel com quem Babilónia estava envolvida embora visse apenas um. Aquele que Babilónia conhecia como Israel era o conjunto de doze tribos completamente apostatadas que podiam traçar a sua linha de descendência até Abraão. Nada sabiam da justiça e estavam espalhados por todo o mundo. O rei não compreendia quem constituía o verdadeiro Israel. Não sabia que depois do povo de Deus ter entrado na completa apostasia tinha na realidade renunciado ao nome de Israel e aceite o nome de Babilónia.

Sob todas as aparências, Deus tinha perdido a causa. Israel já não possuía qualquer exército nem a capacidade para constituir um. As suas terras tinham sido despovoadas. Todos os seus preciosos tesouros tinham sido seguramente guardados longe deles sob o controlo de Babilónia. Israel estava completamente sem poder. Nada havia que Israel pudesse fazer para se restabelecer como uma força real para fazer a vontade de Deus.

Mas tudo estava longe de estar perdido. Pelo contrário, este era o tipo de situação que dava a Deus a oportunidade de Se revelar como perfeito e completo Solucionador de problemas, Planeador e Sofredor. Este é o tipo de revelação necessária ao Seu povo precisamente até ao fim para dizer exactamente como Ele tratará com o homem do pecado e como obterá a vitória final sobre as forças do mal. No insignificante incidente da carne e do vinho naquela altura, somos capazes de aprender um aspecto de como isto será realizado.

## Capítulo 19

# A Vitória É do Senhor

**C**hegámos agora ao ponto no estudo de Daniel o profeta em que teve lugar o primeiro confronto entre as poderosas forças das trevas e as forças mais poderosas do verdadeiro povo de Deus. Embora Daniel e os seus três amigos ainda não pudessem ver como tudo se passaria, estava perante eles uma série de ininterruptas vitórias como estava prometido:

“E apesar do fruto de muitos dos seus labores não serem visíveis nesta vida, os obreiros de Deus têm a Sua segura promessa do sucesso final. Como Redentor do mundo, Cristo foi constantemente confrontado com o aparente fracasso. Parecia que Ele fazia pouco da obra que desejava fazer para elevar e salvar. Agentes satânicos estavam constantemente a obstruir o Seu caminho. Mas Ele não Se deixaria desencorajar. Viu sempre perante Ele o resultado da Sua missão. Sabia que a verdade por fim triunfaria no conflito com o mal e disse aos Seus discípulos: ‘Estas coisas vos digo, para que tenhais paz. No mundo tereis tribulações: mas tende bom ânimo; vencereis o mundo.’ João 16:33. A vida dos discípulos de Cristo deve ser como a Sua, uma série de ininterruptas vitórias, não vistas desse modo aqui, mas reconhecidas como tal no grande dia futuro.” *Testimonies for the Church*, 6:307.

Foi assim que Daniel e os seus três companheiros enfrentaram o primeiro acontecimento da batalha, tinham as invisíveis mas poderosas forças da justiça com que enfrentar e vencer os poderes da trevas. Não entraram no conflito esperando que pudessem alcançar a vitória, mas sabendo que ela já estava ganha. Sabiam que era assim porque a verdade de Deus é invencível. Também compreenderam e creram que a vinda do Redentor ratificaria a vitória em seu favor. Esta vitória já era realmente sua pela fé, porque Satanás já era então um inimigo vencido.

Este conhecimento da parte daqueles quatro jovens foi crucial para o seu sucesso no confronto com Babilónia, esse grande sistema de contrafacção da religião. Eles tinham que saber exactamente o que Babilónia era e que ela já tinha sido vencida. Este mesmo princípio deve ser compreendido pelos que defrontarão e vencerão a besta e a sua imagem. É fundamental que eles sejam capazes de discernir com exactidão a presença do grande anticristo final. Isto vai exigir capacidade para penetrar os seus disfarces, reconhecer o lobo na pele de ovelha. Devem entrar nesse terrível confronto sabendo que a vitória foi ganha para eles no Calvário e que lhes foi oferecida como um dom. Satanás não reconhece e não reconhecerá isto, mas luta como se tudo estivesse completamente bem para o seu lado. É uma segurança para nós que o grande conflito seja entre Cristo e Satanás e que Cristo já derrotou o nosso grande inimigo.

“Daí em diante os seguidores de Cristo considerariam Satanás como um inimigo vencido. Na cruz Jesus havia de alcançar a vitória por eles; essa vitória Ele desejava que eles a aceitassem

como sua própria. ‘Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do inimigo e nada vos fará dano algum.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 533, 534.

Porque é que é tão importante saber que o Senhor já alcançou a vitória e que não nos cabe a nós ganhá-la?

A fim de dar a resposta a esta pergunta, devemos compreender que há duas formas de lutar para alcançar os nossos objectivos. Uma pertence ao reino de Satanás. Os princípios de operação usados por ele e seus seguidores para alcançar os seus fins são força, engano, extorsão, exigência em vez de solicitação, luta pelos seus direitos à custa dos outros, etc. Os que pertencem ao reino de Satanás usam estas armas nas suas guerras contra o povo de Deus. Juntando a isto usam estas tácticas nas suas guerras uns contra os outros. Lembrai sempre que o reino de Satanás é um reino dividido. Portanto, não podeis esperar encontrar ali a suave unidade que se encontra apenas em Cristo.

Há outra forma de luta utilizada pelos filhos do reino de Deus. As armas usadas nesta luta são as opostas às utilizadas no reino de Satanás. O elemento principal das armas divinas é o poder triunfante da verdade e do amor.

O factor que leva o povo de Deus a travar a luta do reino das trevas é o medo de perderem o que perderão se não lutarem desta forma. O medo leva-nos sempre a lutar de acordo com os procedimentos de Satanás. Se quisermos ser libertos desse tipo de luta, precisamos do amor de Deus. “No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor...” *1João 4:18*.

“Os que são lançados em conflito com os inimigos da verdade têm de enfrentar, não só homens, mas Satanás e os seus agentes. Lembrem-se das palavras do Salvador: ‘Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos.’ Lucas 10:3. Descansem no amor de Deus, e o espírito permanecerá calmo, mesmo quando pessoalmente maltratados. O Senhor os revestirá com a armadura divina. O Seu Santo Espírito há-de influenciar a mente e o coração, de modo que as suas vozes não hão-de assemelhar-se ao uivo dos lobos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 376.

Os que sabem que o Senhor já tem a vitória não necessitam de lutar como Satanás luta. Eles descansam certos que a vitória é sua e por esta razão podem permitir-se usar unicamente o amor e a verdade como armas. Podem ser apenas delicados e pedir por favor em vez de exigir que sejam tratados “como merecem”.

Notai cuidadosamente como Daniel abordou a questão da carne e do vinho do rei. “E Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto, pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar.” *Daniel 1:8*. Daniel podia ter exigido que esta regra fosse respeitada, mas em vez de exigir, gentilmente pediu a consideração favorável dos seus princípios. Daniel usou a mesma linguagem quando mais tarde falou com o despenseiro Melzar. “Experimenta, peço-te, os teus servos, dez dias, fazendo que se nos dêem legumes a comer, e água a beber.” *Daniel 1:12*. Aceitando completamente o papel de servo como fez Jesus, Daniel era contudo senhor da situação, pois sabia que era livre para não comer da carne do rei nem beber do seu vinho. “... Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.” *2Coríntios 3:17*.

O rei Nabucodonosor tinha por seu lado muito pouco conhecimento do significado daquilo que estava a acontecer na sua corte, no próprio coração do seu reino. Não sabia que havia dois Israel, o apostatado que tinha sido conquistado e o verdadeiro que no próprio centro de Babilónia ainda não tinha sido vencido. Ele não sabia que o Senhor dos exércitos cavalgava à cabeça deste exército.

Mas ele não podia sabê-lo porque nesta altura ainda não lhe tinha sido dado conhecimento a respeito da verdade acerca destas questões. Era preciso muito ministério de amor da parte de Deus através de Daniel antes dos olhos do seu entendimento serem abertos ao ponto de correctamente avaliar os acontecimentos da sua vida e das vidas dos conquistadores que viveram antes dele. Por outro lado leu muito mal a história e viu as coisas de forma muito

diferente daquilo que elas eram. Portanto, o uso das armas contra o Rei dos reis, era para ele uma questão relativamente pouco importante, mas de grandes consequências aos olhos de Deus.

Tomemos algum tempo para considerar uma das lições que a história tinha para dar nesta altura. A rebelião do Egito contra Deus e as desastrosas consequências que se seguiram é um exemplo do resultado da causa e do efeito na construção de um reino. Os prejuízos do Egito bem como o completo fracasso de muitas nações poderosas, permitiu que Deus tivesse um livro de estudo para os assim chamados conquistadores do mundo. Esta mensagem da história é demasiado clara para ser mal compreendida, contudo ela é mal compreendida. Algumas pessoas chegam mesmo ao ponto de acusar Deus de ser arbitrariamente injusto na forma como tratou o Faraó que governava no tempo de Moisés. Assim a advertência continuou desatendida.

Sob a inspiração do Espírito Santo, Paulo revela a verdadeira interpretação do tratamento de Deus com o monarca rebelde. Aqui estão as suas declarações explicativas a respeito do tratamento do Onnipotente com o Faraó:

“Que diremos pois? que há injustiça da parte de Deus? de maneira nenhuma.

“Pois dizia Moisés: ‘Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia.’

“Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece.

“Porque diz a Escritura a Faraó: ‘Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.’

“Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer.

“Dir-me-ás, então; ‘Por que se queixa ele ainda? ‘Porquanto, quem resiste à sua vontade?’

“Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: ‘Por que me fizeste assim?’

“Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para, da mesma massa, fazer um vaso para honra e outro para desonra?

“E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou, com muita paciência, os vasos da ira, preparados para a perdição;

“Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou.” *Romanos 9:14-23.*

No tratamento de Deus com o Faraó e no uso deste caso para afirmar que tem um perfeito carácter de amor, era absolutamente essencial que Ele fosse aquilo que eternamente tem sido — justo em todos os Seus caminhos. Mais do que isso, Ele tem que ser visto como tal. Infelizmente para o rei do Egito, as trevas cobriram a sua mente apesar do grande esforço da parte de Deus para revelar-Se como o Deus da verdade. A resposta do orgulhoso monarca foi teimosamente permanecer como estava. Tragicamente para ele, a misericórdia não mais podia ser encontrada nesse lugar. Deus é um Deus de misericórdia, mas não pode perdoar aos que não se arrependem. De modo algum “... ao culpado não tem por inocente...” *Êxodo 34:7.* Embora a misericórdia de Deus em si não termine, apenas pode ser recebida por aqueles que cumprem as condições divinamente apresentadas. Deus é capaz de ter acesso apenas aos que satisfatoriamente cumprem as condições necessárias e podem receber a Sua misericórdia e compaixão. O homem é demasiado egoísta e curto de vistas para julgar nas questões que são tão importantes para a salvação pessoal individual.

O rei do Egito era um monarca excepcionalmente rebelde. O rei Nabucodonosor do mesmo modo se orgulhava de ser um duro chefe invencível. Foi um monarca que não se rendeu a ninguém, muito menos a um Deus invisível. Contudo, chegou a altura em que foi verdadeiramente convertido como o Faraó podia ter sido.

Para alguns, a explicação de Paulo faz parecer que o Faraó foi privado da sua escolha pessoal em toda a questão, mas não é assim. Os factos são que ele foi completamente livre de escolher se serviria ou rejeitaria Deus. Podemos estar certos disso, caso contrário a Bíblia devia ser mudada para ler:

“Porque Deus amou o mundo [excepto o Faraó, rei do Egipto], de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” *João* 3:16.

Perante Faraó estava a escolha de aceitar o evangelho ou rejeitá-lo. Qualquer que fosse a escolha, o poder de Deus seria manifestado. Quando ele escolheu rejeitar as mensagens de amor de Deus, nada havia que fizesse recuar o terrível poder da natureza fora do directo controlo de Deus que se manifestou sob a forma de dez pragas destruidoras. Mesmo assim este poder da natureza que não estava sob o controlo de Deus nessa altura, continua a ser chamado o “poder de Deus” porque ele tem origem em Deus com o propósito de abençoar.

Por outro lado, o Faraó podia ter escolhido arrepender-se e nesse caso o poder de Deus teria sido poderosamente demonstrado na sua conversão e obras de justiça a partir dessa altura. A escolha foi do Faraó, não de Deus. Para uma explicação disto, vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, por F.T. Wright, no capítulo intitulado “Varas e Serpentes”.

Quando as acções de Deus em relação ao Faraó são correctamente entendidas, será claramente visto que Ele tinha realmente mostrado misericórdia para com o potentado egípcio. Vez após vez Ele acabou com a praga que estava a destruir a nação assim que um sinal de arrependimento foi mostrado, mesmo apesar da promessa de mudança para a obediência durar pouco tempo.

No caso da praga da saraiva, Deus descreveu a natureza da praga antes e avisou-os para que se protegessem bem como ao seu gado. Vede *Êxodo* 9:13-35. Assim Deus procurou minimizar em vez de maximizar os efeitos da destruição.

Quão lamentável é que os homens tenham lido de forma errada o livro da história que revela o carácter de Deus de amor e misericórdia. Satanás sabe que rapidamente perderá os seus seguidores quando eles virem Deus exactamente como Ele é. Portanto, precisa de os manter enganados. Satanás é identificado como aquele que engana todo o mundo, uma obra que empreendeu com grande sucesso.

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.” *Apocalipse* 12:9.

Excepto em casos extremos de possessão demoníaca, Satanás pode controlar os seus seguidores apenas pela persuasão e engano. Muitos deles são pessoas poderosas, com vontade forte, educação elevada e disciplinadas que não estão interessadas na causa de Satanás mas na sua própria causa. Os seus objectivos pessoais algumas vezes provocam grande dano aos interesses ambiciosos de Satanás embora não estejam conscientes disto.

No que respeita a Satanás, o objectivo é unicamente o domínio mundial e nada menos do que isto o satisfará. Mas outros poderes se têm levantado durante a história da humanidade cada um tendo o seu objectivo. O rei Nabucodonosor foi um deles. Ele era forte, inteligente e ambicioso. Que ele era inteligente é evidente pelo facto de ter pessoalmente examinado os estudantes no final dos seus cursos. Ele era capaz de avaliar o conhecimento de cada um e determinar que posição deviam ter na administração do reino. Por isso está escrito:

“E o rei falou com eles; e entre todos eles não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael, e Azarias; por isso, permaneceram diante do rei.

“E em toda a matéria de sabedoria e de inteligência, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino.” *Daniel* 1:19, 20.



Que ele era bastante ambicioso é revelado pela conquista das nações do seu tempo, seguida da sua autoridade de ferro sobre elas. Um exemplo disto é dada pelo rígido édito para que todas as nações na Terra obedecessem a Deus depois da libertação de Mesaque, Sadraque e Abednego da terrível fornalha. “Por mim, pois, é feito um decreto, pelo qual todo o povo, nação e língua que disser blasfémia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas um monturo; porquanto não há outro Deus que possa livrar como este.” *Daniel* 3:29.

Apesar do facto do rei Nabucodonosor possuir a capacidade de governar, estava a operar sob ideias e princípios errados. As suas decisões como conquistador e construtor de nações foram feitas nas trevas da má interpretação da história. Portanto, embora no início houvesse algum sucesso na sua causa, inevitavelmente seguir-se-ia o completo fracasso.

Voltemos agora aos quatro jovens hebreus. Quando a frente de batalha se abriu, eles tinham convicções firmes. Sabiam em que acreditar, sabiam que isso era a verdade e estavam determinados, mesmo com custo da própria vida, a não desistir da verdade. Eles compreendiam que, por si e em si mesmos, não tinham esperança de se manterem firmes. Sentindo a sua completa incapacidade, tinham através de uma vida de comunhão com Deus, desenvolvido em si um poder considerável. Nisto foram uma cópia daquilo que Cristo também foi quando esteve na Terra:

“Em Cristo, o grito da humanidade chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem suplicava ao trono de Deus, até que a Sua humanidade estivesse carregada com a corrente celestial com a qual pudesse unir a humanidade à divindade. Mediante a comunhão contínua recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. A Sua experiência deve ser a nossa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 388.

À medida que entramos no nosso conflito com Babilónia a Grande, necessitamos de compreender os princípios revelados neste testemunho. Ele retrata dentro de nós próprios a existência de um poder que se tornou parte de nós e através do qual podemos conquistar todas as forças que se colocam na nossa frente.

Jesus cuja experiência deve ser a nossa, dá-nos consecutivos exemplos deste princípio de operação. Aqui estão alguns deles:

Nas praias dos gadarenos dois loucos avançaram contra Cristo e Seus discípulos com a intenção de lhes causar danos físicos. Os discípulos fugiram a fim de protegerem as suas vidas deixando Jesus enfrentar os endemoninhados sozinho. Pelo poder vivo que estava dentro de Si e que havia sido adquirido através das muitas horas nocturnas de comunhão com Deus, levantou a Sua mão e deteve estes homens no seu trajecto. Cristo não só os libertou mentalmente, como lhes trouxe também a libertação espiritual. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 359-364.

Depois houve a ocasião em que Cristo sozinho expulsou dos pátios do templo os avarentos compradores e vendedores. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 159-170.

Na noite em que foi preso no Jardim do Getsemâne, primeiro permitiu que fossem atadas as Suas mãos, depois com a mesma facilidade libertou-se a fim de curar a orelha do servo. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 754, 755.

Depois há exemplos de poderosos confrontos entre os homens de Deus e os poderes das trevas. Um exemplo proeminente disto são os encontros de Moisés e Arão com o Faraó. Eles entraram e saíram da sua presença sem que o altivo monarca tivesse poder para os deter. Este foi um caso em que dois homens com o poder de Deus estiveram face a face contra as forças armadas mais poderosas da Terra desse tempo. Contra esse poder o poderoso rei do Egipto não tinha defesa.

Uma defesa invencível como esta está ao dispor daqueles que afastaram todo o pecado conhecido e passam o tempo necessário em profunda comunhão pessoal com Deus. Então Deus pode com sucesso usá-los no confronto com os agentes das trevas.

Foi por estarem tão poderosamente cheios do poder de Deus, que Daniel e os seus amigos podiam com tanta confiança e sucesso enfrentar o rei de Babilónia. Eles avançaram armados com a verdade e o amor. Era tudo o que necessitavam. Quando Deus avança para a guerra em justiça, aquelas são as armas com que Ele vence os Seus inimigos.

Portanto, quais são as puras e poderosas verdades que eram factores predominantes na atribuição da vitória de Deus e Seu povo? Uma é que somente a verdade de Deus tem poder para vencer eternamente. Não há poder duradouro para vencer a adoração idólatra como o rei pensava que havia. Outra verdade é que os alimentos criados originalmente para o homem são os melhores, não os alimentos cárneos e as bebidas intoxicantes. Sobre estes pontos foram travadas as grandes batalhas entre Deus e a colossal Babilónia.

À medida que se aproximava a hora de crise, Daniel e os três fiéis já tinham entregue o difícil problema ao Senhor. Deus respondeu com um plano que claramente venceu esta primeira batalha. Eles começaram o confronto com o vantajoso ponto de serem abençoados com a graça e misericórdia do chefe dos eunucos, como está escrito, “ora deu Deus a Daniel graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos”. *Daniel* 1:9.

Não era um caso do príncipe fazer de Daniel um favorito pessoal. Pelo contrário, a sua boa relação era fruto do espírito e comportamento amável de Daniel. A sua vida era de constante e íntima comunhão com Deus. Essa vida é rodeada de uma atmosfera de luz e paz. A vida de Daniel respirava fragrância e revelava um poder divino que tocava o coração dos homens. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 388. O príncipe dos eunucos estava a ser atraído para Deus por esta santa influência. Não somos informados do ponto a que ele chegou, mas esperamos que fosse totalmente convertido.

Quando Daniel e os seus três amigos pediram que lhes fosse permitido comer como vegetarianos, o príncipe dos eunucos exprimiu a sua preocupação quanto aos resultados que o colocariam em perigo. “E disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que veria ele os vossos rostos mais tristes do que os dos mancebos que são vossos iguais? assim arriscareis a minha cabeça para com o rei.” *Daniel* 1:10.

Esse foi um convite directo à prova da fidelidade ou pelo contrário crerem que a carne e o vinho eram apropriados para consumo humano. Daniel propôs imediatamente que o assunto fosse sujeito a uma prova de dez dias. “Então disse Daniel ao despenseiro, a quem o chefe dos eunucos havia constituído sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias: ‘Experimenta, peço-te, os teus servos, dez dias, fazendo que se nos dêem legumes a comer, e água a beber. Então se veja diante de ti o nosso parecer e o parecer dos mancebos que comem a porção do manjar do rei, e, conforme vires, te hajas com os teus servos.’ E ele conveio nisto, e os experimentou dez dias.” *Daniel* 1:11-14.

Os resultados foram bastante conclusivos. Os vegetarianos estavam claramente em melhores condições do que eram os consumidores de alimentos cárneos e bebidas intoxicantes. Em adição, todos tinham suportado a terrível marcha de Jerusalém para Babilónia cujos efeitos teria sido muito mais sentido pelos que comeram carne.

“E, ao fim dos dez dias, apareceram os seus semblantes melhores, eles estavam mais gordos do que todos os mancebos que comiam porção do manjar do rei.

“Desta sorte, o despenseiro tirou a porção do manjar deles, e o vinho que deviam beber, e lhes dava legumes.” *Daniel* 1:16, 16.

Este foi um triunfo para os quatro fiéis obtido por meios simples, mas tendo consequências de tão longo alcance como o trono de Deus está distante da Terra. Nesta aparentemente

simples história está um maravilhoso livro enriquecido com os conselhos divinos para aqueles que, poucos em número, serão chamados como os quatro jovens para derrubarem o forte poder de Babilónia. Que a nossa aprendizagem destas lições sejam eficazes de modo a sermos invencíveis como foram os quatro jovens hebreus.

## Capítulo 20

# “Nunca Homem Algum Falou Assim Como Este Homem”

**A** aceitação da verdade pura é muitas vezes difícil e é assim especialmente para os homens que ocupam posições de poder absoluto e de impossível desafio. Deste modo, quais eram os factores que tornavam Nabucodonosor capaz de manifestar algum respeito pela verdade que falava contra os acariciados ídolos e contra a comida que lhes era oferecida, enquanto outros homens poderosos na história rejeitavam a verdade com desdém?

As verdades que foram demonstradas pelos quatro jovens que pertenciam à desprezada raça judaica, mostrou a natureza ilusória e enganadora do orgulho e confiança de Babilónia. Esta revelação era bastante oposta à que o rei e a sua corte desejavam ouvir e devia ter sido mais do que suficiente para levantar a ira do rei em fúria aterradora e incendiar os seus preconceitos ameaçadores da vida.

Então porque é que o rei Nabucodonosor não fez assim?

Uma pessoa deve parar e considerar a resposta do rei à vitoriosa experiência que foi conduzida tão próximo da sua própria pessoa, no próprio coração do seu reino. Esta não foi uma experiência meramente interessante, mas uma experiência que desafiou algumas das posições mais acalentadas por Babilónia. O rei não podia ter ignorado o desafio.

A razão porque as forças que estão no poder consideram a verdade presente como perigosa, é porque ela é exactamente o que é para as fortalezas do erro. Babilónia estava construída sobre princípios de operação que os seus fundadores criam durar para sempre. Os quatro jovens hebreus foram colocados por Deus em Babilónia para abalar a confiança naquelas crenças como um primeiro passo para vencer a Babilónia física e por sua vez a Babilónia espiritual. Satanás sabe que depois de dado o primeiro passo, o seu reino fica debilitado e o seu futuro ameaçado. Assim ele faz guerra à igreja de Deus para proteger os seus interesses destruindo aqueles que se colocam no seu caminho.

Por conseguinte Daniel, Mesaque, Sadraque e Abednego foram colocados numa posição de grande perigo, precisamente na frente do exército de Deus, onde apenas os mais bravos se mantêm firmes e lutam.

Contudo, fica a pergunta quanto ao factor adicional que leva uma pessoa a escolher ser leal a Deus em vez de defender o príncipe das trevas. A resposta está contida no seguinte testemunho:

“O governo de Deus é de ordem moral, e nele devem prevalecer o poder da verdade e do amor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 824.

Quando Daniel e os seus três amigos estiveram perante o mordomo que tinha sido designado para cuidar deles e também mais tarde, quando foram examinados pelo rei, estavam cheios do extraordinário poder salvador do amor divino adquirido nas muitas intensas horas de comunhão com os poderes do Céu. Desse tempo passado em comunhão com Deus, ficaram cheios da verdade e do amor que fluía por todas as partes do seu corpo. Vede *O Desejado de Todas as Nações*, 388.

Isto significa que eles estavam semelhantemente cheios das formosas graças da genuína humildade. Nada de agressivo, ameaçador, perigoso ou hostil há numa pessoa verdadeiramente humilde, ao passo que os orgulhosos são agressivos, ameaçadores, perigosos e hostis.

O rei conhecia muito bem o orgulho, mas a verdadeira humildade como a que possuíam aqueles que eram verdadeiramente renascidos, conhecia muito pouco ou nada porque Babilónia era a verdadeira suma do orgulho e ignorava o poder salvador e humilde do evangelho. Muito semelhantemente Nabucodonosor nunca tinha encontrado uma pessoa humilde. Ele não tinha contacto com as classes pobres onde mais facilmente se encontra uma pessoa humilde. Num reino como Babilónia é muito normal ter um grande fosso entre os ricos e os pobres. Mas mesmo entre os pobres pode não haver necessariamente pessoas humildes. Circunstâncias pobres não implicam automaticamente verdadeira humildade. Pelo contrário, frequentemente a rebelião espera nos corações dos oprimidos por uma oportunidade para irromper em profusão. A explosão da Revolução Francesa é um excelente exemplo disto.

O rei Nabucodonosor sabia como tratar com o orgulho com o qual lidava todos os dias, mas nos quatro jovens, encontrou pessoas como nunca havia encontrado. Aparentemente, não ousou tocar-lhes. Porquê?

Séculos mais tarde, surgiu a mesma situação quando certos oficiais regressaram de mãos vazias da missão que visava prender Jesus. Estes homens foram tão tocados pela verdade e amor que viram fluir de Jesus, que não puderam tocar-Lhe. O incidente está relatado em *João* 7:44-46.

“E alguns deles queriam prendê-l’O, mas ninguém lançou mão d’Ele.

“E os servidores foram ter com os principais dos sacerdotes e fariseus; e eles lhes perguntaram: ‘Por que O não trouxestes?’

“Responderam os servidores: ‘Nunca homem algum falou assim como este homem.’”

Compreender como estes homens admitiram a verdade ajudar-nos-á a compreender porque Nabucodonosor foi capaz de reconhecer a verdade que Daniel e os seus amigos eram mais sábios que todos os magos e astrólogos que estavam em todo o seu reino.

“Deus não força os homens a abandonarem a sua incredulidade. A luz e as trevas, a verdade e o erro estão perante eles. Cumpre-lhes decidir qual aceitarão. A mente humana está dotada da faculdade de discernir entre a verdade e o erro. O desígnio de Deus é que não se decidam por impulso, mas pelo peso da evidência, comparando cuidadosamente escritura com escritura. Se os judeus tivessem posto de lado os seus preconceitos e comparado as profecias escritas com os factos que caracterizavam a vida de Jesus, teriam percebido uma bela harmonia entre as profecias e o seu cumprimento na vida e ministério do humilde Galileu....

“No último dia da festa, os oficiais enviados pelos sacerdotes e principais para prenderem Jesus, voltaram sem Ele. Foram asperamente interrogados: ‘Por que O não trouxestes?’ Com expressão solene, responderam: ‘Nunca homem algum falou assim como este Homem.’

“O seu coração, apesar de estar endurecido, abrandou-se com as palavras d’Ele. Enquanto Jesus falava no pátio do templo, eles vagueavam ali por perto, a fim de descobrirem qualquer coisa que pudesse ser usada contra Ele. Escutando-O, porém, esqueceram o objectivo para o qual ali os tinham enviado. Ficaram como arrebatados. Cristo revelou-Se-lhes à alma. Viram aquilo que sacerdotes e governantes não queriam ver — a humanidade inundada com a glória da divindade. Voltaram tão cheios desse pensamento, tão impressionados com as Suas

palavras, que, perante a pergunta: ‘Por que O não trouxestes?’, só puderam replicar: ‘Nunca homem algum falou assim como este Homem.’

“Os sacerdotes e governantes quando se encontraram a primeira vez na presença de Cristo, experimentaram a mesma convicção. O seu coração ficou profundamente comovido, possuído pelo pensamento: ‘Nunca homem algum falou assim como este Homem.’ Mas sufocaram a impressão provocada pelo Espírito Santo. Agora, enfurecidos porque aqueles que deveriam aplicar a lei estavam a ser influenciados pelo odiado Galileu, exclamaram: ‘Também vós fostes enganados? Creu n’Ele porventura algum dos principais ou dos fariseus? Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita.’

“Aqueles aos quais é apresentada a mensagem da verdade, raras vezes perguntam: ‘É verdade?’ Antes perguntam: ‘Por quem é ela defendida?’ As multidões avaliam-na pelo número dos que a aceitam; e faz-se ainda a pergunta: ‘Creu qualquer dos homens eruditos ou dos guias religiosos?’ Os homens não são hoje em dia mais favoráveis à verdadeira piedade, do que nos dias de Cristo. Acham-se com o mesmo intento em busca dos bens terrenos, negligenciando as riquezas eternas; e não é um argumento contra a verdade que um grande número de pessoas não esteja disposta a aceitá-la, ou que ela não seja recebida pelos grandes do mundo, nem mesmo pelos guias religiosos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 497, 498.

“Satanás e seus anjos cegaram os olhos e obscureceram o entendimento dos judeus, e instigaram os principais do povo e os governadores para tirarem a vida do Salvador. Enviaram-se oficiais a fim de lhes levarem a Jesus; ao chegarem, porém, perto de onde Ele Se achava, ficaram grandemente estupefatos. Viram-n’O cheio de simpatia e compaixão, ao testemunhar Ele as desgraças humanas. Ouviram-n’O falar com amor e ternura aos fracos e aflitos, animando-os. Ouviram-n’O também, com voz de autoridade, repreender o poder de Satanás, e libertar seus cativos. Ouviram as palavras de sabedoria, que caíam de Seus lábios, e deixaram-se cativar por elas; não puderam lançar mão d’Ele. Voltaram aos sacerdotes e anciãos sem Jesus. Quando interrogados: ‘Porque não O trouxestes’ relataram o que haviam testemunhado de Seus milagres, e as santas palavras de sabedoria, amor e conhecimento que tinham ouvido, e disseram: ‘Jamais alguém falou como este Homem.’ Os principais dos sacerdotes os acusaram de ser também enganados e alguns dos oficiais ficaram envergonhados de O não haverem prendido. Os sacerdotes inquiriram, de maneira escarnekedora, se alguns dos príncipes haviam crido n’Ele. Muitos dos magistrados e anciãos creram em Jesus; mas Satanás os impediu de o confessar; temiam o opróbrio do povo mais do que temiam a Deus.” *Primeiros Escritos*, 160, 161.

O que é que abrandou o coração endurecido daqueles homens que foram enviados para prenderem Jesus, mas voltaram sem Ele? A resposta está escrita nestas palavras:

“O seu coração, apesar de estar endurecido, abrandou-se com as palavras d’Ele...” e “Viram-n’O cheio de simpatia e compaixão, ao testemunhar Ele as desgraças humanas.”

Compaixão é uma expressão de amor. Portanto, neste incidente é revelado o princípio que a verdade e o amor prevalecem sobre o pecado. Aqueles que nunca experimentaram este poder extraordinário que prevalece podem achar difícil compreender como a verdade e o amor podem exercer uma tal influência que abrandou até ao esquecimento do dever, oficiais que era suposto prenderem o Salvador. Esta foi uma extraordinária demonstração da eficácia desse poder pelo qual Cristo foi protegido da prisão nesse dia notável.

Os que têm aprendido pela experiência que a verdade e o amor são o poder que prevalece, não terão dificuldade em compreender como Daniel, Mesaque, Sadraque e Abednego foram capazes de conseguir uma completa isenção de dar expressão de lealdade à adoração dos ídolos comendo a comida da mesa do rei.

Seria seguro dizer que o rei Nabucodonosor foi submetido pela suas palavras de verdade e amor quando os examinou. Era uma experiência nova para ele e teria sido uma animadora mudança de uma atmosfera tensa da vida da corte.

Daniel e os seus três amigos estavam a experimentar o cumprimento da promessa de protecção feita pelo Senhor que está registada entre outros lugares nestas palavras:

“O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra.” *Salmo 34:7*.

Sem recurso ao uso da força, Deus é bem capaz de rodear o Seu povo com perfeita protecção dos inimigos mais mortais e poderosos. Há muitos exemplos registados na história bíblica destas libertações providenciais, mas uma das mais espantosas é a que está ligada à participação dos judeus nas festas anuais, das quais se lê:

“O povo estava rodeado de tribos ferozes, aguerridas, que se achavam ávidas por tomarem suas terras; contudo, três vezes ao ano, a todos os homens robustos, a toda a gente em condições de poder fazer viagem, ordenava-se que deixassem seus lares e se dirigissem ao lugar da assembleia, próximo do centro daquela terra. O que impediria seus inimigos de se lançarem sobre essas casas desprotegidas, e devastá-las pelo fogo e pela espada? O que impediria a invasão do país a qual levaria Israel em cativo a algum adversário estrangeiro? — Deus prometera ser o protetor de Seu povo. ‘O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.’ Salmo 34:7. Enquanto os israelitas subiam para adorar, o poder divino imporia uma restrição aos seus inimigos. A promessa de Deus era: ‘Eu lançarei fora as nações de diante de ti, e alargarei o teu termo: ninguém cobiçará a tua terra, quando subires para aparecer três vezes no ano diante do Senhor teu Deus.’ Êxodo 34:24.” *Patriarcas e Profetas*, 573.

Nem todos os que não aceitam Deus respondem ao predominante poder da verdade e do amor como os que foram enviados para prender Cristo, ou como fez o rei Nabucodonosor. Há os que se endureceram de tal maneira pelas repetidas rejeições da verdade e do amor que nada ficou em si para responder ao chamamento do Espírito Santo. Nero foi um dos que chegaram a esta condição sem esperança.

“Em nenhum lugar poderia haver uma atmosfera menos propícia ao cristianismo que na corte romana. Nero parecia ter apagado de sua alma o último vestígio do divino, e mesmo do humano, havendo recebido o ferrete de Satanás. Seus assistentes e cortesãos eram em geral do mesmo carácter que ele — violentos, envilecidos e corruptos. Segundo todas as aparências, seria impossível ao cristianismo firmar pé na corte e no palácio de Nero.” *Actos dos Apóstolos*, 562, 563.

Todo o crente em Jesus possui uma medida de verdade e amor e portanto um poder predominante, mas é de lamentar o facto que há tão pouca manifestação do poder e glória experimentado pelos grandes homens da história bíblica. Os factos são que os limitados resultados se devem ao limitado poder e limitado poder indica pouca comunhão com Deus.

Uma excelente lição que ensina esta verdade aparece das imagens reflectidas da base do Monte da Transfiguração. Jesus tinha subido com Pedro, Tiago e João, até anoitecer. Quando alcançou um certo ponto, dedicou o resto da noite à profunda e diligente comunhão com o Seu Pai. Havia um propósito especial para Ele dedicar este tempo à oração. Foi devido à Sua compreensão que:

“Precisa, Ele próprio, de apoiar-Se com renovado vigor na Onnipotência, pois só assim pode contemplar o futuro.” *O Desejado de Todas as Nações*, 456.

Apesar de terem sido poderosas e maravilhosas as vitórias obtidas através do poder da verdade e do amor durante as Suas batalhas contra o demónio até esta altura, o facto é que sem uma renovação da ligação com o poder divino, Ele não podia contemplar o futuro que O esperava. A renovação da ligação com o Onnipotente significava uma recarga do predominante

poder da verdade e do amor. Sem receber isto, não podia enfrentar o futuro equipado com a fé e coragem que eram essenciais para assegurar a vitória.

Não deve ser esquecido que verdade e amor não são um poder predominante opcional, mas são o poder predominante. Não há alternativas. Portanto, necessitamos cultivar e fortalecer este poder até as nossas vontades se tornarem onnipotentes. Para alguns pode parecer demasiado falar da vontade humana como sendo onnipotente, mas a Inspiração na verdade fala nestes termos como se segue:

“Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onnipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.” *Parábolas de Jesus*, 333.

Quando Cristo regressou da Sua noite no monte, os restantes nove discípulos estavam à Sua espera. Estes estavam naquele triste estado de derrota que declarava que lhes faltava a verdade e o amor. Os dons espirituais não estavam presentes como poderes predominantes para vencer o mal e derrotar o seu autor. Este era um caso simples que apenas necessitava que as forças da verdade e do amor prevalescessem sobre o espírito imundo não importasse quão poderoso fosse esse demónio.

“Enquanto esperavam, ao pé do monte, chegou um pai trazendo-lhes o filho, para que o libertassem de um espírito mudo, que o atormentava. Aos discípulos fora conferida autoridade sobre os espíritos imundos, para os expulsar, quando Jesus enviara os doze a pregar pela Galileia. Ao saírem fortalecidos na fé, os espíritos maus tinham obedecido à Sua palavra. Agora, tinham ordenado em nome de Cristo que o espírito atormentador deixasse a vítima; mas o demónio apenas escarneceu deles mediante uma nova exibição do seu poder. Os discípulos, incapazes de compreenderem o motivo da sua derrota, sentiram que estavam a trazer desonra para si mesmos e para o Mestre. E havia entre a multidão escribas que exploravam o melhor possível esta oportunidade para os humilhar. Aproximando-se dos discípulos, pressionaram-nos com perguntas, tentando provar que eles e o seu Mestre eram mentirosos. Aqui estava, diziam triunfantemente os rabis, um espírito mau que nem os discípulos nem o próprio Cristo conseguiam vencer. O povo inclinava-se a tomar o partido dos escribas e um espírito de desprezo e desdém penetrou na multidão.” *O Desejado de Todas as Nações*, 462.

O triunfo de Cristo sobre o demónio não era problema, porque, depois de uma noite em oração, estava carregado do poder da verdade e do amor e estava assim habilitado para dominar totalmente a situação. Mas para os discípulos de Cristo a estranha ausência do predominante poder que tinham conhecido tão bem anteriormente era um mistério.

Os rabis escarnecedoramente atribuíam a derrota à sua afirmação que aqui estava um demónio extraordinariamente poderoso que era demasiado forte até para ser derrotado por Cristo. O povo inclinava-se para o lado dos rabis. Os discípulos não sabiam o que pensar. Os rabis e o povo em geral estavam muito enganados nas suas conclusões, nem os discípulos de Cristo podiam encontrar uma solução satisfatória para o seu problema.

Quando o pai apresentou o filho a Jesus à Sua chegada à base do monte, o demónio repetiu uma incrível manifestação, como se descreve nestas palavras:

“O menino foi levado e, quando os olhos do Salvador pousaram sobre ele, o espírito mau lançou-o por terra em convulsões de agonia. Ficou prostrado no chão, a revolver-se e a espumar, soltando guinchos que não pareciam humanos.... Durante alguns momentos Jesus permitiu que o espírito mau ostentasse o seu poder, para que os espectadores pudessem compreender a libertação prestes a operar-se....

“Jesus volta-Se para o sofredor, e diz: ‘Espírito mudo e surdo, Eu te ordeno: sai dele, e não entres mais nele.’ Ouve-se um grito, há uma luta angustiante. O demónio, ao sair, parece que vai tirar a vida à sua vítima. Então o rapaz fica imóvel e aparentemente sem vida. A multidão murmura: ‘Está morto.’ Mas Jesus toma-o pela mão e, erguendo-o, apresenta-o ao pai,



perfeitamente são de espírito e de corpo. Pai e filho louvam o nome do seu Libertador. A multidão pasma 'da majestade de Deus', enquanto os escribas, derrotados e abatidos, se vão embora contrariados." *O Desejado de Todas as Nações*, 463, 464.

Tal é o poder predominante da verdade e do amor, tal foi a vitória alcançada nesse dia e este exemplo explica como Daniel e os seus amigos foram capazes de escolher o que comer e beber contra a vontade do mais poderoso rei da Terra desse tempo, sem perderem as suas vidas na tentativa.

Mas para os discípulos, não foi um dia de louvor a Deus, pelo menos inicialmente, mas um dia de sofrimento e derrota. Contudo, depois do primeiro choque ter passado em amor o Mestre explicou-lhes a verdade a respeito da sua incapacidade para ganhar a vitória, os seus corações foram animados e encorajados pelo ministério vencedor da verdade e do amor que Jesus lhes administrou nesse dia. Então tornaram-se homens mais sábios e felizes.

As instruções que Cristo deu aos Seus discípulos em resposta às suas perguntas porque não puderam resolver a situação tem muita aplicação hoje. Aqui está essa parte da história:

"Os nove discípulos estavam ainda a ponderar no duro fracasso que lhes sobreviera; e, ao verem-se mais uma vez a sós com Jesus, perguntaram: 'Por que não pudemos nós expulsá-lo?' Jesus respondeu-lhes: 'Por causa da vossa pouca fé; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar; e nada vos será impossível. Mas esta casta de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.' A sua incredulidade, que os impossibilitava de ter uma comunhão mais profunda com Cristo, e o desinteresse com que olhavam a obra sagrada que lhes fora confiada, tinham causado o fracasso no conflito com os poderes das trevas.

"As palavras de Cristo com respeito à Sua morte haviam produzido tristeza e dúvida. E a escolha dos três discípulos para acompanharem Jesus ao monte excitara os ciúmes dos nove. Em vez de robustecerem a fé pela oração e meditação nas palavras de Cristo, demoraram-se nos seus desânimos e agravos pessoais. Foi neste estado negativo que empreenderam o conflito com Satanás.

"Para serem bem sucedidos num combate assim, precisavam de pôr mãos à obra com um espírito diferente. A sua fé devia ser fortalecida com fervorosa oração, jejum e humilhação da alma. Deviam esvaziar-se de si mesmos e encher-se com o Espírito e o poder de Deus. Só a súplica fervente, perseverante a Deus, feita com fé — fé que leva a esperar com inteira confiança n'Ele, consagrando-se sem reservas à Sua obra — pode ser eficaz para trazer aos homens o auxílio do Espírito Santo na batalha contra os principados e as potestades, os príncipes das trevas deste século, as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.

"Se tiverdes fé como um grão de mostarda,» disse Jesus, 'direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar.' Embora o grão de mostarda seja muito pequeno, encerra aquele mesmo misterioso princípio vital que produz o crescimento na maior árvore. Ao lançar-se à terra a semente da mostarda, o minúsculo germe aproveita todo o elemento provido por Deus para a sua nutrição e desenvolve-se rapidamente, num crescimento vigoroso. Se se tem fé como esta, lança-se mão da palavra de Deus e de todos os meios eficazes por Ele designados. Assim se robustecerá a fé, trazendo em nosso auxílio o poder do céu. Os obstáculos amontoados por Satanás através do caminho, conquanto pareçam intransponíveis como os montes eternos, desaparecerão em face da exigência da fé. 'Nada vos será impossível.'" *O Desejado de Todas as Nações*, 464, 465.

Esta gloriosa promessa é para aqueles que possuem e aplicam o vitorioso poder da verdade e do amor. Portanto, a promessa era para Daniel e seus companheiros. Quando consideramos cuidadosamente o que eles alcançaram, verificamos que isso é de incrível magnitude e através disso podemos ser inspirados a lutar pelo sucesso como eles fizeram. À luz da sua inflexível

fidelidade e afirmação do seu direito de servir a Deus segundo a autoridade da Sua palavra, o vitorioso poder da verdade e do amor conduz a um novo e refrescante significado.

A questão daquilo que deviam comer e beber foi estabelecida logo no início do seu intensivo curso de estudo na universidade de Nabucodonosor. O início é normalmente o único lugar onde essas questões podem ser estabelecidas. Geralmente falando não é seguro prosseguir com algo enquanto conscientemente se obedece a políticas erradas com a ideia de se esperar uma oportunidade mais favorável para obedecer à verdade. O melhor dia para anunciar a vossa verdadeira posição falha em chegar e encontrar-vos-eis prisioneiros das circunstâncias.

A prontidão com que os quatro jovens se dirigiram à questão do que deviam comer e beber foi o maior factor na sua vitória quanto ao consentimento do príncipe dos eunucos para comerem comida vegetariana. Estes quatro jovens sabiam que não podiam tocar em comidas cárneas, especialmente aquelas que eram dedicadas aos ídolos. Conhecendo e crendo nesta verdade foi o primeiro passo vital no caminho da vitória e o segundo passo foi irrevogavelmente ficar firmes em apoio da verdade. Por fim, com gentileza e respeito explicar os seus princípios aos que governavam e pedir a obtenção da isenção. Os jovens de Deus, ao seguirem estes passos, não sabiam se a sua nobre e decidida firmeza seria tomada com o custo das suas vidas, mas não permitiram que isso afectasse a sua atitude no mais pequeno grau.

“Tivesse Daniel desejado e teria encontrado em torno de si escusas plausíveis para afastar-se dos estritos hábitos de temperança. Ele poderia ter argumentado que, dependendo como estava do favor do rei e sujeito ao seu poder, não havia outro caminho a seguir senão comer do alimento do rei e beber do seu vinho; pois se se apegasse ao ensinamento divino, ofenderia o rei, e provavelmente perderia sua posição e a vida. Se transgredisse o mandamento do Senhor, ele reteria o favor do rei, e asseguraria para si vantagens intelectuais e lisonjeiras perspectivas mundanas.

“Mas Daniel não hesitou. A aprovação de Deus era-lhe mais cara que o favor do mais poderoso potentado da Terra — mais cara mesmo que a própria vida. Ele se determinou permanecer firme em sua integridade, fossem quais fossem os resultados. Ele ‘assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia.’ E nesta resolução foi apoiado por seus três companheiros.” *Profetas e Reis*, 482, 483.

O resultado foi que o caminho estava livre para Deus os abençoar poderosamente com poderes físicos, mentais e espirituais de extraordinária excelência, como lemos:

“Ora, a estes quatro mancebos Deus deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos.” *Daniel* 1:17.

Deus não lhes deu conhecimento e inteligência como uma esmola directa sem terem feito qualquer esforço da sua parte. Pelo contrário, tinham que trabalhar com a maior diligência a fim de alcançar os resultados a que chegaram. Mas eles estavam dispostos a trabalhar muito duramente sem momentos de desperdício ou inutilidade. Não desperdiçaram as preciosas horas na perseguição de prazeres sem sentido de uma espécie ou de outra, mas deram-lhes o melhor uso possível.

O fundamento sobre o qual a excelência mental e espiritual pode ser construída é de natureza física. Uma mente sã num corpo são é o que é necessário. Uma corrente sanguínea impura produz sentidos entorpecidos, poderes de raciocínio limitados, uma mente fraca, um abrandamento de respostas a questões que requerem uma atenção imediata, e em tudo, uma susceptibilidade à doença e um rápido abaixamento da eficiência.

Os quatro fiéis não podiam permitir esses obstáculos nas ligações da vida com coisas de peso eterno, nem podemos nós nestes dias finais da história humana quando o homem do pecado será completamente e por fim derrotado para nunca mais se levantar.

## Capítulo 21

### Daniel, o Profeta Estudante

**A** inflexível abstinência total de todos os alimentos cárneos continuou a ser a posição tomada por Daniel e seus três companheiros na verdade. Não houve debate posterior a nível oficial. As evidências físicas, mentais, sociais e espirituais quanto à forma de vida superior acompanharam-nos todos os dias. Quando o dia do grande exame chegou, não havia ninguém como eles em todo o mundo. Quanto a esse dia está escrito: “Na corte de Babilônia estavam reunidos representantes de todas as terras, homens do mais alto talento e mais ricamente dotados com dons naturais, e possuidores da cultura mais vasta que o mundo poderia oferecer; não obstante entre todos eles os jovens hebreus não tiveram competidor. Em força e beleza física, em vigor mental e dotes literários, não tinham rival. A forma ereta, o passo firme e elástico, a fisionomia agradável, os sentidos lúcidos, o hábito puro — eram todos certificados mais que suficientes de bons hábitos, insígnia da nobreza com que a Natureza honra aos que são obedientes a suas leis.” *Profetas e Reis*, 485.

Daniel é um dos maiores profetas, o que é evidente quando estudamos as grandes descrições proféticas reunidas sob o seu nome nas Escrituras do Antigo Testamento e as confrontamos com as revelações dadas a João no Novo Testamento. No estudo do livro de Daniel, a profecia da grande imagem é frequentemente considerada como o marco inicial da sua carreira de profeta. Contudo, esta concessão especial de poder começou a ser-lhe conferida durante o período da sua educação secular. Sobre isto lemos: “Ora, a estes quatro mancebos Deus deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos.” *Daniel* 1:17. A referência que Daniel tinha entendimento em toda a visão e sonhos, indica que ele foi dotado com o dom da profecia durante o tempo que antecedia o dia do grande exame. “O Senhor considerou com aprovação a firmeza e abnegação dos jovens hebreus, e sua pureza de motivos; e Sua bênção os assistiu. Ele lhes ‘deu o conhecimento e inteligência em todas as letras e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos.’ Cumpriu-se a promessa: ‘Aos que Me honram honrarei.’ I Sam. 2:30. Apegando-se Daniel a Deus com inamovível fé, o espírito de poder profético veio sobre ele. Enquanto recebia instruções do homem nos deveres diários da corte, estava sendo ensinado por Deus a ler os mistérios do futuro, e a registrar para as gerações vindouras, mediante figuras e símbolos, eventos que cobrem a história deste mundo até o fim do tempo.” *Profetas e Reis*, 484, 485.

A compreensão das visões e dos sonhos referida no versículo dezassete é o resultado de ser educado por Deus. Por outras palavras, durante um período de tempo Daniel foi um estudante para profeta.

Isto é revelado na citação anterior onde diz que ele estava a ser ensinado para ler os mistérios do futuro e a registrar acontecimentos futuros. Durante este tempo ele não

compreendeu totalmente aquilo que se iria passar, mas a sua compreensão e capacidade aumentaram firmemente. Por outras palavras, ele estava a tornar-se um profeta cada vez melhor. Enquanto ainda estava na escola de Nabucodonosor, Daniel era também um estudante do Rei dos reis e por fim formou-se como profeta passando de estudante de profeta a profeta completo.

Ao aprender a compreender o levantamento e queda de nações e das pessoas que as chefiavam, é seguro dizer que a mente de Daniel foi dirigida directamente pelo seu divino Mestre ao início do grande conflito onde ele claramente viu os caracteres e objectivos dos dois chefes, Cristo e Satanás. A partir dessa altura ele terá visto como os acontecimentos do grande conflito foram disputados uma e outra vez e como a lealdade torna a pessoa invencível, enquanto a apostasia acaba sempre na morte.

Por isso ele não compartilhou das visões de glória e grandeza de Nabucodonosor para Babilónia. Embora este reino fosse poderoso e rico com exércitos e uma cidade fortemente fortificada, Daniel viu a certeza da sua destruição. Todos os elementos internos destruidores estavam no seu lugar. A menos que se arrependesse até à mais completa profundidade, era apenas uma questão de tempo para a terrível retribuição cair sobre ela. Sempre com crescente clareza esta visão do futuro dessa grande nação deu exercício à sua mente. Portanto, bastante correctamente não lançou os fundamentos da sua fé nesse reino com a sua metrópole dourada que tão breve desapareceria. Ele percebeu que, além do mais, a mesma sorte cairia sobre toda e qualquer nação que se seguisse. Nada era mais certo. Apenas o reino construído por Deus podia durar e duraria para sempre.

Nós também devemos tornar-nos estudantes da história, tão altamente educados, bem capazes de correctamente compreender os princípios que declaram o fim de uma nação e o estabelecimento de outra. Nesta luz considerai o seguinte testemunho:

“A Bíblia explica-se por si mesma. Textos devem ser comparados com textos. O estudante deve aprender a ver a Palavra como um todo, e bem assim a relação de suas partes. Deve obter conhecimento de seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve enxergar como este conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada acto de sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagónicos; e como, quer queira quer não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará.” *Educação*, 189, 190.

Seria bom para nós e para as nossas crianças e jovens, se também nós caminhássemos tão próximos e tão fielmente com Deus de modo que pudéssemos receber luz directamente do Céu como Daniel e os seus três companheiros.

“Daniel e os seus três companheiros, também, resolutamente negaram desejos egoístas, e afastaram gratificações prejudiciais. Como resultado, as suas mentes tornaram-se fortes e vigorosas. Eles escolheram o real, a verdade e o útil, em vez da indulgência momentânea do apetite e do orgulho. Fizeram tudo o que estava ao seu alcance para se colocarem a si próprios na correcta relação com Deus, e o Senhor não ignorou o seu firme, perseverante, esforço diligente. As Escrituras declaram de Daniel e dos seus companheiros: ‘Ora, a estes quatro mancebos Deus deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos.’ Estes jovens tinham-se colocado em ligação com a fonte de todo o conhecimento. Eles aprenderam de Cristo, o maior mestre do mundo. Enquanto melhoravam as suas oportunidades para obter conhecimento das ciências, estavam a obter, também, a mais elevada educação que é possível os mortais receberem. Receberam luz directamente do trono do Céu, e leram os mistérios de Deus para os séculos futuros.” *Review and Herald*, 6 de Novembro de 1883.

Tal como foi dito mais tarde acerca de Jesus que Ele cresceu em sabedoria e estatura e em favor com Deus e o homem, assim deve ter sido com os quatro fiéis. Com certeza foi assim, pois eles foram altamente favorecidos pelo seu Pai celestial. Por seu lado, foram grandemente favorecidos pelo rei do mundo, o rei Nabucodonosor. Mas é certo que eles não foram recebidos com satisfação por todos, geralmente falando, porque é uma verdade infalível que "...todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus, padecerão perseguições." *2Timóteo* 3:12.

Num comentário a este testemunho está escrito: "A Ele que viera para salvar o mundo perdido, opuseram-se unidas as forças do inimigo de Deus e dos homens. Em cruel conspiração levantaram-se os homens e anjos maus contra o Príncipe da paz. Embora cada palavra e acção testificassem da compaixão divina, Sua falta de semelhança com o mundo provocava a mais amarga inimizade. Porque não consentisse em nenhuma inclinação má da natureza humana, despertou a mais feroz oposição e inimizade. Assim acontece a todos quantos desejam viver piamente em Cristo Jesus. Entre a justiça e o pecado, amor e ódio, verdade e falsidade há conflito irreprimível. Quem manifestar, na conduta, o amor de Cristo e a beleza da santidade, subtrai a Satanás os seus súbditos, e por isso o príncipe das trevas contra ele se levanta. Opróbrio e perseguições atingirão a todos os que estão cheios do espírito de Cristo. A maneira das perseguições poderá mudar com o tempo, mas o fundamento — o espírito que lhes serve de base — é o mesmo que, desde os tempos de Abel, assassinou os escolhidos de Deus." *O Maior Discurso de Cristo*, 29.

Nada da perseguição aos quatro fiéis é mencionado na Bíblia durante o período de preparação especial, mas podemos estar certos que, à luz dos princípios expostos no parágrafo citado atrás, havia muitos entre os seus associados que tornaram o seu caminho o mais difícil possível. Por causa dos seus inimigos tinham que ser extremamente cuidadosos quanto ao seu comportamento perante a toda-poderosa presença e autoridade do rei, deve ser esperado que muitas perseguições foram subtis, difíceis de detectar e controlar. Mas isso deve ter estado presente, porque eles viveram vidas verdadeiramente piedosas como aquelas que incitam os inimigos que entraram nos caminhos de Babilónia.

O princípio que todos aqueles que vivem vidas devotas em Cristo Jesus sofrerão perseguições, não conhece excepções. Apenas numa sociedade em que todos os membros vivem uma bem sucedida vida devota não há perseguição. Verdadeiros crentes em Jesus nunca perseguem outros crentes em Jesus. Por esse motivo não perseguem quem quer que seja em qualquer momento ou circunstâncias! Pelo contrário, a perseguição, é uma marca identificadora do homem do pecado, tanto assim, que onde quer que ela apareça, podemos saber que o anticristo já está presente. E se ele está presente, procurará estabelecer a sua presença e propósitos por quaisquer medidas cruéis que possam estar ao seu dispor.

Levanta-se agora a pergunta por que motivo essas pessoas recorrem à perseguição a fim de alcançarem os seus objectivos?

No primeiro caso, perseguição não é o primeiro recurso a que Babilónia recorre num conflito religioso. Isso é confirmado no seguinte testemunho: "Prova e perseguição virão sobre todo aquele que, em obediência à Palavra de Deus, recuse adorar este falso sábado. Força é o último recurso de toda a falsa religião. Em primeiro lugar ela tenta a atracção, como o rei de Babilónia tentou com o poder da música e manifestação exterior. Se estas atracções, inventadas por homens inspirados por Satanás, falhassem em fazer com que o homens adorassem a imagem, as devoradoras chamas da fornalha estariam prontas para os consumir. Assim será agora. O papado tem exercido o poder para compelir os homens a obedecer-lhe, e assim continuará a fazer. Necessitamos do mesmo espírito que foi manifesto pelos servos de Deus no conflito com o paganismo. (ST Maio 6,1897)." *The S.D.A. Bible Commentary* 7:976.

É nas fases iniciais de um desenvolvimento da apostasia que o espírito de perseguição começa a afirmar-se. Quando uma igreja que ama o mundo começa a construir o reino de Deus,

à maneira do homem, vê este caminho sempre com crescente favor. Expedientes tomam o lugar do princípio e nada é permitido que pare este novo movimento. Deus não abandona os que Lhe são fiéis que manifestam desacordo para com estas mudanças, mas encarrega-os de enviar mensagens de advertência e reprovação. À medida que o tempo passe, uma crescente hostilidade é dirigida contra estes servos.

Da mesma maneira Caim exerceu hostilidade contra Abel quando descobriu que o Senhor não aceitaria a sua forma de construir o reino. Ele tinha-se apresentado com a oferta da sua própria escolha em vez do sacrifício exigido como especificado no plano de salvação. Agora o pobre homem, Caim, tinha um problema muito real, a solução para o qual era o arrependimento da sua auto-suficiência, abandono dos seus próprios caminhos e regresso em paz à construção do reino de Deus, à maneira de Deus. Porém, a perversidade da natureza humana é tal, que Caim decidiu que era demasiado difícil submeter-se à vontade de Deus. O que ele fez em lugar disso foi completamente irracional, porque apenas servia para aumentar o problema, não para o resolver. O seu irmão justo, Abel, através da sua vida pura e santa, era um testemunho da única maneira pela qual o reino de Deus podia ser reconstruído, mas na sua ira cega, irrazoável, Caim matou o seu irmão, Abel. Dessa maneira ele procurou silenciar a voz da consciência, contudo, esse acto não podia fazer mais do que tornar as coisas piores.

Caim pode ser comparado com o homem que estava oprimido pelo excessivo calor de um dia de Verão. Parou para ver o termómetro e não gostou daquilo que ele lhe dizia. Por isso, pegou num martelo e esmagou-o. Com esta acção, nada foi mudado. Quebrar o termómetro não baixou a temperatura que permanecia tão alta como antes.

Quando Caim assassinou o seu irmão, falhou em identificar a fonte do problema que era o espírito de rebelião que estava dentro de si. Enquanto ele ali estivesse, não havia esperança de Deus aceitar a sua oferta, porque ela era uma proposta que o reino de Deus fosse construído de acordo com os princípios e métodos humanos. Esta era uma declaração inaceitável para este efeito.

Matar Abel não mudou Caim no mais pequeno grau. Ele podia ter respondido ao amoroso chamamento de Deus com verdadeiro arrependimento e apresentar outro testemunho aceitável na forma do sacrifício de um cordeiro. Ter feito isso seria atacar o problema na sua raiz. Então, em vez de perseguidor procurando matar o justo que ele imaginava ser a causa das suas calamidades, teria concentrado os seus esforços na descoberta daquilo que estava dentro de si mesmo que era a verdadeira fonte da ameaça à continuidade da sua existência. Se todos os homens compreendessem e praticassem este princípio, a perseguição seria tão completamente inexistente como no Céu.

Nos casos dos fiéis jovens hebreus teriam experimentado perseguição sob formas diferentes. Para juntar à ridícula e falsa acusação podiam ter mesmo sofrido violência física. Qualquer que fosse a perseguição dirigida contra os jovens hebreus, foi uma grande bênção para eles, porque isso tornou-os capazes de compreender através da experiência pessoal e observação próxima o verdadeiro carácter e procedimentos operacionais da maior organização perseguidora que Satanás jamais produziu até agora — o papado da Idade Média.

Mais tarde, depois de Daniel ter deixado os dias de estudante para trás e recebeu a luz contida nos capítulos 7, 8, 9, 10, 11 e 12, foi capaz pelo ministério do Espírito Santo discernir por que razão o divino Mestre tinha lançado os fundamentos da verdade sobre este assunto profunda e fortemente. Ele foi capaz de reconhecer a sabedoria do seu Instrutor celestial ao colocar lado a lado a educação dada aos babilónios e a luz que lhe era enviada directamente do Céu. Assim ele foi capaz de compreender o mistério da iniquidade ao ponto onde podia claramente ver que é uma abominação da desolação tão corrupta e tão destruidora, que põe termo a si própria. Por este meio ele chegou à compreensão que a única forma pela qual o mal pode ser exposto na sua pior malícia, é quando colocado lado a lado com a justiça no seu mais

brilhante, maravilhoso teste. Em direcção a este objectivo todos os agentes dos lugares celestiais estão a operar em harmoniosa colaboração e devotam as suas energias combinadas num certo conhecimento que quando este propósito for alcançado o fim com certeza virá. Obviamente, Satanás fará tudo o que está ao seu alcance para frustrar os propósitos de Deus e nisto ele parecerá ser bem sucedido em cada situação. A sua maior arma na tentativa de destruir o povo de Deus é a mentira. Este facto é afirmado e confirmado numa revelação profética atrás de outra. Aqui está um testemunho escriturístico tipo desta verdade:

“A esse, cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira,

“E com todo o engano da injustiça, para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem.” *2 Tessalonicenses 2:9, 10.*

A segunda arma usada é a força, a posse da qual possibilita ao nosso grande inimigo colocar todo o tipo de pressão sobre nós. Assim ao povo do Senhor roubar-se-ão casas, terras, dinheiro, liberdade, amigos e em muitos casos a própria vida. Milhões têm sido martirizados no passado e muitos mais estão ainda para se seguirem.

“Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade.... Não sereis tentados acima do que sois capazes de suportar. Jesus suportou tudo isso muito mais....” *Mensagens Escolhidas 3:397, 398.*

Não importa a forma que assuma, perseguição é uma experiência difícil. Os seres humanos podem ser incredivelmente cruéis para os seus semelhantes quando chegam ao uso da continuada tortura durante um longo período de tempo. Desse terrível tratamento a humanidade do povo de Deus naturalmente recua. Nós preferimos mais uma vida sossegada livre de privações, injúrias, ódios e por fim assassinio. Mas Jesus disse que aqueles que são perseguidos são abençoados. Aqui estão as Suas palavras para este efeito:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por Minha causa.

“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” *Mateus 5:10-12.*

Se não pudermos encontrar uma bênção em ser perseguidos, então há causa para a mais séria preocupação. Temos que compreender que a nossa experiência religiosa pessoal necessita da genuína restauração.

Uma bênção que vem ao povo de Deus por sofrer perseguição é que a Igreja de Deus fica livre dos indivíduos não santificados que não estão dispostos a aceitar os conselhos e reprovações divinas e que, portanto, são uma contínua fonte de intranquilidade entre os verdadeiros crentes. A multidão mista que saiu do Egipto com os israelitas é um exemplo deste problema.

O presente é um período de maravilhosa liberdade religiosa numa grande parte da Terra. Pode ser dito que isto é o fruto das duras batalhas pelas quais o protestantismo venceu o papado. Com certeza o mundo tem sido diferente desde que essas batalhas foram ganhas. Mas, apesar deste facto, o princípio que todo aquele que vive uma vida pia sofrerá perseguição ainda é válido. “Há outra questão mais importante que deveria ocupar a atenção das igrejas de hoje. O apóstolo Paulo declara que ‘todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições’. *2 Timóteo 3:12.* Porque é, pois, que a perseguição em grande parte, parece

adormecida? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, e portanto não suscita oposição. A religião que em nosso tempo prevalece não é do carácter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Jesus e dos Seus apóstolos. É unicamente por causa do espírito de transigência com o pecado, por serem as grandes verdades da Palavra de Deus tão indiferentemente consideradas, por haver tão pouca piedade vital na igreja, que o cristianismo é aparentemente tão popular no mundo. Se houver um reavivamento da fé e poder da primitiva igreja, o espírito de opressão reviverá, reacendendo-se os fogos da perseguição.” *O Grande Conflito*, 41, 42.

Esta é uma linguagem inequívoca! Ela declara que não há um número de razões pelas quais a perseguição está adormecida, mas apenas uma. Tem havido um abandono do carácter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Jesus e dos Seus apóstolos. É por isto que a religião moderna é aparentemente tão popular no mundo. Mas na realidade a verdade não é mais popular no mundo do que era nos dias de Cristo na Terra. Quando o povo de Deus abandonar completamente o seu amor pelo mundo e recuperar a sua firmeza no poder da verdade viva, então assistirão com certeza ao reacender da fúria do perseguidor.

Todas estas coisas Daniel e os seus amigos compreenderam pela luz que descia sobre eles directamente do Céu. Enquanto se sentavam com os seus companheiros de aula que lutavam por compreender a história e como os acontecimentos actuais estavam a moldar o futuro, compreenderam, como as outras mentes não iluminadas não conseguiram, exactamente onde os estava a conduzir o desempenho e a oposição das forças do bem e do mal. À luz dos princípios do Céu da verdade viva, a sua educação era lógica, simples e compreensiva porque, com mentes claras trabalhadas pela inspiração do Espírito Santo, podiam penetrar e penetraram os mistérios da divindade e da iniquidade.

Estão revelados neste relato dos acontecimentos no palácio de Babilónia uma incrível diferença entre os quatro fiéis e quaisquer outros homens do mundo altamente educados. A história recorda-nos a respeito de Jesus que, como um rapaz de doze anos, demonstrou uma compreensão da verdade que as melhores mentes teológicas do Seu tempo não tinham. Um cuidadoso estudo comparativo da educação de Jesus com os quatro fiéis revelaria que todos eles obtiveram conhecimento da mesma maneira.

*Daniel* 1 encerra com o que seria muito provavelmente considerado como sendo um testemunho relativamente inútil à vista do contexto do elevado drama que rodeava o acontecimento, mas há uma poderosa mensagem nestas poucas palavras.

No início do estabelecimento do glorioso império dourado de Nabucodonosor, toda a aparência proclamava uma duradoura permanência do domínio mundial de Babilónia. Os quatro hebreus fiéis por um lado eram extremamente poucos em número e poder. Todo o que não tivesse a divina educação de Daniel e seus amigos teria troçado da ideia da tão completa queda de Babilónia para nunca mais se levantar. Mas em breve, muito breve ela seria apenas e só uma memória, enquanto Daniel permaneceria vivo e dominante enquanto existisse. Babilónia morreu. O reino de Deus continuou.

Não percamos de vista a mensagem destas palavras: “e Daniel esteve até ao primeiro ano do rei Ciro.”

Tão certo como ele viveu para além da morte de Babilónia, assim viverão os que vivem hoje na luz que Deus lhes deu e esta luz nunca passará.



## Capítulo 22

# Deus Faz Um Plano Principal

Um estudo do segundo capítulo de *Daniel* revela que Deus havia trabalhado com um maravilhoso plano destinado a converter e a salvar o rei de Babilónia e sua cidade e assegurar a libertação dos filhos de Israel de modo que eles pudessem reconstruir a cidade de Jerusalém e instituir de novo os serviços do templo. A história da Bíblia revela que Ele foi brilhantemente bem sucedido na maioria destes objectivos. Onde Ele não foi tão bem sucedido deveu-se ao fracasso do homem e não Seu. Nabucodonosor foi completamente convertido, o reino foi preservado da prematura destruição, o povo de Deus foi preservado, liberto e permitiu-se-lhe reconstruir Jerusalém e o templo. É verdade que este último objectivo foi alcançado depois da queda de Babilónia, contudo, o caminho foi preparado antes da grande cidade cair.

Para que o plano fosse bem sucedido ao ponto em que pelo menos os objectivos mais importantes fossem realizados — a libertação dos filhos de Israel, a reconstrução do templo e Jerusalém, e o restabelecimento do sistema sacrificial — Deus tinha que ter um exército absolutamente leal com o qual se pudesse contar que nunca trairia a causa da verdade não importasse o custo que isso pudesse ter. A quantidade não seria a coisa importante, porque o Senhor pode salvar através de muitos ou de poucos. Jónatas, filho do primeiro rei de Israel e um jovem de grande fé, compreendeu este princípio e exprimiu-o nestas palavras ao seu pajem que também era um homem de grande fé:

“Disse, pois, Jónatas ao moço que lhe levava as armas: Vem, passemos à guarnição destes incircuncisos; porventura obrará o Senhor por nós, porque para com o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos.” *1Samuel 14:6*.

É-nos dito que Jónatas foi movido por um impulso divino no propósito de atacar a guarnição dos filisteus. A ideia foi de Deus, não de Jónatas. Compreendendo que todas as ordens de Deus são promessas habilitadoras, sabia que a vitória estava assegurada.

Agindo segundo esta convicção pela fé viva, obteve por esse meio uma vitória que teria sido dada ao seu pai se este não tivesse sido rebelde e desobediente:

“Deus permitira que as coisas fossem assim levadas a uma situação crítica, a fim de poder repreender a perversidade de Saul, e ensinar a Seu povo uma lição de humildade e fé. Por causa do pecado de Saul em sua oferta presunçosa, o Senhor não lhe daria a honra de vencer aos filisteus. Jónatas, o filho do rei, homem que temia o Senhor, foi escolhido como instrumento para libertar Israel. Movido por um impulso divino, propôs ao seu pajem de armas que fizessem um ataque secreto ao arraial do inimigo. ‘Porventura’, disse ele, ‘obrá o Senhor por nós, porque para com o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos.’” *Patriarcas e Profetas, 667*.

“Ele [Deus] moveu o coração de Jónatas, um homem justo, e o seu pajem de armas, para atacar a guarnição dos Filisteus. Jónatas creu que Deus era capaz de fazer a obra por eles, e salvar muitos através de muitos ou de poucos. Ele não avançou presunçosamente. Pediu o conselho de Deus, e então, com um coração destemido, confiando n’Ele unicamente, avançou. Através destes dois homens, o Senhor realizou a Sua obra de submeter os filisteus. Ele enviou anjos para protegerem Jónatas e o seu pajem de armas e para os proteger dos instrumentos da morte às mãos dos seus inimigos.” *The Spirit of Prophecy* 1:358, 359.

Isto pode parecer uma extraordinária vitória mas de facto foi apenas o resultado normal da promessa de Deus de como Ele lidará com os inimigos do Seu povo. Aqui está uma dessas promessas feitas aos que são obedientes como os quatro jovens hebreus mantidos no cativeiro babilónico. O mais importante até agora no assunto que estamos a tratar, esta promessa é especialmente aplicável aos que formarão o grupo de Daniel dos últimos dias. Aqui estão as certezas de Deus para o Seu povo num tempo assim:

“O Senhor entregará os teus inimigos, que se levantarem contra ti, feridos diante de ti: por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão diante de ti.” *Deuteronomio* 28:7.

Estas palavras são literalmente verdade e aqueles que do povo de Deus são atacados pelos seus inimigos mortais, devem invocar esta promessa na condição da fé e da obediência. Nós sabemos que a promessa é verdadeira, primeiramente porque é a palavra fiel do Altíssimo Deus que é a verdadeira personificação da verdade e portanto não pode mentir e em segundo lugar porque os cumprimentos registados na história têm sido tudo o que o Senhor prometeu. Os inimigos do povo de Deus têm avançado contra ele uma vez e têm sido dispersados sete vezes.

Uma das ocasiões mais terríveis em que os inimigos do povo de Deus se alinharam para o destruir foi pouco depois dos martírios de Huss e Jerónimo. Nessa altura o povo de Deus na Boémia foram ameaçados de extinção pelas forças combinadas do papado e do imperador. Parecia que, para o povo de Deus, tudo estava perdido e que foram deixados sem esperança.

“Surgiu, porém, um libertador. Zisca, que logo depois do início da guerra ficou completamente cego, e que no entanto era um dos mais hábeis generais do seu tempo, foi o chefe dos boémios. Confiando no auxílio de Deus e na justiça da sua causa, aquele povo resistiu aos mais poderosos exércitos que contra eles se poderiam levar. Reiteradas vezes o imperador, organizando novos exércitos, invadiu a Boémia, apenas para ser vergonhosamente repellido. Os hussitas ergueram-se acima do temor da morte, e nada lhes poderia resistir. Poucos anos depois do início da guerra, o bravo Zisca morreu; mas o seu lugar foi preenchido por Procópio, general igualmente bravo e hábil, e nalguns sentidos dirigente mais destro.

“Os inimigos dos boémios, sabendo que morrera o guerreiro cego, conjecturaram ser favorável a oportunidade para recuperar tudo o que haviam perdido. O papa proclamou, então, uma cruzada contra os hussitas, e novamente uma imensa força se precipitou sobre a Boémia, mas apenas para sofrer terrível desbarato. Seguiu-se outra cruzada. Em todos os países papais da Europa se reuniram homens, dinheiro e munições de guerra. Congregaram-se multidões sob o estandarte papal, seguras de que afinal se poria termo aos hereges hussitas. Confiante na vitória, a numerosa força entrou na Boémia. O povo arregimentou-se para a repelir. Os dois exércitos aproximaram-se um do outro, até que apenas um rio se lhes interpunha. ‘Os cruzados constituíam força grandemente superior, mas em vez de se arremessarem através da torrente e travar batalha com os hussitas a quem de longe haviam vindo a combater, ficaram a olhar em silêncio para aqueles guerreiros’ — Wylie, liv. 3, cap. 17. Então, subitamente, um terror misterioso caiu sobre os soldados. Sem desferir um golpe, aquela poderosa força debandou e espalhou-se, como se fosse dispersa por um poder invisível. Muitos foram mortos pelo exército hussita, que perseguiu os fugitivos, e imenso despojo caiu nas mãos dos vitoriosos, de maneira que a guerra, em vez de empobrecer os boémios, os enriqueceu.

“Poucos anos mais tarde, sob um novo papa, promoveu-se ainda outra cruzada. Como antes, homens e meios foram trazidos de todos os países papais da Europa. O engodo apresentado aos que se deveriam empenhar nesta perigosa empresa foi grande. Assegurava-se a cada cruzado o perdão completo para os mais hediondos crimes. A todos os que morressem na guerra se prometia uma recompensa preciosa no Céu, e os que sobrevivessem haveriam de colher honras e riquezas no campo de batalha. De novo se reuniu um vasto exército e, atravessando a fronteira, entraram na Boémia. As forças hussitas recuaram diante deles, arrastando assim os invasores cada vez mais longe para o interior do país, e levando-os a contar com a vitória já alcançada. Finalmente o exército de Procópio fez alto e, voltando-se para o inimigo, avançou para lhe dar batalha. Os cruzados, descobrindo então o seu erro, ficaram no acampamento esperando o assalto. Quando se ouviu o ruído da força que se aproximava, mesmo antes que os hussitas estivessem à vista, um pânico de novo caiu sobre os cruzados. Príncipes, generais e soldados rasos, arrojando as armaduras, fugiram em todas as direções. Debalde o núncio papal, que era o dirigente da invasão, se esforçou para reunir as suas forças possuídas de terror e já desorganizadas. Apesar dos seus ingentes esforços, ele próprio foi levado na onda dos fugitivos. A derrota foi completa e novamente um imenso despojo caiu nas mãos dos vitoriosos.” *O Grande Conflito*, 95, 96.

Estas foram certamente ocasiões em que os inimigos do povo de Deus foram contra ele uma vez, apenas para fugirem sete vezes. Estas não são as únicas vezes em que os inimigos dos filhos de Deus pensaram que o tempo era oportuno para um ataque, apenas para verem os seus planos completamente trocados.

O povo de Deus nem sempre saiu tão ileso quanto Jónatas e o seu pajem de armas, os boémios e outros. Tem havido tempos em que, embora as suas vidas eternas fossem preservadas, foram chamados a sacrificar as suas vidas físicas como no caso de Abel. É preciso manter isto em mente, a menos que comecemos a pensar que não há a possibilidade de sermos chamados a morrer em defesa da causa de Deus. Mas podemos estar certos que o povo dos últimos dias, embora sofrendo imensa angústia, realizará o cumprimento da promessa que os seus inimigos serão desbaratados. Aqui está uma descrição do modo como essa promessa será cumprida:

“Se os homens pudessem ver com visão celestial, contemplariam grupos de anjos magníficos em poder, estacionados em redor daqueles que guardaram a palavra da paciência de Cristo. Com ternura compassiva, os anjos têm testemunhado a sua angústia e ouvido as suas orações. Estão à espera da ordem do seu Comandante para os arrancar do perigo. Mas devem ainda esperar um pouco mais. O povo de Deus deve beber o cálice e ser batizado com o baptismo. A própria demora, para eles tão penosa, é a melhor resposta às suas petições. Esforçando-se por esperar confiantemente que o Senhor opere, são levados a exercitar a fé, esperança e paciência, que muito pouco foram exercitadas durante a sua experiência religiosa. Contudo, por amor dos escolhidos, o tempo de angústia será abreviado. ‘E Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite?... Digo-vos que depressa lhes fará justiça.’ Lucas 18:7, 8. O fim virá mais rapidamente do que os homens esperam. O trigo será colhido e atado em molhos para o celeiro de Deus; o joio será atado em feixes para os fogos da destruição.

“As sentinelas celestiais, fiéis ao seu encargo, continuam com a sua vigilância. Embora um decreto geral haja fixado um tempo em que os observadores dos mandamentos poderão ser mortos, os seus inimigos em alguns casos se antecipam ao decreto e, antes do tempo especificado, esforçam-se por tirar-lhes a vida. Mas ninguém pode passar através dos poderosos guardas estacionados em redor de toda a alma fiel. Alguns são assaltados ao fugirem das cidades e vilas; mas as espadas contra eles levantadas se quebram e caem tão impotentes como a palha. Outros são defendidos por anjos sob a forma de guerreiros.” *O Grande Conflito*, 505, 506.

Quando guardados por Deus contra os nossos inimigos segundo a forma descrita nestes dois parágrafos, que necessidade temos nós de outra protecção? Seguramente isto é mais do que adequado.

Quando Deus formou um plano perfeito para a libertação de Israel de Babilónia, as primeiras fases do qual iniciou nos dias de Daniel, tornou claro que a grande quantidade não era essencial para que Ele obtivesse a vitória. Isto é demonstrado pela operação através de um exército constituído apenas por quatro jovens — Daniel, Hananias, Misael e Azarias.

Estes Ele colocou frente à impiedosa força de Babilónia, nessa altura no auge da sua glória e na plenitude do seu poder. Eram quatro contra todo o poder militar, religioso, económico e social possível às ordens do rei e seus oficiais. Tudo parecia estar injustamente a favor dos babilónios, quando de facto o equilíbrio de poder estava infinitamente a favor de Deus e Seu povo.

Apesar dos números não serem um factor, a absoluta confiança e a firmeza inamovível era e ainda é. Aqueles quatro soldados cristãos tinham que ser absolutamente firmes e inamovíveis em face da terrível tentação, não cedendo sob as incríveis pressões que estavam sobre eles e entregarem as suas vidas à perfeita obediência. Em resumo, eles necessitavam ser de tal modo fiáveis que se pudesse ter a confiança que se manteriam firmes sem importar quão ameaçadas as suas vidas ou pessoas pudessem estar.

E ficaram firmes como verdadeiramente ficaram. Não há registo de que deram um passo mal dado, cederam à tentação, manifestaram incredulidade, tiveram medo ou se comprometeram com o mal, ou de qualquer outra forma sacrificaram os princípios a fim de se salvarem a si próprios. Aqui estavam homens em quem se podia confiar infalivelmente de que nunca trairiam o seu Senhor mesmo que isso pudesse custar-lhes a vida.

Tal como nesta altura da história do grande conflito Deus está a operar para produzir um perfeito restabelecimento dos mesmos objectivos espirituais como os que realizou naquela altura. Para realizar isso Ele tem que encontrar pessoas em quem possa confiar como aqueles humildes hebreus. Completa confiança e intransigente fidelidade são os requisitos.

“A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que se não comprem nem se vendam, homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus.” *Educação*, 57.

Desejais qualificar-vos para ser membros do exército do Senhor, os 144 000? Então estas são as qualificações.

A terra de Babilónia, as cortes do seu poderoso rei, foi o campo de batalha escolhido pelo Senhor. O primeiro movimento foi a apresentação de um sonho de grande significado acerca do qual o grande monarca nada podia recordar. Na sua perplexidade ele voltou-se para as pessoas mais inteligentes e educadas neste campo, magos, astrólogos, encantadores e caldeus para lhe explicarem o significado do seu sonho. Vede *Daniel 2:2*. De acordo com as suas afirmações o rei esperou que eles descrevessem o sonho e a sua interpretação e ficou extremamente irado quando foram forçados a admitir que não o podiam fazer. Aqui está o relato bíblico desse acontecimento:

“E, no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve Nabucodonosor uns sonhos; e o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono. E o rei mandou chamar os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e as apresentaram diante do rei. E o rei lhes disse: Tive um sonho; e para saber o sonho está perturbado o meu espírito. E os caldeus disseram ao rei, em siríaco: ‘Ó rei, vive eternamente! dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação.’ Respondeu o rei e disse aos caldeus: ‘O que foi me tem escapado; se me não fizerdes saber o sonho e a sua

interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo. Mas, se vós me declarardes o sonho e a sua interpretação, recebereis de mim dons, e dádivas, e grande honra; portanto, declarai-me o sonho e a sua interpretação.” *Daniel 2:1-6*.

Eles tinham agradado ao rei até esta altura dando-lhe a interpretação de muitos sonhos. Esta era uma questão segura e simples, porque depois de saberem o que ele tinha sonhado, podiam facilmente inventar uma interpretação que fosse agradável ao seu orgulho e vaidade e fortaleciam o seu sentido de segurança. Eles também tinham recorrido ao espiritismo em cujo caso Satanás, que podia prever o futuro até certo ponto, lhes podia dar uma interpretação plausível. Mas nunca no passado tinham eles enfrentado uma prova como esta. Era esperado deles, meros homens falíveis, que entrassem nos segredos da mente do rei e lhe dissessem aquilo que ele não sabia. O dilema deles era sério. Não se atreviam a inventar um sonho, porque o rei podia repentinamente recordar-se do verdadeiro e, quando os dois não coincidissem, tinham a certeza de que perderiam as suas vidas. Não podiam recorrer ao espiritismo mesmo neste caso pois o próprio Satanás não sabia o que tinha sido o sonho. Estavam numa posição em que eram forçados a dizer a verdade. Tudo o que podiam fazer era admitir e readmitir que não podiam dizer o sonho e que só podiam interpretá-lo depois de saberem o seu conteúdo. O facto real era que embora pudessem dar *uma* interpretação, esta era pior do que inútil porque era falsa e levava ao erro. Era Daniel e não eles “que tinha entendimento em visões e sonhos”. *Daniel 1:17*.

O soberano do mundo então conhecido começou a suspeitar que aqueles homens ao seu serviço que afirmavam ter o poder “para revelar os segredos dos homens” estavam, por uma razão ou outra, a esconder-lhe informação vital. De acordo com isso fez grandes promessas por um lado sob a condição de lhe dizerem o sonho e correctamente interpretá-lo e por outro fez-lhes a mais directa ameaça de total exterminação se recusassem.

“Não satisfeito com uma resposta evasiva, e desconfiado porque, a despeito de suas pretensiosas afirmações de poderem revelar os segredos dos homens, eles pareciam não obstante indispostos em prestar-lhe auxílio, o rei ordenou a seus sábios, com promessas de riqueza e honrarias ou por outro lado de ameaças de morte, que lhe dissessem não apenas a interpretação do sonho, mas o próprio sonho. ‘O que foi me tem escapado,’ disse ele; ‘se me não fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo. Mas se vós me declarardes o sonho e a sua interpretação, recebereis de mim dons, e dádivas, e grande honra.’” *Profetas e Reis, 492*.

Qualquer destes incentivos era suficiente para persuadir os sábios do mundo para fornecerem a informação exigida se fossem capazes de o fazer. O problema não era que não a dariam, mas que não podiam. Tudo o que eles podiam fazer era com verdade admitir que eram totalmente incapazes de satisfazer as exigências do rei.

Isto fizeram repetidamente, mas cada admoestação serviu apenas para aumentar a suspeita e ira do rei. Ele sentiu-se profundamente traído por aqueles em quem tinha confiado totalmente. No passado ele nunca tinha questionado as interpretações dadas pelos seus sábios nem duvidado da sua lealdade. Agora pelo simples meio de dar ao rei um sonho de grande significado enquanto lhe retinha a memória dele, Deus tinha com sucesso revelado ao rei que o sistema babilónico era deficiente. Havia um limite, uma fronteira, para além da qual ele não podia ir. Ele não era o poder todo-suficiente que havia afirmado ser.

As implicações que agora tinham começado a abrir-se perante o rei, eram demasiado assustadoras para ele pensar. Se fosse verdade, como o rei se sentiu forçado a admitir, que Babilónia não tinha resposta completa para tudo, então o seu reino e a sua bela cidade estavam condenados a um futuro limitado e certamente chegariam a um fim. Apesar de totalmente inaceitável este pensamento para a mente real, contudo era verdadeiro. Babilónia não duraria para sempre. Ela desapareceria. Outro tomara o seu lugar!

Assim a mensagem apresentada em *Daniel 2* era e para sempre será que, grande como Babilónia pudesse parecer aos olhos daqueles que a amavam e serviam, quando vista no contexto do Criador ilimitado e sem fronteiras e Suas maravilhosas obras, era na verdade muito limitada e longe de ser infinita.

Foi no jardim do Éden que a humanidade primeiramente permitiu que o seu juízo fosse pervertido na crença que Babilónia, embora ainda não se chamasse por esse nome, era maior do que Deus e desse modo viveria para além d'Ele. Por todos os meios ao seu dispor ela continuou a jactanciosamente a proclamar esta monstruosa mentira e assim continuará a fazer até ser por fim desmascarada e simultaneamente aniquilada completamente. Quando esse solene momento chegar, como inevitavelmente acontecerá, os ministros dos mistérios da moderna Babilónia francamente e livremente admitirão que Babilónia, seja ela a antiga ou a moderna, é um sistema deficiente que falha para aqueles que crêem nela quando estão na maior necessidade.

Até agora não estudámos tudo o que os sábios de Nabucodonosor tinham admitido. O que agora se segue leva-nos ao âmago da questão:

“Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: ‘Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, senhor ou dominador, que requeira coisa semelhante de algum mago, ou astrólogo, ou caldeu.

“Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne.” *Daniel 2:10, 11.*

Nesta declaração ao rei os sábios admitiram que não tinham ligação com o Deus que tudo conhece porque o seu conceito de todos os deuses era que eles não moravam com a carne. Mas a verdade é que a falta de ligação de Babilónia a Deus é muito mais grave do que a privação de informação — é a separação da própria vida. Contudo, Deus o Filho veio para habitar connosco na carne, a própria carne pecaminosa. Essa é a grande diferença entre o Deus cristão e os deuses de Babilónia. Portanto, o cristão tem acesso através de Jesus Cristo aos segredos e poderes do Altíssimo. Esta ligação é para a vida eterna e é aquilo que cada verdadeiro crente tem. Era aquilo que Deus estava também a oferecer a Nabucodonosor.

Nesta fase da batalha havia confusão nas fileiras do inimigo. Repentinamente, a morte pairava sobre estes sábios, o rei estava enfurecido, o seu orgulho ferido e a sua mente profundamente perturbada. Tudo isto tinha sido alcançado por Deus sem disparar uma seta, sem mandar uma pedra, sem uma carga de cavalaria ou derramamento de qualquer sangue. O objectivo inicial de preparar a mente do rei para receber a mensagem contida no sonho e na sua interpretação tinha sido alcançado.

Esse não era certamente um pequeno feito, para dizer o mínimo. Isto envolvia o chamamento da atenção do rei por parte de Deus e o desafio do seu pensamento ao ponto em que ele desejasse apenas uma solução honesta e verdadeira para todo o problema. Um grande perigo para o sucesso de Deus em prevenir o rei era a degeneração de toda a questão numa disputa de argumentos entre o rei e os seus sábios em cujo caso pouco se alguma coisa seria alcançado. Mas o facto que o sonho foi esquecido chamou tanto a atenção que o rei determinado não descansaria enquanto não soubesse tanto o próprio sonho como a sua interpretação. Ele não ficaria satisfeito com suposições mas tinha que ter factos positivos. Isso era exactamente o que Deus queria que ele tivesse. Foi uma obra prima de planeamento bem sucedido tal como a sua execução.

## Capítulo 23

### Homens em Alerta Máximo

**D**eus não apenas necessitava de homens da mais sólida e inamovível firmeza, como se notou no capítulo anterior, mas também de homens que vivessem em constante prontidão para responder a um repentino e inesperado chamamento d’Ele não importasse onde, quando, ou qual o custo. Este estado de máxima preparação é descrito nos exércitos modernos como alerta máximo.

Deus encontrou exactamente esse tipo de tropas em Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Embora eles soubessem que Deus tinha feito um concerto para restaurar um fiel remanescente para a Terra Prometida, não conheciam os pormenores de cada movimento que estava na frente deles. Ele não lhes disse que deviam desempenhar papeis chave numa obra destinada a converter o rei de Babilónia. Não os avisou, nem necessitava, porque eles estavam constantemente preparados para servir a qualquer momento sem aviso prévio mesmo perante a morte.

Nós somos admoestados a estar preparados a qualquer momento, primeiramente para enfrentar o juízo investigativo daqueles que enviaram os seus pecados antecipadamente para esse julgamento e em segundo lugar para estar constantemente prontos para servir de modo que nenhuma oportunidade de avanço do reino de Deus se perca devido ao nosso fracasso em estar sempre em alerta máximo.

Os confrontos entre os quatro fiéis e Babilónia serão repetidos. Embora tenhamos uma ideia geral quanto ao que acontecerá durante aqueles dias terríveis, não sabemos os pormenores do lugar, quando e como os nossos papeis e obra terão lugar. Mas isto é certo, não podemos permitir-nos cometer quaisquer erros durante o período de tempo que se aproxima. Em lugar disso as linhas de comunicação entre nós e as fontes celestiais devem ser mantidas completamente abertas a qualquer momento através da fé viva, estrita obediência, constante oração e um espírito de total dedicação e abnegação.

Tal era a vida terrestre de Cristo que não fez planos para Si, dependendo do Seu Pai para suprir esses planos numa base diária, nunca foi apanhado de surpresa e manteve sempre a mais íntima comunhão com a Fonte celestial. Constantemente em alerta máximo, nunca perdeu uma oportunidade para servir as indicações de Seu Pai. “As palavras: ‘Ainda não é chegada a Minha hora’ indicam que todos os actos da vida de Cristo na terra faziam parte do plano que existira desde os dias da eternidade. Antes de vir à terra, o plano estava perante Ele, perfeito em todos os seus pormenores. Ao andar entre os homens, Ele era guiado passo a passo pela vontade do Pai. Não hesitava em agir no tempo designado. Com a mesma submissão, esperava até que a oportunidade chegasse.” *O Desejado de Todas as Nações*, 149. Assim era também o contínuo estado de Daniel e dos seus três companheiros.

Portanto, o rei Nabucodonosor teve o seu sonho como está escrito: “E, no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve Nabucodonosor uns sonhos; e o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono.” *Daniel* 2:1. Deus tinha dado o primeiro passo no drama que devia em breve envolver a corte do rei sem os quatro jovens hebreus saberem alguma coisa do que se estava a passar. Eles também não foram chamados à presença do rei com os sábios do reino. Aparentemente para estes dedicados quatro jovens, a primeira intimação de aproximação ao problema veio quando lhes foi dito que seriam executados. Essas sentenças eram normalmente dada pelos déspotas enfurecidos daqueles dias. Aqueles sistemas de governo eram impiedosos despotismos que mantinham a lei e a ordem pela força cruel. Eles não eram as mais misericordiosas democracias com as quais estamos familiarizados hoje.

Os quatro jovens compreenderam muito rapidamente a situação e entenderam a desagradável verdade que a morte estava a aproximar-se rapidamente deles. Não havia tempo a perder e sob a perfeita guia do Infalível Planeador e Solucionador de problema, deram os passos necessários para desviar a temível crise. Daniel deu uma calma e respeitosa resposta ao representante e executor do rei, Arioch, que era também capitão da guarda do rei. Não houve pânico, nem medo e nenhuma tentativa de fugir da parte dos dedicados quatro: “Então Daniel falou avisada e prudentemente a Arioch, capitão da guarda do rei que tinha saído para matar os sábios de Babilónia. Respondeu, e disse a Arioch, prefeito do rei: ‘Porque se apressa tanto O mandado da parte do rei?’ Então Arioch explicou o caso a Daniel.” *Daniel* 2:14, 15.

Há alguns pontos interessantes que se levantam dos desenvolvimentos considerados até aqui. Um deles é que, quando a sentença de morte foi pronunciada sobre os infelizes sábios, Daniel e os seus três amigos foram contados com eles. Com o propósito de exterminar os astrólogos, os magos e os caldeus, não foi feita qualquer distinção entre estes enganadores e o verdadeiro povo de Deus. Satanás, o oportunista atento, estava à procura de destruir os justos juntamente com os maus, enquanto a obra de Deus através dos seus servos fiéis era salvar o culpado juntamente com o inocente.

Não há dúvida que Satanás foi apanhado de surpresa como foram os quatro hebreus, porque Deus não lhe anunciou ou a alguém mais que estava prestes a dar um sonho ao rei, mas prosseguiu fazendo-o como se o diabo nem sequer existisse. Todavia, o nosso inimigo não dorme e este tornou-se rapidamente consciente de que se estavam a desenvolver esquemas que prejudicariam os seus planos. Ele viu a confusão no palácio, a fúria do rei, e, conhecendo bastante acerca do poder vivo residente nos quatro jovens, temeu que o seu reino estivesse prestes a sofrer uma derrota significativa. Portanto, viu que devia contra-atacar antes que Deus pudesse proclamar a vitória não importava quantos caldeus ou outros que o servissem tivessem que pagar com a vida.

Esta é a revelação do carácter de Deus e do carácter de Satanás vistos lado a lado. Assim comparados, é claro que Deus é o Salvador que está perpetuamente a procurar a salvação mesmo dos Seus piores inimigos, enquanto Satanás destrói mesmo os seus mais fiéis, dedicados seguidores quando essas acções melhor servem os seus desígnios. Se lhe fosse concedido total controlo sobre a família humana que afirma ser sua por direito, há muito tempo que nenhum ser humano estaria vivo, fosse ele bom ou mau. Considerai a verdade acerca disto como está expressa no parágrafo seguinte:

“Não podemos saber quanto devemos a Jesus pela paz e protecção de que gozamos. É o poder de Deus que impede que a humanidade passe completamente para o domínio de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm grande motivo de gratidão pela misericórdia e longanimidade de Deus, que contém o cruel e pernicioso poder do maligno. Quando, porém, os homens passam os limites da clemência divina, a restrição é removida. Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam a Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado,



cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão contemporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente que é lançada, a qual produz infalível messe. Quando se resiste persistentemente ao Espírito de Deus, Ele é afinal retirado do pecador, e então não há poder algum para dominar as más paixões da alma, nem protecção contra a maldade e inimizade de Satanás. A destruição de Jerusalém constitui tremenda e solene advertência a todos os que estão tratando levianamente com os oferecimentos da graça divina e resistindo aos rogos da misericórdia de Deus. Jamais foi dado um testemunho mais decisivo do ódio ao pecado por parte de Deus, e do castigo certo que recairá sobre o culpado.” *O Grande Conflito*, 33.

Mas porque não tinham sido Daniel e os três fiéis companheiros chamados no primeiro caso quando o rei exigiu uma resposta dos seus sábios? O rei conhecia-os realmente bem, pois não os tinha ele pessoalmente examinado e encontrado dez vezes melhores do que os melhores do seu reino? Não os tinha ele próprio colocado em posições de serviço? Não tinham eles servido o rei com interminável fidelidade, não tinham eles provado estarem isentos de qualquer conspiração contra o trono, não era verdade que Deus fez com que eles prosperassem e não foi Daniel especialmente abençoado com visões e sonhos e seus significados? À luz destas considerações, Daniel, Hananias, Misael e Azarias deveriam ser os primeiros e únicos consultados!

A causa mais provável para estas omissões foi o preconceito que tinha bastante peso contra qualquer que fosse israelita, mesmo o rei Nabucodonosor foi forçado a admitir os factos a respeito do seu programa educacional. Era claro que os quatro hebreus eram superiores a todos os estudantes de todas as terras. Todavia, eles eram tão poucos que o rei sem dúvida sentiu que podia contá-los como factores a não serem levados demasiadamente em conta.

Era a Babilónia que o altivo monarca desejava que todo o poder e glória fosse atribuído e crescentemente a sua mente afastou-se das evidências a favor da verdade para os seus acariciados desejos como declarou o levantamento de uma imagem inteiramente feita de ouro. A isto voltaremos a nossa atenção no devido tempo. Por agora continuaremos o nosso estudo do conflito no qual Daniel aprendeu as razões para o decreto do rei.

“E Daniel entrou, e pediu ao rei que lhe desse tempo, para que pudesse dar a interpretação.” *Daniel 2:16*. Isto constituiu um espantoso desenvolvimento no drama — Daniel calmamente pedindo ao rei que lhe desse tempo para que pudesse compreender tanto o sonho como a sua interpretação. Anteriormente o furioso rei havia acusado os caldeus e seus associados de empregarem tácticas de adiamento a fim de ganharem tempo. O monarca, convencido que tinha descoberto a perfídia dos homens que professavam ter o poder para interpretar sonhos e visões, terminantemente recusou conceder-lhes tempo. Em vez disso, decretou que revelassem o sonho ou seriam mortos. Não foi concedida qualquer misericórdia. Tais foram as expressões de desapontamento e ira que consumia o rei nesse fatídico dia.

Quando Arioch foi ter com Daniel e lhe anunciou a sua desagradável missão, Daniel podia ter agido pelo receio sob a repentina pressão. Mas o servo do Senhor não hesitou um momento. Protegido pelo mesmo poder que tinha tornado Moisés capaz de entrar e sair da presença do Faraó sem que o poderoso rei fosse capaz de o impedir, Daniel foi corajosamente, embora com humildade e respeito, à presença do rei Nabucodonosor e simplesmente lhe pediu tempo para obter a revelação do segredo do sonho e da sua interpretação.

E o poderoso rei deu a Daniel o tempo que lhe foi pedido. Que espantosa libertação foi essa, que triunfo para a causa da verdade! Mas isto nunca teria sido possível se Daniel não tivesse sido abençoado como foi com grande pureza e poder espiritual. Ao mesmo tempo isto deve levar-nos a concluir que o Senhor operará sempre da mesma maneira poderosa, embora tenhamos perfeição, pureza e incrível poder. Os grandes apóstolos de Jesus Cristo, Pedro e Paulo, que foram abençoados com o majestoso poder do Espírito Santo de tal maneira que puderam ressuscitar mortos, cada um deles morreu como mártir.

Há situações que se desenvolvem de tempos a tempos em que a causa da verdade cresce melhor com a morte de um filho de Deus do que pela preservação da sua vida. Por exemplo, depois da compreensão de João Baptista ter sido iluminada a respeito da verdadeira natureza do reino de Cristo, está escrito o seguinte a seu respeito: “Compreendendo mais claramente agora a natureza da missão de Cristo, entregou-se a Deus para a vida ou para a morte, segundo melhor conviesse aos interesses da causa que amava.” *O Desejado de Todas as Nações*, 227.

O que é preciso para que o Senhor possa trabalhar tão eficazmente como fez por Daniel, é um agente tão puro e tão cheio do poder do Espírito Santo como era Daniel. Deus não foi apanhado de surpresa por qualquer destes acontecimentos, mas, conhecendo o coração do rei Nabucodonosor e como ele reagiria, podia prever com a maior exactidão o que o rei faria passo a passo durante todo o drama. Portanto, sabemos que o plano formado por Deus teria sucesso desde que o Seu povo na Terra fosse fiel em fazer a sua parte. Esta experiência de Daniel, quando o rei, sem levantar qualquer objecção, livremente lhe concedeu tempo, é um testemunho para nós de como os homens que têm elevadas posições e poder, podem ser tocados para tomar decisões que protegem e avançam a causa de Deus de forma espantosa. Maravilhosos são os prodígios a serem mostrados na Terra antes do fim finalmente chegar.

Ao ser-lhe concedido tempo, Daniel não perdeu nenhum especulando acerca do que poderia ter sido o sonho, mas imediatamente regressou à sua casa onde informou os seus companheiros que o rei lhe havia concedido tempo. Eles sabiam que o seu Pai eterno era a única Fonte tanto do sonho do rei como da sua interpretação e reuniram-se para Lhe pedirem que lhes revelasse o segredo.

“E eles não suplicaram em vão. O Deus a quem tinham honrado, honrava-os agora. O Espírito do Senhor repousou sobre eles, e a Daniel, ‘numa visão da noite’, foi revelado o sonho do rei e seu significado.” *Profetas e Reis*, 494.

Embora fosse urgente apresentar a informação perante o rei, Daniel não o faria enquanto não agradecesse primeiramente a Deus por revelar o segredo. Nesta oração de profunda gratidão e sincero ardente agradecimento, Daniel com certeza demonstrou compreensão da ordem evangélica e mostrou o seu profundo amor por esse maravilhoso sistema em que Deus é a Fonte altíssima, Jesus Cristo a grande Ligação e nós humanos somos totalmente dependentes recebedores. Aqui estão as expressões de louvor ao seu Criador.

“Então foi revelado o segredo a Daniel, numa visão de noite: então Daniel louvou o Deus do céu. Falou Daniel, e disse: Seja bendito o nome de Deus, para todo o sempre, porque dele é a sabedoria e a força; E ele muda os tempos e as horas; ele remove os reis e estabelece os reis; ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido: conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. Ó Deus de meus pais, eu te louvo e celebro, porque me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei.” *Daniel* 2:19-23. Foi com grande certeza que Daniel aceitou a revelação como vinda de Deus. Ele apenas conhecia a verdade. Nenhuma expressão de incredulidade obscureceu a sua mente; nenhuma dúvida o atormentou com incerteza.

Hoje olhamos os passados 2 500 anos de exacto cumprimento desta profecia. O tempo tem provado a absoluta ininterrupta exactidão destas predições. Há muito tempo a vista tomou o lugar da fé, mas não foi assim nos dias de Daniel. Nessa altura o futuro parecia estar fechado em obscuridade e ninguém senão os que amavam, confiavam e recebiam a luz de Deus, eram capazes de receber qualquer conhecimento dos acontecimentos futuros. Os caldeus, por não terem acesso à mente do Infinito, não podiam dar ao rei o mais ténue raio de confiante luz do futuro. Eles procuravam respostas na mudança de posição dos planetas, nas especulações dos seus sábios e nas visões e sonhos que pudessem ser usados para dizer o que quer que uma mente dotada queria que dissessem. No meio de toda esta confusão dos caldeus, uma voz clara

soou e proclamou que as trevas haviam sido rompidas e o futuro não envolto em obscuridade, permaneceu iluminado.

Mas como podia Daniel saber, para além da mais pequena dúvida, que a mensagem que tinha para o rei era de facto a verdade? Ele sabia-o exactamente da mesma maneira como nós hoje devemos entender e exactamente identificar a verdade como distinta do erro. Novas revelações afirmando ser a verdade têm que estar em harmonia com aquilo que Deus já deu. Novas verdades deverão ser examinadas e confirmadas pelas provadas verdades antigas e estabelecidas que têm passado no exame do tempo.

Sempre, desde a queda de Adão e Eva no Éden, tem havido uma progressão de desenvolvimento da verdade que tem sido comunicada ao Seu povo por Deus através dos Seus profetas. A primeira destas foi revelada por Jesus Cristo a Adão e Eva num testemunho que declara que existiria guerra entre as forças da luz e as forças das trevas até ao fim do tempo. O Salvador declarou: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” Génesis 3:15.

Não só é esta a predição mais antiga da contínua luta entre a justiça e o mal, mas é a mais concisa declaração jamais feita sobre o grande conflito. Para compreender realmente esta profecia, o estudante da Palavra de Deus tem que ser abençoado com o discernimento espiritual de modo que possa identificar rapidamente as forças do mal quando elas operam contra o governo e autoridade do Altíssimo. Ele deve ver a verdadeira natureza das trevas por um lado e a natureza da luz pelo outro.

Daniel foi capaz de fazer isto porque a sua mente limpa e educada lhe tornou possível ver debaixo do cativante exterior a verdadeira Babilónia escondida. Tão familiar se tinha ele tornado com a natureza do homem do pecado, que sempre que o via, fosse no passado, presente, ou futuro, o seu reconhecimento era certo. Assim quando o Senhor revelou o sonho dos futuros levantamentos e quedas dos grandes poderes da Terra, ele foi rápido a ver que cada um era apenas uma repetição do que se tinha passado antes sem alteração dos princípios. Ele compreendeu também que Babilónia é uma força que está a morrer cujas energias estão rapidamente a esgotar-se. Em breve terá esgotado as reservas que lhe restam deixando apenas um mar de areia, poeira, como ilustrado no destino final da grande imagem.

Assim foi com Daniel, que ao comparar a natureza dos poderes do mal que tinham passado, com as forças simbolizadas pelas várias partes da imagem, foi capaz de identificar as últimas. Aqueles reinos do passado e os que vieram depois tinham o mesmo espírito e carácter. O sonho dado a Nabucodonosor não falou de uma mensagem diferente de todas as revelações dadas através dos profetas do passado.

Daniel não só confrontou a história com a profecia para tornar absolutamente certo que as profecias eram de Deus, mas também viu que Deus controla os acontecimentos humanos. Aqui está a sua declaração formal para este efeito: “E Ele muda os tempos e as horas; ele remove os reis e estabelece os reis; ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos.” *Daniel* 2:21. Ao declarar que Deus remove e estabelece reis, Daniel demonstrou uma clara compreensão do carácter de Deus e como Ele desempenha o seu papel no estabelecimento e queda de nações grandes e pequenas.

As acções de Deus apenas podem ser correctamente compreendidas quando vistas à luz do Seu perfeito carácter. Então saber-se-á em que sentido Ele estabelece e remove reis. O aparentemente óbvio, embora incorrecto pensamento destas acções, é que Deus pessoal e arbitrariamente manipula a história ao ponto em que escolhe quem deve governar, sobre quem deve governar e por quanto tempo. Se isto fosse verdade, significaria que Deus e Satanás governavam ambos pelo exercício da força, quando de facto, poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. “Deus poderia ter destruído Satanás e os seus simpatizantes tão facilmente como se pode atirar uma pedra à terra; mas não o fez. A rebelião não seria vencida

pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são desta classe. A Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação destes princípios são os meios que se devem utilizar. O governo de Deus é de ordem moral, e nele devem prevalecer o poder da verdade e do amor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 824.

Em que sentido então Deus remove reis e estabelece outros? Com estrita imparcialidade Deus dá as Suas bênçãos. Estas podem ser classificadas como poderes exteriores e interiores. Os poderes interiores que são saúde, força, capacidades mentais, etc., ao passo que os exteriores são os poderes da natureza, incluído materiais em estado natural a partir dos quais o reino é construído. Os homens tomam todas estas bênçãos e constroem poderosos reinos que frequentemente são impérios cruéis, despóticos que provocam incrível sofrimento sobre os outros. Deus nunca pretendeu que os Seus dons fossem assim desviados com este propósito. Pelo contrário planeou que a saúde do povo fosse uma bênção para a humanidade.

Porque Deus é quem dá todos os meios pelos quais os reinos são construídos, diz-se que Ele os estabelece. É verdade, mas ao mesmo tempo, deve ser lembrado que Deus nunca teve a intenção que os Seus dons fossem usados, como frequentemente são, para construir reinos de pessoas escravizadas. Mais ainda, Ele conhece a inclinação do homem para dar um uso errado aos Seus dons e transformá-los numa destruidora maldição. Portanto, Ele disse nos termos mais claros que a segurança está na estrita obediência à Sua santa lei. Quando ela é respeitada e fielmente obedecida, grande prosperidade é o resultado natural: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio das nações.” *Provérbios 14:34*.

Durante o período em que um reino é construído, as energias dos construtores do reino são amplamente devotadas à grande tarefa que os enfrenta, mas quando a obra chegou um certo ponto de estabilidade e cumprimento, a população descansa para gozar o fruto dos seus labores. É durante este período de tempo que o povo repousa e devota as suas energias à gratificação de todo o desejo concupiscente. Isto é especialmente verdade quanto a riqueza. Um século ou mais passa durante o qual o liberal mau uso de todas as bênçãos de Deus enfraquece o povo que então se torna presa relativamente fácil do próximo grande reino que se estabelece no poder.

Assim, é o grave uso errado dos dons de Deus que produz a queda de uma nação. Isto nunca teria acontecido se o povo usasse os dons de Deus da forma e com o propósito que Ele designou. Deus simplesmente reconhece esta queda e elabora os seus planos de acordo com esse reconhecimento. Neste sentido está escrito que Deus remove um rei e o seu reino e estabelece outro no seu lugar. Isto é feito sem o uso do poder compulsor arbitrário.

Foi durante a visão da noite em que o Senhor revelou a imagem e a respectiva interpretação, que estes princípios foram abertos à compreensão de Daniel. Depois de sair da visão, ele ficou cheio de louvor pela perfeição da beleza residente em todas as obras e governo de Deus. Foi cativado tal como pouco depois seria o rei Nabucodonosor. Todo o drama que começou com o sonho esquecido e durou até o amedrontado rei se prostrar perante Daniel, teve que ser um dos verdadeiros grandes momentos em toda a história do plano da salvação.

## Capítulo 24

### Fé Gera Fé

**N**este ponto do conflito em desenvolvimento entre a luz e as trevas quando Daniel estava quase a relatar o sonho ao rei, há para nós mais uma revelação do grande poder espiritual residente em Daniel e seus três amigos. Isto é encontrado na fé que gera fé.

Além de Arioch havia poucos que sabiam quão furioso estava o rei e quão perigoso era incorrer mais na sua ira. Portanto, podíamos esperar que Arioch tivesse sido cuidadoso em anunciar Daniel como o único que *afirmava* saber a interpretação do sonho e não como aquele que tinha a certeza e a segurança da solução para o problema. Em vez de, com forte, positiva confiança, apresentar Daniel ao rei como aquele que muito certamente resolveria o problema que incomodava o rei.

Pensai no risco que Arioch correu. Se, depois de fazer esta corajosa afirmação, Daniel não tivesse sido capaz de dar a informação que o rei exigia, a ira de sua majestade não conheceria limites e Arioch com certeza teria perdido a sua vida.

Como estava Arioch tão certo que Daniel sabia qual era o sonho e a sua interpretação? Sabia isso porque sentiu grande luz e poder fluindo de Daniel, que gerou nele algo da mesma fé que enchia Daniel. Apesar de recebida pelo babilônio em menor grau, estava presente e era suficientemente forte para o encher com uma confiança ilimitada nas palavras de Daniel.

Neste ponto beneficiaremos se fizermos uma observação mais próxima da influência da fé sobre os outros. Todo o que do povo de Deus tiver uma parte na finalização da Sua obra deve compreender a necessidade de um elevado nível de fé a fim de experimentar os mesmos resultados obtidos por Daniel.

Consideremos o caso do homem junto ao tanque de Betesda — o pobre sofredor que tinha vivido numa atmosfera de trevas e incredulidade durante trinta e oito anos. Vede *João* 5:1-15. Uma e outra vez ele elevou as suas esperanças de ser o primeiro quando as águas eram movidas, mas aquela pouca fé que ele tinha estava deslocada o que apenas o baixava às trevas do desespero mais profundo. Então, num dia de sábado, totalmente sem ser anunciado, apareceu Jesus na sua presença e fez-lhe a simples pergunta: “Queres ser curado?” o pobre homem respondeu que as suas repetidas tentativas para obter libertação tinham falhado sempre. Em resposta a isto Jesus disse-lhe: “Levanta-te, toma a tua cama e anda!” Instantaneamente o homem se levantou totalmente curado.

A questão é, como se levantou ele tão repentinamente? Fê-lo pela fé na palavra de Cristo. Pela fé de quem alcançou ele esta recuperação da saúde e força? Foi pela fé de Cristo, ou foi pela sua fé pessoal? Foi pela sua própria fé. Mas de onde e como adquiriu ele tão rapidamente esta fé que era tão poderosa que através dela foi capaz de experimentar a reconstrução de todo o seu corpo? Adquiriu-a de Cristo. Mas como? Ao ser trazido à atmosfera da virtude, o poder

criador do amor imediatamente cercou o Salvador. Por alguns momentos carregados de poder ele sentiu-se imerso na atmosfera que cercava o Poderoso Médico e foi o bastante para gerar nele fé suficiente para alcançar e agarrar a oferta que lhe era feita.

Semelhantemente Arioch fez a sua declaração ao rei em resposta à imersão no poder curador do amor que envolvia Daniel. Isto explica como a verdadeira obra médico-missionária pode unicamente ser realizada. Ela diz-nos como os mensageiros de Jesus devem gerar fé viva nos doentes tanto fisicamente como espiritualmente. Esses elevados níveis de poder que brotam de vidas carregadas de fé apenas podem ser encontrados depois de muita comunhão profunda com Deus. Nisto, Cristo é o exemplo.

Para que Ele pudesse ter para sempre o poder com que encher os homens e mulheres com a fé necessária para receber as gloriosas libertações e construir o reino de Deus na Terra, Jesus mantinha uma constante comunhão com o Seu Pai celestial como está escrito: “Em Cristo, o grito da humanidade chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem suplicava ao trono de Deus, até que a Sua humanidade estivesse carregada com a corrente celestial com a qual pudesse unir a humanidade à divindade. Mediante a comunhão contínua recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. A Sua experiência deve ser a nossa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 388.

Deus necessita absolutamente de homens de poder espiritual, mental e físico muito grande antes de poder finalizar a obra e levar-nos para o lar. Portanto, aqueles que se qualificarem para serem os instrumentos de Deus verdadeiramente capazes na bem sucedida finalização deste último e definitivo ministério aprenderão como ser inundados com a energia divina de modo que atravessarão as barreiras que afastam o Salvador. Essa condição de estar assim carregado só se pode alcançar através de profunda e consistente comunhão com Deus. Que isso pode ser obtido e mantido é provado pelos grandes feitos espirituais de Daniel, Jesus e outros.

Aqui está o testemunho em que Arioch sem hesitação declarou a verdade que Daniel sabia o sonho e a sua maravilhosa interpretação. “Por isso, Daniel foi ter com Arioch, ao qual o rei tinha constituído para matar os sábios de Babilónia: entrou, e disse-lhe assim: Não mates os sábios de Babilónia; introduze-me na presença do rei, e darei ao rei a interpretação. Então Arioch depressa introduziu Daniel na presença do rei, e disse-lhe assim: Achei um, de entre os filhos dos cativos de Judá, o qual fará saber ao rei a interpretação. *Daniel* 2:24:25.

O grandioso poder do amor não terminou o seu ministério através de Daniel, mas estendeu-se através de Arioch para envolver o rei irado. Contudo, nessa altura, nem o rei nem Arioch estavam realmente convertidos por estas manifestações do poder divino. No caso de Nabucodonosor, isso veio mais tarde como sabemos. Embora não saibamos o que aconteceu com Arioch no fim, parece que nesta altura o espírito de Babilónia da glorificação própria continuava a afirmar-se nele, porque ele afirmou que tinha sido aquele que procurou e encontrou o homem que podia revelar o sonho e a sua interpretação. Isto não era verdade. O primeiro contacto de Arioch com Daniel foi quando este lhe perguntou com habilidade e tacto porque é que esta ordem havia saído do rei, em resposta ao que ele relatou os pormenores. Vede *Daniel* 2:14, 15. Portanto, Arioch e o seu rei simplesmente esperaram até Daniel regressasse com a luz dada por Deus. Foi então que Arioch apresentou Daniel como sua própria descoberta, quando devia ter reconhecido que toda a glória pertencia ao Senhor.

Daniel com certeza deu toda a glória a Deus. Enquanto o jovem estava perante o rei depois de ter sido anunciado por Arioch, o rei perguntou: “Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação?” *Daniel* 2:26. Esta era um esplêndida oportunidade para Daniel se exaltar a si próprio perante o rei, mas ele não possuía em si mesmo a mais pequena disposição para o fazer. Foi favorável que este fosse o caso, porque se ele tivesse tomado a honra para si próprio, teria mostrado a disposição de se colocar no lugar do Senhor. Fazer isto significaria ter a marca e o espírito do anticristo, sendo um seguidor de Satanás e inimigo de Deus e do homem.

Quando o jovem profeta esteve perante o rei, sabia que trazia a mensagem mais impopular. Não estava ali para dizer aos babilónios aquilo que eles queriam ouvir, pelo contrário, para lhes dizer a verdade que não queriam ouvir. Portanto, Daniel, pela obediência a Deus, tinha colocado a sua vida e a dos seus amigos em perigo por se atrever a dizer a verdade que Deus lhe tinha ordenado declarar. Teria sido uma grande tragédia para Daniel ter falhado neste ponto depois de ter chegado tão longe na execução do plano divino. Quão felizes nós somos por ele ter-se mantido firme até ao fim.

Daniel começou a sua mensagem ao rei dirigindo a sua atenção para o completo fracasso dos homens do rei para revelar o desconhecido: “Respondeu Daniel na presença do rei, e disse: ‘O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei.’” *Daniel 2:27*. Essa era a indubitável verdade. Todos os sábios não foram capazes de revelar o grande segredo, nem Daniel afirmou que ele ou os seus três amigos eram capazes também. Então quem podia? Neste ponto Daniel apresentou o Deus do Céu de quem ele declarou ser bem capaz de revelar o sonho e a sua interpretação ao rei. Assim continuou Daniel: “Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há-de ser no fim dos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas:...” *Daniel 2:28*.

Que declaração poderosa foi essa! Dizer que credes que há um Deus no Céu quando se caminha na corrente do Seu poder ou repousar no brilho do Seu grande amor, é uma coisa, mas dizer isto quando a condição da igreja de Deus é muito baixa, requer uma poderosa fé viva. Nos dias de Daniel esse estado tão baixo tinha sido alcançado. Tanto o reino do norte como o do sul tinham sido derrotados, completamente arruinados e espalhados entre as nações. A cidade de Jerusalém e o templo tinham sido destruídos e os pretensiosos orgulhos babilónicos eram triunfantes. Eles afirmaram que os seus deuses tinham vencido o Deus de Israel e assim parecia ser. Jeová estava exposto aos olhos dos babilónios como um Deus fraco. Eles pensaram que se no passado Ele tinha realizado alguns feitos grandiosos pelo Seu povo, a Sua força estava agora esgotada, e, como um velho e cansado guerreiro, tinha-se deitado para dormir. Foi num contexto como este que a voz de Daniel soou: “Mas há um Deus nos céus!” não houve hesitação, receio e falta de confiança. O jovem sabia com grande certeza que o verdadeiro Deus se sentava no Céu sobre o Seu trono de poder e autoridade, de modo que Ele não tinha perdido o controlo do Seu reino, que Ele era o fiel Libertador do Seu provado e confiante povo e que Ele tinha o poder para ler o futuro. Um testemunho tão emocionante como esse estava em oposição directa à mensagem de Babilónia. Foi um ensinamento que nunca seria expresso pelos caldeus, nem, em circunstâncias normais, aceite pelo orgulhoso monarca. Qualquer pessoa nessa altura ou agora que apresentasse esses conceitos seria normalmente recebida com troça e ridículo seguido de desdém. Se continuasse a exprimir as suas crenças teria como resultado severas perseguições e possivelmente a morte.

Mas este conjunto de circunstâncias não era normal. Não era um destemido reformador fanático, mas um vivo mensageiro do Altíssimo que estava perante o rei Nabucodonosor nesse tempo memorável. Ele falou como nenhum homem comum falava e o rei era impotente para o impedir. Nem o rei desejava terminar a narração de Daniel nesta altura, pois obviamente estava preso pelo que estava a ouvir. Sem que o rei tivesse conhecimento, o Espírito Santo tinha-o preparado para as revelações da verdade que agora lhe estava a ser dada.

Na obra da pregação do evangelho, verificamos que, a menos que o Espírito Santo prepare a pessoa antecipadamente, o obreiro evangélico realizará pouco se alguma coisa. Mas, se o Espírito Santo for capaz de gerar um interesse na alma necessitada antes da chegada do agente humano, os esforços deste agente terá uma possibilidade de sucesso muitas vezes maior. Esta é uma das razões pela qual o planeamento dos contactos missionários somente o Espírito Santo pode fazer.

O profeta de Deus a seguir declarou que o sonho era uma revelação do futuro, no qual Babilónia não tinha qualquer parte activa. Esta predição começou no tempo em que a visão foi dada e estendeu-se até ao futuro eterno, porque o reino simbolizado pela grande pedra nunca passaria. “Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há-de ser no fim dos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça na tua cama são estas: Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos ao que há-de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os segredos, te fez saber o que há-de ser.” *Daniel 2:28, 29.*

Deve ser notado que Daniel foi extremamente cuidadoso em afastar de si próprio qualquer crédito para esta maravilhosa revelação da verdade. Pelo contrário, como expressão natural do espírito de humildade que estava nele, repetidamente dirigiu todo o crédito para Deus. Isso foi importante, porque justificou o pensamento do rei que o sonho continha uma mensagem muito séria que tinha de se tornar conhecida e interpretada com exactidão. A confirmação que a Fonte do sonho era o próprio Deus e não o resultado de um sono perturbado, serviu para aumentar a determinação do rei para compreender a verdade nele contida.

A renúncia final de Daniel está registada no versículo trinta: “E a mim me foi revelado este segredo, não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses o que passou pela tua mente.” *Daniel 2:30 NVI.*

Estas revelações foram dadas por causa de todos os filhos de Deus em todo o lado. Foi muito adequadamente dada quando a igreja parecia ter caído. Parecia que aparte dos quatro jovens, tinham sido deixados poucos verdadeiros representantes. Parecia que a maioria do restante tinha sido vencido e que em breve eles se seguiriam, porque qual era o firme filho de Deus que podia sobreviver durante muito tempo num ambiente hostil como a própria corte de Babilónia? Essa pergunta foi respondida por Daniel, Hananias, Misael e Azarias, e este mesmo feito pode ser perfeitamente alcançado hoje, desde que os chamados a fazer esta obra estejam cheios do Espírito Santo e sejam tão leais e verdadeiros a Jeová como foram os quatro hebreus. Vale a pena lembrar que José alcançou o mesmo excelente registo no Egipto da mesma forma inflexível como os quatro fiéis em Babilónia.

Contemplai e vede que ilustração de um insignificante grupo de crentes está aqui reproduzida constituindo a visível igreja nos dias de Daniel, mas crescendo desde então como o grão de mostarda até se tornar um grande movimento de milhões de almas que por fim será salva. Jesus dirige-nos para o robusto crescimento da planta da mostarda como uma ilustração deste impressionante desenvolvimento.

“Ao proferir Jesus esta parábola, a mostardeira podia ser vista perto e longe, erguendo-se sobre a relva e colmos, balouçando seus galhos levemente no ar. Os pássaros esvoaçavam de galho em galho e chilreavam entre a folhagem. Contudo, a semente de que surgiu essa planta gigantesca, era a menor de todas as sementes. Primeiro despontou um tenro broto; mas possuía bastante vitalidade, cresceu e floresceu até alcançar seu presente grande tamanho. Assim, a princípio, o reino de Cristo parecia humilde e insignificante. Comparado com os reinos terrestres, dir-se-ia ser o menor de todos. O direito de Cristo a ser rei, era ridicularizado pelos dominadores deste mundo. Todavia, o reino do evangelho possuía vida divina nas poderosas verdades confiadas a Seus seguidores. E como foi rápido o seu crescimento! Que amplitude de influência! Quando Cristo pronunciou esta parábola, era o novo reino representado apenas por uns camponeses galileus. Sua pobreza e minoria foram apresentadas repetidamente como motivo por que os homens não se devessem unir a esses pescadores simples que seguiam a Jesus. Mas o grão de mostarda deveria crescer e estender seus ramos por todo o mundo. Quando passassem os reinos terrestres, cuja glória enchia então os corações, o reino de Cristo perduraria ainda como uma vasta e forte potência.” *Parábolas de Jesus, 77, 78.*



*Continua ...*